



SEXTA À TARDE

UMA HISTÓRIA DE AMOR IMPROVÁVEL

Romântico, profundo e divertido como os filmes
icônicos *Notting Hill* e *You've Got Mail*.

SUZANNE RINDELL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



SEXTA À TARDE

UMA HISTÓRIA DE AMOR IMPROVÁVEL

Adaptado por David Levithan e John Green
Ilustrado por David Levithan

SUZANNE RINDELL

Suzanne Randall

SEXTA À TARDE

Tradução
Priscila Casco

Ficha Técnica

Título: Sexta à Tarde
Título original: Summer Fridays
Autor: Suzanne Rindell
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Patrícia Cascão
Revisão: Salvador Guerra
ISBN: 9789892361611

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© 2024, Suzanne Rindell

Edição publicada por acordo com a Dutton,
uma chancela do Penguin Publishing Group,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

Cidade de Nova Iorque – **2001**

1.

Cidade de Nova Iorque – **1999**

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

- 25.
- 26.
- 27.
- 28.
- 29.
- 30.
- 31.

Cidade de Nova Iorque – **2001**

- 32.
- 33.
- 34.
- 35.

Agradecimentos

Cidade de
Nova Iorque

2001

1.

Quando pousa o olhar no pequeno relógio pendurado na parede mais afastada da sua secretária, percebe que já passam dez minutos do meio-dia.

Sente um desejo repentino: quer pegar na marmita, sair e ir almoçar ao parque. De certa forma, isto não lhe parece lá muito bem, mas, por outro lado, nada parece bem ultimamente. Sempre que percorre as manchetes dos jornais, ou abre o *e-mail*, lê sobre mais um evento cancelado. Parece que ninguém se sente à vontade para fazer mais nada a não ser ficar em casa a sentir-se mal.

Deita outra olhadela ao relógio e acaba por se decidir. Quer voltar a lembrar-se de coisas que são simples: árvores, céu, pássaros, esquilos, bancos de jardim. A forma como o caminho do parque contorna um enorme rochedo cinzento-acastanhado. Coisas que não mudaram, numa altura em que parece que nada vai voltar a ser igual.

Desde o escritório é uma curta distância a pé até ao canto sudoeste de Central Park. Há menos gente na rua do que geralmente acontece em meados de setembro. Não há nenhum tipo a tamborilar alegremente nos seus baldes de plástico, nem ninguém a vender rosas azuis, com manchas de tinta nos dedos. Mas ainda há um par de vendedores de *snacks*, debruçados sobre os carrinhos de aço que são o seu meio de subsistência, com um ar culpado por estarem a vender cachorros-quentes. Meia dúzia de pessoas de fato, com *pretzels* gigantes e latas de refrigerante sem açúcar nas mãos. Até uns quantos corredores a tentar voltar à normalidade.

Ela caminha um bocadinho já dentro do parque, apenas até à curva que estava desejosa de ver, e encontra um banco à sombra.

As pessoas vão passando. Uma mulher de meia-idade a empurrar um carrinho de bebé. Um homem a passear um *golden retriever* de pelo avermelhado. Um porteiro numa pausa, a fumar um cigarro e a suar sob o pesado uniforme.

Passado algum tempo, aparecem duas raparigas que se sentam na ponta oposta do banco, a uma distância educada. Ela pega num livro e finge ler, entre as garfadas que dá no almoço. Salada de batata que fez ela própria, com bastante endro. Come a salada a partir de um *Tupperware* com uma colher-garfo que trouxe da copa do escritório.

Está a prestar atenção à conversa das raparigas. São jovens. Ela também é, provavelmente apenas uns quantos anos mais velha que elas, mas, de certa forma, elas são joviais de uma maneira que a faz sentir-se já ligeiramente invisível.

– Então, assim de repente, ele voltou a contactar-te? – pergunta uma à outra.

– Sim – responde a primeira rapariga. – Escreveu um longo *e-mail*. Recebi-o naquela noite. Na realidade, era bastante sincero.

– Ele disse que os ataques o fizeram pensar em ti?

– Bem, sim, quer dizer, de uma forma indireta. Ele disse que lhe puseram as coisas em perspetiva. Que o fizeram pensar naquilo que era realmente importante.

– Ah, pois: tu – diz a amiga num tom de aprovação.

– Suponho que sim – responde a rapariga.

– Vão reatar?

– Não sei – diz a rapariga. – É possível.

– Hum – diz a amiga.

Após uma pausa, a rapariga continua.

– Sabes, é que... eu também estava a pensar nele. Eu sei que o escritório dele não é naquela zona e que não havia razão nenhuma para ele estar por ali, mas mesmo assim eu... dei por mim a pensar nele. À espera de saber que estava bem. E a querer voltar a falar com ele, suponho.

– Acho que o facto de estarem os dois a pensar um no outro quer dizer alguma coisa – diz a amiga.

– Pois – concorda a rapariga. – Logo se vê. Hoje à noite vou beber um copo com ele.

A amiga solta um risinho.

A rapariga não se ri. Lança um olhar envergonhado, de soslaio, ao longo do banco.

– Sinto-me um bocado mal por estar a falar neste momento sobre a minha vida amorosa – confessa à amiga. – Tu percebes... com tudo o que se está a passar na cidade... no mundo.

– Não. Sobre o que mais podemos falar? – ressalva a amiga. – O resto é demasiado deprimente.

• • •

As raparigas acabam por se levantar e continuar o seu caminho, deixando-a outra vez sozinha no banco. A salada de batata já desapareceu e ela já não finge ler o livro. Uma olhadela rápida ao relógio diz-lhe que está na hora de voltar ao escritório.

No regresso, começa a pensar. Já ouviu a mesma coisa algumas vezes,

está no ar. Pessoas a voltarem ao contacto com velhos amigos, velhos conhecidos e velhas paixões. «Estás bem?», perguntam umas às outras. «Estava a pensar em ti. Espero que estejas bem. Queria ouvir a tua voz.»

Sentada à secretária, responde a alguns *e-mails* de trabalho, envia uma primeira crítica do livro de um autor com a chefe em Cc e, depois, responde ao departamento de *marketing*, sobretudo para concordar com o diretor de *marketing* sobre quais as melhores partes da crítica para fazer as melhores citações de promoção.

A seguir senta-se durante um bocado, com o olhar perdido no brilho branco-azulado do ecrã do computador, perdida novamente nos seus pensamentos.

Passado algum tempo, clica no Internet Explorer e abre a página do seu *e-mail* pessoal. Inicia a sessão e clica no ícone do envelope, para criar uma nova mensagem. Não escreve o endereço de *e-mail*, ainda não. Clica na área destinada ao texto. «Vamos começar por aqui», pensa.

A mensagem em branco brilha, branca e vazia, com o cursor a piscar como uma personagem de banda desenhada a bater o pé.

Fica a olhar durante muito tempo. Passam minutos. Ela não sabe bem quantos. A mensagem continua vazia. O cursor pisca no mesmo sítio, sem se ter movido.

Por fim, fecha a mensagem em branco e depois a janela do *browser*.

Cidade de
Nova Iorque

1999

2.

SEXTA-FEIRA, 28 DE MAIO

A primeira surpresa da tarde surgiu quando Charles afirmou não ter opinião acerca do vestido dela.

Sawyer sabia que há muitos homens que não têm opinião sobre aquilo que as namoradas vestem, mas Charles não era um deles. Ele gostava de coisas bonitas. Ele respeitava o estilo e admirava o *design*. É verdade que possuía um leque muito mais alargado de opiniões profundas acerca da moda masculina do que sobre a feminina, mas, ainda assim, tinha *opiniões*.

Embora Sawyer não concordasse necessariamente com *todas* as opiniões de Charles, ela gostava do facto de ele ter sempre uma. Um ano antes, quando Charles tinha começado a trabalhar como advogado associado júnior na Wexler Gibbons, estava perfeitamente consciente de que ter encontrado um lugar numa firma de advogados tão prestigiada era como ganhar a lotaria e tinha querido imenso causar boa impressão. Ele tinha tido muito a dizer acerca do que *ambos* usavam nos eventos da empresa. Até tinham transformado isso num ritual: Sawyer experimentava várias possibilidades e vinha do quarto, nas traseiras do apartamento deles, para lhe mostrar. Charles esperava que ela lhe perguntasse o que achava e, depois, dava-lhe um *feedback* bem refletido, de um verdadeiro amigo. Sawyer estava muito grata. Viver em Nova Iorque com vinte e poucos anos significava tentar aguentar-se numa cidade incrivelmente cara enquanto pagava os empréstimos estudantis. Estar à altura da ocasião com um orçamento pequeno exigia ter uma estratégia e o apoio da «outra metade» tornava tudo mais divertido.

Portanto, quando Sawyer tirou do roupeiro os dois vestidos que estava a considerar usar e levantou os dois cabides para os mostrar a Charles, ficou perplexa quando o ouviu dizer (depois de mal olhar para a roupa):

– São os dois bonitos.

Ela experimentou um. Depois, o outro.

– É o que preferires, ficam-te os dois muito bem.

Era uma cena cliché dos filmes: a indiferença cómica do marido à aparência da mulher e a cara de poucos amigos dela.

«Nós não somos assim», protestou o cérebro de Sawyer, com uma pitada de indignação. Tinham ficado noivos há pouco menos de um ano, não eram exatamente um velho casal. Por norma, aperlarem-se para sair era uma oportunidade para flirter, para insinuar que poderia haver sexo mais tarde.

Mas depois de ter despedido os dois vestidos, Sawyer ficou ali de roupa interior, e de sobrolho franzido, a olhar pela porta aberta do quarto em direção ao sítio onde Charles estava sentado, na outra divisão. Ele nunca levantou o olhar, nem uma única vez. Tinha a atenção completamente focada no computador portátil atribuído pela empresa. O ThinkPad da IBM estava aberto em cima da mesa da cozinha, uma concha preta pesada, com agressivos ângulos retangulares. Sawyer semicerrou os olhos, já quase certa daquilo que iria provavelmente ver: quase conseguia ler um documento legal relacionado com trabalho a brilhar no ecrã.

Suspirou e virou a atenção de novo para os dois vestidos descartados, que estavam agora pousados na cama. Um era azul-claro, com manga cava. O outro era preto, com alças finas que se apoiavam, com alguma tensão, sobre as suas clavículas proeminentes. Um era à Jackie, o outro era à Marilyn. Se Charles tivesse realmente olhado para cada um dos vestidos, quando ela os experimentou para ele ver, Sawyer sabia que ele teria escolhido o estilo Jackie.

Estudou as duas opções. Depois, deitando outra olhadela aborrecida a Charles, escolheu o vestido preto com uma pitada de rebeldia e enfiou-o pela cabeça. Tinha um certo peso e ajustava-se às curvas do seu corpo como se fosse água. Demorou algum tempo a observar-se no espelho, alisando o tecido na cintura e nas ancas e endireitando as alças, interrogando-se se seria mesmo suficientemente corajosa para o usar.

O telefone tocou e o toque estridente captou a atenção de Charles quando, ainda há momentos, Sawyer não tinha conseguido obter mais do que um olhar fugaz. Ele levantou-se de um salto e agarrou no auscultador do aparelho instalado na parede da cozinha.

– Ei, o nosso carro está lá em baixo – disse. – Estás pronta?
– Só preciso de me calçar e pôr umas coisas na mala. Está frio na rua?
– Não. Já é quase verão. Mas nunca se sabe, traz um casaco, pode ficar frio mais tarde.

• • •

Sempre que eram convidados para um evento da empresa, Charles insistia em deixarem de lado o comboio e nem sequer apanhavam um táxi. Esbanjavam no aluguer de um carro com motorista. Esta noite, tinham usado aquele que geralmente reservavam para ir buscar os pais dela ao aeroporto, o que tinha o número de telefone que terminava com vários seis. Esperava que

isso não fosse presságio de nada em especial.

O carro cheirava a ambientador e a viagem até à baixa foi calma. Sawyer passou o tempo a olhar pela janela, hipnotizada pelas luzes da cidade que passavam. E de repente já ali estavam, a percorrer as ruas estreitas da antiga versão holandesa de Nova Iorque, e a serem deixados no Cipriani, com as colunas neoclássicas do restaurante intensamente banhadas por um conjunto imponente de luzes douradas e roxas que pareciam ter sido selecionadas especialmente para o evento.

Saíram do carro, subiram as escadas e entraram.

Tornou-se imediatamente óbvio: o sítio tinha sido fechado, reconfigurado e estava agora reservado para o jantar de empresa da Wexler Gibbons. Na realidade, era menos um «jantar» e mais uma espécie de gala. Havia uma banda a tocar num canto. Circulavam *hors d'oeuvres* em bandejas prateadas. Havia itens para um leilão silencioso que angariava dinheiro para a literacia infantil. Pósteres da campanha, com fotografias de crianças adoráveis a agarrar livros e lápis, anunciavam com orgulho que a firma doava anualmente milhões a uma fundação nacional bem conhecida.

O próprio interior do edifício cheirava a dinheiro antigo: ainda mais colunas e arcos neoclássicos, a imitar mármore, e um teto ornamentado a talha dourada e coroado por uma cúpula Wedgwood no centro de tudo.

– Uau – disse Sawyer, desejando imediatamente ter optado pelo vestido azul-claro. Tinham entregado os casacos à entrada. Não havia volta a dar.

– Acho que o nosso lugar é ali – disse Charles, conduzindo Sawyer para uma das inúmeras mesas envoltas em toalhas de linho branco atadas com um laço de cetim roxo. Esta estava rodeada por um amontoado de alguns dos mais jovens funcionários da Wexler Gibbons, todos com um ar ambicioso. Charles deu a volta, a espreitar para os cartões com os nomes.

Ainda ninguém se sentara. Após um segundo, Sawyer percebeu que Charles queria apenas verificar a sua posição na sala. E verificar quem é que se ia sentar perto dele. Sawyer seguiu-lhe o olhar.

O cartão ao lado do dele dizia «Kendra Larson».

• • •

O nome «Kendra» criou na mente de Sawyer a imagem de um boneco Ken, o que fazia bastante sentido, na realidade, porque havia alguma coisa de Barbie na beleza de Kendra, simultaneamente atlética e masculina. Era mais bronzeada e mais loura do que qualquer nova-iorquina tinha o direito de ser, com ombros largos e um maxilar forte, e o porte de uma jogadora de voleibol de praia.

Quando Kendra ocupou o seu lugar na mesa, ao lado de Charles, apresentou o namorado. Sawyer apanhou o nome por cima do ombro de

Charles, Nick qualquer coisa, e depois de toda a gente ter sido apresentada, Charles e Kendra voltaram-se um para o outro e, basicamente, não voltaram a virar-se durante o resto do jantar.

Foi a segunda surpresa da noite. Charles sabia que os jantares de empresa deixavam Sawyer a sentir-se deslocada e sempre tinha sido bom a incluí-la. Quando os assuntos de trabalho deixavam Sawyer de lado, Charles introduzia na conversa algumas das histórias de ambos como casal, geralmente alguma coisa engraçada, que podiam contar juntos. A conversa regressava invariavelmente aos negócios, mas pelo menos nessa altura Sawyer já não se sentia ignorada. Depois, Charles beijava-lhe sempre a mão com ternura durante a viagem de carro para casa e agradecia-lhe por ela ter vindo.

Porém, naquela noite, Sawyer deu por si a olhar para a nuca de Charles e a tentar ouvir o que diziam. A certa altura, fez uma tentativa para fazer novos amigos, dirigindo-se antes ao homem que estava sentado à sua esquerda, mas também ele já estava numa conversa profunda e de costas para ela. Portanto, as opções resumiam-se a escolher entre duas nucas: o redemoinho que não lhe era familiar *versus* o redemoinho que ela conhecia. Pelo menos, ao tentar escutar a conversa do noivo não parecia tanto estar a espiar desconhecidos.

Ou parecia?

Charles e Kendra conversavam com uma intensidade surpreendentemente vertiginosa. Falavam um por cima do outro, como velhos amigos, e riam das piadas um do outro, várias das quais eram, sem dúvida, piadas privadas, deixando Sawyer com um sorriso amarelo enquanto esperava que o riso deles amainasse. Conseguiu perceber que eles tinham sido designados para a mesma equipa que estava a tratar de um caso importante – uma enorme fusão entre duas grandes empresas de telecomunicações. Charles já tinha mencionado antes o seu entusiasmo por estar associado ao caso, mas nunca mencionara os nomes das pessoas envolvidas.

– Não sei se devo falar muito sobre isso – dissera ele. – Esqueço-me que trabalhas no setor editorial.

– Claro – brincara Sawyer com cinismo. – Consigo perceber perfeitamente como é que os assistentes editoriais que trabalham numa pequena editora por 27 mil dólares por ano são uma ameaça à segurança da Wexler Gibbons.

– Não, a sério – insistira ele. – Uma das empresas de telecomunicações tem uma subsidiária importante de comunicação social.

Isto tinha acontecido há um mês e meio. Desde então, Charles não só tinha deixado os assuntos de trabalho no escritório, como se tinha deixado ficar lá fisicamente, com o horário laboral a prolongar-se cada vez mais. Embora não gostasse que ele estivesse sempre no emprego, Sawyer não tinha pensado muito nisso, afinal, é suposto esforçarmo-nos para provar o nosso valor quando estamos na casa dos vinte anos, não é?

Mas agora, quando Charles se inclinou para Kendra e disse, em voz baixa, «Oh, meu Deus, estou desejoso de ir fumar um cigarro, e tu?», Sawyer

sentiu um arrepio.

Kendra esboçou um sorriso malicioso de conspiração e assentiu. Depois, o olhar dela passou sobre o ombro de Charles e recaiu em Sawyer.

– Sawyer, vens fumar connosco? – perguntou Kendra, animada e amigavelmente.

– Não, a Sawyer detesta estar perto do fumo de tabaco – respondeu Charles por ela. – Ela só atura os meus desejos ocasionais. – Olhou para Sawyer. – Pode ser? Prometo ficar contra o vento, arejar o casaco e chupar um rebuçado.

Kendra riu-se.

– Queres que eu obrigue o Charles a dar uma corridinha à volta do World Trade Center a seguir? – brincou ela.

Kendra tinha usado um tom perfeitamente leve, descontraído... inofensivo. Sawyer forçou um sorriso educado.

– Não tenho a certeza que consigas «obrigar» o Charles a fazer nada – respondeu, de forma igualmente leve e descontraída. – Mas talvez eu nunca tenha tentado.

– Parece que estás a subaproveitar o objetivo de ter um namorado – disse Kendra com uma piscadela de olho, como se ela e Sawyer estivessem, de repente, na mesma equipa.

– Ei! – protestou Charles, a sorrir.

– Só vai piorar depois de casarem – sugeriu o homem com o redemoinho, junto ao cotovelo de Sawyer.

– É verdade, é uma condenação à morte! – brincou outro tipo.

A mesa riu-se toda.

Charles abanou a cabeça com um ar carinhoso. Virou-se para dar um beijinho na cara de Sawyer.

– Prometo não voltar a cheirar a fumo – disse ao despedir-se.

Depois, Kendra e Charles levantaram-se das cadeiras agora vazias, absorvidos na continuação da conversa e dirigiram-se para a saída que dava para Wall Street. Sawyer ficou sentada, a vê-los desaparecer. Percebeu que tinha o sobrolho carregado. Forçou-se a descontraír.

Virou-se de novo para a mesa, perdida em pensamentos, a resistir ao impulso de levar a mão à boca e roer as unhas. Do outro lado das duas cadeiras agora vazias, o namorado de Kendra estava sentado a beber o que parecia ser um copo de *whisky* puro.

Ela estudou-o durante uns instantes.

O fato dele era tão bom quanto os dos advogados que o rodeavam, mas ele usava-o com menos cuidado, com alguns botões desapertados. Sawyer tinha reparado antes que, enquanto ela se esforçava para ouvir a conversa de Charles e Kendra, e fazer comentários educados, o namorado de Kendra não se tinha dado sequer a esse trabalho. Em vez disso, tinha estado ali sentado, a olhar de forma antissocial para longe, com o tipo de indiferença condescendente e fria geralmente aperfeiçoada pelos adolescentes rebeldes.

Por norma, esse tipo de atitude aborrecia Sawyer, por isso, ficou surpreendida ao perceber que o achava muito atraente.

Pigarreou, sentindo-se estranhamente nervosa.

– Nick, não é? – cumprimentou-o com um sorriso desajeitado.

Ele bebeu um gole do líquido âmbar do copo e manteve-o na boca durante uns instantes, a saborear enquanto se virava para a encarar com uma expressão entediada. Engoliu e limpou os lábios com uma atitude irónica de *cowboy*.

– Eles não precisavam de ir fumar lá fora – respondeu ele.

– Desculpa?

– Pode-se fumar aqui dentro – disse ele. – É um restaurante, não é um escritório. Estás a ver?

Sawyer seguiu a ponta do dedo até onde um grupo de pessoas estava a fumar junto ao bar.

– Toda a gente continua a falar acerca da proibição de fumar que foi proposta aqui em Nova Iorque. – Ele abanou a cabeça. – Nunca vai acontecer.

Sawyer pestanejou, à toa.

– Bem... não sei. Eu não fumo.

– O que eu estou a dizer é que eles não precisavam de sair para fumar.

Sawyer compreendeu a insinuação. Não sabia bem o que responder.

– Podias ter dito que também querias um cigarro e teres ido com eles.

– Nem pensar. Ela sabe que eu não gosto de me dar com eles. Tal como tu.

– Não fumas?

Ele abanou a cabeça outra vez, mas desta vez afastou o olhar.

– Conheço uma pessoa com problemas respiratórios – disse.

O tom dele avisou-a para não perguntar a quem é que se referia, nem mais pormenores. Ela pensou durante um bocado.

– Lamento – respondeu por fim.

Isto fez com que ele se virasse a analisasse o rosto de Sawyer como se a estivesse a ver pela primeira vez. Ela sentiu as faces a corar involuntariamente. Remexeu-se na cadeira.

– O Charles mencionou que ele e a Kendra estão a tratar de um caso muito importante. Ele disse que era supercompetitivo.

Nick continuou apenas a olhar para ela, obviamente indisponível para fingir interesse no caso, quanto mais no facto de Charles e Kendra estarem a trabalhar nele.

– Eu estou na área editorial – deixou escapar Sawyer, sob uma inexplicável pressão para manter a conversa. – Bem... dito assim até parece que sou importante. O que eu queria dizer é que tenho um emprego básico numa editora. Mas suponho que, ainda assim, acho bastante entusiasmante poder ler alguns livros interessantes que ainda nem foram publicados.

Nick permaneceu em silêncio. Inclinou a cabeça e olhou para ela com uma perplexidade estoica, quase como se Sawyer fosse um extraterrestre a

falar uma língua diferente.

– O que é que... hum, o que é que fazes? – perguntou ela por fim, pensando que uma pergunta direta podia ajudar a estimular a conversa ou, pelo menos, a desviar o olhar dele.

– Agência publicitária – respondeu, após uma longa pausa. Acabou com o resto de *whisky* que tinha no copo. – Gestor de contas.

– Oh.

O monossílabo saiu da boca de Sawyer antes de ela o conseguir impedir. Não tinha tido intenção de parecer desiludida. Não sabia bem porquê, mas por alguma razão, tinha metido na cabeça que ele podia ser uma espécie de artista. Algo na atitude e no fato amarrotado. Mas agora fazia mais sentido porque é que – amarrotado ou não – era ainda assim um fato caro.

Uma expressão de irritação passou-lhe pelo rosto ao detetar a decepção dela.

– Pois é – continuou, como se estivesse a ler-lhe os pensamentos. – É isso que eu sou, mais um vendido a escrever *slogans* para a cola de dieta e o creme para as hemorroidas na Maddison Avenue.

– Eu não quis insinuar...

– Como é que te chamas mesmo? – perguntou ele, interrompendo-a.

– Sawyer.

Ele pensou na resposta e acenou com a cabeça. Sawyer percebeu logo: não estava a acenar com aprovação. Ele franziu os lábios com sarcasmo.

– «*Sawyer*»? Os teus pais eram fãs de Mark Twain ou assim?

Sawyer baixou o olhar e não respondeu.

– Espera aí, acertei? Estás a gozar? – disse Nick.

Riu-se. Havia qualquer coisa maldosa nesse riso e Sawyer ficou tensa. Recusou-se a responder, na esperança de que ele percebesse que se estava a portar como um parvalhão.

Mas Nick continuou insensível.

– O quê, eles eram professores ou assim? Já estou a ver tudo: um par de amantes dos primórdios da literatura norte-americana, férias de família em Walden Pond. Blocos *Moleskine* nas meias, no Natal. O tipo de pessoa que sempre defendeu que era perfeitamente normal pedir empréstimos estudantis e tirar uma licenciatura em Inglês.

Sawyer esforçou-se para manter uma expressão impassível.

– Meu Deus, acertei outra vez! Uau.

Enquanto Nick continuava a rir, Sawyer começou a suspeitar que ele era o tipo de homem a quem já tinham chamado parvalhão mais do que uma vez na vida e que, em vez de sentir vergonha, se orgulhava disso. Um chico-esperto a pavonear-se, demasiado cínico para pedir desculpas.

Decidiu ignorá-lo.

Ele apercebeu-se do desdém dela.

– Pronto, pronto – disse ele a controlar o riso. Suspirou e olhou em volta da sala.

– Bem, uma vez que parece que o nosso empregado nos abandonou, vou até ao bar.

– Sim, pareces mesmo estar a precisar de *mais whisky* – murmurou sarcasticamente Sawyer, mas não baixo o suficiente. Nick ofereceu-lhe um sorriso amargo.

– Na verdade é um malte de 25 anos – corrigiu-a com uma piscadela de olho condescendente. – E um bar aberto. – Pôs-se de pé e acrescentou, como que para se gabar: – Adeusinho. Lamento muito pelo teu nome.

Sawyer ficou a vê-lo afastar-se, furiosa. Tornou-se óbvio, pela forma como ele o disse, que não era um «lamento muito se fui mal-educado acerca do teu nome». Ele queria dizer exatamente aquilo que disse: «Lamento imenso PELO teu nome.»

Parvalhão.

• • •

Charles e Kendra voltaram a tempo de ouvir o discurso de um dos sócios da firma. O fim do discurso recebeu uma salva de aplausos. Depois, foram levantados os pratos e trouxeram as sobremesas. Sawyer enfiou sem qualquer entusiasmo a colher no *coulant* de chocolate e no minúsculo gelado de baunilha com uma forma oblonga, e observou o quente e o frio a misturarem-se. Tinha desistido de tentar escutar a conversa de Charles e de Kendra, quanto mais de participar.

Todas as moléculas no seu corpo vibravam de irritação e consciência: consciência de que a dois corpos de distância dela estava Nick, o fanfarrão mal-humorado, e a sua indelicadeza presunçosa. Consciência do riso de Kendra, um som que subia e descia como uma escala musical, a flutuar sobre a cabeça de Charles. E consciência de *Charles...* sobretudo das suas costas viradas.

Quando finalmente chegou a altura de levantar os casacos no bengaleiro e ir embora, Sawyer ficou feliz por se pôr de pé e se afastar da mesa e por ficar livre daquele enorme restaurante museu. Sentiu-se aliviada ao entrar no táxi e ouvir Charles dizer a morada de ambos.

Ao voltar para casa com Charles ao lado, sentiu a irritação derreter e o corpo descontrair. Fora apenas um péssimo jantar de trabalho. Era suposto Charles conviver com a equipa. Deixou a cabeça pousar no ombro dele, onde era sacudida de vez em quando enquanto o motorista acelerava pelas ruas esburacadas que levavam à zona alta. Sorriu quando Charles lhe agarrou na mão e ficou à espera que ele a beijasse, o ritual do costume.

Mas, após algum tempo, percebeu que não ia haver beijo. Charles estava a olhar pela janela do táxi, muitíssimo ocupado com os seus próprios pensamentos. Por fim, ele apertou a mão de Sawyer e pigarreou.

– A Kendra conseguiu informação interna – disse ele. – Parece que eles querem realizar a fusão até setembro.

Sawyer levantou a cabeça do ombro de Charles, confusa. Franziu o sobrolho.

– Bem... isso parece ser imenso tempo, não é? Ainda estamos em maio. Chegámos agora ao fim de semana do Memorial Day.

– Bem... é isso que eu quero dizer – respondeu Charles. – Parece-me que vou ter de ir ao escritório este fim de semana e, para ser muito sincero, vai ser um verão muito intenso. Não vou conseguir tirar tempo nenhum de férias.

– Oh – murmurou Sawyer, com a mente a reordenar silenciosamente a informação.

Charles voltou a apertar-lhe a mão.

– Se der tudo por tudo agora, vou colher os frutos mais tarde.

Ela ficou calada.

– Só estou a fazer isto porque quero que tenhamos uma boa vida juntos, tu sabes disso – insistiu Charles numa voz meiga, a sacudir suavemente a mão dela, para dar ênfase. – É pelo nosso futuro.

Sawyer sabia que as palavras que saíam da boca de Charles estavam certas. Ela queria ser compreensiva.

– Só que... bem, vou sentir a tua falta – disse suavemente. Suspirou e deixou a cabeça pousar de novo no ombro de Charles. O nariz captou o cheiro de alcatrão, tabaco e fumo entranhado nas roupas dele. Decidiu ignorá-lo.

Estaria Sawyer à espera que ele dissesse alguma coisa?

Achava que não. Mas quando Charles lhe deu uma palmadinha na mão, o toque dele pareceu estranhamente distante ao mesmo tempo que ele respondia:

– Eu sei.

Ela esperou que ele acrescentasse «Eu também vou ter saudades tuas». Ou alguma coisa sobre as viagens que podiam planear para o futuro. Mas ele disse apenas:

– Este caso é uma oportunidade incrível. Mas é possível que tenhamos de ir para Chicago durante uma ou duas semanas.

Sawyer percebeu logo. O plural não significava ele e ela.

Charles estava a referir-se a ele e a Kendra.

3.

SEXTA-FEIRA, 4 DE JUNHO

De certa forma, parecia que o verão tinha aparecido como um visitante inesperado. Nesse ano, o inverno tinha perdurado em Nova Iorque como uma má ressaca. Pedacos de neve, incrustados com a lama escura da cidade, permaneceram nas ruas mais estreitas e ensombradas de Greenwich Village até à primeira semana de maio. Apareceram pequeníssimos rebentos nas árvores de Central Park, mas continuaram fechados perante os chuviscos gelados. Também a luz tinha mantido a sua tonalidade invernosa, incidindo nos edifícios de tijolo e nas escadas metálicas de incêndio como uma bruma azulada e sem sombra. Mas depois as estações tinham despertado todas ao mesmo tempo e a relutante primavera fresca tinha dado lugar a um verão abruptamente ameno. A luz tornou-se cor-de-rosa; as árvores encheram-se de flor. E, tão depressa quanto a luz se tornara cor-de-rosa, tornou-se dourada. Um dossel exuberante de folhagem verde cobriu as ruas e o ar ficou quente e húmido e cheio de mosquitos.

O verão em Nova Iorque.

Agora, na primeira sexta-feira a seguir ao Memorial Day, Sawyer conseguia sentir o escritório à volta dela a passar mentalmente para o estado meio adormecido em que toda a indústria editorial estava prestes a entrar durante o resto do verão. Não é que o negócio em si parasse. Continuariam a ser lançadas novas leituras de praia, todas as terças-feiras, sem falha, para encher as prateleiras das livrarias. E o trabalho continuaria a ser feito, claro, mas sobretudo pelo pequeno exército de estagiários e assistentes editoriais que constituíam a mão de obra de nível mais baixo. As grandes decisões ficavam a aguardar até as pessoas certas voltarem da Europa ou das Bermudas... ou do Vermont, ou do Maine. Até daqueles que continuavam na cidade a aguentar as pontas só era exigido que trabalhassem quatro dias inteiros por semana, já que o Memorial Day também marcava o início do Horário de Verão.

O Horário de Verão significava, mais ou menos, que todas as sextas-feiras, ao meio-dia, a cidade vivenciava um êxodo em massa para os

Hamptons. Os nova-iorquinos mais velhos e mais estabelecidos iam de carro ou de helicóptero, enquanto o grupo mais jovem e sedento apanhava os autocarros Jitney. A cidade ficava a parecer visivelmente vazia, com as ruas praticamente desertas. Mercarias, cinemas e, às vezes, até carruagens de metro inteiras transformados em espaços cavernosos com eco, preenchidos apenas com o fresco de um ar condicionado exagerado. Os poucos bairros que ainda vibravam com atividade eram os sítios turísticos, como Times Square e o antigo porto, onde ninguém que realmente vivesse em Nova Iorque alguma vez iria.

Às vezes, o verão na cidade podia ser um bocadinho solitário. E *quente*. As grelhas de respiração do metro soltavam um calor tão intenso que provocava um brilho no ar que se propagava em ondas semelhante às das miragens, e os autocarros metropolitanos expeliam fumos de escape negros. Com Charles ocupado no trabalho, não havia nada que o interrompesse, nem miniférias, nem aventuras de fim de semana prolongado em Fire Island ou em Jersey Shore, nem sequer idas à praia. Sawyer sabia que estava muito provavelmente destinada a passar a maior parte do verão a passear pela abafada paisagem urbana, sozinha. Em circunstâncias normais, teria recrutado a melhor amiga, Autumn, para dar umas voltas... mas sob a influência de uma mistura de desejo de viajar e indecisão acerca da pós-graduação, Autumn tinha-se oferecido para ensinar Inglês no Japão. O contrato na escola japonesa durava mais ou menos até julho e, depois, Autumn planeava passar agosto inteiro a viajar para conhecer o país.

Sawyer ficou a olhar para o calendário espetado no tecido da parede do seu cubículo e suspirou. Passados uns segundos, abanou a cabeça e repreendeu-se. Ainda havia coisas pelas quais podia ansiar, afinal de contas, ela e Charles iam casar em outubro e havia um casamento para planejar. Embora... para o bem ou para o mal, Sawyer tivesse menos coisas na sua lista de afazeres do que era habitual para uma noiva. A dinâmica tinha-se alterado depois de os pais de Charles terem insistido em pagar o casamento e a mãe de Charles, Kathy, ter começado a realizar entusiasticamente o trabalho de dez planeadores de casamento, deixando pouco para Sawyer decidir. Ainda assim, lembrou Sawyer a si mesma, era o verão antes do seu casamento! E o grande caso de Charles podia resultar numa promoção.

Quando o meio-dia chegou, os colegas de Sawyer começaram a agarrar nos pertences e a dirigir-se para o elevador a uma velocidade furtiva, como assaltantes de banco a saltar para dentro do carro de fuga.

– *Pssst!* Boa sexta-feira! – sussurrou a colega de Sawyer, Kaylee, a partir do cubículo da frente, assim que a chefe saiu.

Sawyer e Kaylee eram assistentes editoriais e trabalhavam ambas para Johanna Bailey, uma editora executiva que estava na chancela há vinte anos e que pronunciava o nome como «*Jo-hawn-nah*». Embora nunca o tivesse dito diretamente, Johanna tinha o tipo de ar sofisticado e austero que sugeria que consideraria chocante uma assistente sair antes dela. Sawyer sabia que Kaylee

tinha estado a contar os minutos.

– Diverte-te, Kaye – disse Sawyer.

Kaylee colocou a mala ao ombro com um sorriso e acenou.

A certa altura, também Sawyer agarrou nas suas coisas para se ir embora. Cantarolou alguns versos de «Summertime», forçando-se, com teimosia, a adotar um espírito veraneante, apesar do facto de se estar a dirigir para casa, para um apartamento vazio.

A «casa» era um quarto andar sem elevador, num prédio de tijolo no Upper West Side. Quando ela e Charles o encontraram, Sawyer tinha adorado a aura histórica do edifício, a estranha fachada estreita que, no entanto, dava origem a uma disposição aberta do espaço, e o soalho de madeira que rangia. Tinham-se divertido a instalar-se no apartamento, carregando a mobília usada pela escadaria estreita e cozinhando os primeiros poucos jantares juntos, refeições aconchegantes improvisadas, servidas em pratos desirmanados.

Mas agora, enquanto seguia no metro, tentava pensar como é que se podia ocupar. Havia sempre mais leituras a fazer para o trabalho. Sawyer desejava ardentemente tornar-se uma verdadeira editora... mas até ela sabia que não podia ler durante a tarde e a noite toda. Havia uma coisa chamada sobrecarga, esgotamento. Ficar a vegetar em frente à televisão não a atraía muito, mas talvez por ela e Charles não terem instalado TV por cabo. Se não estivesse a dar nada bom nos cinco canais, Sawyer acabava por fazer aquilo que muitos nova-iorquinos faziam: ligar na NY1 e deixar a televisão a tocar em plano de fundo, até os segmentos voltarem a ser exibidos, após trinta minutos, dando-lhe uma sensação de *déjà vu*. Não havia muitas outras opções, para além de livros, *snacks* e televisão. Ela não tinha construído ainda uma grande vida social, desde que estava na cidade, sobretudo devido ao facto de ela e Charles se terem estado a instalar e, depois, terem ficado noivos, e de estarem sempre a contar os tostões.

Quando enfiou a chave na porta, o apartamento estava quente e abafado, tendo absorvido o calor da manhã e da tarde. Sawyer deu uma volta rápida a debater-se com uma janela de cada vez, até elas se soltarem do velho caixilho. Assim que abriu todas as janelas e ligou uma ventoinha elétrica, o telefone começou a tocar.

Ela parou, a pensar em quem é que poderia ser.

– Olá, Kathy...! – disse quando finalmente atendeu.

– Oh! Não sabia que estavas em casa. Pensei em deixar apenas mensagem – respondeu a mãe de Charles, embaraçada, mas alegre.

– Estou em horário de verão – explicou Sawyer. – Estou em casa à tarde.

– Ahhh, horário de verão! – disse Kathy com entusiasmo. – Bem, não te vou ocupar muito tempo, é só uma coisinha sobre o planeamento do casamento...

Sawyer ficou a ouvir Kathy tagarelar, um bocadinho impressionada, como sempre. Dos centros de mesa à decoração do altar, passando pelos copos de vinho e os quartetos de cordas, até ao tipo exato de baunilha usado

no bolo (só o do Taiti é que servia) ... nenhum pormenor era demasiado pequeno para Kathy escrutinar, planejar e providenciar.

Sawyer gostava mesmo da futura sogra... embora fosse verdade que Kathy tinha tendência para passar por cima das pessoas. Os próprios pais de Sawyer tinham sido forçados a ir à boleia do planeamento do casamento, mas com poucas queixas. Eram professores universitários que viviam de forma modesta, e eram inerentemente um pouco céticos acerca da «indústria do casamento». Nunca planeariam o tipo de cerimónia que Kathy estava a preparar, e a quantidade de dinheiro que Kathy achava ser perfeitamente normal gastar com o *catering* e com rosas e cisnes vivos (cisnes vivos!) ter-lhes-ia provocado um enorme choque, até mesmo um possível AVC.

Verdade seja dita, o dinheiro também provocava um aperto no estômago e mãos suadas a Sawyer. Mas Charles insistira que era importante para os pais. Além disso, convenceu-a ele, quem é que não gostava de casamentos grandes? «Vamos mostrar que é mesmo a sério», persuadiu-a, agarrando nela e inclinando-a para uma posição pirosa e depois beijando-a até caírem ambos no tapete e rir.

Até agora, com Kathy a tratar dos preparativos todos, estava a preparar-se para ser o tipo de casamento que mereceria uma página inteira nas páginas de domingo do *New York Times*, o que tinha deixado Sawyer a roer as unhas.

Sawyer nunca sonhara ter um casamento grande.

Mas também não é como se *não quisesse* ter um casamento grande.

Não sabia muito bem qual era a sua opinião sobre isso.

– Então, o que é que achas? – estava agora Kathy a perguntar.

Sawyer foi arrancada aos seus pensamentos. Kathy tinha acabado de tocar alguns excertos de músicas de três bandas diferentes, colocando o telefone ao lado das colunas da aparelhagem.

– Humm... não tenho a certeza de qual é a que prefiro – respondeu Sawyer com sinceridade. – Devíamos perguntar ao Charles. Provavelmente vai concordar com qualquer uma delas, desde que toquem a nossa música.

– Lembra-me lá qual é mesmo a vossa música? – perguntou Kathy.

– «Fly Me to The Moon» – respondeu Sawyer.

– Aha! – disse Kathy, satisfeita. – Eu sabia que o Charles gostava dessa música, mas não me tinha apercebido de que tu também. Vocês são um casal tão compatível!

A principal razão por que Charles gostava de «Fly Me to The Moon» era porque era uma forma de exibir a voz nos bares de *karaoke*. Estava longe de ser um músico profissional, mas tinha aperfeiçoado cantar aquela música em particular, tinha-a dominado. Sawyer suspeitava que ele já a tivesse cantado para algumas outras namoradas antes de se conhecerem, mas ele tinha-lha cantado com tanta emoção no terceiro encontro, que ela não se importou nada de alinhar quando ele declarou oficialmente que era a música «deles». Afinal, quando ele lha cantava isso deixava-os sempre com um sorriso nos lábios.

– Estou muito feliz por vocês apreciarem os dois os clássicos – disse

Kathy à laia de aprovação. – Toda a gente gosta do Sinatra! Não sei por onde é que ia começar se tivesse de encontrar uma banda para tocar, sei lá... Ricky Martin!

Kathy riu-se e Sawyer juntou-se a ela com uma risadinha, compreensiva por Kathy ter tido muito provavelmente de se esforçar para se sair com aquilo que ela acreditava estar atualmente na moda.

– Portanto – continuou Kathy, de volta ao assunto. – Estas bandas são reservadas com muita antecedência e eu acho que devíamos tomar uma decisão o quanto antes. Quando é que o Charles vai estar em casa? Adorava tocá-las para ele.

– Bem... – Sawyer mordeu o lábio. – Para ser sincera, ele tem andado a fazer muitas horas extraordinárias ultimamente...

– Ah, claro – apressou-se Kathy a responder. – Aquele caso importante! Eu e o Ed estamos tão orgulhosos dele. Tu também deves estar!

– E estou – concordou Sawyer. Era verdade. Ou, pelo menos, era o que ela achava que era a forma certa de se sentir. Só gostava que a situação não a fizesse sentir-se um bocado como uma dona de casa, sempre à espera que o marido entrasse pela porta com o seu fato e gravata.

– Até que horas é que o Charles lhe pode ligar com uma resposta? – perguntou Sawyer, numa tentativa de redirecionar a sua atenção para o assunto em mãos.

– Oh, eu vou estar cansada quando ele chegar a casa, de certeza. Eis o que vou fazer – decidiu Kathy –, vou contactar as três bandas e dizer-lhes que preciso de ouvir a versão delas de «Fly Me to The Moon». Vejo qual é que a toca melhor e depois digo-vos!

Sawyer agradeceu-lhe, verdadeiramente reconhecida e ainda a sentir-se um bocadinho intimidada pelo facto de Kathy estar a fazer tanta coisa.

– Desde que não seja trabalho a mais para si... – tentou insistir humildemente.

– Que disparate! – respondeu Kathy. – Estou a divertir-me imenso com isto. E estou a contar os dias até te tornares oficialmente nossa filha!

Sawyer corou e sorriu.

Depois de terem desligado, sentiu de novo a pressão do apartamento vazio. Só de pensar em tentar preencher o resto da tarde e da noite sozinha deixou-a a sentir-se só e agitada ao mesmo tempo.

Ela e Charles tinham decidido poupar em relação à TV por cabo, mas *tinham* instalado uma ligação de Internet através da linha telefónica analógica. Sawyer foi até à secretária que estava enfiada num pequeno recanto da cozinha, perto do arco aberto para a sala de estar e ligou o computador. Abriu o AOL e ouviu o som familiar do computador a ligar-se à rede, o som da marcação, o guincho agudo e a vibração, o silvo acelerado da própria ligação a ser efetuada.

«Bem-vindo! Tem mensagens novas!»

Infelizmente, era tudo *junk mail*, mas Sawyer clicou no ícone de nova

mensagem e começou a compor um *e-mail* para Autumn, em que descarregava os seus pensamentos e sentimentos acerca do verão que se avizinhava. Autumn compreendia-a sempre. Elas eram o tipo de amigas que, desde o instante em que se conheceram, durante a semana de receção ao caloiro no primeiro ano da faculdade, tinham sempre falado a sua própria linguagem privada de melhores amigas.

Tentou imaginar a amiga no Japão. Autumn tinha enviado postais de Quioto e das estreitas ruas históricas ladeadas por tradicionais salões de chá. Por outro lado, tinha descrito o cibercafé que frequentava como «supermoderno e futurista».

Sawyer escreveu o *e-mail* e enviou-o, questionando-se quando é que Autumn iria voltar a verificar as mensagens.

Terminou a sessão e suspirou. Charles andava a chegar a casa cada vez mais tarde todas as noites. As sete da tarde tinham-se transformado em oito e depois em nove. Depois nove e meia. Depois quase dez.

Durante cerca de uma hora, Sawyer andou ali por casa. Limpou o apartamento e dobrou roupa. Estudou afincadamente algumas revistas de noivas que Kathy tinha enviado. Depois, quando todos os vestidos brancos começaram a misturar-se e a parecer iguais, pôs música a tocar e agarrou em alguns manuscritos que precisava de ler para o trabalho. A certa altura, o crepúsculo tardio de verão transformou-se num brilho azul nas janelas.

Estava a pensar ociosamente no jantar, a folhear um livro de gastronomia espanhola que tinham comprado sobretudo pelas suas belas fotografias do campo espanhol, quando o telefone tocou e a assustou.

– Estou sim?

– Sawyer!

– Autumn? – Sawyer pestanejou com a surpresa. – Que horas são aí?

– Oito da manhã. De *amanhã*, claro – respondeu Autumn. – O que é que gostarias de saber sobre o futuro?

Sawyer riu-se da piada e depois suspirou.

– Já me contentava em saber a que horas é que vou ter o meu futuro marido em casa esta noite.

– Pois, era o que me parecia pelo teu *e-mail*.

– Assim tão mau?

– Pareces um bocadinho... não sei, perdida.

– Esta chamada deve estar a custar uma fortuna – preocupou-se Sawyer.

– Não, podemos falar até o meu cartão telefónico acabar.

– A tua mãe não tos compra para poderes telefonar para casa?

– *E* para emergências.

Sawyer sentiu-se mal.

– Não, não. Eu não sou uma emergência! Só... ai. Não sei o que é que sou.

– Bem, para começar, és a minha melhor amiga – lembrou-lhe Autumn. – Portanto, conta-me tudo. O casamento é parte do problema? Eu sei

que nunca pensaste que o Charles e a família tivessem tanta pressa.

Sawyer mordeu o lábio. Era um bocado verdade. Sempre tinha pensado que eles teriam um noivado longo, não de menos de um ano.

– Talvez... mas sinto que me devia sentir lisonjeada por o Charles estar com pressa. E feliz por ele não ser um daqueles tipos que age como se fosse suposto a mulher arrastar o homem até ao altar, a gritar e a espernear. Até é um bocadinho romântico, certo?

– Sim – concordou Autumn. Depois, após uma curta pausa: – Se é isso que *tu* queres.

Sawyer fechou os olhos e pensou durante uns instantes. Veio-lhe à memória Charles a dizer aquela piroseira: «Vamos mostrar que é mesmo a sério.»

– Sim – disse ela a Autumn pelo telefone. – É o que eu quero.

Autumn ficou um momento em silêncio.

– Porquê? – perguntou Sawyer. – Não parece ser aquilo que eu quero?

– Humm, é que, entre vocês os dois, é mais fácil ver o que é que o Charles quer.

Agora foi a vez de Sawyer ficar calada.

– Isso não quer dizer nada! – apressou-se Autumn a esclarecer. – Só que o Charles sempre foi... bem, ele próprio. E tu és mais de te deixar levar. Na faculdade, tu eras uma viciada em livros, excêntrica e dada às artes, e ele é que era *o homem com um plano*. Era giro ver como vocês se equilibravam um ao outro. Completamente opostos, mas unidos como uma equipa. Lembras-te como vos costumávamos chamar «Mãe e Pai», por piada?

Sawyer sorriu vagamente perante a memória. Era verdade, na faculdade, ela e Charles apareciam sempre em tudo como um casal. Quando não concordavam sobre alguma coisa, as pessoas costumavam gozar carinhosamente com um: «Oh, a Mãe e o Pai estão a discutir!» Mas eles nunca «discutiam». Não verdadeiramente. Como caloiira, Sawyer sentira-se imediatamente atraída por Charles, o finalista mais velho que já estava a candidatar-se à faculdade de Direito, e os dois haviam formado um casal de forma tão natural que era difícil identificar o momento exato em que a relação se oficializara; era como se sempre tivessem estado juntos. Que ela e Charles planeassem permanecer juntos era uma das poucas fontes de consistência em toda a agitada e imprevisível vida universitária, Sawyer preocupava-se com as notas, com a aprovação dos pais, e com as possíveis oportunidades de emprego para uma licenciada em Inglês... mas as preocupações dela eram as preocupações de Charles, e vice-versa. Eles eram sólidos, estáveis.

Autumn interrompeu o devaneio de Sawyer quando pigarreou e acrescentou:

– O que eu quero dizer é que... espero que as coisas continuem a estar *igualmente* equilibradas.

Sawyer parou para refletir a sério nisto. Nunca pensara duas vezes em quanto do plano era o plano de Charles, *versus* o plano de ambos. Tinha

terminado a licenciatura quando ele se formara em Direito; ambos estavam entusiasmados com a mudança para Nova Iorque. Embora fosse verdade que ela não esperava planear um casamento *tão* cedo, ou passar *tanto* tempo sozinha em casa enquanto a carreira de Charles arrancava, esperava não ter dado a Autumn uma impressão negativa do relacionamento em si.

– Olha – continuou Autumn. – É só uma observação. Liguei-te sobretudo porque te adoro! Fiquei preocupada por pareceres um bocadinho solitária.

– Provavelmente vou ter de me habituar a que os empregos dos adultos signifiquem que estamos sempre ocupados. – Sawyer sorriu e, depois, acrescentou: – E, claro, *nunca* me vou habituar a não ter a minha melhor amiga por perto.

– Não te habitues mesmo – concordou Autumn.

Conversaram mais um pouco, até a ligação cair de repente, precisamente quando Autumn estava a contar uma história sobre um festival da lanterna muito interessante e sobre como tinha conhecido um francês peculiar, que estava em Quioto a ensinar francês, mas que como ela não falava francês e ele não falava inglês, tinham passado a noite a tentar comicamente comunicar em japonês. Sawyer ficou a desejar ter ouvido o resto da história. Mas já estava grata por ter ouvido a voz de Autumn, ponto final.

Voltou a folhear o livro de culinária e a deambular pelo apartamento. A luz nas janelas ficou azul-escura... e depois preta.

• • •

Por fim, Sawyer ouviu a chave de Charles na porta de entrada. Olhou para o relógio. Eram 21h52.

– Olá.

– Olá.

– Tens fome? – perguntou ela. – Fiz gaspacho.

Charles sorriu-lhe, um pouco perplexo.

– Sabias que há duas coisas ótimas no gaspacho? A primeira é que os ingredientes são superbaratos. E a segunda é que não é preciso aquecê-lo para servir. Se isso não é *shabby chic* não sei o que será.

– Agora estamos numa de *shabby chic*?

Ela encolheu os ombros.

– Soa melhor do que «empréstimo estudantil *chic*».

Charles riu-se e voltou-se para se ir despir no quarto. Sawyer seguiu-o. Empoleirou-se na cama quando ele se sentou para tirar as calças.

– Posso tirá-lo do frigorífico, preparar-te uma bela tigela com uma colherada de natas e umas tostas. Ficou bastante bom.

– Oh, não, obrigado – respondeu Charles. – Eles alimentam-nos quando

trabalhamos até tarde.

Ele já estava de camisola interior e *boxers*. Levantou-se para atirar as meias para o cesto da roupa suja e pendurar a gravata no cabide de gravatas fixado na porta do roupeiro. Sawyer pegou nas calças e na camisa que estavam sobre a cama.

– Limpeza a seco? – perguntou.

Charles assentiu com apreço. Abanou-se e soltou um grunhido cómico de alívio.

– Meu Deus, não sabes como me sabe bem estar finalmente em casa com a minha noiva!

Voltou à cama e beijou Sawyer.

– Faz com que tudo valha a pena – acrescentou a sorrir.

Sawyer retribui-lhe o beijo.

«Porque é que ela tinha deixado que as horas extraordinárias dele a incomodassem?» Era óbvio que era tudo por ela... por ambos.

– A tua mãe ligou – lembrou-se. – Por causa da banda que ela está a pensar reservar para o copo-d'água. Até tocou trechos das *demo* deles pelo telefone. Disse-lhe que me pareciam todas boas. E que tu provavelmente só querias uma que soubesse tocar «Fly Me to The Moon».

– Perfeito – aprovou Charles.

Sawyer hesitou.

– Nunca te sentes um bocado esquisito? – perguntou. – Por não estarmos a fazer mais... sabes, mais coisas do planeamento? Quer dizer, a tua mãe é que está basicamente a tratar de tudo.

«E a escolher tudo», pensou também, mas não o disse.

Charles encolheu os ombros.

– Isso deixa-a feliz. Além disso, não podíamos contratar uma melhor planeadora de casamentos mesmo que tentássemos.

– Não podemos pagar *nenhuma* planeadora de casamentos.

– Exato! – gracejou ele. Depois riu-se. – Hoje, estava tão quente e nojento no metro. Vou tomar um duche e, depois, acho que vou dormir.

– Ok.

Charles desapareceu para dentro da casa de banho, mas deixou a porta aberta. Sawyer ficou a ouvir as torneiras a serem abertas e o tamborilar do chuveiro a ganhar vida. Virou-se para a camisa e as calças dobradas sobre o braço e verificou os bolsos antes de preparar as coisas para as deixar na lavandaria.

A mão dela foi recebida por alguns trocos e um pedaço amarrotado de papel, que ela retirou e pousou na cómoda, para Charles ver mais tarde. Voltou-se para agarrar nuns cabides de arame, mas parou, a olhar outra vez para o pedaço de papel. Pegou nele e desenrolou-o, curiosa. Era uma fatura.

Uma fatura de um restaurante chamado Golden Dragon Palace.

Com a mente em branco, deixou cair as calças e a camisa de Charles outra vez na cama e entrou pela porta aberta da casa de banho, ainda a olhar

para a fatura que tinha na mão.

– Olha – disse-lhe através das cortinas de duche, por cima do ruído da água corrente. – Comeste no chinês hoje?

– Ah, sim – respondeu Charles do outro lado da cortina. – Saí para almoçar hoje.

– Sozinho?

– Não, fui com a Kendra. Devia-lhe um almoço.

– Oh, que simpático. Eu... achava que tinhas dito que estavam sempre tão cheios de trabalho que nunca conseguiam sair para almoçar.

– Sim, é o que acontece na maioria dos dias – respondeu Charles. – Mas tivemos um tempinho livre enquanto a outra equipa estava a rever as nossas notas e escapulimo-nos.

– Ah. – Sawyer ficou calada durante uns instantes, num estado de profunda consternação. Recompôs-se. A última coisa que queria era ser um grilhão rígido e irracional para ele. – Olha que bom – disse, ligeiramente impressionada com a sua capacidade para usar um tom tão despreocupado.

Voltou a sair da casa de banho e foi colocar a fatura novamente junto ao monte de moedas que estava sobre a cómoda. Mas, antes de a largar, deu-lhe mais uma olhadela. Não sabia muito bem porquê, nem o que é que procurava. Estaria curiosa para saber mais sobre Kendra? Se Kendra gostava ou não de guiozas ou de porco *moo shu*? Não sabia bem o que é que desejava desvendar.

Passou os olhos pela fatura. Enumerava todos os pratos preferidos de Charles. Ou Kendra não tinha grande opinião sobre comida chinesa, ou então, gostava exatamente das mesmas coisas que Charles. Sawyer *reparou* que tinham pedido duas cervejas *Tsing Tao*, e depois mais duas... o que era um bocado ousado para um almoço de trabalho. Mas nem isto provava absolutamente nada, na realidade. Sawyer suspirou, subitamente cansada. Decidiu pousar a fatura.

Então, no momento exato em que a colocou de novo sobre a cómoda, viu...

O carimbo com a hora.

21h28.

Sawyer ficou a olhar para os números, para a forma ligeiramente esbatida impressa na tinta arroxeadada das cópias de papel químico. Foi tomada por uma estranha uma sensação de calor, como se uma abelha lhe tivesse picado a cara. E se Charles não tivesse trabalhado até tarde, ou pelo menos não até tão tarde como afirmava, e, quando saiu do escritório, em vez de vir para casa para passar tempo com ela, tivesse optado por ir partilhar cervejas e comida chinesa com Kendra? Porque é que ele tinha dito que tinha sido um almoço?

Sawyer lançou mais um olhar demorado à fatura. O carimbo com as horas podia estar errado, claro. Mas sentiu uma pontada no fundo do cérebro que lhe sugeria que não era o caso.

«Eles não precisavam de sair para ir fumar», tinha insistido aquele tipo,

Nick, no jantar da Wexler Gibbons.

Ela franziu o sobrolho e depois deixou a fatura em cima da cómoda e foi preparar a camisa e as calças de Charles para a limpeza a seco, enquanto escutava o barulho da água que continuava a correr no duche.

4.

QUINTA-FEIRA, 10 DE JUNHO

Se havia uma coisa que Sawyer tinha de sobra naquele verão era «tempo para si».

Mesmo antes de o verão ter chegado, já passava a hora de almoço sozinha. Não é que *quisesse* necessariamente comer sozinha. Tinha a ver com a rotina diária. Para além de ser inflexível acerca da pronúncia do nome, Johanna também era muito rígida acerca de haver sempre alguém para atender os telefones. Vivía aterrorizada com a ideia de que uma única chamada para ela pudesse ir para o *voicemail*, ou pior ainda, ser desviada para a rececionista da central da editora.

Na maior parte dos dias, Johanna tinha almoços agendados com um agente literário ou com um colega editor executivo ou, de vez em quando, com um autor. Logo após o relógio marcar as doze, ela costumava apertar um lenço *Hermès* à volta do pescoço, enfiar a mala debaixo do braço e sair porta fora, dizendo por cima do ombro (erradamente): «Volto já, meninas.» Assim que a ligeira nuvem de *Chanel N.º 5* se instalava no rasto de Johanna, Kaylee, que estava na empresa há mais três meses que Sawyer e a quem tinha sido atribuído o primeiro turno de almoço, agarrava rapidamente nas suas coisas e saía, para se juntar a um grupinho de outras assistentes que iam almoçar, enquanto Sawyer ficava para atender o telefone de Johanna. Por volta das 13h30, Kaylee regressava para tratar dos telefones e Sawyer ficava livre para almoçar entre as 13h30 e as 14h30.

Só que, nessa altura, já não havia ninguém *com* quem almoçar.

Quando Sawyer começara na empresa, tivera esperança de fazer amizades. Sempre tinha imaginado que a edição era uma indústria muito social. Mas sentira-se completamente abandonada, sobretudo durante a hora de almoço. A editora estava localizada nas East Fifties. A área de Midtown era toda cimento e passeios estreitos e táxis a buzinar, com toda a gente a andar depressa e sem sítio nenhum para passear ou para comer tranquilamente o almoço que trazia de casa.

Depois, alguns meses após de ter começado, virou uma esquina e descobriu uma coisa que nunca esperara ver no meio de Manhattan: água corrente e um oásis de verde. Ficou completamente perplexa a olhar para aquele espaço tranquilo encurralado entre um conjunto de edifícios altos. Pensou que fosse o pátio de algum restaurante caro, mas uma placa anunciava o nome «Greenacre Park». Os bancos, as mesas e as cadeiras estavam abertos ao público.

Começou a trazer o almoço para o parque, onde se sentava numa pequena mesa de café com vista para a cascata que corria por cima dos blocos geométricos de granito, com um estilo ligeiramente japonês, e uma fonte de hera verde a descer frondosamente mesmo ao lado. Trazia com frequência um manuscrito do escritório. Ali, no parque, o trabalho não parecia trabalho; ela *desfrutava* da leitura e de tomar notas de edição, um lembrete da razão por que tinha, desde o início, desejado tão desesperadamente trabalhar no ramo editorial. Estava a começar a sentir que tinha aquilo que era necessário para ser um editor de topo – alguém que lia atentamente e cuja mente funcionava automática e naturalmente, como um músculo, perante as partes que necessitavam de algum melhoramento e que sabia onde sugerir cortes.

Descobrir o parque tinha transformado o seu almoço, de outra forma solitário, numa parte tranquila e produtiva do dia.

E depois havia dias em que, em vez de um manuscrito do escritório, ela começou a trazer um bloco de notas. Sempre tinha gostado de escrever, embora nunca se tivesse considerado «escritora». Considerar-se escritora exigiria um tipo de presunção que Sawyer achava embaraçosa. As pessoas da idade dela que se autointitulavam escritoras geralmente não o eram. A maioria eram jovens convencidos, que sonhavam com a fama e a riqueza. Falavam muito, mas *escreviam* pouco.

Ao longo daquele primeiro ano em Nova Iorque, Sawyer tinha começado a terminar rascunhos de histórias inteiras e poemas. Ficou surpreendida quando não terminou apenas os primeiros rascunhos, mas os segundos também. Antes de dar por isso, começou a acabar os terceiros rascunhos... e, depois, rascunhos que pareciam tão prontos que ela já não sabia o que mais poderia fazer com eles.

Só que ela *sabia*. Para um escritor, o passo lógico seguinte era submeter o trabalho para publicação. A ideia entusiasmava Sawyer, mas também a aterrorizava um bocadinho. Na primavera anterior, num ataque de súbita coragem, tinha enviado por correio alguns dos seus melhores poemas para algumas revistas literárias que admirava, sabendo que era um tiro no escuro. Tinham começado a surgir novas revista *online*. Eram menos inacessíveis, mas havia várias que se estavam a tornar muito apreciadas, os seus poetas sendo nomeados para o Prémio Pushcart e publicados em séries com *A Melhor Poesia Americana*. Sawyer escolheu as suas duas favoritas e também lhes enviou um par de «e-contribuições».

Depois, passou-lhe o ataque de coragem. Os seus poemas tinham sido

revelados ao mundo, mas ela não esperava que resultasse nada disso. Quase se esqueceu de que os tinha sequer enviado (o que lhe poupou a vergonha de imaginar que um editor poderia, *de facto*, lê-los).

Por isso, quando Sawyer chegou a casa naquela quinta-feira, não estava a pensar nos seus poemas quando abriu as janelas do apartamento e depois se deixou cair na cadeira em frente à pequena secretária do computador, na cozinha. Esperou, após o apito e o ruído da ligação, pelo som familiar.

– Bem-vindo! Tem novas mensagens!

Ela sorriu, partindo do princípio que Autumn tinha respondido ao seu último *e-mail*.

Mas quando clicou na caixa de mensagens, teve uma surpresa. Ali, no topo da lista, estava a resposta a uns poemas que tinha enviado... e, o melhor de tudo, é que o editor da revista *online* estava a escrever para dizer que gostariam muito de adicionar um dos poemas dela à edição que estavam prestes a publicar no *website* e de o incluir também na lista de onde seriam escolhidos os que entravam na prestigiada publicação em papel que faziam no final do ano.

Sawyer leu o *e-mail* uma vez, depois duas. Solto um ruído involuntário que parecia um corvo a grasnar e tapou a boca com uma mão.

Levantou-se da secretária do computador e foi ao frigorífico, sem saber bem se estava a tentar celebrar ou a tranquilizar-se. Encontrou uma garrafa de vinho branco que ela e Charles tinham aberto há algumas noites e de que se tinham esquecido. Tirou a rolha e cheirou, depois serviu-se de um copo. A tarde estava abafada e o vinho gelado, depois de ter estado no fundo do frigorífico.

Quando se voltou a sentar em frente ao computador, leu outra vez a carta de aceitação do editor da revista *online* e pensou em enviar um *e-mail* para Autumn a partilhar as novidades. Mas quando voltou à caixa de entrada, reparou num segundo *e-mail* à espera. Pestanejou, perplexa, e semicerrou os olhos ao nome do remetente.

Nikolai70@aol.com.

Ela não conhecia nenhum Nikolai70@aol.com.

No assunto lia-se: «As minhas desculpas.»

De sobrolho franzido, clicou no *e-mail*.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: Nikolai70@aol.com

Olá, Sawyer.

Quería pedir desculpa se fui um parvalhão para ti na cena da Wexler Gibbons. Eu não queria implicar com o teu nome. Nem sempre sou bom a lidar com pessoas. Posso ser insensível, segundo me dizem. Também tenho um sentido de humor mordaz. Arranja-me problemas.

De qualquer forma, juro que não era nada pessoal. Pareces ser muito simpática e tenho andado a pensar que talvez te tenha ofendido. Não era a

minha intenção.

Peço desculpa mais uma vez,
Nick

Sawyer ficou a olhar para o *e-mail*, chocada. Continuava perplexa, mas já não em relação a quem o tinha enviado, antes incrivelmente surpreendida por ele o ter enviado.

Como é que ele tinha arranjado o endereço eletrónico dela?

Duvidava muito que tivesse pedido a Kendra para pedir o *e-mail* dela a Charles. Na realidade, alguma coisa lhe dizia que Kendra e Charles estavam a leste da conversa tensa que tinha existido entre ela e Nick, quanto mais saberem que ele lhe tinha enviado um pedido de desculpas.

Portanto, Nick tinha-a investigado, de alguma maneira. O que devia ter exigido algum esforço. Ela nunca tinha referido o seu último nome a Nick, durante o jantar da Wexler Gibbons. E o seu *e-mail* pessoal, *Adventures_of_Tom@aol.com*, era apenas uma referência divertida ao seu primeiro nome, fácil para os amigos decorarem, mas provavelmente difícil para um estranho adivinhar.

Sawyer ficou a olhar para o monitor. Estava a tentar decidir se respondia ou não.

O anjo sentado no seu ombro direito estava sensibilizado por Nick ter decidido pedir desculpa, talvez até estranhamente lisonjeado, de certa forma... mas o diabinho sentado no outro ombro espetou-a com a sua forquilha para ela retribuir a Nick o mesmo tratamento que ele lhe tinha dado no jantar da Wexler Gibbons.

Clicou no botão de «responder». Abriu-se uma nova janela, uma página branca, vazia, com o cursor a piscar, à espera. Ela pensou mais um bocado.

Surgiu-lhe uma ideia e voltou a clicar na mensagem dele, copiou-a e colou-a na sua página de resposta. Depois pôs mãos à obra, com os dedos a dançar sobre o teclado. Quando terminou, voltou a ler a mensagem.

Para: Nikolai70@aol.com
De: *Adventures_of_Tom@aol.com*

Olá, Nick.

Inseri os meus comentários abaixo, dentro de parêntesis, e são gratuitos.

Queria pedir desculpa se fui um parvalhão para ti na cena da Wexler Gibbons (**Reconsidera o uso do «se»**). Eu não queria implicar com o teu nome (**Verificação de factos: Querias mesmo implicar com o meu nome**). Nem sempre sou bom a lidar com pessoas. (**Isto confirma-se.**) Posso ser insensível, segundo me dizem. (**Cortar – redundante.**) Também tenho um sentido de humor mordaz. (**«Humor» implica inteligência, diversão, fazer as pessoas rir... a escolha de palavras parece não se aplicar àquilo a que estás a chamar «humor».**) Arranja-me problemas. Juro que não era nada pessoal. (**Uso**

errado da expressão «nada pessoal» – gozaste com o meu nome e tiraste ilações acerca das minhas origens.) Parece ser muito simpática e tenho andado a pensar que talvez te tenha ofendido. Não era a minha intenção. **(Final ambíguo: qual ERA a tua intenção?)**

Peço desculpa mais uma vez,
Nick

Isto conclui a tua consultoria editorial gratuita. Não é preciso agradeceres.

Sawyer

Reviu a mensagem, a questionar-se se devia realmente a enviá-la. Não estava habituada a ser tão cáustica e frontal. Ele podia ficar ofendido.

Após um momento, Sawyer convenceu-se a si própria: O que é que lhe interessava se Nick se ofendesse? Ele é que tinha começado. E as jovens andavam sempre com paninhos quentes à volta dos homens. Provavelmente, devia estar à espera que ela lhe agradecesse pelo pedido de desculpas. E, por aquilo que ela tinha visto, ele merecia um chega para lá.

Inspirou fundo e moveu o rato para clicar em «enviar».

Puf!, fez a mensagem ao ser enviada.

• • •

Sawyer assumiu que seria fácil manter a mente ocupada com as boas notícias acerca do seu poema... mas com o passar dos minutos, deu pelos pensamentos a regressarem ao *e-mail* de Nick... e à sua resposta. A troca de galhardetes não lhe saía da cabeça.

Passado uma hora a debater-se com o seu próprio arrependimento, decidiu voltar a ligar o computador e ler novamente aquilo que tinha escrito. Voltou à secretária e esperou que a ligação fosse efetuada. Assim que foi concluída, ficou surpreendida por ser mais uma vez recebida pelo mesmo som que tinha ouvido antes: «Tem mensagens novas!»

Clicou na caixa de entrada e ali estava:

Nikolai70@aol.com. RE: As minhas desculpas

Sentiu o rosto corar. Tentou ignorá-lo. Clicou no *e-mail* e abriu-o.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Olá, Sawyer.

É bom saber que recebeste o meu *e-mail*.

Agradeço a tua consultoria editorial gratuita. Suponho que me tenhas DE

FACTO avisado durante o jantar que trabalhavas na área editorial. Tenho outros amigos que também trabalham nisso e, por aquilo que ouvi dizer, dada a tabela salarial do meio, «consultoria editorial gratuita» pode ser um bocadinho redundante, portanto, talvez possas usar essa edição nas tuas edições. Mas o que é que eu percebo disso, sou só o tipo que vendeu a alma para trabalhar naquela área de obras literárias menores, também conhecida como publicidade, em que o objetivo é vender alguma coisa com o mínimo de palavras possível, e de preferência com a foto de uma miúda gira ou de um chimpanzé de *smoking*. Não é Chekhov, mas tentamos pôr pontos nos «i» e usar pontuação de vez em quando.

Lamento mesmo muito ter sido indelicado contigo.

Nick

Sawyer pestanejou para o ecrã brilhante do computador, sem saber muito bem como interpretar aquilo que tinha acabado de ler. Ele estava outra vez a menosprezá-la? Ou a menosprezar-se a si mesmo? Ou... as duas coisas? No segundo seguinte, clicou em «responder».

Para: Nikolai70@aol.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

Caro Nick,

Os teus amigos da área editorial dizem a verdade. Embora estejamos em 1999, os salários das editoras continuam em 1959. Mas se é este o teu tipo de piada, precisamos de reavaliar outra vez aquela cena da «definição de humor».

Quanto ao teu comentário acerca da tua própria profissão, só te vi uma vez e esta é já a segunda em que te apelidaste de «vendido» por trabalhares em publicidade. Se não gostas, porque é que não te despedes?

Sawyer

Clicou em «enviar».

Por norma, quando acabava de verificar e enviar *e-mails*, terminava a sessão. Mas, desta vez, levantou-se para se servir do vinho que restava no frigorífico e depois sentou-se ao computador. E ali estava outra vez: «Tem mensagens novas!»

Clicou em Nikolai70@aol.com sem hesitar, agora profundamente curiosa acerca da resposta.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Não me posso despedir. Mas isso é outra história.

N

Sawyer clicou em «responder».

Para: Nikolai70@aol.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

O que é engraçado nas pessoas que trabalham em editoras, é que adoram histórias. Conta-me tudo.

S

Ficou à espera. Passado cinco minutos, a caixa de entrada iluminou-se outra vez com um novo *e-mail*.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Não, fica para a próxima. É ótimo que adores o teu trabalho. Qual é a parte de que gostas mais? N

Sawyer sorriu e respondeu de imediato.

Para: Nikolai70@aol.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

Do almoço.

S

Esperou. E esperou.

Depois, de repente, surgiu-lhe no ecrã uma caixa: AOL Instant Messenger. Ela sobressaltou-se.

Nikolai70: Não, a sério.

Nikolai70: Ou esta é a tua tentativa de me continuar a ensinar coisas sobre o assunto do humor?

Sawyer pestanejou, a sentir-se um bocado despida, quase como se Nick tivesse entrado no apartamento dela sem bater à porta. Pensou no que devia fazer. Não era pessoa de mensagens instantâneas. Parecia-lhe que isso era para pessoas que passam o tempo em *chat rooms*. Inspirou fundo, preparou-se e colocou as mãos ligeiramente trémulas sobre o teclado do computador.

Adventures_of_Tom: Não, a sério.

Adventures_of_Tom: O almoço.

Nikolai70: Então, és uma preguiçosa em pele de lobo?

Nikolai70: Não estou a julgar. O almoço tem sido a minha parte favorita do dia desde que começaram a servir croquetes de batata no refeitório da escola no terceiro ano, circunstância que por pouco bateu o meu outro favorito, o recreio.

Adventures_of_Tom: «Circunstância»?

Nikolai70: Sim. Acredito que seja um uso correto do termo.

Adventures_of_Tom: É muito formal.

Nikolai70: Eu disse-te: o almoço é o meu manifesto.
O almoço e o descanso em geral.

Adventures_of_Tom: Ora bolas. Então, vais detestar a verdadeira razão pela qual o almoço é a minha parte preferida.

Nikolai70: Não digas! «Fazes o teu melhor trabalho durante a hora de almoço.» Vômito.

Adventures_of_Tom: Mas é verdade!

Nikolai70: Tens razão, isso viola todas as alíneas do meu manifesto. Já não tens salvação possível se ficas sentada à secretária. Não há nada mais triste que uma miúda sentada ao computador durante a hora de almoço a comer um iogurte.

Adventures_of_Tom: As pessoas ainda dizem «miúda» hoje em dia?

Adventures_of_Tom: E já que estamos a falar do assunto, as pessoas ainda dizem «vômito»?

Nikolai70: Eu digo. Eu digo as duas.

Adventures_of_Tom: Bem, respondendo à tua pergunta, eu NÃO fico sentada à secretária.

Nikolai70: Ainda há esperança para ti.

Adventures_of_Tom: Mas vou todos os dias ao mesmo sítio. Encontrei um sítio pequeníssimo verdadeiramente fantástico, o Greenacre Park. Conheces?

Nikolai70: Não.

Adventures_of_Tom: Oh, é uma loucura! Está encafuado no meio de Midtown, um pequeno oásis verde com uma cascata e mesas de café.

Nikolai70: Nova Iorque tem uma data de surpresas fixas. Eu sou daqui, mas ainda consigo encontrar coisas inesperadas que me inspiram.

Adventures_of_Tom: Há coisas que te inspiram?

Nikolai70: Sim, claro. Escrever o *slogan* perfeito com apenas uma palavra para acompanhar uma foto gigante de um chimpanzé de *smoking*.

Adventures_of_Tom: Não te canses demasiado.

Nikolai70: Não. Tal como eu disse: Chimpanzé de *smoking*. Isso é que faz toda a diferença.

Adventures_of_Tom: Adiante. Eu gosto daquele sítio. No parque. E como almoço tarde (a outra assistente editorial vai primeiro), o parque está sempre vazio quando lá vou.

Nikolai70: Isso parece um bocadinho triste.

Adventures_of_Tom: Eu nem SEMPRE trabalho. Às vezes só escrevo.

Nikolai70: Escreves?

Adventures_of_Tom: As minhas próprias coisas. Eu gosto de escrever.

Nikolai70: Hum. Então és escritora.

Adventures_of_Tom: Gosto de escrever. Não sei se isso faz de mim escritora.

Nikolai70: Ok, tenho de concordar. Estás um bocadinho acima das raparigas-iogurte-à-secretária.

Adventures_of_Tom: Ainda bem que a minha existência está ao nível da tua aprovação.

Nikolai70: Estou a sentir algum sarcasmo, mas vou ignorar.

Nikolai70: O que é que já escreveste?

Adventures_of_Tom: Ahah. Nada que conheças.

Nikolai70: Não vou levar isso a peito.

Nikolai70: Mas o meu amigo chimpanzé pode levar. Ele depois diz-te, ele lê muito e conhece tudo ao nível da ficção. Tal como eu disse: de *smoking*. Cheio de classe.

Adventures_of_Tom: Bem

Sawyer deixou de escrever de repente e o dedo mínimo carregou acidentalmente no «enter» quando ficou parada. Porque é que lhe estava a contar isto tudo? Sobre o parque. Sobre escrever.

Era o vinho? Ou o facto de falar pela Internet não parecer real? Não conseguia perceber.

E não conseguia perceber porque é que ainda lhe queria contar mais. O computador apitou com uma nova mensagem.

Nikolai70: «Bem», o quê?

Adventures_of_Tom: Desculpa

Adventures_of_Tom: Na realidade, fui hoje aceite pela primeira vez numa revista literária.

Adventures_of_Tom: Bem, é uma revista *online*. Mas é muito fixe. O meu poema ainda não foi publicado, mas aqui está um *link* para o site: www.DeckleEdgeOnline.org

Nikolai70: Parabéns. Isso é ótimo.

Adventures_of_Tom: Obrigada.

Sawyer parou outra vez de escrever. Sentiu logo uma pequena pontada de arrependimento. Começou a ficar com a cara quente, de vergonha. O computador voltou a apitar.

Nikolai70: Ei, tenho de ir.

Nikolai70: Mas mais uma vez, parabéns.

Nikolai70: E fico feliz por não te ter ofendido.

Sawyer sorriu.

Adventures_of_Tom: Memória curta. Ofendeste-me MESMO.

Nikolai70: Ah, pois foi. Ofendi. Queria dizer que estou feliz por me teres perdoado.

Adventures_of_Tom: Perdoei?

Nikolai70: Se não perdoaste, vou pôr o chimpanzé de *smoking* a tratar do assunto. Isso vai resultar.

Adventures_of_Tom: Com certeza.

Nikolai70: Ninguém diz não a um chimpanzé de *smoking*. Estou a falar a sério.

Nikolai70: Ok, agora a sério, tenho de ir. Foi bom falar contigo.

Sawyer ficou à procura de alguma coisa para dizer, alguma coisa simpática. Mas antes de conseguir escrever fosse o que fosse, ele desapareceu, desligou.

Ela ficou ali sentada, a olhar para monitor, ainda surpreendida pela interação. Fez *scroll* e analisou as mensagens que tinham trocado. Ainda o achava um bocado arrogante, mas não era assim tão mau. Suspirou, outra vez sozinha, e fechou a janela do *chat*.

Depois olhou para as horas e pestanejou com surpresa. A tarde tinha passado a correr, o que parecia estranho. Ela tinha-se acostumado a ficar a olhar o relógio e a pensar quando é que Charles voltaria para casa.

Pouco tempo depois, Sawyer ouviu a chave de Charles na fechadura. Voltou a olhar para as horas. Força do hábito: 20h58. Não era assim tão mau. E ele estava a equilibrar um *pack* de seis cervejas frescas em cima de uma caixa de piza quente. Sawyer reconheceu o logótipo do sítio das diabolicamente deliciosas, mas igualmente gordurosas, pizzas, na esquina ao pé do metro. Ele atirou as chaves para cima da consola da entrada e sorriu.

– Pensei que, uma vez que parecia que ia chegar a tempo de uma noite de quinta-feira a ver televisão, podíamos comer piza e beber cerveja no sofá.

Sawyer sorriu.

– Parece perfeito.

Ele despiu-se até ficar de camisola interior e *boxers*, atirou a roupa para cima de uma cadeira e ligou a TV. Sawyer foi à cozinha, agarrou em dois pratos e num rolo de papel de cozinha e trouxe tudo para a mesinha de apoio.

O programa começou. Era uma reposição de *Frasier* que Sawyer já tinha visto, mas Charles não, e Sawyer ficou feliz por a verem juntos. A piza estava quente e deliciosa. Dobravam a meio cada fatia, que pingava dos cantos um óleo avermelhado por causa do *pepperoni*. Durante os anúncios, tinham as mãos demasiado gordurosas para baixar o som no comando, mas tentaram falar alto por cima da televisão.

– Houve alguma atualização da minha mãe sobre o casamento? – perguntou Charles.

– Hoje não – respondeu Sawyer.

– E como é que a Autumn se está a dar no Japão?

– Está tudo bem. Fez um amigo francês.

– No Japão?

Sawyer assentiu com a cabeça. Charles riu-se, como que a dizer: «Aquela Autumn, que maluca», mas não perguntou mais nada. O anúncio acabou e o programa recomeçou.

Mais tarde, depois de *Frasier* ter dado lugar a *Will & Grace*, e depois a *Serviço de Urgência*, Sawyer olhou para onde Charles estava sentado, agora reclinado no sofá, com uma expressão cansada, semelhante a um *zombie*. Ela não conseguia deixar de pensar se não deviam ter passado algum do tempo a conversar um com o outro.

Ou a fazer outra coisa.

Há já algum tempo que não tinham sexo.

No passado tinham arranjado sempre tempo – mesmo quando Charles estava na faculdade de direito e tinha de estudar todas as noites para os testes, Sawyer fazia café e ficava acordada com ele e tinham arranjado maneira de incluir «pausas no estudo» («Nunca vi ninguém levar tão a sério a tarefa de me “aliviar a tensão” dos estudos», tinha Charles dito uma vez, com um sorriso). Estavam juntos desde a faculdade, quando Sawyer tinha apenas dezanove anos, por isso, ela sabia que nem tudo era *glamour* e fogo de artifício. Às vezes era cerveja e roupa suja. Mas eram confortavelmente afetuosos. Sempre tinham arranjado tempo.

A mente dela voltou à fatura do restaurante chinês que tinha encontrado. Por mais que tivesse tentado, não tinha conseguido tirá-la da cabeça.

• • •

Quando se enfiaram na cama, uma hora depois, Charles virou-se para um lado e começou de imediato a risonar. Sawyer sempre demorara um pouco mais a adormecer. Ficou a olhar para o teto, a pensar. O dia seguinte era mais uma sexta-feira de horário de verão. Ela ponderou sobre como é que podia ocupar o tempo.

Deu-se conta de que não tinha contado a Charles as novidades acerca de terem aceitado o poema dela na revista literária *online*.

Nick era a única pessoa a quem tinha contado. Nick, o tipo que a tinha despedido de forma tão grosseira no jantar da Wexler Gibbons.

Que estranho.

5.

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JUNHO

— Sawyer? Pode vir ao meu gabinete, por favor?

Com surpresa, Sawyer levantou o olhar da folha com as últimas novidades da chancela que estava a preparar para a reunião de lançamento interno de novos títulos, na quinta-feira seguinte. Johanna raramente chamava alguém ao gabinete. Na realidade, na maioria dos dias Johanna até mantinha a porta fechada, o que dava ao gabinete um ar de interdição e mistério. Mas assim que foi convocada, Sawyer agarrou imediatamente numa caneta e num bloco amarelo que tinha na gaveta da secretária e apressou-se a entrar, curiosa para saber de que se tratava.

Uma vez lá dentro, lançou alguns olhares pela sala. De certa forma, o gabinete de Johanna era semelhante aos gabinetes de outros editores, tendo em conta que as prateleiras estavam cheias dos inúmeros exemplares de romances que tinha editado e as paredes estavam adornadas com capas de alguns dos seus favoritos. Mas o gabinete de Johanna era único, devido à sua aura de elegância do Velho Mundo. Ela vinha de uma família com dinheiro antigo e tinha substituído a mobília moderna e colorida que era atribuída pela editora por antiguidades de bom gosto. Até a carpete cinzenta do escritório estava coberta com um luxuoso tapete persa. Fotografias emolduradas de Johanna, em traje formal, a posar com os autores na Gala PEN e nos National Books Awards, estavam alinhadas sobre o aparador, o mesmo sítio onde outros editores tendiam a exibir fotos dos cônjuges, dos filhos e dos cães. Johanna trabalhava na área editorial há muito tempo e, era preciso reconhecer, quando era jovem tinha construído um percurso importante numa altura em que as mulheres não eram bem recebidas no meio. Johanna mantivera-se fiel às suas escolhas, cuidando da sua lista ao longo do tempo; os seus autores tinham ganho Pulitzers.

A maioria dos gabinetes dos editores tinha um ar ligeiramente atravancado (assim que conseguiam ver-se livres de uma avalanche de cópias supérfluas de manuscritos, provas e provas finais, já tinham sido inundados pelo dobro), mas a tralha de Johanna estava misturada com uma coleção

valiosa de antiguidades: primeiras edições, pesa-papéis de carapaça de tartaruga e lupas de marfim. Havia muito para ver e, sem querer, Sawyer deixou o olhar vaguear, como que em transe.

– Sawyer? – disse Johanna com impaciência.

Sawyer ficou em sentido e tentou um ar composto.

– Sim.

Agarrou no bloco amarelo e na caneta, pronta para tomar notas.

– Sabe por que razão é que a chamei aqui hoje?

Sawyer pestanejou e abanou a cabeça.

– Reconhece isto? – Johanna fez deslizar um manuscrito sobre a secretária.

Sawyer olhou para o título. Era-lhe familiar.

– Ah, sim! – disse. – Estava no monte dos originais que recebemos pelo correio. – Acho que o escolhi há, talvez, uns três meses? Geralmente, consegue-se perceber, ao passar os olhos pelas primeiras dez páginas, se o livro vale a pena ou não. Mas esse manuscrito... não o conseguia largar. Na realidade, li-o de uma assentada! A carta de apresentação dela dizia que se baseava na história de imigração da própria família, da Índia para Queens. A família era tão *realista*. Ah, e a voz na escrita! Era tão fresca, tão exuberante, tão vívida...

Sawyer parou. Percebeu que estava demasiado entusiasmada e a expressão de Johanna era gélida, inescrutável. Sawyer tinha passado o manuscrito à chefe, com uma recomendação para o ter em consideração.

– Bem, espero não a ter feito perder tempo. Achei mesmo que se destacava, a melhor coisa que já vi na pilha de originais. – Hesitou. – Mas... talvez eu tenha... «ilusão de originais»? Sabe, como na ilusão de ótica?

A expressão de Johanna continuava estoica, mas arqueou uma sobrancelha perante a referência.

Sawyer fez um esforço para se calar.

Johanna esperou um bocado, como que para ter a certeza de que Sawyer já tinha acabado de tagarelar.

– Bem, chamei-a aqui para lhe dar boas notícias. Assinei com a autora.

Sawyer pestanejou.

– Ah. *Gostou* do livro.

– Sim. Consegui finalmente ler o manuscrito na semana passada e contactei a autora. Ela não tinha agente, por isso, pu-la em contacto com a Celine e, entre as três, conseguimos compor um acordo para o livro que eu acredito que é bom para todas as partes envolvidas.

Celine era a agente com quem Johanna mais gostava de trabalhar.

– Uau. Isso é fantástico. E foi simpática por a ter apresentado à Celine. Acho que nunca tinha visto como é que funciona uma submissão espontânea em termos de contrato.

– Sim, bem, acontece tão raramente que não há nenhuma forma rígida. Mas acho que a melhor maneira é recomendar um agente e partir daí. É um

bocado ao contrário, em termos da sequência habitual dos manuscritos, mas, seja como for, um bom autor vai precisar de um bom agente na sua vida. E a ideia de falar diretamente com um autor acerca de dinheiro é simplesmente abominável.

Sawyer ouviu tudo isto enquanto pensava como era estranho o sistema da edição. Assistira a algumas reuniões de trabalho em que não se falava noutra coisa *a não ser* em autores, vendas e dinheiro... portanto, o facto de ser tabu conversar sobre dinheiro *com* um autor pareceu-lhe de certa forma irónico.

– Adiante – continuou Johanna. – Vamos anunciar o acordo na próxima semana, por isso, queria que soubesse.

– Ah, obrigada – foi tudo o que Sawyer conseguiu articular. Ficou à espera, à espera que houvesse mais alguma coisa. Mas Johanna puxou apenas o manuscrito de volta por cima da secretária e, depois, levantou-o e bateu com os cantos para alinhar as páginas.

– Deixo-a voltar à organização dos dados dos títulos a imprimir para a reunião de quinta-feira.

– Ok, obrigada – repetiu Sawyer.

Levantou-se e saiu.

De volta à secretária, sentou-se e ficou a olhar para o ecrã do computador, sem ver nada, ainda atordoadada. Percebeu que tinha estado à espera que Johanna dissesse «Bom olho, continua o bom trabalho.» Ou algo semelhante. E ficou um bocadinho surpreendida por Johanna não ter dito nada mais cedo... que não lhe tivesse dito que estava a ler o manuscrito que ela tinha recomendado, não lhe tivesse dito quando decidiu que gostava do livro e não lhe tivesse dito nada durante a última semana, quando contactou a autora e começou a desenhar o acordo.

Mas, no geral, Sawyer sentia-se encantada por o livro ir ser publicado. Sentia que a obra o merecia. E ainda que Johanna não lhe tivesse dado uma palmadinha nas costas, Sawyer sentiu uma pontada de orgulho ao pensar que tinha tido um pequeno papel na descoberta. O facto de o livro ser bom aos olhos de Johanna era prova de que o gosto de Sawyer apontava na direção certa... e de que Sawyer podia mesmo dar uma boa editora um dia.

• • •

Sawyer ainda estava satisfeita com a sua vitória na pilha de originais quando saiu do trabalho. Assim que subiu as escadas que emergiam do calor do metro, decidiu parar na loja de vinhos, aquela boa que obviamente tinha como público-alvo as pessoas a caminho de festas e que também vendida queijo e flores. Sentia que havia motivos, ainda que pequenos, para celebrar. Escolheu um *sauvignon blanc* bem fresquinho, um pequeno triângulo de

Gouda de cabra e um pequeno ramo de peónias rosa-claro.

Em casa, Sawyer foi até ao gira-discos e pôs a tocar o seu favorito: um álbum de Van Morrison que outrora pertencera ao pai, até ela o ter descoberto quando era adolescente e o ter pedido emprestado tantas vezes que o disco tinha acabado por se tornar fortuitamente seu. Ficou de pé a ouvir os primeiros versos da música com um sorriso, depois cortou os caules das flores e colocou-as numa jarra que era, na realidade, um copo para lápis. Dispôs o queijo Gouda num prato com algumas bolachas de água e sal e serviu-se de um copo do fresco e revigorante *sauvignon blanc*.

Depois sentou-se e tentou pensar no que podia fazer a seguir. Acabou por deslocar a sua celebração meio metro, da bancada da cozinha para a secretária do computador, incluindo as flores que colocou à altura do olhar, para poder sorrir para elas. Ligou o computador e clicou no ícone AOL.

Desta vez, quando iniciou a sessão, a voz masculina disse apenas «Bem-vindo!».

Não havia nenhum *e-mail*.

No início não conseguiu perceber porque é que a caixa de entrada lhe parecia tão vazia. Não estava à espera de ter mais respostas relacionadas com os outros poemas ou contos que tinha enviado. Mas, de certa forma e bem lá no fundo, estivera à espera de ter notícias de...

Pensou durante um bocado e depois abriu uma nova janela de *e-mail*.

Para: Nikolai70@aol.com

De: Adventures_of_Tom@aol.com

Como é que está o chimpanzé? Parece que o *smoking* é uma parte muito importante da identidade dele. Preocupa-me que tenha um grande peso na sua autoconfiança. Ele dorme com ele vestido?

S

Sawyer estava quase certa de que tinha perdido o juízo, mas depois de olhar para o ecrã durante algum tempo, encolheu os ombros, revirou os olhos para si mesma e clicou em «enviar».

Recostou-se, bebeu um gole de vinho e depois mordiscou um pedaço de queijo, ignorando as bolachas de água e sal que lhe tinham dado imenso trabalho a desencantar nos armários como concessão ao decoro (as pessoas podiam servir-se de um prato que não tivesse mais nada a não ser queijo?).

Fez *refresh* na caixa de entrada.

Nada.

Depois o computador emitiu um som vibrante e a caixa das mensagens instantâneas apareceu no ecrã, provocando-lhe um sobressalto e apanhando-a tão de surpresa como da primeira vez.

Nikolai70: És como todas as outras raparigas.

Sawyer leu a mensagem, franziu o sobrolho e voltou a ler.

Adventures_of_Tom: O que queres dizer com isso?

Nikolai70: Ages como se quisesse ser minha amiga, mas na realidade só queres descobrir se o chimpanzé já tem namorada ou não.

Os lábios de Sawyer esboçaram involuntariamente um sorriso.

Adventures_of_Tom: Percebeste-me logo. Em minha defesa, foste tu que disseste que ninguém consegue resistir a um chimpanzé de *smoking*.

Nikolai70: Eu sei, e é verdade. Não te posso censurar.

Nikolai70: Eu tinha um amigo como ele no liceu. Humano. Não um chimpanzé. Embora, agora que penso nisso, houvesse alguma coisa SIMIESCA no tipo. Orelhas grandes.

Adventures_of_Tom: Mas não suficientemente grandes para afastar as mulheres.

Nikolai70: As mulheres só tinham olhos para o brinco. Achavam que o tornava parecido com o Johnny Depp. Ou com o Christian Slater. Ou algo assim.

Adventures_of_Tom: Estou a ver. Do género rebelde-sem-o-lóbulo-da-orelha-intacto.

Nikolai70: As raparigas faziam-se sempre de minhas amigas... e depois largavam a pergunta se ele já tinha convidado alguém para o baile de finalistas.

Sawyer digeriu isto durante um bocado. Não lhe parecia muito plausível. Nick era demasiado atraente, demasiado cheio daquele tipo de arrogância egocêntrica que as raparigas do liceu adoram. Sentiu dificuldade em imaginá-lo com um mero coadjuvante. Ela queria mostrar que não acreditava nessa treta, mas se o fizesse estaria a elogiá-lo de forma indireta.

O computador fez-se ouvir outra vez.

Nikolai70: Seja como for, o favorito de toda a gente foi sempre ele ou o chimpanzé.

Adventures_of_Tom: «Sempre uma dama de honor, nunca uma noiva.»
Ou, no teu caso, «sempre um *homosapiens*, nunca um *homoerectus*».

Nikolai70: Boa piada. Não te imaginava com humor obsceno.

Adventures_of_Tom: Bem, «em Roma...» Ouvi dizer que vocês, os tipos da publicidade, são especialistas em insinuações.

Nikolai70: É uma forma de arte.

Adventures_of_Tom: Afinal, GOSTAS do teu trabalho.

Nikolai70: Não iria tão longe.

Adventures_of_Tom: Tenho a certeza de que fizeste alguma coisa durante a tua carreira que achaste fixe.

Nikolai70: Isso é uma pergunta?

Adventures_of_Tom: Sim.

Nikolai70: É óbvio que me queres contar acerca da coisa fixe que fizeste hoje no trabalho.

Adventures_of_Tom: O que é que queres dizer?

Nikolai70: Eu acho que as pessoas tendem a fazer as perguntas que, na realidade, querem que as outras pessoas lhes façam.

Adventures_of_Tom: Eu estava mesmo interessada e a ser sincera.

Nikolai70: Não tenho nada interessante para contar.

Nikolai70: Portanto, diz-me lá a coisa fixe que fizeste hoje no trabalho.

Adventures_of_Tom: Bem

Adventures_of_Tom: Encontrei um manuscrito na pilha de originais enviados voluntariamente e agora vai ser publicado.

Nikolai70: Isso é tão fixe.

Adventures_of_Tom: Pois é. Quer dizer, eu acho que o trabalho desta autora é tão bom que ela acabaria por ser descoberta, mais tarde ou mais

cedo, mas... não sei. Sabe bem ter desempenhado um pequeno papel em fazer chegar o livro dela ao seu bem merecido destino.

Nikolai70: Não me parece um «pequeno papel».

O que fizeste foi fundamental.

Adventures_of_Tom: Bem... não sei se foi «fundamental».

Nikolai70: Não me edites. Eu defendo a minha escolha de palavras. A vida dela está prestes a mudar. E diz-me lá que NÃO achas que outro assistente editorial parvo teria provavelmente ignorado este manuscrito.

Adventures_of_Tom: Eil! Os meus colegas são espetaculares.

Nikolai70: Diz-me que aquele manuscrito não teria sido ignorado por outra pessoa.

Adventures_of_Tom: Talvez sim. Talvez não. Não sei.

Nikolai70: Mas teria. E digo-te porquê: é preciso um tipo especial de pessoa para encontrar pedras preciosas na pilha de manuscritos. É preciso ser-se um verdadeiro otimista, mas também é preciso ser muito inteligente. E a maior parte das pessoas tende a ser apenas um ou o outro.

Adventures_of_Tom: Suponho que sim... «obrigada»?

Nikolai70: Sem problema. E podes retirar essas reticências. Foi um elogio. Foi intencional. E não faz mal dizer obrigado.

Adventures_of_Tom: Obrigada.

Nikolai70: Ainda que eu tenha sido um parvalhão e tenha gozado com o teu nome.

Adventures_of_Tom: Ah, e por falar nisso... o que é isso do «Nikolai»?

Nikolai70: Também podes tirar as aspas daí. Não é ironia, é o meu nome.

Adventures_of_Tom: Nick é uma abreviatura de Nikolai?

Nikolai70: No meu caso, é.

Adventures_of_Tom: É da Europa de Leste? (Desculpa se for uma

pergunta ignorante)

Nikolai70: É russo. A minha mãe era uma química que fugiu da União Soviética quando descobriu que estava grávida de mim.

Adventures_of_Tom: Uau.

Adventures_of_Tom: Ela parece impressionante.

Nikolai70: Ela teve de lidar com muita coisa na vida.

Adventures_of_Tom: Há aí um romance.

Nikolai70: Não, obrigado.

Sawyer parou e levantou os dedos do teclado por uns instantes. O assunto parecia sensível e ela interrogou-se se não estaria a ser intrometida. Seria possível perceber isso através do computador?

Mas também não queria terminar a conversa, principalmente se se tivesse *mesmo* excedido. Tentou pensar numa direção educada para desviar a conversa.

Adventures_of_Tom: Preferes que as pessoas te tratem por Nick ou por Nikolai?

Nikolai70: Ninguém me trata por Nikolai. Nem sequer a minha mãe. Os verdadeiros russos até preferem alcunhas. Metade dos meus amigos nem sequer sabe que Nick é diminutivo de Nikolai.

Adventures_of_Tom: Oh.

Adventures_of_Tom: Então... se é que posso perguntar... porque é que o usas como endereço eletrónico? Isso não confunde os teus amigos?

Nikolai70: Nós não enviamos *e-mails* uns aos outros. Quando quero falar com eles, vou ter com eles.

Ou telefono-lhes. Não uso muito a Internet.

Adventures_of_Tom: Estás na Internet agora.

Nikolai70: Pois estou.

O apartamento ainda estava quente do longo dia de verão, mas pareceu a Sawyer que tinha sentido um calorzinho extra a chegar-lhe à cara. Ele disse que não usava muito a Internet... mas das duas vezes que ela lhe tinha enviado um *e-mail*, ele tinha respondido muito depressa e até aberto o AOL Instant Messenger. Portanto, estaria a mentir? Ou estaria a dizer-lhe que as conversas com ela eram uma exceção?

Mas nesse instante o computador acusou a receção de uma nova mensagem e o mistério ficou esclarecido.

Nikolai70: Olha. Vou ser sincero em relação a uma coisa em que tenho andado a pensar. É bastante óbvio que o teu noivo e a minha namorada estão a ter um caso, certo?

Passou um minuto durante o qual Sawyer se limitou a olhar para o ecrã. Era como se acreditasse que se não transformasse as suas suspeitas em *palavras concretas*, se não deixasse que se transformassem em *linguagem* – impedi-las-ia de serem reais. Era quase como uma bruxa a usar as palavras para lançar um feitiço, mas ao contrário.

Mas agora Nick tinha concretizado tudo numa pequena frase. E estava tudo ali – aquela granada sob a forma de frase – a brilhar no ecrã. Enquanto ela a lia vezes sem conta, uma nova mensagem arrancou-a do transe.

Nikolai70: Sawyer? Estás aí?

Ela sabia que lhe devia responder. Achava que Charles e Kendra estavam a ter um caso?

Adventures_of_Tom: Não sei.

Nikolai70: Estava a pensar que nos podíamos encontrar para falar sobre isso.

Adventures_of_Tom: Encontrarmo-nos?

Nikolai70: Sim. Chama-me antiquado, mas parece-me ser o tipo de coisa sobre a qual não quero falar por computador.

Adventures_of_Tom: Certo. Acho que faz sentido.

Nikolai70: Bem, nós sabemos que eles trabalham até tarde. E nós temos os dois horário de verão, certo?

Adventures_of_Tom: Sim.

Nikolai70: Então, vamos marcar. Esta sexta-feira, no Yale Club, por volta das duas da tarde, uma vez que ambos trabalhamos em Midtown?

Adventures_of_Tom: És membro do Yale Club?

Nikolai70: Sim, porquê?

Adventures_of_Tom: Não sei. Acho que não estava à espera.

Nikolai70: Vou tentar fingir que não acabaste de dizer que não me imaginavas a frequentar uma universidade da Ivy League.

Adventures_of_Tom: Não foi isso que quis dizer.

Nikolai70: Olha, tenho de desligar e tratar de uma coisa, mas estamos combinados para sexta, sim?

Adventures_of_Tom: Sim.

Nikolai70: Fixe. Até lá.

Nikolai70: Tenho de ir, até breve.

Adventures_of_Tom: Tchau.

Sawyer ainda mal tinha acabado de escrever «Tchau» e carregado no «enter» quando Nick terminou a sessão.

Ficou ali sentada, ainda a olhar para o computador, meio atordoada.

«Eles não tinham de sair para fumar», tinha dito Nick no jantar. Ela tinha deixado o comentário dele deslizar para o fundo do cérebro, tal como a fatura. Andava a divertir-se a conversar *online*.

Mas agora sabia: não era a única que achava que Charles estava a ter um caso.

E tinha concordado em encontrar-se com Nick pessoalmente. Na sexta-feira.

6.

Durante o resto da semana, Sawyer tentou perceber os seus sentimentos, mas em vão. Os dias passaram envoltos em névoa, até quinta-feira, quando o lançamento interno de novos títulos aliviou um bocadinho a monotonia no trabalho.

Sawyer gostava dos dias de lançamento. Era quando toda a gente que trabalhava na chancela se encontrava na grande sala de reuniões da editora. Às vezes havia comida – *bagels*, pastéis, queijo, bolachas de água e sal, uvas, biscoitos. A sala fervilhava de entusiasmo enquanto toda a gente se sentava. Havia conversas espirituosas entre os funcionários mais antigos, até o diretor da chancela pedir silêncio.

Depois, começavam as apresentações. Os editores revezavam-se a anunciar os seus próximos romances, oferecendo resumos aliciantes das histórias dos seus livros, falando um bocadinho sobre os autores e mencionando, às vezes, as vendas dos direitos dos livros no estrangeiro, se é que existiam.

Quando um editor estava *mesmo* apaixonado por um livro, contava a história de como é que tinha descoberto o manuscrito e se tinha encantado por ele, e porquê. Era quase uma viagem, como ouvir uma história de amor. E, depois, se estivesse pronta a tempo, também havia qualquer coisa mágica na revelação de uma capa. Sawyer adorava ver como o departamento gráfico tinha traduzido o manuscrito numa imagem. Era um momento transformador, o instante em que um livro deixava de ser apenas uma resma de páginas brancas ou um documento Word, para se tornar uma coisa que se conseguia imaginar na prateleira de uma livraria. Sawyer sentia sempre um formigueiro de entusiasmo quando eram reveladas novas capas.

A reunião daquela quinta-feira serviu como uma muito necessária fonte de distração para Sawyer. Johanna apresentou a lista das novidades e outros materiais que Sawyer e Kaylee tinham andado a semana toda a preparar e a apresentação correu bem. O livro em questão revelava a vida interior de personagens que viviam numa pequena localidade industrial no Maine profundo. A capa que o departamento gráfico concebera era notável: uma justaposição de uma linda zona rural da Nova Inglaterra em contraste com as

chaminés de tijolo vermelho de uma velha fábrica, ao estilo realista norte-americano de um quadro de Edward Hopper.

Johanna não referiu a sua última aquisição, o manuscrito que Sawyer tinha retirado da pilha de originais que chegavam à editora, mas também não era o momento de o fazer. Aquele livro acabaria por ter a sua própria apresentação noutra reunião de lançamento. Seria comentado e teria a sua própria revelação de capa.

Sawyer mal podia esperar.

• • •

Depois da reunião, o resto do dia de trabalho passou depressa. Johanna estava contente com a forma como a apresentação tinha decorrido, por isso, quando faltava um quarto de hora para as cinco, disse a Sawyer e a Kaylee que podiam acabar um bocadinho mais cedo e ir para casa.

Sawyer apanhou o metro, tão agradecida por ter saído mais cedo – depois de esperar numa estação de metro especialmente nojenta, que parecia uma sauna – como pelo vigoroso ar condicionado da carruagem. De volta ao apartamento, caiu naquilo que se tinha tornado a sua rotina habitual: abrir todas as janelas, ligar a ventoinha e sentar-se à frente do computador para verificar os *e-mails*.

«Tem mensagens novas!»

Era um *e-mail* da revista literária *online*.

Sawyer clicou na mensagem, passou rapidamente os olhos pelo texto e... percebeu que era uma notificação do editor, a informá-la de que o poema dela tinha sido publicado.

«Parabéns!», escrevera ele. «Temos muito orgulho em divulgar o seu trabalho.»

Sawyer clicou no *link* que ele tinha colado ao *e-mail*, sentindo um aperto nervoso no estômago.

Abriu-se um *browser* e surgiu a página da revista: *The Deckle Edge*, numa fonte agradável, por cima de uma imagem artística original, de um dos colaboradores. Por baixo estava o índice da revista... e ali estava ele: o nome de Sawyer e o título do seu poema. Clicou nele e o *site* saltou para a página do poema.

Ficou a olhar, incrédula, a admirar o *layout*. Não havia nada com um ar amador, nada demasiado vistoso, nem nada com ar demasiado «internético». Nada de fontes extravagantes em verde-fluorescente ou azul forte. Em vez disso, uma fonte preta elegante sobre um fundo sépia. O poema estava justificado à esquerda com outra imagem artística original, do colaborador que tinha contribuído para o grafismo da edição, à sua direita. Estava muito bonito. Era algo de que se podia orgulhar.

Ela tinha publicado alguma coisa! Agora só podia torcer e esperar que fosse merecedor da exposição. Disse para consigo que estava a salvo das críticas de toda a gente que conhecia, porque não tinha contado a ninguém.

Depois lembrou-se: tinha dito a Nick. Até lhe tinha enviado o *link*. Mas isso fora antes de o poema ter sido publicado. Era tonto pensar que ele se iria lembrar de ir à procura do poema, não era?

Sentiu o rosto escaldar quando imaginou a cena.

Tentou afastar a onda súbita de vergonha enquanto explorava o resto da edição e lia o trabalho dos outros autores, o que lhe ocupou grande parte de uma hora. Estudou os outros, a tentar aprender com os seus poemas e histórias, e a sentir-se honrada por ter o seu poema na companhia deles.

Por fim, fechou a janela e depois a caixa de entrada do *e-mail*. No momento exato em que terminou a sessão, o telefone tocou, assustando-a. A pequena campainha esganiçada cortou o ar como uma faca. Agarrou no auscultador.

– Estou sim?

– Sawyer! Estou há imenso tempo a tentar ligar-te e a linha esteve uma hora a dar sinal de ocupada!

– Olá, mãe. Estava na Internet.

– Estavas na Internet? Durante este *tempo todo*? – questionou a mãe, incrédula. – O que é que estavas a fazer?

Sawyer contorceu-se no lugar.

– Estava a ler uma coisa.

– O que é que estavas a ler?

– Uma revista literária – respondeu. Pensou em contar à mãe sobre o poema.

prós:

- A mãe era uma académica na área da literatura.
- Toda a família partilhava um amor genuíno pela literatura.
- A mãe era uma ótima crítica.

contras:

• A mãe não era grande fã do facto de Sawyer ter escolhido a carreira editorial em vez da académica. O que é que a mãe pensaria de ela se aventurar na escrita criativa?

- A mãe era uma ótima crítica.

– Uma revista literária? *Na Internet*? – repetia agora a mãe, como se a ideia de alguma coisa literária na Internet fosse impossível.

Sawyer decidiu rapidamente manter privada a notícia acerca do poema.

– Então, mãe, esqueci-me de perguntar. Como é que correu a conferência?

– Oh, foi maravilhosa! Apresentei o meu artigo e a sessão de perguntas e respostas a seguir correu muito bem. E gostava que a realizassem na Flórida mais vezes. Eu e o teu pai sentimo-nos de férias.

– Foram à praia?

– Claro que fomos. Até sou capaz de estar bronzeadada por baixo deste escaldão.

Sawyer riu-se.

Escutou enquanto a mãe, Carol, falava acerca da conferência académica a que tinha ido com o pai de Sawyer.

Os pais eram ambos professores numa pequena universidade conservadora do Oregon, onde Sawyer tinha crescido. Ambos ensinavam e adoravam literatura. Nick tinha acertado nessa parte. Mas o pai de Sawyer, Dennis, era um «pré-modernista», o que queria dizer que ensinava Shakespeare, enquanto a mãe é que adorava a literatura norte-americana e tinha escolhido o nome de Sawyer.

Carol tinha sonhado com uma vida universitária para a filha, em parte porque a sua própria entrada na academia fora conquistada a pulso. Ela não se tinha contentado com o percurso que se lhe abria quando casara com Dennis, quando ainda se estavam a licenciar, assumindo o papel de «mulher» dele quando ele fez a pós-graduação. Ela tinha datilografado e feito a revisão da dissertação de Dennis, e até escrito uma parte significativa das notas de rodapé. Quando Dennis conseguiu uma posição estável em Eugene e Sawyer já tinha nascido... Carol percebeu que queria a sua própria carreira académica. Trabalhou em *part-time* no seu mestrado e, a seguir, no doutoramento. Depois disso, trabalhou como auxiliar e como professora assistente até conseguir finalmente conquistar um cargo a tempo inteiro na universidade do marido. Carol sabia que era assim que as pessoas viam a coisa: a universidade do *marido*. Não importava que ela se tivesse tornado a docente mais ativa. Não importava que, nos últimos anos, tivesse publicado mais, ido a mais conferências e tivesse apresentado mais artigos do que Dennis. Alguns membros do corpo docente iriam sempre vê-la como uma «esposa contratada».

Em relação a Sawyer, Carol viu uma oportunidade para a filha desfrutar de uma versão livre de obstáculos da sua própria vida.

Sawyer sabia que a mãe ainda estava à espera que ela ganhasse juízo e se candidatasse a uma pós-graduação. Um ano depois de Sawyer e Charles terem ido viver para Nova Iorque, Carol ainda lançava pequenos comentários nas conversas, coisas como: «Nunca é tarde!», ou «Pode haver programas de pós-graduação que podem até achar muito interessante a experiência laboral numa editora.»

Às vezes, isso tornava as conversas delas um bocadinho tensas.

– Como é que está a correr o planeamento do casamento? – perguntou

Carol, assim que acabaram de falar da conferência.

– Bem – respondeu Sawyer. Contou à mãe acerca do último plano de Kathy, uma celebração improvisada, em setembro. As duas mães vinham à cidade para a penúltima prova do vestido de casamento e Kathy queria fazer um *brunch* na Bergdorf, seguido de um musical na Broadway e, depois, umas lembrancinhas e a abertura de presentes na suíte de hotel de Kathy.

– Desde que o musical não seja o *Cats* – riu-se a mãe de Sawyer.

– Combinado – concordou ela.

– Vou ligar à Kathy e perguntar se há alguma coisa que possa fazer para a ajudar com o planeamento – ofereceu-se Carol.

Quando Sawyer permitira que Kathy assumisse as rédeas, Carol não tinha ficado ofendida. Entendera isso como sendo o que Charles e Sawyer queriam. De qualquer modo, não era uma área que ela dominasse. Gerir um programa de pós-graduação, liderar um comité, ou planejar uma conferência académica, sim. Planejar um casamento digno das páginas sociais em Manhattan... nem por isso. Tinha deixado claro que queria ajudar, mas não atrapalhar.

No entanto, às vezes Sawyer interrogava-se sobre como se sentiria a mãe acerca do casamento em si. Carol nunca tinha dito nada específico, mas Sawyer suspeitava que ela não morria de amores pela ideia de a filha casar tão nova. O mundo tinha proporcionado à geração de jovens mulheres da idade de Sawyer mais possibilidades de escolha. E aqui estava Sawyer a escolher, de forma voluntária, o caminho antiquado que Carol sentia que outrora a tinha limitado. Outro prego no caixão eram as esperanças de Carol de que Sawyer fosse finalmente continuar a estudar e se tornasse professora universitária.

E embora os pais de Sawyer gostassem de Charles ou, pelo menos, parecessem acolhê-lo verdadeiramente na família, Sawyer sabia que a mãe também tinha algumas opiniões sobre o que era ser mulher de um advogado. Carol deixara claro o seu desacordo num sentido abstrato, como se não estivesse a criticar Charles e Sawyer em si, mas versões sem rosto de um jovem advogado a subir na hierarquia e a sua jovem mulher disposta a desistir das suas ambições pelas dele.

Não era por maldade, mas era... *presunçoso*.

Sawyer gostava muito da mãe. A mãe era a mulher mais inteligente que ela conhecia. Mas, às vezes, desejava que fosse mais fácil contar-lhe as coisas.

– Como é que o Charles está? – perguntou agora Carol pelo telefone.

– Está bem... – respondeu Sawyer.

A mente dela voltou-se logo para a fusão, para as horas extraordinárias, para aquilo que Nick tinha dito. De repente, a única coisa que ela queria era que a mãe lhe assegurasse que aquela fatura do restaurante chinês não significava nada.

Carol pareceu perceber a hesitação da filha.

– O Charles está bem? – repetiu Carol. – E está tudo bem?

Sawyer mordeu o lábio.

– Está, claro – disse, forçando um sorriso na voz. – Só estamos, sabes, *muito* ocupados. Ele provavelmente só vai chegar hoje a casa às quinhentas.

– E... *tu* estás bem? – acrescentou a mãe suavemente.

Sawyer sentiu uma pontada de vergonha. Abanou a cabeça e tentou animar-se.

– Estou – insistiu.

Houve uma pausa. Sawyer sabia que a mãe estava a pensar se devia ou não deixar passar.

– Devem gostar mesmo muito dele na Wexler Gibbons para o terem escolhido para fazer parte de um caso tão importante – disse Carol, por fim, tentando ser positiva. – Imagino que seja muito competitivo entre os advogados juniores.

– E é – concordou Sawyer. – Estou orgulhosa dele.

– Bem – continuou Carol, regressando ao modo mãe-professora pedante. – Suponho que isto faça tudo parte de casar com um advogado, sobretudo um que está agora a começar e é tão ambicioso como o Charles.

Sawyer achou que conseguia descortinar na voz da mãe um pequeno indício de «Eu avisei-te». Ficou irritada.

– Sim – concordou, acabando de vez com a discussão. – É mesmo.

Depois de terem desligado, Sawyer fez uma lista mental de todas as coisas que não tinha contado à mãe.

-

A sua solidão.

-

O seu poema.

-

O manuscrito que tinha encontrado na pilha de originais.

-

O facto de ter começado a questionar se as longas horas que Charles trabalhava estavam relacionadas com algo mais do que ser advogado júnior numa firma importante de Nova Iorque.

Não tinha com quem falar acerca desta última parte.

Só que... isso não era verdade. *Havia* uma pessoa e Sawyer tinha concordado encontrar-se com ela na sexta-feira, o dia seguinte, às duas da tarde.

Ficou ali sentada, ainda a recuperar do rescaldo de falar com a mãe que adorava, a tentar perceber como é que se devia sentir acerca do seu encontro iminente com Nick. Achava que devia sentir algum alívio por poder discutir com alguém as suas suspeitas acerca de Charles.

Mas, acima de tudo, sentia-se nervosa.

7.

SEXTA-FEIRA, 18 DE JUNHO

Para além de chegar cada vez mais tarde, Charles também tinha começado a sair de casa mais cedo.

Recentemente, desenvolvera o hábito de acordar mais cedo e ir ao ginásio antes de se dirigir para o escritório. Era uma forma de compensar o facto de passar o dia todo sentado no trabalho, dissera ele. E permitia-lhe tomar banho e fazer a barba e chegar fresco ao escritório.

Ao princípio, aquilo era ligeiramente engraçado para Sawyer, já que Charles costumava gozar com os tipos que emborcavam batidos de proteínas e iam ao ginásio religiosamente. Agora, numa reviravolta surreal, Sawyer acordava regularmente ao som da liquidificadora a trabalhar na cozinha, quando ainda estava escuro na rua e o sol ainda não tinha despontado. Parecia que Charles não faltava um único dia e tinha começado a acumular uma quantidade enorme de roupa desportiva, ténis... um saco de ginásio ridiculamente caro.

Por isso, nessa manhã, Sawyer acordou duas vezes. Uma quando Charles saiu para o ginásio e, depois, a segunda vez quando o sol de verão começou a encher as janelas com uma luz suave que anunciava uma hora muito mais razoável. Levantou-se e vestiu-se, estranhamente consciente de que ia encontrar-se com Nick mais tarde.

Analizou a roupa. Tinha de usar alguma coisa suficientemente elegante para o Yale Club, que sabia que tinha um *dress code*. Qual *seria* exatamente o nível correto de formalidade adequado para um encontro num clube privado para discutir a possibilidade de os respetivos parceiros poderem estar a ter um caso?

Optou por um vestido de verão – um que não era muito quente, mas suficientemente composto para a defender tanto dos rigores do decoro *como* do ar condicionado com o casaquinho de malha certo e umas sabrinhas. Assim que tomou banho, se vestiu, penteou e pintou os lábios, pôs-se a caminho, sem saber muito bem o que o dia lhe reservava.

No trabalho reinava um estado de espírito muito característico das sextas-feiras.

Johanna veio trabalhar, mas saiu às 10h30. Tinha uma casa nos Hamptons (em «Bridge», como ela dizia) e era uma jardineira entusiasta. Enrolou o seu *Hermès* à volta do pescoço (todos os dias um diferente, parecia), anunciou algo sobre estar na altura de desenterrar os bolbos de primavera que tinham acabado de florir e, depois, deslizou por Sawyer e Kaylee em direção ao elevador, onde desapareceu.

Sawyer tentou imaginar Johanna a fazer jardinagem, a suar ajoelhada num canteiro, a afastar os mosquitos, com terra debaixo das unhas. Era quase impossível. Sawyer adicionou uma vestimenta: calças de equitação *Ralph Lauren*, óculos de sol *Chanel* e umas luvas de jardinagem com o logo da *Gucci*, com que Sawyer e Autumn tinham uma vez gozado quando se tinham atrevido a entrar na loja da *Gucci* de Madison Avenue. Isto tornou a imagem mais credível, mas ainda assim era uma ideia rebuscada.

Livre do olhar vigilante de Johanna, Kaylee deu o dia por terminado pouco depois.

– Não me parece que o telefone vá tocar – disse Kaylee enquanto arrumava apressadamente as coisas, numa tentativa sensata de tentar chegar ao Plaza a tempo da partida do próximo Jitney, antes de se instalar a confusão do meio-dia.

Sawyer percebeu. Tradução: «Importas-te de atender o telefone?»

– Ainda vou ficar aqui mais um bocado – assegurou-lhe. – Não te preocupes.

– Obrigada! És espetacular!

Num instante, o edifício esvaziou-se e Sawyer ficou sozinha à secretária. Tinha planeado ficar até ser hora de caminhar até ao Yale Club, para se encontrar com Nick, mas esquecera-se de como o escritório parecia abandonado e sinistro numa sexta-feira de verão à tarde. Felizmente, tinha pela frente uma tarefa de que gostava muito. Johanna pedira-lhe para fazer uma primeira revisão do «diamante na pilha», ou seja, do manuscrito submetido voluntariamente que tinham acabado de adquirir.

Ficou ali sentada, a ler e a tomar notas no manuscrito enquanto ouvia os rangidos do poço do elevador, e o baque do ar condicionado a ligar e a desligar. O estômago dela roncou. Estupidamente, também se tinha esquecido de trazer almoço. Geralmente deixava o escritório a horas de comer em casa nas sextas-feiras de verão. Foi até à *kitchenette* do piso e vasculhou o frigorífico, encontrando um iogurte que ia expirar no dia seguinte. Não fazia nada o género de Sawyer roubar comida, mas tinha esperança de que entre o fim da data de validade e o facto de o dono legítimo do iogurte estar provavelmente em algum sítio a comer lagosta, ela podia estar a fazer-lhe a

ele (e ao iogurte) um favor.

Voltou para a secretária e instalou-se, comendo pequenas colheradas enquanto lia. Mas por mais interessante que o manuscrito fosse, o olhar fugia-lhe sempre para o relógio e os pensamentos para o encontro que se avizinhava. Ficou surpreendida por Nick ter escolhido o Yale Club. Nova Iorque tinha imensos clubes privados, mas Sawyer nunca tinha gostado muito deles. Pareciam-lhe um bocadinho elitistas.

Por alguma razão, tinha assumido que Nick era como ela: o tipo de pessoa que não gosta de clubes privados. Tinha-lhe parecido um bocado à margem, o tipo de pessoa que era rebelde por natureza. Mas teve de se lembrar que, na realidade, não conhecia Nick, que ele também era muito arrogante, vestia fatos caros, era um executivo da publicidade e tinha sido muito indelicado com ela no jantar da Wexler Gibbons.

Enquanto Sawyer raspava os últimos vestígios de iogurte da embalagem e lambia bem a colher, parou de repente. Vieram-lhe à lembrança as palavras de Nick: «Não há nada mais triste que uma miúda sentada ao computador durante a hora de almoço a comer um iogurte.» Não conseguiu evitar soltar uma gargalhada. Olhou à volta, para ver se alguém a tinha ouvido... depois lembrou-se que estava sozinha e riu alto outra vez.

• • •

Quando finalmente se aproximaram as duas da tarde, Sawyer saiu do escritório a pé.

Na Grand Central entrou na área de restauração, atravessou o terminal e saiu pelo outro lado, em parte para se refrescar um bocado e também por adorar as partes históricas de Nova Iorque. O Átrio Central, com o seu relógio dourado, as escadas de mármore e o teto abobadado, pintado com um céu cheio de constelações, deixava-a sempre sem fôlego.

Assim que voltou à rua, estava a um pulinho do Yale Club. Vislumbrou a bandeira enorme com o «Y» branco e azul a esvoaçar com a brisa que atravessava a cidade. Encaminhou-se para o toldo azul-escuro e empurrou a porta giratória de latão. Lá dentro, viu-se diante de uma majestosa e elegante placa, colocada sobre um poste de latão, que dizia: *Os convidados devem estar acompanhados por um membro.*

Viu Nick sentado num cadeirão do átrio, a ler aquilo que parecia ser um exemplar da *Rolling Stone* e foi direta a ele. Só quando já estava de pé mesmo à frente dele é que Nick olhou para cima e pestanejou quando a reconheceu.

– Ah, olá.

Fitou-a durante alguns instantes. Sawyer apercebeu-se do olhar dele a assimilá-la, da cabeça aos pés. Sentiu um arrepio na pele e tornou-se subitamente muito consciente do quão diferentes ela e a Kendra eram em

termos de aparência. Sawyer era esguia e morena, com olhos grandes e uma franja bem aparada que ela considerava vagamente artística. Quando as pessoas a elogiavam, geralmente faziam comparações com Audrey Hepburn.

Nick acabou por pigarrear e depois fechou a revista e levantou-se. Sawyer não sabia bem como havia de o cumprimentar. Depois das conversas *online*, um aperto de mão agora parecia-lhe demasiado formal.

– Vamos, uh...? – disse, abrindo os braços.

Ele estremeceu com a surpresa (ou será que se encolheu?), mas rapidamente aclarou a garganta outra vez, com displicência.

– Claro. Porque não?

Deram um abraço. Tenso, constrangedor.

Ele era alto, percebeu Sawyer. Também cheirava a roupa lavada, o que parecia impossível naquele dia incrivelmente húmido. Passou-lhe pela cabeça que ele podia ter escolhido o clube de propósito para chegar antes e mudar de camisa antes de se encontrar com ela. Mas para quê dar-se a esse trabalho? Não era um encontro romântico.

Depois do cumprimento constrangedor, Nick conduziu-a para um elevador.

– O terraço tem uma brisa agradável – sugeriu. – Pode ser?

– Claro – respondeu Sawyer. – Qualquer coisa serve.

• • •

Enquanto outros clubes privados estavam muitas vezes cheios de painéis de madeira escura e lareiras de pedra, o Yale Club era bastante luminoso e com um aspeto novo. Dominavam os tons de branco, azul-claro e creme, com uma decoração ao estilo neoclássico que lembrava a Casa Branca. Sawyer desconfiava que Nick a tinha feito sair do elevador um piso antes para que atravessassem alguns dos *lounges* e das salas públicas mais impressionantes.

Por fim, chegaram ao terraço que, de facto, proporcionava a prometida brisa agradável. Era quase como se as moléculas do ar fossem de repente mais livres aqui em cima. Sawyer sentiu algumas madeixas de cabelo a levantarem-se dos ombros, esvoaçando-lhe à volta da cabeça.

Quando se sentaram, um empregado veio anotar o pedido das bebidas e depois apressou-se a desaparecer.

– Uau – disse Sawyer a admirar a vista.

Estavam rodeados por um mar de edifícios que vibravam com o eco dos sons abafados das ruas lá em baixo.

– É engraçado como, de perto, o betão e o vidro podem ser tão deprimentes – continuou ela. – Mas quando os vemos assim, como uma *paisagem*, de repente parecem bonitos... com todas estas tonalidades de cimento transformadas numa cordilheira e todo o azul e preto do vidro

transformado num corpo brilhante de água.

Nick olhou para ela. Analisou-lhe o rosto e depois focou-se na vista.

– Aí está o instinto para fazer poesia, suponho – comentou.

– Oh, não... eu não estava... quer dizer – gaguejou Sawyer, corando. – Tu é que me trouxeste aqui. Não gostas da vista?

Ele encolheu os ombros.

– Sou um tipo simples. Gosto é de estar cá fora num dia de sol, onde quer que seja que não esteja um calorão.

– Ah.

Ele voltou a fitá-la, com aquele olhar direto.

– As tuas palavras tornaram a vista mais interessante e bonita do que alguma vez me ocorreu que fosse.

Sawyer sentiu outra vez o rubor a instalar-se nas faces.

– Estiveste muito tempo à espera? – perguntou educadamente, incomodada sob o olhar direto dele.

– Não.

– Vi que estavas a ler a *Rolling Stone*. A tua agência fez um dos anúncios da edição?

Nick ergueu uma sobrancelha.

– Eu *sei* ler – brincou. – Embora saiba que as revistas sobre cultura *pop* não são bem consideradas material literário.

– Não era isso que eu queria dizer. Só pensei... – começou Sawyer, mas parou. Pensou: «Isto já está a começar mal.»

O empregado regressou com as bebidas, uma cerveja para Nick e um copo de vinho branco para Sawyer, ambos os copos envoltos em condensação. Pousou-os e desapareceu.

Sawyer inspirou fundo e voltou a tentar.

– Desculpa – disse. – Acho que estou nervosa. É um bocado estranho encontrar-me contigo assim.

Nick olhou para ela. Agarrou na cerveja, bebeu um longo gole e voltou a pousá-la.

– Da maneira como falas, até parece que *nós* é que estamos a ter um caso – observou.

Sawyer empalideceu. Ainda não se tinha mentalizado disso... ou talvez o coração não o aceitasse.

– Achas mesmo que eles estão a ter um caso? – perguntou ela. – Tens a certeza absoluta?

Nick inclinou a cabeça.

– O que é que tu achas?

– Não sei – confessou ela. – Suponho que tenha havido algumas coisas que me fizeram... bem, *questionar*.

Ele não falou. Ela sentiu pressão para continuar a falar.

– Acho que não queria tirar conclusões precipitadas. Para dizer a verdade, és a primeira pessoa com quem falo acerca disto. Nem sequer contei

à minha melhor amiga, a Autumn. Quer dizer, parte da razão pode ser por ela estar no Japão a ensinar Inglês, mas também... simplesmente não lhe contei...

Sawyer sabia que estava a divagar e parou. Ele continuou calado.

Timidamente, ela perguntou:

– O que é... o que é que *te* faz pensar que se pode estar a passar alguma coisa?

Nick bebeu outro gole longo e depois limpou os cantos da boca.

– A noite do jantar da Wexler Gibbons. Foi tão óbvio – respondeu ele, com indiferença. – E, uns dias depois, quando percebi que ele era o mesmo, estou a citar, «parceiro de exercício» do ginásio, de que ela estava sempre a falar... fiquei do género: *isto* é muito suspeito.

O sangue de Sawyer gelou-lhe nas veias.

– Eles... eles fazem exercício juntos? – perguntou, ainda a pestanejar com a surpresa.

Nick assentiu com a cabeça.

– Tenho quase a certeza que é todos os dias.

Sawyer lembrou-se de todas as manhãs que tinha acordado com o som da liquidificadora e do ruído de Charles a preparar o saco do ginásio e sentiu um nó no estômago.

– Ainda assim – insistiu ela, a tentar manter a calma. – Não me parece que estejam a ter sexo às 5 da manhã no ginásio.

– Não – concordou Nick secamente. – Provavelmente estão a ter sexo a meio da tarde, durante um, e estou a citar, «fim de semana de trabalho».

Sawyer recuou, como se Nick tivesse dito alguma coisa obscena e ofensiva... e *tinha* mesmo.

Ele reparou na expressão dela e encolheu os ombros.

– Ei, tu perguntaste o que é que eu achava. É o que o meu instinto me diz – disse ele, pragmático.

Ficaram ali os dois sentados em silêncio durante um bocado.

– Bem, então e tu? – disse ele. – Disseste que reparaste em algumas coisas que te deixaram a pensar. O que foi?

Sawyer pensou nas suas interações recentes com Charles.

– Comida chinesa... – murmurou.

– Como?

– Comida chinesa – repetiu ela e continuou a contar a Nick a história da fatura que tinha encontrado, de como tinham bebido quatro cervejas e de como indicava as 21h28... apesar de Charles lhe ter dito que tinha sido ao almoço. Enquanto falava, reparou que Nick recuava fisicamente, tal como ela tinha feito há instantes.

– Desculpa, Nick – disse ela. – Pode... pode não ser nada.

Ele ficou tenso. O rosto perdeu a expressão.

– Não – disse, num tom subitamente insensível. – Não tenhas pena de *mim*. – Parou e depois acrescentou: – Sente pena de ti.

O tom dele era indelicado, mesmo desdenhoso. Semelhante ao que tinha

usado no final do jantar da Wexler Gibbons.

– O que é que queres dizer? – insistiu Sawyer.

Nick encolheu os ombros.

– Se a Kendra tiver alguma coisa com o Charles, então, é muito simples para mim.

– É simples?

– Claro. Se assim for, então, está na altura de acabar e seguir em frente.

Sawyer abanou a cabeça, incrédula.

– Desculpa a pergunta estúpida: Tu *gostas* mesmo da Kendra?

A pergunta não o afetou. Ele encolheu os ombros.

– Tu viste a Kendra – respondeu, num tom pragmático.

– Então... ela é atraente, mas *substituível*?

– Ou talvez eu é que seja. Ela gosta de ter atenção, precisa de muita dos homens, mas não está interessada em ir muito fundo.

– Então... porque é que estás com ela?

Perante isto, ele riu-se. Soou um bocadinho a troça.

– Já viste a Kendra – repetiu ele.

Sawyer franziu o sobrolho.

– Olha, eu não estaria com ela se não *gostasse* dela. Tal como a maioria dos homens, acho que a Kendra é bastante espetacular. Além disso, é descomplicada. Sempre que eu pensei saltar fora, ela... tu sabes, fez com que valesse a pena eu ficar.

Sawyer revirou os olhos.

– Acho que não quero saber nada disso – disse ela.

– As raparigas nunca querem.

– O que é que vais fazer, então? Porque é que te quiseste encontrar comigo?

– Por duas razões.

Ela aguardou.

– Primeiro, funciono num sistema de risco e recompensa – respondeu ele. – E, neste momento, estou a recolher informação.

Foi a vez de Sawyer troçar.

– Estás a recolher informação sobre... os riscos envolvidos em gostar da Kendra?

Nick confirmou com um ligeiro aceno de cabeça.

– Sobre os riscos envolvidos em manter a posição de namorado dela – corrigiu ele.

– Não achas que isso soa um bocadinho... – ela debateu-se à procura da palavra certa – não sei... hum, cínico? Desprendido?

Outro encolher de ombros. A propensão de Nick para encolher os ombros perante todas as perguntas dela estava a começar a aborrecê-la.

– Então e o amor? – perguntou Sawyer.

– O amor é um sentimento.

– Pois... – respondeu Sawyer. – E?

– E os sentimentos não são a minha praia – disse Nick, bebendo mais um gole de cerveja. O copo já estava quase vazio.

– Não tens sentimentos? – perguntou ela, incapaz de evitar o tom sarcástico que se lhe instalava na voz.

– Claro que tenho sentimentos – respondeu Nick. – Mas os sentimentos são irracionais, portanto, não os incluo nas minhas contas.

– As tuas contas?

– As contas que faço quando tomo decisões.

– É impressionante que consigas manter os teus sentimentos fora disso – disse Sawyer, com outro revirar de olhos.

– Bem, mantenho as coisas separadas, o racional *versus* o irracional. O tangível *versus* o intangível. Relembro a mim próprio: os sentimentos não são reais.

– Não são reais?

– Não. São uma realidade distorcida. Vão e vêm. Logo, não são reais.

– Uau, então, suponho que tenhas tudo sob controlo – disse Sawyer.

– Agora estás a ser condescendente – respondeu Nick. – Mas faço aquilo que funciona para mim.

Sawyer cedeu. Ficou calada durante uns instantes. Levou o copo de vinho aos lábios e bebeu um longo gole. Tinha-se lembrado de uma coisa.

– Disseste que havia *duas* razões para te queres encontrar comigo e falar do Charles e da Kendra – apontou ela. – Qual é a outra?

– Ah, isso – respondeu Nick. – A outra razão é... não sei. Tu pareces ser boa pessoa.

– Eu pareço ser boa pessoa?

– Sim, boa pessoa. Pertences à categoria de «pessoas verdadeiramente genuínas».

Sawyer não respondeu, sem saber o que depreender disto.

– Há qualquer coisa em ti. És uma verdadeira raridade.

Apesar da irritação, Sawyer sentiu uma pontada de lisonja, que Nick liquidou com as palavras seguintes.

– O teu problema é não te ficares pela matemática pura.

– O meu problema? – disse Sawyer, estupefacta.

– Sim. És uma *daquelas* miúdas. Aposto que complicas tudo – continuou Nick. – Achas que os sentimentos são importantes. Portanto, para ti $1+1=3$. Ou talvez $1+1=27$ milhões. Não sei, o que quer que decidas que esses sentimentos valem. O que, para tua informação, muda todos os dias.

Sawyer pestanejou para Nick, mordendo a língua e sentindo-se profundamente insultada.

– É por isso que eu digo para não sentires pena de mim e sentires pena de ti – concluiu Nick. – Tal como eu disse, o teu tipo de matemática torna o mundo complicado para ti.

Sawyer estava outra vez de queixo caído, mas não o tentou esconder.

– Quem é que está a ser condescendente *agora*? – retorquiu ela. – Não

sabes absolutamente nada sobre mim.

Um sorriso malicioso passou pelos lábios de Nick, o que a deixou furiosa. Ele parecia presunçoso.

– Tenho a certeza de que sei algumas coisas – disse ele.

Sawyer estava irritada pela forma como ele tornava as coisas condescendentes e sedutoras ao mesmo tempo.

– Duvido muito – disse ela com uma risada desdenhosa. – De qualquer forma, quem és tu para julgar? Daquilo que estou a ver, parece-me que a única coisa que sabes fazer é manter a distância de alguém que podias amar, só com medo de te magoares.

Nick revirou os olhos.

– Por favor. O julgamento que fazes parte do pressuposto que eu quero as mesmas coisas que tu.

– Ai sim? – disse Sawyer. – O que é que queres?

Ele aguentou o olhar dela durante algum tempo, depois inclinou a cabeça e apontou para o anel de noivado no dedo de Sawyer.

– Quando é o casamento? – perguntou.

Sawyer detetou um tom provocador na voz dele. Franziu o sobrolho.

– Em outubro – respondeu.

– Parabéns.

Ela devolveu-lhe apenas um olhar gelado.

Ele sorriu e depois continuou.

– E reservaram, deixa-me adivinhar... – Parou e fingiu inspecioná-la. – O Boathouse? O Pierre?

Ainda de sobrolho franzido, Sawyer cruzou os braços.

– O Plaza.

Nick fitou-a com um olhar satisfeito e presunçoso e não respondeu.

Sawyer encarou-o, a indignação ardendo-lhe sob a pele.

– Olha – disse, tentando acalmar-se e mudar de tática. – Não sou uma dessas raparigas. Não me importava nada se casássemos num celeiro.

– Mas não vais casar num celeiro – desafiou Nick.

– Ok, tudo bem – cedeu Sawyer. – Mas para mim o que importa não é a festa de casamento é... bem, o casamento em si. O compromisso. O *amor*.

Nick inclinou-se para ela e ressaltou, como se tivesse acabado de ganhar a discussão:

– E *é por isso* que eu digo para não teres pena de mim e teres pena de ti – disse ele a exibir um sorriso exasperante.

Sawyer ficou a olhar, profundamente afetada, furiosa.

– Se a Kendra e o Charles estão a ter um caso – continuou Nick –, eu já sei o que vou fazer. – Fez mais um dos seus exasperantes encolher de ombros. – Já estive solteiro antes. *Tem* algumas vantagens.

Ela optou por não comentar. Ele continuou.

– *Tu* é que vais ter de decidir se cancelas o casamento, toda uma relação, como tu dizes. – Parou, como se estivesse a pensar em mais alguma coisa, e

acrescentou: – Ou não.

Ela demorou algum tempo a recompor-se. Por fim, pigarreou, pronta para o pôr no lugar de uma vez por todas. Mas assim que abriu a boca para lhe responder, ouviu-se um toque no vidro que separava o restaurante do clube do terraço exterior.

Nick virou-se para olhar e o sorriso desapareceu-lhe do rosto. Dois jovens mais ou menos da sua idade sorriam-lhe do outro lado do vidro. Ele acenou-lhes com a cabeça e depois olhou para Sawyer, subitamente agitado.

– Uns tipos com quem trabalho – explicou-lhe em voz baixa.

Eles acenaram a Nick, do interior do restaurante, e depois apressaram-se para a porta para irem ao seu encontro.

– Olá, Nick! – gritaram os homens quando se aproximaram.

Nick levantou-se e virou-se para os cumprimentar, dando vários passos pelo terraço para os interetar.

– Olá! O que é que estão aqui a fazer? Pensava que o pessoal da equipa do Kirkham tinha ido todo de passeio para Montauk – exclamou Nick.

– Pois, mas eu e o Jeff estamos a queimar tempo enquanto esperamos que as nossas miúdas saiam do trabalho – disse o mais alto dos dois. – Ele achou que devíamos esperar e depois ir todos juntos.

O que obviamente se chamava Jeff encolheu os ombros.

– Qual era o interesse de irmos para uma casa de praia se não levássemos as miúdas de biquíni? – disse ele retoricamente.

– Faz sentido – respondeu Nick.

– Tomas uma bebida connosco? – convidou o mais alto.

– Claro – disse Nick de forma afável. – Já me ia despedir da minha amiga. Comecem sem mim que eu já lá vou ter.

Os dois tipos pestanejaram em direção a Sawyer, como se a estivessem a ver pela primeira vez.

– Vemo-nos lá dentro? – insistiu Nick com eles.

– Sim, combinado – concordou o mais alto.

Viraram as costas e voltaram a entrar pela porta aberta.

• • •

Nick acompanhou Sawyer no elevador até ao átrio. Ela sentiu-se estranhamente despachada, como se ele sentisse vergonha de ser visto na sua companhia, ou estivesse desejoso de se ver livre dela.

– Desculpa isto ter sido tão curto – disse ele como se lhe lesse os pensamentos.

– Ah. Tenho pena que não tivesse sido ainda *mais curto* – retorquiu Sawyer.

Nick ergueu as sobrancelhas.

– Ofendi-te outra vez – exclamou. Após uma pausa, acrescentou: – Eu disse-te. Não sou bom a lidar com pessoas. Não consigo evitar, sou assim. Eu tento, a sério que tento. Mas mesmo quando me estou a portar bem sou direto, franco.

– Talvez sejas é teimoso e armado em superior – contrapôs Sawyer.

Ele sorriu.

– Adorava ficar a discutir. Adorava mesmo. Eu *gosto* de falar contigo. Mas vamos ter de combinar noutra altura.

– Como queiras.

Sawyer revirou os olhos e virou-se para sair. Por cima do ombro, soltou um «adeus» gélido. Não houve segundo abraço.

• • •

Ela decidiu não apanhar o metro. Era uma longa caminhada até ao Upper West Side, mas estava agitada e, de repente, sentiu que tinha energia para queimar.

A ideia de que Nick tinha pena dela era um espinho irritante, enterrado cada vez mais profundamente na sua pele. Estava chateada consigo própria por ter sido tão aberta por *e-mail*, e durante as conversas *online*. *Tinha-lhe contado sobre a descoberta do manuscrito e acerca do poema, a idiota!* Para Sawyer isto era mais uma prova de que a solidão a estava a deixar estranha, que a distância crescente entre ela e Charles a estava a obrigar a fazer coisas esquisitas.

Caminhou pela Quinta Avenida. Os sinos tocavam ironicamente pelo casamento de alguém quando passou pela Catedral de St. Patrick. Olhou pelos degraus de pedra acima, para onde as enormes portas se encontravam ligeiramente abertas, mas não conseguiu ver nada devido ao contraste entre a obscuridade do interior da catedral e o luminoso dia de verão. Tinha decidido seguir para norte pela Quinta Avenida e depois fazer o resto do caminho através de Central Park. Afinal, só passava um bocadinho das três horas e não era a pior forma de passar uma tarde de verão. Contava que o parque a acalmasse e lhe permitisse refletir.

No início, toda a sua raiva era dirigida a Nick. «Quem é que aquele tipo pensa que é?»

Mas depois... enquanto caminhava, a irritação para com Nick diminuiu e começaram a surgir outros sentimentos maiores.

«Tenho quase a certeza que é todos os dias», dissera Nick, acerca de Charles e Kendra fazerem exercício juntos no ginásio. Sawyer pensou nisto cuidadosamente. A ser verdade, isso significava que, todas as manhãs, quando Charles se levantava e corria porta fora para ir para o ginásio, também estava com pressa para se encontrar lá com Kendra.

Ele nunca tinha mencionado este facto a Sawyer, nem sequer de passagem.

A ser verdade.

8.

Nos dias seguintes, Sawyer continuou a acordar com os sons de Charles a levantar-se cedo para ir ao ginásio.

– Treinas com alguém? – perguntou ela casualmente uma noite, enquanto lavavam os dentes antes de se irem deitar e depois de ele ter chegado a casa após um longo dia no escritório.

Charles encolheu os ombros.

– Ninguém em especial – respondeu, com a boca envolta em espuma branca da pasta dentífrica. Cuspiu, passou a boca por água e limpou-a. – Porquê?

– Não sei – disse Sawyer. – A razão por que escolheste aquele ginásio é por estar muito perto do escritório. Pensei que provavelmente te cruzavas lá com colegas.

– Claro. Vejo lá colegas às vezes – respondeu Charles. – E na fila do Starbucks a seguir. É inevitável. Basicamente, por esta altura todos passamos cada minuto do nosso tempo dentro do quarteirão do escritório.

Sawyer reparou: ele parecia indiferente e cansado. Não estava na defensiva. Ela lembrou-se de que, lá porque Charles ia ao ginásio e Kendra ia ao ginásio, isso não queria dizer que eles iam *juntos*. Nick podia estar enganado, a tirar ilações sem ter provas concretas.

Sentiu-se tranquilizada por este pensamento quando se enfiou na cama. Charles deitou-se ao seu lado. Pôs um braço em volta dela, o que lhe provocou uma sensação de aconchego.

Mas, na manhã seguinte, enquanto Sawyer ouvia os queixumes da liquidificadora, deu por si a franzir o sobrolho e a morder o lábio, outra vez perdida em pensamentos. Suspirou e, durante o resto da semana, mergulhou de novo no trabalho e na sua escrita.



A sexta-feira chegou, outra sexta com horário de *verão*. Outra tarde

livre. Sawyer ficou a pensar como é que a podia preencher.

Pelo menos a manhã passada no trabalho prometia ser interessante. Johanna enviara um *e-mail* a informar que um dos seus autores ia aparecer para uma breve reunião e apresentação. Quando Sawyer leu o nome de quem é que vinha, saltou de entusiasmo. Tratava-se de Preeti Chaudhari, a autora do manuscrito que ela tinha retirado da pilha de originais. Sawyer tinha passado a última semana a reler o manuscrito e a fazer notas de edição que já entregara a Johanna.

Tinha sido um prazer ler o romance de novo. Ela aplicara toda a sua energia nas notas e estava entusiasmada com aquilo que se seguia para a autora. Mal podia esperar para a conhecer.

– Sawyer – disse Johanna quando saiu do gabinete. – Eu devia ter alguma coisa para oferecer à Preeti. Ela chega por volta das 10h30. Veja se consegue ir à rua e comprar uma caixa de bolos e sumo natural ali da pastelaria da esquina.

Colocou uma nota de vinte dólares na secretária de Sawyer e depois limpou os dedos, como se tocar em dinheiro com as mãos fosse desprezível.

– Com certeza.

Sawyer olhou de relance para o relógio. As 10h30 eram dali a doze minutos. Saiu apressada e praticamente correu até à pastelaria.

Quando regressou, viu Johanna a conversar e a rir com uma mulher alta e magra, com maçãs do rosto imponentes e cabelo preto apanhado num coque elegante. Sawyer reconheceu que Johanna estava a fazer o habitual circuito pelo escritório, a apresentar Preeti a várias pessoas envolvidas na publicação do romance dela, quer fossem gráficos, vendedores ou pessoas do *marketing*. Neste momento encontravam-se no departamento gráfico e tinham parado no cubículo de Ellie, a *designer* que criara as capas dos últimos cinco livros de Johanna.

Entusiasmada por finalmente conhecer a autora do manuscrito que tanto admirara, Sawyer pousou os bolos e o sumo na secretária e foi ter com elas, com um sorriso na cara.

– Olá, Sra. Chaudhari? – disse, depois de esperar que Johanna acabasse o que estava a dizer a respeito das suas primeiras ideias sobre o tom da capa.

A mulher virou-se, surpreendida, mas com um sorriso agradável.

– Por favor, trate-me por Preeti – disse ela.

– Olá, sou a Sawyer. Estou muito feliz por finalmente a conhecer.

Sawyer estendeu-lhe a mão. Preeti apertou-lha com um movimento elegante e descontraído que correspondia ao seu estilo de prosa composto e sereno. Esboçou um sorriso... mas Sawyer depressa percebeu que este não denotava nenhum tipo de reconhecimento. O nome «Sawyer» não significava nada para esta mulher. Ela nunca tinha ouvido falar nela.

– Trouxe o sumo e os bolos? – perguntou Johanna.

– Oh, sim, estão na minha secretária.

– Ótimo. Pode trazê-los para a sala de reuniões pequena? E fazer um

bule de chá? Eu e a Preeti vamos sentar-nos ali para conversar. – Virou-se para Preeti. – Disse que preferia chá a café, não foi?

Preeti confirmou com um aceno de cabeça e Johanna continuou com a visita, claramente empenhada em apresentar Preeti ao maior número possível de pessoal importante da chancela antes de eles começarem a sair do escritório para o horário de verão.

– É tão agradável termos conseguido coordenar esta visita de última hora – ainda ouviu Johanna dizer quando se afastaram.

– Também estou contente – respondeu Preeti. – Vim visitar a minha família, eles ainda vivem em Queens, na casa onde eu cresci, muito parecida com a do meu livro, na realidade...

As vozes delas tornaram-se apenas um som distante enquanto se afastavam de Sawyer e mergulhavam no mar de cubículos. Sawyer ficou a vê-las afastar-se, um bocadinho atordoada. Uma coisa estava muito clara: Johanna não se tinha dado ao trabalho de mencionar que Sawyer tinha sido a pessoa a tirar o livro de Preeti do meio da correspondência.

Sawyer pousou o sumo e os bolos na sala de reuniões pequena e depois preparou um bule de chá e colocou também um serviço de chá na sala.

Era maluca por ter desejado que Johanna tivesse mencionado o nome dela? Se calhar aquilo que Sawyer tinha feito não era incrivelmente fundamental no cômputo geral: tinha recomendado à chefe algo de que gostava. *Johanna* é que tinha oferecido a Preeti um contrato e tinha posto as coisas a andar. Johanna é que tinha poder para isso. Sawyer só estava ali a abrir portas. Johanna é que tinha mudado a vida de Preeti.

Ainda assim, Sawyer sentiu uma pontada de insatisfação pela sua invisibilidade. Tinha metido na cabeça que fazia parte de uma equipa. De que quando estivesse na altura de passar de assistente editorial para editora adjunta, um dos momentos mais importantes que a recomendariam para a promoção seria ela poder dizer: «Trabalhei com a autora da Johanna Bailey, Preeti Chaudhari.»

Era estranho. Ao ter-se apaixonado pelo manuscrito de Preeti, Sawyer sentia que a *conhecia*. Entretanto, era improvável que Preeti alguma vez fosse capaz de identificar Sawyer se a voltasse a ver.

• • •

Johanna e Preeti saíram da sala de reuniões mesmo antes do meio-dia. Johanna acompanhou Preeti ao elevador, despediu-se dela e depois voltou para onde Sawyer e Kaylee estavam.

– Vejam as horas! – exclamou num tom agradável. – Podem sair já as duas, se quiserem. Vão desfrutar da vossa tarde de sexta-feira.

Cantanolou e regressou ao gabinete.

Irritada, Sawyer decidiu agarrar nas suas coisas e sair antes que Johanna mudasse de ideias e se lembrasse de as mandar limpar a sala de reuniões.

– Vou-me embora. Bom fim de semana, Kaylee – disse à colega, que lhe lançou um olhar compreensivo. Não tinham falado sobre o assunto, mas Kaylee parecia saber que Sawyer acalentara esperanças de que Johanna a incluísse mais no acordo do livro de Preeti.

• • •

Sawyer ainda estava a remoer naquilo que se tinha passado no trabalho quando se enfiou no metro para ir para casa.

Quando chegou ao apartamento, começou a realizar as tarefas do costume, devido à força do hábito. Abriu as janelas, despiu-se, serviu-se de um copo de água gelada do jarro que mantinha no frigorífico, e ligou automaticamente o computador que estava na pequena secretária na cozinha.

Não estava à espera de ter *e-mails*, por isso, ficou surpreendida quando ouviu a suave voz masculina dizer «Tem mensagens novas!», e viu que não tinha apenas uma, mas duas mensagens à espera na caixa de entrada.

Ainda mais surpreendente era o remetente: Nikolai70@aol.com.

Que mais poderiam ter os dois a dizer um ao outro?

O olhar de Sawyer dirigiu-se para o assunto das mensagens e deparou-se com uma segunda surpresa. Estavam rotuladas «lê-me primeiro» e «lê-me a seguir».

Fitou-as cautelosamente durante uns segundos e depois cedeu à curiosidade e clicou na «lê-me primeiro».

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: Nikolai70@aol.com

Olá, Sawyer.

Hoje é sexta-feira. Suponho (e por «supor» quero dizer que estou a fazer uma conjectura altamente inteligente, tendo recolhido uma quantidade razoável de dados) que saíste do escritório, foste para casa e estás agora a olhar para o teu *e-mail*, sem quaisquer planos a não ser ficar em casa e provavelmente ler livros durante o resto da tarde.

Sugiro que nos encontremos para uma libação no The Watering Hole, que não é apenas um eufemismo, mas o nome de um estabelecimento real, perfeito para pessoas presas na cidade numa sexta-feira de verão, uma vez que é escuro e fresco e livre de julgamentos sobre a razão pela qual alguém está preso na cidade e a beber numa tarde de sexta-feira.

Vem ter comigo. Na esquina da Hester com a Essex, no Lower East Side.

Sawyer ficou a pestanejar para o *e-mail*, com a cara contorcida numa expressão de ceticismo, os lábios repuxados para um lado, o sobrolho franzido e uma sobrancelha erguida.

Não tinha qualquer intenção de se deslocar ao Lower East Side para beber outro copo com Nick.

Ainda desconfiada, clicou no segundo *e-mail* intitulado «lê-me a seguir».

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: Nikolai70@aol.com

Olá, Sawyer, sou eu outra vez.

Sendo eu de uma inteligência suprema, deduzo que, depois de teres lido o meu *e-mail* anterior, estejas agora a fazer aquela cara que fazes quando estás cética e reticente em aceitar alguma coisa que alguém esteja a dizer (aquela em que torces os lábios e arqueias uma sobrancelha e aparece uma pequena ruga na cana do teu nariz).

Imagino ainda que estejas a dizer para contigo mesma: «Nem pensar que eu vou até ao Lower East Side beber um copo com o Nick.»

Mas acho que devias reconsiderar.

Disseste que a tua melhor amiga estava fora. Por isso, aposto que estás livre.

Pensa nisso. Ficar no teu apartamento abafado. Ou vir tomar um copo.

Não tens muito a perder.

Eu vou estar aqui. The Watering Hole. Na esquina da Hester com a Essex. Quando acabares de revirar os olhos.

N

Sawyer estava, de facto, a revirar os olhos.

E, quando parou, percebeu que estava zangada. Zangada e irritada. Zangada e irritada e sem vontade de ficar quietinha. Estivera prestes a mandá-lo passear no Yale Club quando foram interrompidos. Se Nick queria retomar a conversa onde tinham ficado, ótimo, ele é que se ia arrepender. Ela não tencionava conter-se desta vez.

Foi ao roupeiro e agarrou em qualquer coisa para vestir. Nada que parecesse que tinha exigido esforço, mas antes alguma coisa confortável. Algo em que pudesse ser ela própria. O dia ainda estava escaldante. Pegou nuns calções pretos de ganga e num *top* de alças e depois olhou-se ao espelho. Parecia que toda a gente abominava a moda *grunge* hoje em dia, mas Sawyer ainda gostava. O cabelo escuro e a franja eram facilmente assimilados por essa estética. Agarrou numa camisa xadrez preta e branca e atou-a à cintura. Depois calçou as *Doc Martens* pretas.

Nick podia ser irritante, mas estava certo numa coisa: Sawyer só tinha mesmo duas opções. Ficar em casa, no apartamento abafado, chateada com

ele... ou dizer-lhe na cara que estava chateada com ele. E estava simplesmente demasiado calor para ficar sentada, zangada e sozinha em casa.

• • •

Tal como os seus nomes sugerem, o Upper West Side e o Lower East Side eram em lados opostos de Manhattan e o percurso de Sawyer não era direto. Exigia um bocado de esforço e um inconveniente transbordo de metro.

Quando chegou ao The Watering Hole, empurrou a porta e parou um bocado à entrada, com os olhos a tentarem ajustar-se do sol brilhante do exterior a uma quase total escuridão no interior.

Havia um homem por detrás do bar, supostamente o empregado. O seu rosto curtido aparentava mais idade, no entanto, havia nele qualquer coisa jovial e endiabrada. O cabelo era grisalho, mas mais comprido em cima e espetado, como uma versão menos extrema de uma crista. Tinha vestida uma *T-shirt* militar puída e estava debruçado sobre o balcão, apoiado nos cotovelos, a ler um romance de capa mole. Havia dois clientes sentados no bar, ambos homens grisalhos agarrando as bebidas que tinham à frente com as duas mãos, expressões vazias nos rostos. Um parecia prestes a adormecer.

Nick não estava à vista.

«Eu vou estar aqui», escrevera ele. Talvez estivesse apenas a pregar-lhe uma partida. Sawyer pensou em virar as costas e ir-se embora quando o empregado de bar a viu. Endireitou-se, atento, e enfiou o livro no bolso de trás das calças de ganga. Depois assobiou e acenou-lhe.

– Bem-vinda! Entre! O que é que quer beber?

Sawyer aproximou-se do bar, sem saber bem se queria mesmo ficar.

– Hum...

– Não sei fazer «hum» – brincou o empregado com simpatia. – Pode ser outra coisa? – Gesticulou outra vez, fazendo sinal para Sawyer se sentar.

Ela cedeu e sentou-se.

– Bem, o que é que recomenda? – perguntou, meio a brincar, meio séria.

O empregado olhou-a de cima a baixo e disse:

– Um *Sea Breeze* – diagnosticou por fim. – Uma senhora deve beber um belo *Sea Breeze* num dia quente como este.

Havia qualquer coisa amável no modo acolhedor dele, parecia muito feliz por a ver.

– Pode ser – concordou ela.

– Sai já um *Sea Breeze*!

Ele sorriu e começou a preparar a bebida. Tinha uma energia aguerrida que lhe pareceu urbana e selvagem ao mesmo tempo. Faltava-lhe um bom bocado do lóbulo da orelha esquerda, o que lhe lembrava um gato vadio.

Quando a bebida ficou pronta, ele colocou-lha à frente e esperou que

Sawyer a provasse, a observar. Ela empurrou com cuidado a cereja cristalizada para baixo, entre as pedras de gelo (acreditava piamente que as cerejas cristalizadas eram assustadoramente antinaturais) e provou a bebida. Era agradável: toranja e arando e aquilo que sabia a um bocadinho de *vodka*.

– Muito bom – disse ela. – Tem razão, é perfeito para um dia como este. Obrigada.

O empregado de bar sorriu outra vez. Fez uma pequena vénia elegante.

Depois a porta abriu-se e apareceu uma silhueta. Uma forma escura esculpida pelo brilho ofuscante da luz que entrava da rua. Quando a porta se fechou, Nick materializou-se no sítio da silhueta.

O olhar dele dirigiu-se de imediato para Sawyer e um sorriso torto aflorou-lhe os lábios.

– Nicky! – cumprimentou-o o empregado de bar.

– Olá, Vic! – respondeu Nick.

O empregado saiu de detrás do bar e os dois homens cumprimentaram-se com um abraço. Sawyer observou, intrigada.

Vic voltou para o seu posto e Nick sentou-se ao lado de Sawyer, cumprimentando-a com uma pequena cotovelada.

– Estou a ver que tomaste conta da minha convidada – disse Nick a Vic.

– Ai é *tua* convidada? – brincou Vic. – Não te vi a chegar com ela. Além disso, ela é demasiado bonita para ser *tua* convidada. Convidada da casa, diria eu.

– O que é que ele te preparou? – perguntou Nick, desta vez para Sawyer e a apontar para a bebida pousada à frente dela.

– Um *Sea Breeze* – respondeu ela.

Nick riu-se.

– Ah, o Vic acha que tens classe – declarou. – Essa é bebida dele para as senhoras com classe.

– Oh, sinto-me lisonjeada... suponho? – Sawyer queria estar chateada, chateada por Nick a ter atraído para uma espelunca e depois ter aparecido tarde, mas, apesar de tudo, saiu-lhe uma risada genuína antes de o conseguir evitar.

– E deves sentir – insistiu Nick. – O Vic serve ao bar desde que era criança e mal chegava ao balcão. Se há uma coisa de que ele percebe, é de pessoas.

– Quando cheguei e não te vi em lado nenhum, estive prestes a ir-me embora... se o Vic não tivesse sido tão simpático – disse Sawyer.

– Ainda bem que gostas dele e que ficaste.

Ele sorriu e Sawyer conseguia senti-lo a olhar para o seu *top* de alças, para os calções, a camisa de flanela atada à cintura e as botas. Também o observou: calças de ganga rasgadas, uma *T-shirt* preta puída, o cabelo deliberadamente despenteado.

– Ei, Vic, arranjas-me uma geladinha? – exclamou Nick. Virou-se para Sawyer e baixou a voz. – As cervejas de pressão estão sempre quentes –

confidenciou. – Além disso, o facto de saberem a mijo não ajuda nada.

Vic apanhou Nick a sussurrar ao ouvido de Sawyer e franziu o sobrolho.

– Que tipo de calúnias é que estás a espalhar à minha convidada acerca deste estabelecimento? – fingiu Vic indignar-se.

Sawyer reprimiu um sorriso divertido.

Atrás do bar, Vic debruçou-se e abriu a porta de uma arca de gelo. Vasculhou-a e tirou uma garrafa, depois tirou-lhe a tampa e pousou a garrafa à frente de Nick. Pedacos de gelo deslizaram dos lados da garrafa quando Nick pegou nela e bebeu um gole.

– Deixa-me mostrar-te o bar – disse ele e preparou-se para dar início a uma visita guiada para destacar, a brincar, algumas das várias características do bar, acenando com a mão para que Sawyer o seguisse.

– Aqui temos a parede com os vencedores do torneio anual de bilhar do The Watering Hole – disse ele, a apontar para uma parede cheia de fotografias emolduradas com tipos a exhibir troféus. – Repara no número de vezes em que foi o próprio Vic a ganhar o campeonato... não há nada de viciado nem de suspeito nisso... não!

Nick piscou o olho.

– Viciado seria se eu perdesse o jogo de propósito! – queixou-se Vic de detrás do bar. – Não tenho culpa se os poderes do universo me abençoaram com um talento incrível no bilhar.

Trocaram um sorriso e Nick continuou. Apontou para um velho sofá de pele encostado a uma parede.

– E aqui temos «O Pináculo do Luxo», ou seja, o sofá que um dos anteriores donos abandonou aqui há algumas décadas e que ninguém se deu ao trabalho de deitar fora. Repara como os rasgões no belo couro foram habilmente reparados com fita cola prateada. – Virou-se e gritou por cima do ombro. – Quanto anos é que achas que este sofá tem, Vic?

– Sei lá. Assim que teve idade para pedir a sua própria cerveja, deixei de lhe pedir a identificação – retorquiu Vic.

– Dizem as más-línguas que o Sid Vicious se sentou uma vez neste sofá, pouco antes da sua morte inesperada – disse Nick a Sawyer. – Não foi encontrada qualquer ligação de causa-efeito entre o sofá e a morte, claro. Mas se te quiseses sentar, devo avisar-te que é por tua conta e risco em relação à tua saúde e segurança.

Sawyer sorriu para Nick. Ele apanhou o olhar dela.

– O que foi? – perguntou.

Sawyer encolheu os ombros.

– Nada – disse.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas continuou com a visita.

– E aqui temos o DJ residente VIP – indicou, abrindo um braço em direção à *jukebox* envidraçada. – Também conhecido como «DJ Faça Você Mesmo».

Espreitou para dentro da caixa de vidro e manobrou a pega para virar

algumas páginas da lista de músicas. Depois, vasculhou o bolso à procura de moedas, enfiou algumas e fez a sua seleção.

Para surpresa de Sawyer, começou a tocar «Sweet Thing», do álbum *Astral Weeks*, de Van Morrison. Ela pestanejou.

– Esta é a minha canção favorita – disse.

Nick mirou-a, com o olhar a perscrutar-lhe o rosto daquela forma que lhe era tão característica.

– Ah – disse.

Pousou a cerveja numa das mesas e deslizaram para os bancos de madeira, em frente um ao outro.

Sawyer sentou-se e ouviu «Sweet Thing» a tocar nas colunas roufenhas do bar. Bebeu um gole do seu *Sea Breeze* e olhou para Nick. Mais uma vez, ele reparou no olhar dela.

– O que foi? – perguntou ele pela segunda vez.

– Não sei – disse ela. – Vim aqui preparada para dar cabo de ti. Mas tu pareces mais... como pareces quando falamos *online*. És engraçado *online*.

– Não te preocupes, tenho a certeza de que vou dizer alguma coisa indelicada e não engraçada para te deixar chateada outra vez – disse ele. – Podíamos tratar já disso e falar acerca de religião ou de política ou assim.

Sawyer riu-se.

– Não, obrigada.

Nick ficou calado um bocado.

– Talvez seja o ambiente – disse ele por fim. – É mais fácil ser engraçado aqui. Prefiro muito mais isto ao Yale Club.

– Não gostas do Yale Club?

– Nem por isso. Desculpa lá por aqueles tipos terem aparecido. Eu devia ter previsto que isso podia acontecer. Eles são bastante desagradáveis.

– Os teus colegas?

– Sim. Eu tentei limitar a tua exposição ao máximo.

«Então, por isso é que ele a tinha despachado pela porta fora.»

Nick fez uma pausa e depois acrescentou:

– Esqueço-me que às vezes detesto mesmo aquele sítio.

Sawyer franziu o sobrolho.

– Se não gostas, porque é que és membro?

Ele encolheu os ombros.

– A sério?

– «Direto e franco», foi o que tu dissesse que eras – lembrou-lhe Sawyer.

– É uma espécie de moeda, suponho.

– Como assim? – Ela franziu o sobrolho.

– Para mim, os clubes privados são uma grande porcaria. Mas são importantes para outras pessoas. O «Yale» é importante para outras pessoas. E se tenho de me sentar à mesa da vida e jogar póquer, então, quero ter boas cartas.

– Estou a perceber – disse Sawyer. – Mais da tua «matemática».

– Basicamente, sim – respondeu Nick.

Ele calou-se.

– De qualquer forma, eu diagnostiquei-te mal – concluiu.

– Desculpa? – perguntou Sawyer, confusa.

Nick encolheu os ombros.

– Tomei-te pelo tipo de rapariga que estaria mais confortável a marcar um encontro num clube privado. Mas agora consigo ver que és... diferente.

Fitou-a durante muito tempo e ela começou a sentir-se desconfortável.

– Suponho que quando escolhi o Yale Club, foi a minha versão de te preparar um *Sea Breeze* – brincou ele, aliviando o ambiente.

– Mas eu *gosto* deste *Sea Breeze* – protestou Sawyer, levantando o copo.

Nick riu-se.

– É para veres: o Vic já faz isto há muito tempo e sabe melhor do que eu como avaliar uma pessoa.

– Ainda assim – disse Sawyer a rir. – Tenho quase a certeza de que, de uma forma indireta, acabaste de dizer que achavas que eu era uma rapariga com classe que iria gostar do Yale Club, mas que estavas enganado.

Ela continuou a rir, mas Nick ficou sério. Pousou a mão sobre a dela, na mesa.

– Não faças isso – disse ele.

Sawyer paralisou com o toque, exibindo um sorriso confuso.

– Eu não disse isso. Eu disse que tu eras *diferente* – disse ele. – Por acaso eu gosto daquilo que te torna diferente. Só não estava à espera.

Voltaram a fitar-se. Sawyer sentiu o sangue a acorrer-lhe às orelhas.

Nick levantou a mão e retirou-a. «Sweet Thing» acabou de tocar na *jukebox* e começou a soar «Brown-Eyed Girl». Sawyer remexeu-se. Bebeu um longo gole de *Sea Breeze* e depois pigarreou.

– Tu e a Kendra vêm muito aqui? – perguntou.

– Ela prefere o Yale Club – respondeu Nick.

Sawyer ergueu as sobrancelhas. Trocaram um olhar significativo.

– Ela veio aqui comigo apenas uma vez – disse Nick.

– Que bebida é que o Vic lhe deu?

O sorriso trocista voltou à cara de Nick. Riu-se um bocado, para si mesmo.

– Uma cerveja de pressão – disse.

Era uma piada accidental. Riram-se os dois, numa mistura conspirativa de diversão e embaraço.

– Talvez isso explique porque é que ela não voltou – admitiu ele.

– Pode ser – disse Sawyer.

Nick ficou sério outra vez.

– Olha, e que tal se não falarmos acerca deles? – sugeriu.

Sawyer pestanejou.

– Quer dizer, contamos um ao outro se algum de nós encontrar algum

tipo de... prova – explicou ele. – Mas caso contrário, que tal não falarmos sobre eles?

– Está bem – concordou Sawyer.

Parecia respeitoso. Ela e Nick não iam andar a queixar-se dos parceiros. Depois, ocorreu-lhe que Charles e Kendra eram basicamente tudo aquilo que ela e Nick tinham em comum.

– Mas... – disse Sawyer. – Então, para que é que me convidaste para aqui vir?

– Está uma linda tarde de sexta-feira. O que é que ias fazer?

– Então, isto é... um *convite por pena*? Voltámos a isso?

– Não! – protestou Nick. – E se eu... se eu gostar apenas de falar contigo e achar que podes estar livre?

Sawyer pesou bem o assunto, com um ar de profunda consternação no rosto.

– Pode ser? – sondou Nick.

– Pode – disse ela finalmente. – Isso pode funcionar. Depois digo-te.

Seguiu-se uma longa pausa. Depois Nick encolheu os ombros.

– É suposto trovejar esta tarde. Queres ir dar um passeio antes de começar a chover?

– Vamos.

Sawyer acabou o resto do *Sea Breeze* e procurou o porta-moedas dentro da mala, mas Nick fez-lhe sinal.

– Ei, Vic, podes pôr na conta?

– Não penses que já não pus, meu amigo – retorquiu Vic. Para Sawyer disse: – Prazer em conhecer-te, *milady*. A próxima bebida é por conta da casa, se voltares.

9.

Dar um passeio acabou por se revelar uma péssima ideia.

Estava tudo cheio de mosquitos e o ar parecia sopa, tendo já adquirido aquele peso húmido e asfixiante que antecede uma tempestade, sem qualquer vestígio do alívio fresco que viria a seguir.

Então, cerca de dez minutos depois de Nick e Sawyer terem saído do The Watering Hole, começaram a cair as primeiras gotas. Gotas grandes que deixaram os passeios a deitar vapor e encheram as ruas de um cheiro metálico a pântano misturado com combustível.

– Voltamos a correr para o bar? – sugeriu Sawyer, a rir e a segurar a mala por cima da cabeça, como um chapéu de chuva improvisado, quando as gotas começaram a tamborilar cada vez mais depressa.

Nick apontou para um grupo de turistas abrigado em frente ao que parecia ser um velho edifício sem elevadores.

– O que é aquilo? – disse ele.

Aproximaram-se e descobriram que era uma visita guiada conduzida pelo Lower East Side Tenement Museum. O guia, um homem magro e franzino com uma boina, fazia entrar as pessoas através de uma porta. Ele olhou por entre a chuva e deu a Nick e a Sawyer permissão para se juntarem à visita e pagarem depois. Com um agradecimento, juntaram-se aos cerca de outros dez corpos que se arrastavam para o interior do edifício.

Uma vez lá dentro, o guia começou por explicar ao grupo a história do edifício. Sawyer ficou imediatamente fascinada. A estrutura era uma espécie de cápsula do tempo... usada como prédio de habitação entre 1860 e 1935, quando o proprietário da altura expulsou os inquilinos todos e selou o edifício como um túmulo, até ser descoberto pelos atuais donos, que o compraram e o transformaram num museu dedicado a recordar como é que as pessoas costumavam viver nos tempos antigos de Nova Iorque.

Sawyer e Nick seguiram o grupo pelas instáveis escadas de madeira até aos apartamentos do piso superior, deambulando sob os tetos trabalhados e ao longo de corredores estreitos e manchados de fumo, passando por uma pequena divisão que continha uma sanita. «O saneamento só foi instalado em 1901, altura em que os moradores partilhavam duas casas de banho por piso»,

anunciou o guia, para grande risota e repugnância do grupo.

O guia conduziu-os para um dos minúsculos apartamentos e começou a descrever quem é que poderia ter ali vivido e como era a vida nessa altura. Demonstrou o uso dos fogões de ferro fundido, das tábuas de lavar a roupa e das antigas caixas de gelo. Não havia muito espaço nos apartamentos claustrofóbicos: três pequenas assoalhadas, incluindo a cozinha. Em algumas divisões era possível esticar os braços e tocar as paredes opostas ao mesmo tempo. «Não era invulgar criar seis filhos num apartamento como este», disse o guia. Era impossível de imaginar.

– Vês? – confidenciou Nick a Sawyer, em voz baixa. – Não estás feliz por teres saído de casa? Estamos a fazer um programa cultural.

Sawyer ofereceu-lhe um sorriso trocista.

– Está bem, isto é fixe – admitiu ela. – E eu adoro História.

– Que surpresa – brincou sarcasticamente Nick, mas sem ser indelicado.

A visita tinha uma componente íntima e acolhedora acentuada pelo mau tempo. Sempre que o grupo parava e se reunia em torno do guia, Sawyer conseguia sentir Nick de pé atrás dela. Conseguia sentir-lhe a respiração na nuca e um curioso arrepio, apesar do calor. Lá fora, a tempestade piorava, relâmpagos iluminavam as janelas, trovões agitavam as vidraças e chovia torrencialmente. Por instinto, as pessoas juntaram-se ainda mais umas às outras no já apertado espaço. Os olhos dos outros turistas estavam brilhantes e agitados, como crianças aprisionadas dentro de portas durante um intervalo num dia chuvoso. Havia um estado de alerta no ar, como se a miscelânea de pessoas que compunham a visita tivessem acabado de sair da máquina de secar, todas elas carregadas de eletricidade estática.

Quarenta minutos mais tarde, o guia mostrou-lhes a saída para uma viela das traseiras que dava serventia às antigas casas de banho exteriores que, de acordo com o guia «serviam todo o quarteirão de casas arrendadas antes de os prédios terem saneamento». Mais risadas e gemidos. Alguns turistas vasculharam os bolsos para dar uma gorjeta ao guia, foram murmurados «obrigados» e cumprimentos e, depois, foi toda a gente solta de novo nas ruas de Manhattan. Nick e Sawyer pagaram por se terem juntado à visita mais tarde, como prometido, e Nick juntou mais algum extra, bem como os agradecimentos.

Ainda estava a chover.

– Tens fome? – perguntou Nick.

– Estou esfomeada – respondeu Sawyer.

• • •

Desataram a correr como loucos, com Nick à frente.

– Olha! – gritou ele, a apontar quando se aproximavam da Katz's

Delicatessen. – Não tem fila.

Enfiaram-se lá dentro.

Minutos depois, sentaram-se com duas sandes Reubens com pickles extra.

– Já aqui tinhas estado? – perguntou Nick.

– Não, mas já tinha ouvido falar deste sítio – respondeu Sawyer.

– «Ouvido falar» – brincou Nick. – Quer dizer que viste *Um Amor*

Inevitável.

– Ok, é possível.

Ela deu uma enorme dentada na sanduíche, mastigou com um imenso prazer teatral e depois lambeu uma gota do molho de salada cor de laranja que tinha no canto da boca. Nick ergueu uma sobranceira. Sawyer riu-se.

– Não te preocupes, vou-me abster de representar *aquela* cena – disse ela.

– Não, de todo. Está à vontade.

Sawyer riu-se.

– É verdade, és do tipo que provavelmente nunca fica envergonhado com nada.

– Sou eu – anunciou Nick com um falso orgulho. – Altamente indecoroso e sem qualquer sentido de vergonha. – Encolheu os ombros. – É um dom.

Sawyer riu-se e cobriu a boca com um guardanapo. O *pastrami* era bom. Comeram descontraidamente, com os cotovelos em cima da mesa, os dedos e os lábios brilhantes de gordura sob as luzes fluorescentes.

A chuva continuava a tamborilar na estrada. Os táxis e os autocarros que passavam projetavam água com sons de «*wishhhh wishhhh*».

– Alguma vez tinhas ido àquele museu antes? – perguntou Sawyer.

Nick abanou a cabeça.

– Nem sequer sabia que existia.

– Adorei – admitiu Sawyer. – Fez-me sentir alguma coisa. Alguma coisa sobre todas aquelas vidas diferentes, diferentes histórias...

– O que diria um escritor – comentou Nick.

Relembrando quanto tinha partilhado *online*, Sawyer sentiu um calor revelador a instalar-se-lhe na cara. As palmas das mãos começaram a suar.

– Ou apenas alguém que trabalha numa editora – comentou.

– Ou ambos – insistiu Nick. – Não precisas de desviar a conversa.

Sawyer semicerrou ligeiramente os olhos.

– Bem, de qualquer forma – disse ela –, pensar nas histórias de todas as pessoas que devem ter vivido naquele edifício voltou a despertar a minha curiosidade sobre o mundo... Gosto quando isso acontece.

Parou e pensou durante um bocado.

– Imagina... a coragem necessária para vir para a América como imigrante, recomeçar a vida toda outra vez – murmurou. – Sentir saudades de casa e entusiasmo ao mesmo tempo.

Nick bufou.

– Não tenho de imaginar.
– Ah, pois é – lembrou-se Sawyer. – A tua mãe?
– Sim – respondeu Nick.
– Pensar que nunca mais se pode regressar deve superdifícil. Ela ainda sente saudades da terra dela?

Ele encolheu os ombros.

– Provavelmente. No entanto, nunca deixa transparecer, pelo menos não à minha frente. Mas onde a minha mãe vive, em Brighton Beach, é um bocado como devia ser o Lower East Side há oitenta anos – disse. – Quem tem saudades de casa e for suficientemente hábil, pode lá passar a vida toda sem nunca ouvir ou falar nada a não ser russo ou ucraniano.

Sawyer ouviu e sorriu, observando com atenção o rosto de Nick. Tal como tinha acontecido na última vez em que a mãe dele tinha vindo à baila, ela detetou um ligeiro indício de que ele tinha algumas reticências em falar sobre ela. Interrogou-se se teria dado um passo em falso. Com Nick, tudo parecia estranhamente familiar, no entanto, as perguntas mais simples pareciam, às vezes, *demasiado* pessoais e eles transformavam-se outra vez em dois estranhos.

– Ei – disse ele de repente, a olhar para o relógio e a mudar de assunto. – Já passa das seis. Disse ao meu amigo Ryan que ia ouvir a banda dele tocar. A discoteca sorteia a hora das atuações e, infelizmente para ele, saiu-lhe o horário de abertura. Começam às sete e ele está preocupado que ninguém apareça tão cedo. Queres vir? Não é longe daqui.

Sawyer hesitou, mordendo o lábio e pensando.

Nick franziu o sobrolho.

– Está na altura de voltar para o apartamento e ler? Parece enfadonho. E transpirado.

– Como é que sabes que eu não tenho ar condicionado? – desafiou-o ela.

– Porque sei – teimou ele. – Tu não tens ar condicionado.

Ela inspirou e imaginou o apartamento abafado... e a si própria sozinha lá dentro, a olhar para o relógio e à espera que Charles voltasse para casa.

– Anda lá – insistiu Nick. – Ofereço o *Sea Breeze*.

Piscou-lhe o olho.

Sawyer tentou reprimir um sorriso, mas perdeu a batalha.

• • •

A chuva parou, a temperatura baixou dez graus e a cidade pareceu, de repente, fresca e limpa.

Era uma curta caminhada até ao sítio onde a banda do amigo de Nick ia atuar. O espaço em si era pequeno, uma sala comprida e estreita, com um bar numa ponta e um palco na outra. Parecia vazia de clientes, mas cheia de

atividade. Um empregado com vinte e poucos anos e ar de modelo (ou, pelo menos, um modelo com uma enorme ressaca) estava ocupado a inventariar e abastecer o bar. No palco, um grupo de rapazes atarefava-se a ligar amplificadores e a testar o som. Olharam para cima quando Nick e Sawyer atravessaram a sala.

– Nick!

– Ei, meu, obrigado por teres vindo!

– Então? Tocas esta noite?

– Não, esta noite só vim ouvir – disse Nick aos rapazes, a sorrir. – Bem, ouvir e beber.

– Obrigado, meu.

Parecia que Nick conhecia toda a gente e toda a gente o conhecia. Apresentou Sawyer ao pessoal. Eram, claro, demasiados nomes para ela decorar. Mas sorriu e acenou com a cabeça. Eram amistosos. Era óbvio que gostavam de Nick. Ele levou-a até ao bar e fez mais uma apresentação rápida e brincalhona (Sawyer tentou perceber, mas entre a quantidade de nomes e o ruído ensurdecedor das verificações de som que estavam a decorrer, tornava-se difícil: o empregado de bar chamava-se, sem dúvida, ou Jake ou Blake). Nick pediu dois *Sea Breezes*, com muito gelo e sem cereja.

– Deves estar a gozar – disse Jake ou Blake, a revirar os olhos. – *Sea Breezes*?

– Sim – confirmou Nick. – E podes continuar a fazê-los.

Jake ou Blake riu-se, obviamente demasiado afeiçoado a Nick para ficar zangado de forma convincente. Procurou debaixo do bar, desencantou dois grandes copos de cerveja e fez dois *Sea Breezes* enormes.

– Tens sorte por eu ter sumo de toranja esta noite, porque nem sempre acontece – disse ele rispidamente, mas com um sorriso.

Nick agarrou em alguns guardanapos, pegou nos copos e fez um gesto para Sawyer. Ela seguiu-o pela discoteca estreita, para lá do palco, até à ponta mais afastada da sala, e por uma pequena porta com uma placa que dizia «não abrir – faz soar o alarme». Apesar do aviso na porta, não soaram alarmes nenhuns. Em vez disso, deram com um pequeno espaço exterior.

Provavelmente era apenas um sítio para os membros da banda descontraírem e fumarem antes e depois de estarem em palco, mas tinha o charme decrépito de um pequeno jardim com ar abandonado. Tijolos partidos e irregulares, cobertos de musgo, pavimentavam o chão já de si irregular e inclinado para uma grade de drenagem no meio. Ramos de hera demasiado crescida trepavam por todas as superfícies verticais, por cima da vedação, pelas escadas de incêndio metálicas, até aos velhos fios de eletricidade pendurados entre os edifícios, como luzes de Natal. Uma confusão de grades de leite e de mobiliário plástico de exterior estava encostada a um lado, juntamente com uma variedade de tralha: cinzeiros há muito esquecidos e garrafas de cerveja vazias a nadar com água da chuva e beatas.

Nick entregou a Sawyer os copos quase a transbordar de *Sea Breezes*

cor-de-rosa e amarelos, para ela segurar, e depois endireitou uma mesa de plástico e duas cadeiras. Limpou-as com os guardanapos e acabou com um gesto que era um convite floreado.

Sawyer sentou-se. Agora que a chuva tinha parado, a tarde tornara-se agradável. A tempestade deslocava-se para leste e o pôr do sol aproximava-se sob as nuvens a oeste. Inundava o céu como uma luz através da fresta de uma porta, refletindo-se entre a cidade e a cúpula de nuvens, banhando tudo com um radioso brilho dourado e avermelhado.

Começaram a beber os seus *Sea Breezes*.

– Portanto, era por isso que estavas a ler a *Rolling Stone* – comentou Sawyer. – És músico.

– Fazes a coisa parecer tão séria – disse Nick. – Sou só um tipo que trabalha numa agência de publicidade. – Fez uma pausa e acrescentou: – Que às vezes dá uma olhadela às críticas de música da *Rolling Stone*.

– E toca numa banda – salientou Sawyer.

Nick olhou para ela de lado e ela percebeu que a resposta era «Sim».

– Porque é que não tocas esta noite? – perguntou ela.

Nick ficou tenso.

– Estou a manter a distância – respondeu evasivamente.

– A distância?

– De um dos tipos.

– Porquê? – perguntou Sawyer, interessada.

Nick semicerrou os olhos.

– Interrogas sempre as pessoas que estão a ser simpáticas contigo?

– Basicamente, sim – riu-se Sawyer.

Nick inclinou a cabeça, a refletir. Por fim, suspirou.

– Não sei – disse. – O Dan tem andado obcecado com a ideia de gastarmos uma pipa de massa num estúdio.

– Para gravarem? – insistiu Sawyer.

Nick encolheu os ombros.

– Porque é que não queres fazer isso?

– Parece um cliché gastar dinheiro nisso. – Parou de falar e depois acrescentou: – Não vejo qual é o problema de estar aqui e agora. De tocar ao vivo. É isso que a música *deve* ser, certo?

– Tocar ao vivo?

– Sim. E em comunhão, suponho. Para ser sincero, parte da razão por que muitos destes tipos aqui parecem felizes por me ver é porque eu ajudei a gerir as coisas durante os últimos anos, a arranjar tempo de palco, arranjar espetáculos, recomendar músicos quando falta um baterista a alguém, esse tipo de coisa.

Os lábios de Sawyer torceram-se num sorriso de satisfação.

– Então, esta é a tua praia – concluiu.

– Sim, acho que se pode dizer que é uma coisa que gosto de fazer – reconheceu Nick.

- Aha! Sempre *tens* paixões.
- Pois tenho.
- Afinal, és humano.
- Pode haver quem discorde.

Sawyer continuou a sorrir, com um ar triunfante. Ficaram a olhar um para o outro durante muito tempo, até Sawyer ter sentido outra vez aquela pontada desconhecida de intimidação. Desviou o olhar, fingindo que estava a observar o jardim.

- Li o teu poema – disse Nick.

Os olhos de Sawyer regressaram ao rosto dele, arregalando-se. O cérebro dela rastreou como é que isso devia ter acontecido: o *link* que lhe enviara naquele momento vulnerável, durante a conversa *online*. Mas havia mais do que isso. Nick tinha tido de voltar a vê-lo, de clicar no poema dela, de o ler.

Sentiu um aperto enorme no estômago.

– É bom – disse ele, num tom de voz baixo, melancólico... e sincero. – És uma boa escritora – acrescentou. – E consigo perceber por que razão essa é a *tua* praia.

Ela tentou reagir, mas sentiu-se a sufocar a cada frase que lhe vinha à cabeça.

– Olha, Sawyer – disse ele, ao reparar na dificuldade dela. – É bom ser *bom* em alguma coisa. Não devias ficar envergonhada ou tentar escondê-lo.

– Só que... – debateu-se Sawyer. – Quer dizer, eu nunca...

Sempre que encontrava uma frase, ela escapava-se-lhe, como um sabonete molhado. Nick continuava pacientemente à espera.

– Só tu é que o leste – acabou ela por deixar escapar.

Ele pareceu surpreendido.

– Quer dizer... é provável que desconhecidos o tenham lido. Afinal, é um *website* público – disse Sawyer, dando por si a balbuciar. – Mas tu és a única pessoa que o leu... das que *eu* conheço. – Parou e depois balbuciou para acrescentar: – Pessoalmente.

Fez um esforço para parar de falar.

Nick permaneceu calado durante uns instantes, a pensar.

– Fico feliz por me teres contado – disse por fim. – Fico feliz por o ter podido ler.

O sangue afluíu ao rosto de Sawyer. Ela sentiu a língua empastada outra vez.

– Obrigada – conseguiu obrigar-se a dizer.

Tossiu e recompôs-se.

– E... obrigada também por hoje, suponho.

– Como assim, «suponho»? – provocou Nick.

Sawyer corou outra vez e riu-se.

– Para ser sincera, tinha tido uma má manhã e vim aqui a pensar que, provavelmente, íamos recomençar o nosso debate e que eu te ia dizer das boas. Estás a ver? Mandar-te mesmo passear.

– Estou a ver – riu-se Nick. – Terapia através de um saco de pancada humano. Já me disseram que eu provoço essa reação nas pessoas.

– Mas... – continuou Sawyer com cuidado. – Tenho de admitir que me estou a divertir. Esta tarde fez-me esquecer de tudo. Caso contrário teria ficado no apartamento a remoer nas coisas.

– O que é que te está a aborrecer? – perguntou Nick.

Sawyer deitou-lhe uma olhadela. Ele parecia genuinamente interessado.

– Para além de... tu sabes – acrescentou ele.

– Oh, para *além* disso? – disse meio a brincar, tentando parecer descontraída, mas sentindo um baque face à menção tácita de Charles e Kendra.

– Sim, para além disso.

– Bem... esta manhã estava a sentir-me desencoraja por causa de coisas do trabalho.

– O que é que aconteceu no trabalho? – perguntou Nick.

Sawyer suspirou.

– Lembras-te de eu te contar acerca de um manuscrito que nos tinha sido enviado e que eu retirei da pilha de originais? – perguntou ela.

Ela contou-lhe sobre a falta de reconhecimento de Johanna e sobre Preeti ter ido ao escritório e não fazer a mais pequena ideia de quem Sawyer era.

– Posso dizer-te o que é que eu acho, se quiseres – declarou Nick assim que ela terminou a história.

– Ok – concordou Sawyer com uma pitada de apreensão.

– Acho que está nas tuas mãos pedires aquilo que queres – disse ele.

Sawyer não ficou exatamente ofendida, mas ficou surpresa.

– Pensa comigo – insistiu Nick. – Quantos assistentes editoriais é que achas que a Johanna teve ao longo dos anos? Há inúmeras pessoas que desistem ao nível de assistente. Percebem que é muito trabalho. Podem não ter jeito para aquilo ou, pior, não ter a paixão. Ou mudam simplesmente de carreira para uma área que pague mais. Não lhe vai ocorrer que tu possas estar nisto a longo prazo... a não ser que *faças* com que ela saiba disso.

Sawyer refletiu naquelas palavras.

– Não fiques sentada à espera que os outros reconheçam o teu trabalho – concluiu Nick. – Pede aquilo que queres.

– Podes ter razão... – murmurou Sawyer.

– O quê? Podes dizer isso outra vez, um bocadinho mais alto? – Nick levou a mão à orelha.

– Podes ter razão – repetiu Sawyer com um revirar de olhos.

– Hum, «podes ter» – reiterou Nick. – Acho que vou ter de me contentar com isso.

– É o melhor que consegues agora – confirmou Sawyer.

– Ei – disse Nick. – Vale o que vale, mas eu acho muito fixe tu teres tirado aquele manuscrito da pilha. E é fixe tu gostares do teu emprego. A maioria das pessoas não arrisca para fazer aquilo de que gosta. Contenta-se

com a mediocridade e um salário.

– Tem graça – comentou Sawyer. – Gosto tanto do meu trabalho que era capaz de trabalhar de graça...

– Tu trabalhas na área editorial numa posição de base. Nós já tínhamos estabelecido que tu trabalhas *mesmo* de graça – interveio Nick.

– Ahah – avisou Sawyer friamente. – Essa piada já está a ficar seca.

– Desculpa lá. Continua.

– Mas tens razão. Preciso de relembrar às pessoas que me devem levar a sério *porque* eu adoro o meu trabalho, e não apesar disso. – Calou-se e depois acrescentou: – Mesmo no cômputo geral. Às vezes as pessoas agem como se trabalhar numa editora fosse um *hobby* divertido... comparado com, sei lá, trabalhar na Wexler Gibbons.

Nick concordou com a cabeça e revirou os olhos.

– Eu percebo-te. Mas o Charles e a Kendra não estão exatamente a curar o cancro. São subordinados, tubarões bebés, a fazer revisão de papelada para uma fusão entre duas empresas enormes que, essa é que é a verdade, estão provavelmente a tentar apenas contornar as leis antimonopólio.

Sawyer ficou surpreendida pelo desdém óbvio de Nick. Remexeu-se na cadeira. Concordar parecia-lhe injusto para com Charles.

– Pensava que não íamos falar sobre eles – lembrou ela agora.

– Tens razão – concordou Nick. – Esquece a última parte.

A batida da bateria começou a ouvir-se dentro da discoteca e, rapidamente, o choro de uma guitarra começou a transbordar para o pequeno pátio.

– Parece que já começaram – disse Nick. – Pronta para entrar?

Sawyer disse que sim com a cabeça.

• • •

Ficaram e assistiram à atuação da banda dos amigos de Nick. E depois a outra banda a seguir a essa. E depois outra.

Era interessante, pensou Sawyer. As bandas que estavam a começar eram como os escritores que se estavam a lançar. Quanto mais novatos, mais facilmente se conseguia perceber quais as suas influências, quem é que estavam a tentar imitar. Pearl Jam. Nirvana. Stone Temple Pilots. Algumas que tocaram naquela noite eram boas e outras... nem por isso (no caso das bandas que eram más a imitação só convidava a uma dolorosa comparação). Nick, que geralmente tinha imensas opiniões, escutou sem dar nenhuma. Mas Sawyer ficou convencida de que conseguia identificar alterações subtis nas expressões dele. Pequeníssimas rugas no canto dos olhos quando um grupo talentoso tocava em perfeita sintonia. Uma tensão junto à boca quando um guitarrista de fraca qualidade se lançava num solo melodramático.

Ela estava a olhar demasiado para ele. Algumas vezes, para grande embaraço de Sawyer, Nick apanhou-a a estudar as suas expressões. Ela refocou a atenção no palco.

Estava sempre a chegar mais gente. A discoteca começava a parecer-se com uma discoteca, a pulsar com corpos próximos uns dos outros. Sawyer e Nick acabaram por ser empurrados para mais perto um do outro, devido à densidade da multidão e ao pouco espaço da sala. Mas era diferente da intimidade acolhedora que Sawyer tinha sentido no museu. À volta deles, as pessoas dançavam com despreocupação, entornando cerveja e curtindo umas com as outras, tentando não ficar presas nos *piercings*. Quando ela e Nick se tocavam era por causa de algum estranho encontrão accidental. Sawyer estava muito consciente das suas pernas, das ancas, dos braços e dos cotovelos.

Não conseguiu deixar de reparar, também, noutras raparigas na multidão a galarem Nick. Fitavam-no com admiração, parando por vezes para olhar de soslaio para Sawyer. Ela sabia que estavam a tentar adivinhar quem é que ela era: uma namorada? Uma colega? De preferência, alguém completamente platónico, como uma prima? Uma das raparigas aproximou-se mais na multidão e conseguiu captar o olhar dele. Uma rapariga loura, como Kendra, só que com raízes escuras e um *piercing* no nariz. Ela acenou com a cabeça na direção de Nick, à laia de cumprimento. Sawyer sentiu um surpreendente lampejo de alguma coisa no peito, que não sabia bem identificar, algo que parecia vagamente possessivo e que não fazia sentido nenhum. Observou o rosto de Nick atentamente, à espera da reação dele.

Ele acenou com a cabeça e esboçou um ligeiro sorriso na direção da rapariga, mas Sawyer achou que tinha vislumbrado a tensão em volta da boca que já tinha visto antes. Ele não fez qualquer tentativa para se aproximar da rapariga e Sawyer descontraiu-se.

A banda que estava em palco terminou a atuação. Fizeram uma vénia e outra banda preparou rapidamente o palco para tomar conta do espaço, ligando coisas diferentes, ajustando a altura do microfone. Nick virou-se para olhar para ela e sorriu.

– Mais uma? – perguntou a apontar para o copo vazio de Sawyer.

Ela assentiu com a cabeça, apesar de já sentir a andar à roda.

Ele pegou no copo dela e dirigiu-se ao bar. Sawyer ficou a vê-lo movimentar-se entre a multidão, a abrir caminho com os ombros junto à rapariga loura, que também o observava com uma concentração intensa. Quando Nick passou por ela sem parar, a rapariga loura virou-se para olhar para Sawyer. Ficou com a ideia errada, claro, mas Sawyer não conseguiu evitar um ligeiríssimo sorriso.

Mais um *Sea Breeze* e cerca de uma hora depois, tinha subido ao palco uma banda *ska* com esperança de se tornar os próximos Sublime. Não eram particularmente bons, mas não interessava. A multidão tinha começado a saltar ao som das poderosas e animadas batidas. Sawyer sentiu-se a aderir como uma tonta, com um sorriso de orelha a orelha, ligeiramente embriagada.

Por esta altura o sítio estava a abarrotar e ela e Nick já tinham os ombros encostados. Conseguia vê-lo a observá-la pelo canto do olho, enquanto se abanava de forma disparatada ao som da música. Abanou a cabeça, divertido.

• • •

Sawyer ficou chocada quando reparou nas horas. Numa sucessão incrivelmente rápida, a tarde dera lugar ao anoitecer e o anoitecer à noite. Sentiu um ligeiro pânico ao imaginar Charles a chegar a casa primeiro do que ela, para variar, e o que é que o noivo pensaria quando visse que ela não estava.

Saíram da discoteca, Nick acompanhou-a até Astor Place, onde ficaram ao lado de uma escultura gigante de um cubo equilibrado sobre um dos vértices, como um diamante.

Nick estava calado. Pigarreou e arrastou os pés, aparentemente relutante em dar a noite por terminada.

– Obrigado por teres vindo – disse ele.

– Sim – concordou Sawyer. – Espero não ter sido um estorvo.

– «Sido um estorvo»?

Sawyer riu-se.

– Eu vi as raparigas a fazerem-te olhinhos sempre que tu atravessavas a sala para ir ao bar.

– Eu fui ao bar para ir buscar uma bebida para *ti*.

– E senti-as todas a olhar para mim, a tentar adivinhar qual era a minha relação contigo.

– Se elas soubessem! – brincou Nick.

Sawyer cedeu.

– De facto, *é* uma história bastante estranha – concordou. – De qualquer forma, espero não ter sido uma companhia chata.

Nick deitou-lhe um olhar esquisito.

– *Eu é que te convidei, lembras-te?* – Parou e encarou-a com um ar sério.

– Estou muito feliz por teres vindo.

Ela sentiu o rosto quente, provavelmente por causa do excesso de *Sea Breezes* açucarados e carregados de *vodka*, pensou.

– Além disso – continuou Nick. – Não ando exatamente... *à procura*... percebes?

Sawyer franziu o sobrolho durante uns instantes, suficientemente

descontraída e tocada para ficar confusa. Depois fez-se luz.

– Ah! Sim, claro – concordou.

A referência indireta a Kendra permaneceu algum tempo entre eles. Sawyer olhou para os pés. Instalou-se um silêncio constrangedor.

– Sabias que isto roda? – perguntou Nick a Sawyer, quebrando o silêncio. Apontou para o cubo de metal gigante.

– Não roda nada – riu-se Sawyer.

– Roda – insistiu Nick. – É uma característica da escultura. Juro. Se empurrarmos com força suficiente, ela gira. Olha... tu empurras daquele lado e eu empurro deste.

Sawyer não sabia se devia acreditar nele. Parecia um possível truque para lhe mostrar como era ingénua. Mas deslocou-se até à ponta mais afastada do cubo e levantou os braços para agarrar num dos cantos.

– Ok... quando eu contar até três – disse Nick. – Um... dois... três!

O cubo não se moveu.

Parecia que ela era a única a empurrar, mas Nick estava a fazer ruídos de esforço.

Ruídos de esforço *teatrais*.

Ela parou.

– Ok, já percebi.

– Estou só a brincar – admitiu Nick, a rir. – Mas agora vou empurrar a sério. Eu juro que roda!

Sawyer fez-lhe cara feia enquanto ele se ria.

– Vá lá... por favor, prometo.

– Ok. – Sawyer empurrou.

Para sua enorme surpresa, o cubo soltou um rangido metálico e começou a rodar sobre a base. Estava, de facto, a girar, muito lentamente, mas ainda assim a girar.

Um grupo de estudantes da NYU que ia a passar reparou em Nick e em Sawyer. Vieram a correr e juntaram-se a eles, ajudando a empurrar. A escultura começou a rodar cada vez mais depressa. Os alunos da NYU – obviamente também embriagados – celebraram, gritaram, enquanto todo o grupo corria em círculos, a rodar o cubo. Sawyer soltou umas risadas, tonta. Pareciam crianças num carrossel, quase todos a tropeçarem nos pés para tentar acompanhar.

– Uoooooooo!!!

Por fim, após um minuto ou dois de rotação vertiginosa, os estudantes começaram a desmobilizar.

– Paz e amor – exclamou um deles.

– Tchau! – gritou outro.

Sawyer e Nick desaceleraram e deixaram que a escultura passasse gradualmente. Estavam ofegantes e a rir.

– Eu disse-te que rodava – troçou Nick.

– *Podes* ter razão – brincou Sawyer.

– Hum, «podes ter» – repetiu Nick pela segunda vez naquela noite. – Acho que vou ter de me contentar com isso.

– É o melhor que consegues – confirmou Sawyer.

Agora tinham um número de comédia.

Ele sorriu e acompanhou-a até à entrada do metro.

• • •

Charles estava no sofá, a ver as notícias das onze da noite, quando Sawyer chegou a casa.

Vendo bem as coisas, não era exatamente tarde. Não para duas pessoas com vinte e poucos anos a viver em Manhattan. Mas ao ver Sawyer a entrar, Charles levantou o comando e tirou o som à televisão, à espera de algum tipo de explicação.

– Desculpa – disse ela. – Devia ter telefonado e deixado mensagem no atendedor de chamadas, ou coisa assim. Não estava à espera que chegasses primeiro. Tens chegado a casa tão tarde e eu pensei que ia só beber um copo.

Charles franziu o sobrolho.

– Com quem é que foste sair?

Sawyer ficou tensa, calada, a pensar naquilo que ia dizer. Pronunciar o nome «Nick» parecia fora de questão. Os pormenores que constituíam a verdade eram difíceis de explicar.

(«Então, comecei a sair com o namorado da tua colega de trabalho porque queríamos comparar notas sobre se tu e a tua colega estão ou não a ter um caso...»)

– Ah... hum, a Kaylee quis arejar por causa de umas cenas de trabalho – disse antes ela.

– Divertiram-se?

– Sim – disse Sawyer, a pensar no quanto se tinha, surpreendentemente, divertido com Nick. Quando se lembrou que tinha acabado de dizer «Kaylee», ocorreu-lhe outro pensamento. Tinha sido uma sexta-feira mais curta. Ela tinha tido a tarde livre e isso era muitíssimo tempo para uma bebida pós-laboral. Parecia inevitável que Charles perguntasse alguma coisa acerca disso.

Mas no segundo seguinte, ele desligou a televisão, levantou-se do sofá e espreguiçou-se.

– Ainda bem – respondeu com uma palmadinha no ombro de Sawyer. – Ainda bem que estás a começar a relacionar-te com alguns colegas.

Sawyer franziu o sobrolho. Ele parecia distraído e muito vago, como se já tivesse dado a conversa por encerrada. Espreguiçou-se outra vez e suspirou.

– Estou estafado e tenho de me levantar cedo e ir trabalhar durante algumas horas amanhã, depois do ginásio.

– Outra vez? – perguntou Sawyer. – Tiveste de trabalhar nos últimos três

fins de semana seguidos.

– Não vai ser sempre assim – disse Charles. – Eu sei que pareço um disco riscado, mas é verdade. É este caso. Se reconhecerem que fizemos um bom trabalho, isso vai conduzir-nos a coisas melhores.

Ali estava outra vez: «Nós.»

Charles e Kendra.

Sawyer ficou irritada. Mas Charles não reparou. Inclinou-se para ela e deu-lhe um beijo ternurento na cara.

– A sério, estou tão cansado que vou cair para o chão se não for já para a cama. Podes desligar as luzes?

De camisola interior e *boxers*, afastou-se em direção ao quarto. Sawyer ouviu-o a cair sobre a cama, sem pensar em enfiar-se debaixo dos lençóis com aquele calor. Ouviu-se um clique e o quarto ficou às escuras.

Ela lembrou-se do seu próprio cansaço. Um a um, Sawyer desligou os candeeiros da sala. Depois, em vez de ir para o quarto, deixou-se cair no assento de canto do sofá em forma de «L» e ficou ali durante vários minutos. Pestanejou enquanto os olhos se habituavam à luz azul fraca dos candeeiros da rua, lá fora, ainda a vibrar por causa da tarde agitada que tivera com Nick e sem saber o que devia pensar sobre as coisas.

Quando fechou os olhos, viu-se de repente a rodar aquela escultura de um cubo, em Astor Place, a empurrar com todas as forças e a rir e a rodopiar, rodopiar, rodopiar.

10.

DOMINGO, 4 DE JULHO

— Ok, deixa-me só perguntar para não voltar a pensar nisto – avisou Kathy.
— Quando é que vocês vão ter bebés?

Sawyer pestanejou com ar de parva diante da sogra.

— Oh, não fiques tão surpreendida! – repreendeu-a Kathy com um sorriso. Deu uma palmadinha no coque francês louro, de uma forma distraída.

— Ei, mãe – objetou Charles. – Importas-te que a gente case primeiro?

— Claro, claro. – Kathy acenou-lhe com a mão. – Mas depois do casamento, as minhas amigas não vão parar de me perguntar isso no clube. E eu mal posso esperar para conhecer os meus futuros netos!

— Bem, o futuro vai ter de esperar um bocadinho, mãe.

— Quanto tempo é «um bocadinho»?

Charles respondeu com uma careta.

Kathy deu um pequeno empurrão a Sawyer com o ombro e debruçou-se para ela com um ar conspirativo.

— Sabes... se começarem a tentar agora, ninguém se importaria se vocês já tivessem um segredo pequenino no grande dia...

Sawyer ficou de olhos esbugalhados e Kathy confundiu a expressão aterrorizada na cara da nora.

— Oh – disse ela. – Será que descobri alguma coisa por acidente? Será? Vocês já estão...

— Mãe! – repreendeu-a Charles. – Não. Não estamos grávidos!

— Oh, mas vão ficar felizes quando *estiverem* – insistiu Kathy, com um arrulho. – Porque depois acaba a pressão e só têm de escolher vestidos de batizado e o colégio, não é, Ed?

Edward, o pai de Charles, respondeu com um sinal à empregada de mesa.

— Mais um destes? – Sorriu educadamente para a empregada e apontou para o *Bloody Mary*. – Obrigado.

Estavam a tomar o *brunch* num dos sítios preferidos de Charles no Upper West Side, um restaurante com *Mimosas* à descrição e um pátio

envidraçado nas traseiras. Ele tinha aprendido, já há muito tempo, que a chave para a felicidade dos pais passava por um *brunch* da moda com um espaço exterior que lhes desse a ilusão de que ainda estavam no Connecticut, juntamente com uma fonte inesgotável de álcool.

Ed e Kathy tinham vindo de visita à cidade no fim de semana do Quatro de Julho. Charles tinha milagrosamente tirado uma tarde de sexta-feira para se juntar a Sawyer na receção aos pais, quando eles saíram do comboio em Grand Central. O sábado tinha sido passado a fazer a ronda pelos «locais culturais» obrigatórios na cidade, sobretudo museus e restaurantes que Kathy achava que eram um importante rito de passagem quando se tratava de «estar em Nova Iorque». Agora, no domingo de manhã, tinham alinhado, satisfeitos, no *brunch*. Mais logo, nessa tarde, tinham planos para se reunir para a celebração oficial do feriado, e Charles fizera reservas numa festa num iate, que prometia uma excelente vista do fogo de artifício sobre o East River.

Sawyer estava silenciosamente maravilhada com as palavras de Kathy. «Vestidos de batizado e o colégio.» Sawyer tinha a certeza de uma coisa: ela e Kathy eram duas espécies diferentes de criatura. Kathy estava sempre vestida para matar, naquilo que Sawyer considerava um estilo *country club chic*, e falava sobre coisas como bailes e «apresentação à sociedade» como uma «deb». Vivia para coscuvilhar e para os prazeres materiais, mas, de alguma forma, nunca era desagradável acerca disso.

Na realidade, apesar de terem tão pouco em comum, Sawyer adorava genuinamente a futura sogra. Ficava intrigada com a forma como Kathy e a sua própria mãe, Carol, eram faces completamente opostas da mesma moeda maternal. Em relação aos livros, por exemplo. Sawyer podia contar sempre com o facto de a mãe ter lido todos os clássicos (importantes e menos importantes, marginalizados ou recém-descobertos, era tudo igual) e de lhe oferecer uma crítica profunda e altamente académica de qualquer livro há muito escrito, sobre o qual Sawyer quisesse falar... mas Carol não tinha interesse nenhum nos livros que chegavam ao topo da lista de *bestsellers* do *New York Times*. Já Kathy, por outro lado, devorava os últimos no seu clube de leitura bimensal, alimentado a *chardonnay*, e adorava falar com Sawyer sobre as personagens, como se elas fossem tão reais como os vizinhos ou alguém que ela tivesse conhecido no *country club*.

Kathy podia deixar o olhar descer até aos pés de Sawyer e dizer coisas como: «Oh, não... precisamos mesmo de ir comprar sapatos!» Ou até deixar escapar, a meio de uma refeição: «Deixa-me dar-te o cartão da mulher que me corta o cabelo, eu acho que ela podia mesmo ajudar-te!» Mas Kathy também dizia coisas como: «Trabalhar com os autores para publicar os livros deles! Que maravilha! Eu gabo-me às minhas amigas sobre quão inteligente tu és. Elas querem todas conhecer-te.» Era impossível não gostar de Kathy quando ela dizia coisas destas, coisas que Sawyer ainda não tinha desistido de um dia ouvir a própria mãe dizer.

Sawyer tinha acabado por perceber que era uma questão de foco em

coisas diferentes. Kathy focava-se muitas vezes em coisas que eram consideradas mais superficiais, mas bem lá no fundo, tinha boas intenções. Neste momento, podia estar a ansiar por um neto apenas para escolher um vestido de batizado da Jacadi, ou para se vangloriar por ter conseguido uma vaga no Deerfield ou no Groton, ou até apenas para ter uma foto gira na carteira, pronta para mostrar às pessoas e elas exclamarem: «Como é que é possível? É demasiado jovem para ser avó!» Mas Sawyer sabia que quando chegasse um neto, Kathy iria amá-lo intensamente. Apesar de todo o seu cansativo snobismo materialista, o coração dela era genuinamente bom.

– Nem penses que te safaste só porque evitaste a minha pergunta, Ed! – disse agora Kathy para o marido. – Diz ao Charles e à Sawyer o que *tu* achas.

– O que *eu* acho? – troçou Ed. – Ou aquilo que *tu* achas que eu devo achar?

Kathy fungou.

– Não vejo qual é a diferença.

Sawyer não conseguia mesmo dizer se Kathy estava ou não a brincar. Olhou para Charles com um misto de diversão e alarme, mas, quando encontrou o olhar de Sawyer, ele limitou-se a encolher os ombros.

Ed suspirou, a compor cuidadosamente a sua resposta.

– Eu acho que o Charles e a Sawyer estão muito ocupados a planear um casamento, já para não falar em fazerem face às despesas de um jovem casal a viver na cidade – disse ele num tom amável. Deu uma palmadinha na mão de Kathy como que para lhe oferecer alguma da sua paciência. – Além disso, o Charles foi escolhido para trabalhar numa fusão importante, isso deve estar a dificultar-lhe um bocadinho as coisas neste momento.

– De facto, *tem*...

– Está tudo bem...

Sawyer e Charles responderam ao mesmo tempo, pararam e fitaram-se. Ed ficou a olhar para um e para o outro, com uma expressão de preocupação a vincar-lhe a testa.

– Está tudo bem – disse Sawyer, reajustando as suas palavras para corresponderem às de Charles. – Só que... o horário dele tem sido de doidos. Sinto falta dele.

– É romântico, não é? – arrulhou Kathy, com um empurrãozinho a Ed. – Ser jovem... nunca querer estar longe do outro e sozinho...

Ed virou-se e ofereceu a Kathy um doce sorriso fechado de compreensão. Mas parecia distraído, com a mente ainda a tentar perceber a interação entre Charles e Sawyer.

Kathy iluminou-se quando lhe ocorreu um novo pensamento e virou-se para Sawyer.

– Sabes quando é que *nunca* te sentes sozinha? Quando te tornas mãe. Charles gemeu.

– Oh, meu Deus, mãe. A sério?

– Mas é verdade! – Kathy usou um tom queixoso, como que a dizer:

«Não matem o mensageiro!»

Charles riu-se e agarrou na mão de Sawyer. Deu-lhe um apertão carinhoso sob a mesa.

– Vamos falar sobre outra coisa. Que tal? – sugeriu ele.

Ed pigarreou e começou a falar da curta sobre Warhol que tinham visto no Guggenheim no dia anterior.

Enquanto decorria o *brunch*, Kathy conseguiu introduzir o assunto dos bebés nada menos do que mais quatro vezes.

• • •

Assim que os pratos do *brunch* tinham sido levantados e eles tinham todos bebido a sua dose de *Mimosas* e de *Bloody Marys*, Ed e Kathy foram à casa de banho enquanto Charles e Sawyer se dirigiram para a frente do restaurante e esperaram por eles no passeio.

– Desculpa lá a minha mãe e aquela conversa toda sobre bebés – disse Charles, num tom de excessiva timidez educada, como se ainda estivessem num primeiro encontro, a começar a conhecer-se. – A intenção dela é boa – acrescentou.

– Claro que sim – concordou Sawyer. – A Kathy é fantástica. Sempre... muito Kathy. – Hesitou. – Só que... não sei – acrescentou. – Toda esta conversa sobre bebés. É uma questão irrelevante.

Charles franziu o sobrolho.

– Como assim? Não queres ter filhos?

– Quero. Um dia.

– Claro! Foi isso que eu quis dizer – apressou-se Charles a concordar. – Estamos em sintonia. *Um dia*. Não agora! – Sorriu e riu-se suavemente, descontraído. Mas ao fim de uma pausa, perguntou. – Mas, questão irrelevante? O que é que quiseste dizer com isso?

Sawyer engoliu em seco.

– Quer dizer... bem, não corremos risco nenhum de ter um agora. Tu nunca estás em casa.

Os ombros de Charles descaíram. Ficou com um ar carrancudo, até mesmo irritado.

– Vá lá, isto outra vez? Tu sabes que este caso...

– Eu sei – respondeu Sawyer, interrompendo-o. – Só estou a dizer... que já não passamos tempo juntos. Tempo que teríamos de passar se... se quiséssemos engravidar.

– Sawyer... – começou Charles em voz baixa.

– Sinto-me sozinha, Charles.

– Isso é em parte porque a Autumn está no Japão. Provavelmente não reparavas que eu ando tão ocupado se ela cá estivesse durante o verão.

Era o início de uma discussão.

– Ainda assim... – começou Sawyer a dizer.

Charles abriu a boca para a interromper, mas calou-se quando ouviu um homem a pigarrear.

Voltaram-se para ver o pai de Charles, Ed, no passeio, depois de sair da porta do restaurante.

– Olá, pai – cumprimentou-o. – Eu e a Sawyer estávamos mesmo a dizer que o dia está muito agradável. Talvez, em vez de apanharmos um táxi para o Plaza, fosse agradável atravessar o parque.

Ed fitou-os em silêncio, obviamente perturbado por aquilo que tinha acabado de ouvir.

– O parque? – contribuiu uma voz feminina.

Viraram-se todos para ver Kathy juntar-se a eles, com o batom retocado depois da visita à casa de banho.

– Ooh, isso parece a forma perfeita de queimar aquela rabanada que nem sequer devia ter pedido!

• • •

Infelizmente, por mais bonitos e caros que fossem, os sapatos de Kathy não tinham sido feitos para percorrer a distância necessária para atravessar o parque desde o Upper West Side até onde o Hotel Plaza os esperava, no canto sudoeste do parque.

Ao primeiro indício de que os sapatos demasiado caros da mulher lhe tinham começado a magoar os pés, Ed fez sinal a duas lindas carruagens ornamentadas, puxadas por cavalos, que se aproximaram a trote.

Após uma rápida negociação, Sawyer deu por si a subir para uma delas, que não tinha cobertura.

– E que tal irem vocês os dois naquela? – sugeriu Ed a Kathy e a Charles. – Eu e a Sawyer vamos nesta e fazemos uma corrida.

Piscou-lhe o olho. Ed tinha pedido aos cocheiros para os levarem numa visita cénica, agradavelmente lenta, pelo parque, antes de os deixarem em frente ao Plaza.

Cada carruagem levava quatro pessoas, portanto, contratar as duas e dividirem-se em dois grupos não era *de facto* necessário. Sawyer não conseguia adivinhar por que razão é que Ed queria ir com ela, mas não se importava nada e Charles e Kathy pareciam igualmente felizes com o acordo. Instalou-se no assento, uma série de almofadas de veludo bem gastas, dispostas sobre um banco de madeira lacada, e espreitou sobre o ombro para acenar a Charles, na carruagem ao lado. A charrete abanou sobre as molas quando Ed subiu e se sentou à frente de Sawyer.

O cocheiro estalou as rédeas no ar e ambos os cavalos arrancaram a um

passo de passeio. Enquanto a carruagem seguia sob as densas e exuberantes folhas verdes das frondosas copas do parque, Sawyer sentiu o cérebro a deslizar para um profundo devaneio.

– Como é que as coisas estão, Sawyer?

Sawyer sobressaltou-se e viu que Ed lhe sorria carinhosamente. O cavalo e a carruagem dirigiam-se lentamente para o miradouro de arenito junto à Fonte Bethesda. Estavam suficientemente afastados do cavalo e da carruagem onde seguiam Charles e Kathy, para estes não conseguirem ouvir o que eles diziam.

– Como é que estão, *realmente*, as coisas? – insistiu Ed.

– Oh – disse Sawyer, atrapalhada com o profundo interesse dele. – Está tudo bem. Quer dizer... eu e o Charles estamos muito gratos por toda a ajuda com o casamento. – Parou e depois acrescentou: – A Kathy é uma dádiva quando se trata de planear tudo. É mesmo incrível.

– Pois é, pois é – concordou Ed, mas parecia que havia algo mais importante a perturbá-lo. A carruagem continuou o seu caminho. Ele suspirou.

– Olha – disse ele agora –, eu sei que pode parecer que tu e o Charles têm prioridades diferentes neste momento. Ou talvez pareça que as prioridades *dele* estão trocadas e que o mantém afastado do vosso tempo juntos, como casal.

Sawyer não disse nada, apanhada de surpresa por Ed abordar um assunto tão pessoal.

– O Charles pode ser como a mãe – continuou ele. – Um bocadinho materialista, na verdade.

Tossiu, a tentar esconder o riso perante a tentativa de Sawyer de esconder a sua reação.

– Mas também são parecidos no facto de só quererem assegurar-se que as pessoas que amam vão ter as melhores coisas na vida.

– Ambos têm um ótimo coração, eu sei disso – disse baixinho Sawyer.

– Eu acredito que *sabes* – respondeu Ed. Manteve o olhar fixo nela. – Acredito que sabes.

Passou um momento. Ele pigarreou outra vez.

– O Charles teve de lidar com algumas mudanças inesperadas ao longo dos anos – disse.

Sawyer franziu o sobrolho, sem saber bem o que é que ele queria dizer com aquilo.

– Durante toda a infância do Charles nós estivemos... não sei dizer isto de outra forma, mas «bem na vida». Tanto eu como a Kathy tínhamos um bocadinho de dinheiro da família e eu tinha a minha própria empresa de investimento – disse Ed. Não estava de todo a gabar-se e Sawyer percebeu de imediato que havia muito mais por detrás da história que lhe estava a contar agora. – O Charles e o irmão mais novo nasceram num mundo em que não só tinham segurança, como podiam ter tudo aquilo que quisessem – continuou.

Parecia mais uma confissão do que uma expressão de orgulho e, na frase

seguinte, Sawyer percebeu porquê.

– Mas, há alguns anos, envolvi-me num investimento numa empresa de um amigo. Na altura, parecia uma coisa irrecusável. Todos os nossos amigos estavam a investir nuns fantásticos *hedge funds* e em *start-ups* e a ganhar imenso dinheiro. Achei que estava a ser um bota de elástico por não fazer o mesmo. Achei que me devia juntar a eles em vez de ficar para trás.

Ed fez uma pausa, abanou a cabeça e engoliu em seco.

– Adiante – prosseguiu. – De repente, desapareceu tudo. Fui um idiota em me deixar conduzir pela imprudência e a arrogância. Uma pessoa mais prudente teria salvaguardado alguma coisa. Não teria deixado o filho subitamente em choque e com dificuldades em pagar as propinas durante o último semestre do último ano em Harvard.

Uma expressão cansada apoderou-se do rosto de Ed. Ele esfregou a testa, beliscando o espaço entre os olhos com o indicador e o polegar.

Sawyer estava completamente estupefacta.

– O Charles? – murmurou ela. – Ele...? Não fazia ideia...

Ed assentiu com a cabeça.

– Geralmente tenho demasiada vergonha de falar sobre isto, mas tenho de admitir que tenho muito orgulho nele. Ele terminou o ano, pagou a Faculdade de Direito. Conseguiu safar-se, rapaz inteligente.

Sawyer pensou melhor sobre a relação dela com Charles. Agora fazia mais sentido. Porque é que ela não era a única com um empréstimo estudantil, porque é que, juntos, tinham dominado a arte de comer *noodles* enquanto viam um filme da Blockbuster, porque é que tinham evitado viagens ao Vermont com os amigos dele, com Charles a revirar os olhos e a dizer sugestivamente que preferia ficar em casa (o que ela tinha encarado como um elogio).

– Tenho a certeza que te questionaste, sobretudo depois de se mudarem para Nova Iorque, por que razão é que nós não vos ajudámos mais – disse Ed.

Sawyer ficou calada a pensar. «Ela tinha-se questionado?»

– Vocês não nos devem nada – disse agora a Ed. – Não estou à espera disso, nem o Charles.

– Não estás à espera – confirmou Ed –, porque és uma boa pessoa. E o Charles não espera porque sabe que não temos muita coisa que *possamos* dar. A Kathy e eu agora vivemos uma vida diferente: em que o nosso futuro é basicamente arrendado e alugado e na qual vivemos a crédito e de ilusões. Ilusões que a deixam feliz.

Sawyer ergueu o olhar para encarar o sogro, outra vez surpreendida.

– A Kathy não sabe que perdeu as vossas poupanças? – perguntou ela.

Ed soltou uma risada melancólica e suspirou, com o peso da conversa sobre os ombros.

– Às vezes é difícil ter a certeza – admitiu. – Mas a Kathy é uma mulher muito esperta, tenho a certeza de que concordas. Ficaria surpreendido se ela não soubesse. Mas acho que fica muito mais feliz por fingir. E, para ser

sincero, talvez eu também.

«Uau», era tudo o que o cérebro de Sawyer conseguia comentar em silêncio.

– Olha – disse Ed. – Eu estou a ver como é que estás a olhar para mim agora. E não te contei isto para te chocar nem para te assustar.

– Oh, meu Deus. O casamento! – balbuciou Sawyer, antes que conseguisse evitar. Pôs uma mão sobre a boca, depois deixou-a cair no colo, dormiente perante as evidências. – As despesas, só os depósitos das reservas...!

Ed abanou a cabeça e afastou com a mão as preocupações dela.

– Por favor – insistiu ele. – A Kathy quer essas coisas. Fazem parte... de tudo aquilo que é importante para ela.

– Oh, mas só de pensar no que vão gastar, dada a vossa situação – protestou Sawyer. Olhou para ele, profundamente apologética. – Eu não fazia a mais pequena ideia...

– Era essa a intenção – disse Ed.

Sawyer assimilou tudo.

– Sawyer, estou muito agradecido por tu estares a ser tão flexível e amável com tudo isto.

– Com tudo o quê? – perguntou ela, desorientada.

– Com deixares a Kathy ter um papel tão importante no planeamento do casamento. E... espero, muito sinceramente, que não tenhas sentido que estavas a ser apressada.

– Como assim? – Ela franziu o sobrolho, atingida de novo por uma sensação de incerteza.

Ed suspirou.

– Eles são os favoritos um do outro, sabes, o Charles e a Kathy – explicou. – Ela sempre quis poder planear todos os pormenores do casamento do filho e convidar todos os amigos, desfrutar daquela sensação de orgulho... e o Charles, o Charles quer a felicidade da mãe. Quando eu lhe disse que ainda temos crédito suficiente para fazer o tipo de casamento que a Kathy quer, mas que poderíamos *não* ter daqui a alguns anos... isso pode tê-lo empurrado um bocadinho.

Ed observou a expressão surpreendida e ligeiramente horrorizada de Sawyer e apressou-se a acrescentar:

– Não, não, por favor, não dêis mais importância a isso do que aquilo que tem. O Charles *sempre* disse que, desde que te conheceu, nunca teve dúvida nenhuma de que queria casar contigo. Portanto, quando eu digo «empurrar», só estou a referir-me ao *timing*, percebes?

Sawyer não conseguia falar. Só pestanejou. Não sabia o que sentir. Tinha a mente ocupada a rever a noite do pedido de casamento de Charles, e a manhã seguinte, quando a tinha surpreendido com o desejo de marcar a data de casamento durante o próximo ano. Ela tinha ficado tão lisonjeada com a pressa dele. Agora, sentiu as faces a ficarem quentes de vergonha. Tinha-se

enganado a si própria para acreditar naquilo em que queria acreditar.

O cavalo e a carruagem continuaram a trote, com a carruagem a balouçar de forma ritmada, como um barco à deriva num oceano calmo. O cocheiro tinha finalmente virado de novo para sul, passando pelo jardim zoológico e pelo parque de diversões montado no Ringue Wollman, e eventualmente para o Hotel Plaza, onde Ed e Kathy estavam hospedados.

– Vou ser sincero contigo, Sawyer – disse Ed. – O que quer que a Kathy queira, eu vou sempre tentar dar-lho.

Parou de falar e depois acrescentou:

– E, à sua maneira, penso que é aquilo que o Charles está a tentar fazer por ti agora.

O sobrolho de Sawyer ficou ainda mais carregado.

– Não estou a dizer que o Charles está endividado ou a tentar manter as aparências, como nós – apressou-se Ed a explicar. – Estou a dizer que ele já meteu na cabeça que, dê por onde der, *não* vai deixar que as coisas cheguem a isso. É por isso que ele está a trabalhar tanto e é por isso que não vai descansar até subir dentro da Wexler Gibbons. Ele está a pegar no tempo que deviam passar juntos e a trocá-lo por segurança, por um futuro cheio de segurança. E, de certa forma, talvez isso se deva ao meu erro.

Ed parou outra vez de falar, com um ar triste.

– Ele ainda não sabe como o tempo é precioso. Mas não é culpa dele. Está a fazer aquilo que acha melhor... a única coisa que sabe fazer.

A carruagem a cavalo estava a passar perto do Ringue Wollman, movendo-se de forma constante sob a luz mosqueada das árvores. Estavam quase a chegar ao Plaza.

– Porque é que me está a contar isto? – perguntou Sawyer.

– Só quero que o compreendas – respondeu Ed. – É muito importante que vocês se compreendam. É óbvio que as horas extra dele estão a colocar pressão nas coisas. Não quero que vocês se afastem por causa disto. Ele está a agir assim pelo vosso futuro. Claro que está a abordar as coisas mal, mas está a fazer isso pelo vosso futuro.

Sawyer ficou a olhar para Ed. Havia alguma coisa poderosamente urgente, mas também frágil, na expressão dele. Tinha os olhos azuis sem brilho, a sobrancelha erguida e a pele marcada por longos anos de uma preocupação que Sawyer, sendo tão jovem, sabia que estava longe de poder compreender.

– Eu respeito aquilo que me contou – disse ela, por fim. – Obrigada, Ed.

Os olhos dele ficaram vermelhos e vidrados. Ele agarrou na mão dela e apertou-a por breves instantes.

– Também és parte da família, sabes – disse.

Sawyer sorriu.

– Eu sei – respondeu. Mas a verdade é que só agora é que ela o tinha descoberto, enquanto as palavras lhe saíam da boca. – Também sinto o mesmo.

– Promete-me uma coisa, Sawyer – pediu Ed, com um tom suplicante e uma expressão séria. – Promete-me que, assim que o Charles perceber que foi um erro deixar escapar todo este tempo que deviam passar juntos... serás paciente com ele. E que lhe vais dar uma oportunidade para te compensar.

Sawyer ficou calada.

– Podes prometer-me isso? – insistiu Ed.

Sawyer inspirou fundo.

– Vou tentar.

• • •

Alguns minutos depois, ambas as carruagens pararam em frente ao Hotel Plaza, uma atrás da outra. Os quatro passageiros, primeiro Sawyer e Ed, e depois Charles e Kathy, desceram das carruagens, que balouçaram sob o peso deles. Ed juntou-se à mulher, sem qualquer indício da conversa que tinha acabado de ter com Sawyer.

– Bem! – exclamou Kathy. – Isto deu-me uma ideia genial! Eu sabia que nos estava a faltar *alguma coisa* no casamento e agora já sei o que é!

Sawyer preparou-se para o que aí vinha.

– Precisamos de alugar carruagens para o casamento! – decidiu Kathy. – Um casamento no Plaza precisa de carruagens puxadas por cavalos... como é que não me lembrei disso antes? Pensem só... vão adicionar um toque de charme às fotografias!

Passou o olhar pelo grupo.

– Não vão? – questionou.

Charles e Ed sorriram e concordaram com a cabeça, em silêncio, mas de forma afável.

– Oh! Será que podem fazer almofadas a combinar com as cores do copo-d'água? Não ficaria incrível?

Sawyer ouviu Kathy tagarelar, agora ciente do facto de que Kathy e Ed não podiam pagar nada disso. O estômago deu-lhe duas voltas e sentiu-se um bocadinho indisposta.

– É melhor voltarmos para o quarto, Kath, se ainda quisermos fazer uma sesta antes de nos prepararmos para o jantar – pediu Ed à esposa.

– Oh, claro.

Inclinou-se e beijou Charles na face e depois Sawyer.

– Lembrem-se... o barco sai às sete – lembrou-lhes Charles. – Passamos para vos apanhar por volta das seis.

– Estaremos prontos! – disse Kathy com os olhos a brilhar.

Era apenas um adeus temporário, mas Sawyer sentiu que Ed a abraçava como nunca tinha feito antes.

– Também fazes parte da família – repetiu ele, baixinho, de modo que

apenas Sawyer ouvisse.

Quando a largou, olhou para ela, com os olhos cheios de significado. Ela acenou-lhe com a cabeça.

Depois, com Kathy ainda a atirar beijos por cima do ombro, Ed e Kathy caminharam de braço dado sob o toldo dourado e sobre o pavimento com xadrez branco e preto, subiram as escadas com carpete vermelha e atravessaram a porta giratória de latão... entrando no hotel caro que já estava reservado para o casamento de Charles e de Sawyer.

Charles virou-se para Sawyer.

– Sobre o que é que o meu pai falou contigo durante o passeio de carruagem?

Sawyer queria contar-lhe, mas sentiu a garganta a fechar-se. Precisava de tempo, tempo para pensar bem naquilo tudo.

– Oh – disse Sawyer por reflexo. – Tu sabes. Conversa de circunstância.

Charles não pareceu convencido.

– Tens a certeza?

– Sim.

– É que... eu não gosto de não saber.

Sawyer sentiu-se atingida por uma onda de raiva, recordando tudo aquilo que Ed lhe tinha acabado de revelar.

– Eu também não – respondeu com voz firme.

Charles imobilizou-se. Estudou-lhe o rosto, perplexo, mas pareceu perceber que não era boa altura para insistir mais com ela. Inspirou fundo e depois puxou Sawyer para ele e envolveu-a num abraço.

Ela sentiu o coração dele a bater no peito, o ritmo íntimo da pulsação dele tal como sempre lhe parecia: forte, regular, reconfortante.

– Estou estafado – disse Charles. – Pronta para ir para casa e dormir uma sesta antes de fazermos isto tudo outra vez?

– Claro – respondeu Sawyer.

Viraram e dirigiram-se para a entrada mais próxima do metro, de mãos dadas.

• • •

A noite do Quatro de Julho foi um êxito. Kathy ficou encantada com o iate, a comida, o fogo de artifício, e Ed mostrou-se previsivelmente encantado por Kathy estar encantada. Toda a gente foi para casa animada com o champanhe e, na manhã seguinte, Ed e Kathy apanharam o comboio para o Connecticut.

Charles e Sawyer foram-se despedir e, depois, voltaram para casa e enfiaram-se de novo na cama, dormitando durante o resto do dia enquanto a luz estival jorrava pelas janelas. Foi uma tarde de repouso muito necessário.

Mas quando a noite se aproximou, Sawyer sentiu a mente resvalar outra vez para o passeio de carruagem com Ed e para tudo aquilo que ele lhe tinha confessado.

Estaria ela zangada com Charles? Achava que não. Ou, pelo menos, sempre que começava a ficar zangada por causa disso, conseguia sentir-se a amansar um bocadinho quando tentava imaginar o que devia ter sido para ele terem-lhe arrancado de repente o tapete de debaixo dos pés quando apareceram as contas das propinas para pagar. Era o suficiente para não querer repetir os erros traumatizantes dos pais. Toda a gente concordaria com isso.

«É muito importante que vocês se compreendam», tinha dito Ed.

Talvez as suspeitas dela em relação a Kendra tivessem sido muito precipitadas.

E talvez se ela abrisse agora o jogo com Charles, pensou, e lhe dissesse que Ed já lhe tinha contado tudo – que ela sabia das dificuldades financeiras da família dele –, eles conseguissem abrir-se um com o outro como costumavam fazer. Talvez se ela mostrasse a Charles que agora percebia *porque* é que ele estava a trabalhar tanto para garantir o seu futuro na Wexler Gibbons, também lhe conseguisse demonstrar que havia escolhas alternativas que também podiam levá-los até onde queriam na vida e permitir-lhes passar um pouco mais de tempo juntos.

Sorriu, entusiasmada com a ideia de que podiam resolver as coisas.

Mas ao entrar no quarto, estacou.

– Oh, olá – cumprimentou-a Charles quando ela entrou, mal levantando o olhar.

– Estás a preparar o saco do ginásio – observou Sawyer, tensa.

– Sim. Foi ótimo ver os meus pais neste fim de semana, mas fiquei com tudo atrasado.

– Incluindo o ginásio – observou ela.

– Pois – concordou ele. – O ginásio ajuda-me a manter a sanidade mental.

Sawyer sentou-se na cama, fingindo-se interessada em vê-lo arrumar o saco. Por dentro, percebeu, sentia uma necessidade inexplicável de gritar, só para lhe chamar a atenção. Sentiu alguma coisa a apertar-lhe o peito enquanto tentava resistir ao impulso.

Inspirou e mudou de assunto.

– Pensei que podíamos ver um filme juntos. Dá o *Ghost – O Espírito do Amor* hoje à noite na NBC.

– Hum, parece piegas – disse ele.

Ela conseguia ver a distração na cara dele, como os olhos lhe vagueavam pelo saco do ginásio. A mente dele noutro sítio, a contemplar algum tipo de cálculo a que ela era alheia.

– Provavelmente ia acabar por adormecer e chatear-te com o meu ressonar – decidiu ele em voz alta. – Mas podes ver, se quiseres. Importaste-te só de pôr o som baixinho? – Pousou o saco no chão, ao lado da porta, e depois

entrou na casa de banho, ligou a luz e começou a lavar os dentes.

Sawyer ficou a olhar para ele durante um minuto, desalentada.

Depois dirigiu-se outra vez para a sala de estar e a cozinha.

Ligou o computador, mais por hábito do que outra coisa. Apetecia-lhe «falar» com alguém. Começou a escrever um *e-mail* para Autumn, abrindo-lhe o coração. Mas cinco minutos depois de estar a escrever, apagou a maior parte daquilo que tinha escrito. Parecia uma inconfidência contar a Autumn acerca da situação financeira de Ed e de Kathy. E Sawyer não se sentia preparada para confessar à melhor amiga as suas suspeitas acerca de Charles e de Kendra. Ela sabia como Autumn conseguia ser protetora e havia uma grande probabilidade de as suspeitas de Sawyer estarem erradas e ela queria que Autumn *gostasse* mesmo do homem com quem ela planeava casar.

Portanto, deu por si a escrever uma coisa completamente inesperada: um *e-mail* cheio de conversa de circunstância, a contar a Autumn como se tinha encontrado com Nick no outro dia e como, para sua surpresa, se tinha divertido.

Clicou em «enviar» e depois desligou.

Entrou na sala de estar e, sem saber bem o que fazer mais, pôs a dar o filme que tinha sugerido a Charles.

Era piegas, claro.

Ainda assim, enquanto Sawyer via Demi Moore a deambular pelo seu *loft* irrealisticamente gigantesco no SoHo, assombrada pelo fantasma de Patrick Swayze, havia qualquer coisa de familiar na ideia de que alguém que amamos possa estar tão presente um dia na nossa vida e, no dia seguinte, ter desaparecido e acabado como uma série de pequenas assombrações... com o tempo que passaram juntos reduzido a ecos na memória, e a distância entre os dois transformada em diferentes universos.

O filme terminou com o espírito de Patrick Swayze a caminhar em direção à luz e Demi Moore triste, mas em paz. Sawyer agarrou no comando, desligou a televisão e depois baixou o braço. Ficou sentada em silêncio durante um bocado. Conseguia ouvir o ruído grave do ressonar de Charles que provinha da caverna escura que era o quarto.

11.

TERÇA-FEIRA, 6 DE JULHO

— Sawyer?

Sawyer levantou o olhar da secretária e encontrou Johanna à porta do gabinete.

— Incluiu-se na minha agenda como o meu compromisso das 11 horas por engano? – perguntou Johanna, com os lábios enrugados e as sobrancelhas unidas, numa expressão confusa.

— Sim. Não! Quer dizer, não – respondeu Sawyer, atrapalhada.

Johanna franziu o sobrolho.

— Então, em que é que ficamos?

— Sim, eu incluí-me na sua agenda – confirmou Sawyer. – Não, não foi um engano.

As sobrancelhas de Johanna ergueram-se de incredulidade.

— E o objetivo da reunião é...? – questionou ela.

Sawyer sentiu os ombros a curvar e a expressão a ficar acanhada.

— Queria falar sobre como me estou a sair e pedir mais responsabilidades.

Johanna fitou Sawyer com um olhar prolongado, como que a decidir. Tamborilou as unhas envernizadas na ombreira metálica da porta do gabinete, onde provocaram um enervante *tick-tick-tick*. Por fim, suspirou.

— Está bem – disse. – Entre e feche a porta.

Sawyer sentiu o peito apertado. Agarrou numa caneta e num bloco de notas e levantou-se da cadeira. Kaylee espreitou do cubículo oposto ao de Sawyer, com os olhos arregalados, num misto de espanto e inveja. Mostrou a Sawyer um discreto polegar para cima.

Sawyer entrou no gabinete, fechou a porta e sentou-se.

— Ok, força – ordenou Johanna. – Tenho coisas para fazer.

Sawyer engoliu em seco e respirou fundo.

— Eu sei que os assistentes editoriais vão e vêm – começou ela. – Muitos deles, hum... *desistem*, como há quem diga. Mas... eu queria deixar claro que tenciono ficar. – Fez uma pausa e depois acrescentou: – Bem... aquilo que

quero dizer é que isto é mesmo aquilo que eu quero fazer, ou seja, trabalhar em edição. Estou comprometida.

Sawyer parou novamente. Sentiu-se sem fôlego, com a língua enrolada.

– *Comprometida*? Até parece que vamos casar – brincou Johanna, num tom completamente seco.

Sawyer riu-se e corou. Depois recompôs-se, pigarreou e voltou a fitar os olhos da chefe.

– Estou muito... – tentou encontrar o melhor sinónimo. – Dedicada – disse finalmente. – Não vou a lado nenhum. Desde que fui contratada que trabalhei no duro e aprendi depressa e vou continuar a trabalhar muito, senão mais ainda.

Johanna franziu os lábios, mas não falou. Observava Sawyer de lado. Durante um breve instante, Sawyer receou que, no seu esforço para ser ousada e direta, tivesse parecido demasiado agressiva.

– Muito bem – foi tudo o que Johanna disse. – Mas qual é o objetivo desta reunião? O que é que quer pedir? De preferência em quinhentas palavras ou em cinco minutos, o que for mais rápido.

Sawyer inspirou profundamente. «Não percas a coragem agora», repreendeu-se a si própria.

– Estava a pensar se... sobretudo no que diz respeito à Preeti Chaudhari... se eu podia participar nas reuniões com a autora ou nas conversas com ela? Podia ficar calada e tomar notas ou assim. Eu só... quero ser a sua sombra, suponho. Se fosse possível.

– Quer «ser a minha sombra»?

Era uma expressão que outros editores seniores da editora usavam quando começavam a convidar os assistentes editoriais e os editores adjuntos para participarem em almoços e reuniões importantes, treinando-os de facto para serem os editores seniores de amanhã.

– Sim – confirmou Sawyer. – Como um aprendiz consegue aprender.

– Eu conheço o conceito – respondeu Johanna. Suspirou. – No entanto, a Sawyer *sabe* que a Kaylee foi contratada antes de si, não sabe?

– Por uma diferença de três meses – salientou Sawyer, antes de conseguir parar. Encolheu-se quando ouviu o seu tom defensivo. – O que eu quero dizer é que a Kaylee sabe que fui eu que escolhi o livro da Preeti entre os manuscritos. Ela compreende o quanto estou apostada nesta autora em particular.

Veio-lhe à memória Kaylee a mostrar-lhe o polegar para cima antes de ter entrado no gabinete para a reunião. Parecia possível que ela e Kaylee conseguissem torcer uma pela outra e *ambas* terem sucesso, até incentivarem-se uma à outra. Até já tinham um historial de se ajudarem a decodificar as tarefas que Johanna não se tinha dado ao trabalho de explicar. Em última análise, tornavam-se mais competentes uma à outra, como duas alunas a marrar juntas para o teste.

– Estou a ver – respondeu Johanna. O seu tom continuava inexpressivo e

era difícil perceber se estava zangada ou impressionada. – Mais alguma coisa?

– Bem... era isto... era sobre isto que eu lhe queria falar – respondeu Sawyer.

– Bem, vou pensar nisso e depois digo-lhe o que é que decidi sobre as relações futuras do nosso escritório com a Sra. Chaudhari. Entretanto, tenho a certeza de que a sua secretária está cheia de coisas que precisam de ser feitas antes do fim do dia.

Sawyer percebeu. Estava a ser despachada.

– Obrigada, Johanna – disse Sawyer, levantando-se para sair.

– Não tem de quê. – Houve uma pausa e, depois, Johanna acrescentou distraidamente, quase como uma reflexão tardia. – Sabe, geralmente, os assistentes esperam que um editor marque uma reunião deste género, não é ao contrário.

A mão de Sawyer já estava na maçaneta da porta. Ela voltou-se e sorriu constrangida.

– Só queria que soubesse que eu, hum... quero mesmo estar aqui.

Johanna levantou o olhar de alguma coisa que estava a observar sobre a secretária, olhou para Sawyer e depois deixou os lábios esboçarem um levíssimo sorriso.

– Bem, ainda bem para si que é ambiciosa – observou.

Sawyer sorriu e agradeceu novamente. Saiu e fechou a porta do gabinete, na esperança de que o último comentário de Johanna tivesse sido um elogio.

• • •

Nessa tarde, quando chegou a casa, a um apartamento vazio, Sawyer continuava a remoer a reunião com Johanna. Era difícil concluir se a conversa tinha sido um vexame ou uma vitória. Mal conseguia acreditar que o tinha mesmo feito, mas estava contente por ter sido suficientemente corajosa para se defender.

Mantendo a rotina habitual, carregou no botão do computador e ouviu o som da ligação a ser efetuada enquanto limpava a cara com uma folha húmida de papel de cozinha e emborcava um copo de água gelada.

«Bem-vindo!», cumprimentou-a a voz do AOL. «Tem mensagens novas!»

Clicou, contente.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: AutumnLeaves@hotmail.com

Espera lá, O QUÊ? Quem é este novo amigo? Não percebo. Ele foi DESAGRADÁVEL para ti na festa, mas decidiste andar a passear pelos bares

com ele?

Não disseste como é que ele era. Porque é que tenho a sensação de que é giro?

Ai de ti se me substituíste! Faz favor de dizer ao Senhor Jeitoso que o cargo de Melhor Amiga Oficial já está ocupado. Ele pode ser giro, mas eu é que sei acerca daquela vez, no primeiro ano, em que tentaste cortar a tua própria franja, já para não falar da luta de balões de água no pátio, quando te riste tanto que mijaste um bocadinho as cuecas e tentaste culpar os balões.

Bjs,

Autumn

P.s. Estou a brincar. Um novo amigo é bom. Ainda bem que, afinal, estás a sair de casa neste verão. Tu mereces!

Sawyer riu-se, abanou a cabeça e depois clicou em «responder».

«O Nick não é o teu substituto», prometeu ela. «Mas por acaso revelou-se um tipo muito fixe.»

Escreveu mais uns quantos pormenores, clicou em «enviar» e depois ficou ali sentada, a reler a mensagem e a pensar.

Tinha decidido que Nick *era* um tipo muito fixe. Talvez mais do que fixe. A verdade era que estava a sentir-se estranhamente desapontada por não ter tido notícias dele desde a passada sexta-feira, quando tinham saído juntos no Lower East Side. Claro, era razoável assumir que ele estivera ocupado no Dia da Independência – *ela própria* estivera ocupada. Mesmo que a tivesse convidado para sair, ela teria sido obrigada a recusar de forma constrangedora, explicando que os pais de Charles se encontravam na cidade.

Mas a verdade era... que lhe apetecia falar com Nick.

As mãos dela ficaram a pairar sobre o teclado.

Depois, num impulso, abriu um novo *e-mail* e escreveu «Querido Nick, estava a pensar em ti e resolvi dizer olá...»

Parou. Ficou a olhar para aquilo. Depois martelou a tecla «delete».

As mãos ficaram-lhe novamente a pairar sobre o teclado e escreveu: «Olá, Nick, imagino que devas estar ocupado...»

Apagou tudo.

Escreveu «Olá».

Ficou a olhar para a palavra isolada no ecrã, com o cursor a piscar para ela, como que a convidá-la a pensar no que devia escrever a seguir.

Suspirou, irritada, e levantou-se da cadeira. Deu uma volta à cozinha minúscula, vasculhou o frigorífico e encontrou uma garrafa de cerveja, abriu-a e bebeu um gole pelo gargalo.

Voltou a sentar-se e a olhar para o monitor e para a única palavra que tinha conseguido escrever. Agarrou na garrafa e bebeu mais um gole.

Depois, como se alguém tivesse agitado uma varinha mágica, ouviu-se um sinal sonoro e apareceu uma caixa à frente do rascunho do *e-mail*.

Sawyer quase se engasgou com a cerveja. Conseguiu evitar cuspi-la e depois tossiu e sorriu.

Adventures_of_Tom: Olá!

Adventures_of_Tom: És bruxo. Estava agora mesmo a pensar em ti.

Nikolai70: Adivinhei.

Adventures_of_Tom: Como assim, «adivinhave»?

Nikolai70: Parecia já ter passado o tempo certo para verificar como as coisas estão.

Sawyer lutou contra um sorriso. Teria estado também ele, algures, a resistir à vontade de falar com ela?

Adventures_of_Tom: Não me digas que és um daqueles tipos que têm de esperar uma quantidade específica de tempo antes de voltarem a falar com uma amiga?

Nikolai70: Isso só se aplica às raparigas com quem se namora. E tenho a certeza de que te estás a referir a uma coisa que viste no filme *Swingers*

Sawyer voltou a ler a resposta dele e repreendeu-se. «Lembrete: Isto não era uma situação romântica».

Adventures_of_Tom: Desculpa, tens razão.

Nikolai70: Mas tenho pensado em ti. Decidi dizer olá.

Sawyer animou-se.

Ficou sentada a morder o lábio. Por alguma razão, não queria andar com rodeios. Foi tomada por um desejo de ser ousada e totalmente franca, para variar. Os dedos dela teclaram as palavras e, antes de conseguir mudar de ideias, carregou no «enter».

Adventures_of_Tom: Para ser sincera, tenho pensado muito em ti. Não foi só hoje.

Houve uma longa pausa do outro lado. Sawyer ficou a pensar se não o teria assustado.

Por fim, materializou-se uma nova mensagem no *chat*.

Nikolai70: Devias ter dito alguma coisa mais cedo.

Nikolai70: Se te apetece conversar comigo, devias conversar comigo.

Sawyer sorriu.

Adventures_of_Tom: Bem, estamos aqui agora

Nikolai70: Em que é que estás a pensar?

Adventures_of_Tom: Segui o teu conselho. Armei-me em corajosa e falei com a minha chefe acerca de estar empenhada no meu trabalho e sobre querer ter mais responsabilidades.

Nikolai70: Olha que bom. Acho que foi uma jogada inteligente.

Adventures_of_Tom: Bem, foi graças ao teu conselho.

Nikolai70: Não. Qualquer parvalhão te pode dar conselhos. Foste tu que o puseste em prática.

Adventures_of_Tom: Sinceramente, não consegui ler a reação da minha chefe. Mas, ainda assim, sinto que fiz a coisa certa por mim

Nikolai70: Sem dúvida. Não podes ficar à espera que os outros saibam o que é que queres se não lhes disseres. E não podes ficar à espera de ser reconhecida. Isso é o que fazem as miúdas. Tens de pedir aquilo que queres e exigir que te reconheçam. Isso é o que fazem os homens.

Sawyer franziu o sobrolho, irritada, como se tivesse levado com um balde água fria.

Adventures_of_Tom: Porque é que isto se está a tornar numa discussão sobre estereótipos de género?

Nikolai70: Não há discussão. Eu tenho razão.

Adventures_of_Tom: Pareces mesmo chauvinista.

Nikolai70: Talvez sim. Talvez não. Talvez TU é que pareças chauvinista.

Adventures_of_Tom: A que propósito?

Nikolai70: Eu estou a dizer que as mulheres nem sempre pedem aquilo que valem. E que deviam sentir que têm direito a fazê-lo. Têm muito a ganhar com isso.

Adventures_of_Tom: Mas estás a chamar a isso agir como um homem.

Nikolai70: Bem, na sociedade atual, é visto como «agir como um homem».

O sobrolho de Sawyer ficou ainda mais carregado, com irritação crescente.

Adventures_of_Tom: Acho melhor mudarmos de assunto.

Nikolai70: Está bem, é para já.

Nikolai70: O que é que vais fazer esta sexta-feira?

Adventures_of_Tom: Bem

Adventures_of_Tom: Isso era outra coisa em que eu estava a pensar pedir o teu conselho. Embora agora esteja relutante em dar-te assim tanto crédito.

Adventures_of_Tom: Porque pareces sexista.

Nikolai70: Pensei que íamos mudar de assunto

Adventures_of_Tom: Tens razão.

Nikolai70: Vamos voltar à próxima sexta-feira

Adventures_of_Tom: Sim. Esta sexta-feira. Tive uma epifania de que não devia ficar sentada, sem fazer nada, no meu apartamento abafado. Que devia desfrutar do horário de verão e sair

Nikolai70: ... Uma ideia que não é nada inspirada por mim.

Adventures_of_Tom: Não. Não ficas com o crédito

Adventures_of_Tom: ADIANTE

Nikolai70: Adiante...

Adventures_of_Tom: Fiz uma lista

Nikolai70: Uma lista?

Adventures_of_Tom: De coisas que gostava de fazer

Nikolai70: Fixe! O que é que tens na lista?

Adventures_of_Tom: Bem... Acho que vais gozar comigo

Adventures_of_Tom: Sobretudo porque crescestes aqui

Adventures_of_Tom: Algumas coisas são cenas de turista. Bem, talvez muitas das coisas sejam cenas

de turista. Mas são tudo coisas que não fiz e gostava de fazer

Nikolai70: Vá lá. Tu é que puxaste o assunto. Mostra lá a lista. Se não me quisesses dizer, não tinhas falado nisso.

Sawyer mordeu o lábio outra vez. Por fim, abriu um documento Word a que tinha dado o nome de «Tardes de sexta». Copiou a lista que tinha criado, fez «paste» no *chat* deles e carregou na tecla «enter».

Houve uma pausa e Sawyer imaginou Nick a lê-la. Depois soou a notificação que anunciava uma nova mensagem.

Nikolai70: Estou surpreendido por Times Square e a Estátua da Liberdade não estarem aqui

Adventures_of_Tom: Times Square não estava, mas a Estátua da Liberdade por acaso estava. Mas fui ver o preço dos bilhetes para fazer o *tour* que vai a Liberty Island e a Ellis Island. Ui!

Nikolai70: Tens razão.

Adventures_of_Tom: É carote e o *tour* provavelmente nem sequer é assim tão bom, não é?

Nikolai70: Não, queria dizer que tens razão, que fizeste uma lista com porcarias mesmo turísticas.

A sensação de irritação regressou. Ela sabia que Nick estava apenas a ser ele próprio. Ainda assim, era desagradável.

Nikolai70: Muitas destas coisas são simplesmente pirosas e embaraçosas

Adventures_of_Tom: Bem, paciência. Lamento ter-te mostrado a minha lista.

Nikolai70: Chateei-te outra vez, não foi?

Adventures_of_Tom: Não, tudo bem. Já devia estar à espera. De qualquer modo, vou desligar. Tenho de ir

Nikolai70: Não tens de ir. Estás zangada

Adventures_of_Tom: Não, tenho mesmo de ir trabalhar um bocado. Sobre tudo se quiser ir fazer alguma destas porcarias patéticas de turista na sexta.

Adventures_of_Tom: Até depois

Nikolai70: Ok. Até um dia destes, suponho

Sawyer ficou a olhar para o ecrã, à espera, mas não sabia bem de que é que estava à espera. Por fim, terminou a sessão.

Ficou sentada durante um bocado, a tentar combater uma onda de irritação e de desilusão.

Depois voltou a iniciar a sessão.

Abriu um novo *e-mail*.

Para: AutumnLeaves@hotmail.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

P.s. Esquece aquilo que eu disse sobre o Nick. As primeiras impressões é que estão sempre certas. Ele é mesmo um PARVALHÃO.

Clicou em «enviar», com a cara ainda a arder. Alguns minutos depois, terminou a sessão e desligou o computador de vez.

Na tarde seguinte, quando finalmente chegou a hora de almoço de Sawyer, ela levou um manuscrito consigo para Greenacre Park, para trabalhar um bocado.

Teve sorte de encontrar uma mesa agradavelmente aninhada à sombra, perto da cascata. Desdobrou alguns guardanapos de papel que tinha surripiado no Starbucks e espalhou-os sobre o tampo (Johanna detestava qualquer tipo de mancha nos manuscritos, mesmo nas cópias internas que não eram destinadas aos autores), e pousou o manuscrito (com o cuidado de colocar sobre as páginas soltas o agrafador e uma caixa de agrafos que tinham trazido da sua secretária; tinha aprendido da pior maneira acerca dos perigos de uma brisa súbita). Depois, pousou o almoço a uma distância razoável, do outro lado, e começou a trabalhar.

Dez minutos depois já estava perfeitamente instalada. Comia e lia alternadamente, e tomava anotações quando, pelo canto do olho, se apercebeu da figura de alguém a aproximar-se. Olhou para cima e ficou imediatamente paralisada.

Era Nick.

Estava de fato e gravata, o que indicava que tinha vindo do escritório. Sorriu perante a expressão de choque de Sawyer, mas não fez comentários. Pelo contrário, aproximou-se da mesa em silêncio, puxou uma cadeira e sentou-se descontraidamente.

– O que é que estás aqui a fazer? – perguntou Sawyer, ainda a pestanejar, completamente surpreendida.

– Vim à tua procura – respondeu Nick com um encolher de ombros. – Bem, talvez «procurar» seja enganador, porque não foi preciso. Eu tinha a certeza de onde é que tu estavas.

– Lembraste-te de eu te falar no parque... – murmurou Sawyer para si própria, atordoada.

– Claro. Eu lembro-me de tudo aquilo que me dizes. Não foi difícil. Sai do escritório e vim direto aqui.

Sawyer olhou para ele, apanhada de surpresa.

– Mas... *porquê?* – perguntou, confusa.

Em vez de responder, Nick virou a cabeça descontraidamente, olhando para o rochedo, a verdura, as mesas de café, a cascata.

– Tenho de admitir, tens razão. Este sítio é muito fixe. Nunca teria imaginado que existia algo assim em Midtown. Um «oásis inesperado», tal como o descreveste.

– Mas porque é que estás aqui? – repetiu Sawyer, ainda confusa. Deitou uma olhadela ao relógio. – Não devias estar a trabalhar?

– Provavelmente – concordou Nick, com um encolher de ombros. – Mas tenho uns minutos.

Enfiou a mão num dos saquinhos de plástico dela e serviu-se de uma fatia de maçã. Fez um barulho estaladiço quando a mordeu. Sawyer ficou simplesmente a olhar para ele e a vê-lo continuar a mastigar.

– Estavas mesmo zangada comigo quando desligaste ontem à noite – disse ele. Agarrou noutra fatia de maçã e deu uma dentada. – Por isso, achei melhor vir aqui pessoalmente, numa tentativa de esclarecer as coisas entre nós.

– Para comer o meu almoço? – questionou Sawyer com as sobrancelhas erguidas.

– Não – disse Nick. – Para te dizer que podes contar comigo.

– «Contar» contigo?

– Sim, para o plano.

– Plano?

– A tua lista. – Ele inspirou profundamente e suspirou. – *Alguém* tem de te ajudar a fazer as coisas bem. Mais vale que seja eu.

– Estou confusa, Nick... o que é que estás a querer dizer?

Ele sorriu. Depois de ter acabado a segunda fatia de maçã, agarrou num dos guardanapos ainda dobrados sob o peso da garrafa de sumo, e limpou os cantos da boca. Depois pôs-se de pé, limpou as mãos e alisou o fato.

– Estou a querer dizer para te encontrares comigo. Esta sexta-feira às três da tarde. Junto a Castle Clinton, em Battery Park.

– Hum?

– Sexta-feira às três da tarde. Castle Clinton. Battery Park – repetiu pausadamente. – Tu consegues lembrar-te. Não me obrigues a ter de te escrever isto por *e-mail*.

Dito isto, Nick virou-se para se ir embora.

Sawyer ficou a ver as costas dele a afastarem-se, ainda atordoada pela surpresa de o ter visto.

– Três da tarde! – gritou Nick uma última vez por cima do ombro enquanto caminhava. – Não faltes!

SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO

Sawyer sentou-se num banco de frente para o porto resplandecente, as costas voltadas para o forte de tijolo redondo e rosado conhecido por Castle Clinton. O ar estava abafado e tinha um cheiro metálico, um bocadinho como antes de uma tempestade, só que mais intenso, e não havia uma única nuvem no céu.

Desde que morava em Nova Iorque, só tinha estado em Battery Park uma vez, num dia frio de inverno. Não tinha imaginado quão diferente o parque podia ser no verão, e também nunca lhe ocorrera voltar para uma segunda visita. Ficava tão longe do Upper West Side, na ponta mais a sul de Manhattan, uma periferia, mesmo pelos padrões da parte baixa da cidade. Às vezes, subconscientemente, Sawyer até imaginava Nova Iorque a desaparecer do mapa a seguir a Wall Street, como numa crença medieval acerca de o oceano subitamente reclamar a ponta de uma Terra plana.

Agora, enquanto observava a paisagem, via pessoas a correr, casais a passear de mãos dadas, turistas e famílias, pessoas de *skate* e de patins, e aquilo que pareciam corretores de bolsa a gritar para os telemóveis. Um grupo de crianças a guinchar, encantadas, revezavam-se a encher copos de papel e garrafas de água, num jogo improvisado de apanhada. Perseguiam-se umas às outras, gritavam e fugiam a rir, repetindo o processo até ficarem completamente ensopadas, com as camisolas e os calções colados aos corpos magros. Sawyer sorriu, a lembrar-se de como eram divertidas as brincadeiras com balões cheios de água, quando era criança.

Atrás dela, algures à distância, talvez numa das antigas igrejas estranhamente aninhadas entre os modernos arranha-céus, ouviu-se o sino de uma torre de relógio a dar horas. Ela contou as badaladas, por força do hábito.

Três horas.

Nesse preciso instante, como se fosse combinado, reconheceu uma figura que se aproximava, vinda da esplanada da zona ribeirinha. Estava vestido de forma descontraída, como ela. Tinham voltado a ser as duas

peessoas de vinte e poucos anos que se tinham encontrado no The Watering Hole há duas sextas-feiras.

Ela levantou-se quando Nick se aproximou.

– Olá – cumprimentou-o.

Ele trazia uma mochila e aquilo que parecia ser uma pequena geleira. Acenaram um ao outro com a cabeça.

– Tive de fazer uns recados – disse ele.

Sawyer não percebeu se ele se estava a desculpar.

– Não estás atrasado – disse, para prevenir. – São agora três da tarde, quase em ponto.

– Ainda bem – disse ele. – Isso é perfeito para o meu plano.

– Plano? – repetiu Sawyer.

Nick rodou sobre os calcanhares.

– Segue-me – exclamou por cima do ombro.

• • •

Sawyer tentou acompanhar as passadas compridas e rápidas de Nick, bombardeando-o com perguntas enquanto ele a conduzia ao longo da margem. Acabou por entrar num grande terminal de *ferry*. Podia ler-se, em letras gigantes, dispostas em meia-lua sobre o exterior do terminal: *staten island*.

– Vamos para Staten Island? – perguntou ela, a pestanejar com a surpresa.

– Sim e não – respondeu Nick.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que vamos viajar nessa direção, mas não recomendo sair lá do barco – gracejou ele.

Sawyer franziu o sobrolho, mas ele só sorriu.

– Vá lá – disse ele. – Despacha-te! Queremos apanhar um bom lugar na primeira classe.

– Primeira classe?

– É uma piada. Mas queremos apanhar um bom lugar no *ferry*. Vamos.

Mais uma vez, Nick abriu caminho e Sawyer seguiu-o. Ele deslocou-se rapidamente através do terminal e pelas escadas rolantes, subindo dois degraus de cada vez. Juntaram-se a um grupo de pessoas que esperava, em frente a umas portas fechadas, que acabassem de sair os passageiros do *ferry* que tinha acabado de chegar. Depois as portas abriram-se e Nick e Sawyer foram empurrados quando o grupo se começou a dirigir para o barco.

– Não precisamos de bilhetes, ou assim? – perguntou Sawyer, a meio do caminho.

Nick riu-se.

– É grátis. – Olhou para ela e riu-se. – O que o torna perfeito para os nossos objetivos. – Aproximavam-se de uma escada e ele fez sinal. – Por aqui. Queremos ir para o convés superior, do lado direito.

Sawyer seguiu-o por umas escadas que cheiravam a combustível e a café entornado. Chegaram ao convés superior, uma sala grande iluminada por luzes fluorescentes e cheia com filas e filas de bancos de plástico cor de laranja que, de certa forma, se assemelhavam aos do metro. Nick guinou para a direita e empurrou uma porta de metal com janelas, que levava a um convés estreito no exterior com bancos cor de laranja alinhados com a lateral do navio, virados para a água.

Nick saiu e parou em frente a um dos bancos. Limpou-o com um guardanapo de papel e fez um floreado com o braço.

Sawyer sentou-se.

– O que é que estamos a fazer? – perguntou.

– Tu disseste que querias visitar a Estátua da Liberdade – respondeu ele.

– É assim que nós, os habitantes locais, lhe dizemos olá gratuitamente.

Sentou-se ao lado dela. Sawyer ficou a olhar para ele, enquanto um sorriso tímido se lhe espalhava pelo rosto. Não sabia bem o que dizer.

– Até vou ser o teu guia turístico – disse Nick. Tirou a mochila do ombro, abriu o fecho e retirou de lá de dentro um saco grande de papel pardo.

– O que é isso?

– Uma amostra da gastronomia local, para complementar o nosso *tour*. – Abriu o saco e inclinou-o na direção dela, revelando uma embalagem de cartão com vários cachorros-quentes com diferentes molhos. – Do Gray's Papaya – disse ele.

– Nunca experimentei o Gray's – confessou Sawyer.

Nick lançou-lhe um olhar de desdém.

– É hoje que corrigimos esse erro – disse ele. – A refeição será servida daqui a instantes. – Levantou um dedo no ar. – Como sou um maravilhoso diretor de cruzeiro, venho também equipado com bebidas.

Inclinou-se e abriu a geleira. Lá dentro estavam vários copos de plástico com tampas e palhinhas, cada um cheio com aquilo que parecia ser granizado de limão. Ergueu um dos copos e entregou-o a Sawyer. Sorriu e voltou a enfiar a mão dentro da mochila para revelar garrafas de *vodka* em miniatura que Sawyer só tinha visto nos aviões e no minibar dos hotéis.

– Para usares à tua vontade – disse ele, entregando-lhe a pequena *vodka*. Mostrou-lhe o interior da mochila, onde chocalharam mais umas quantas garrafas minúsculas no bolso da frente. Sawyer controlou um risinho. Depois, Nick enfiou a mão na geleira e tirou um granizado para si.

Depois de batizarem adequadamente os granizados de limão, Nick chocou o seu copo de plástico contra o dela.

– Saúde.

– Saúde.

O *ferry* abanou e rangeu enquanto se afastava da doca e se preparava

para partir. Sawyer observou o horizonte e percebeu que já se encontravam em movimento. Levantou-se e espreitou por cima da amurada quando o *ferry* navegava entre os pilares de madeira.

Nick foi pôr-se ao lado dela.

Juntos, foram bebendo os granizados e observando o barco a movimentar-se cada vez mais para dentro da baía. Aquela ponta de Manhattan coberta de arranha-céus acabou por se afastar e encolher ao ficar para trás.

Sawyer virou-se para olhar para Nick.

– Isto é definitivamente algo novo. Algo que nunca imaginei estar a fazer hoje.

– Espera até provares os cachorros-quentes – brincou ele. – Na verdade, não vamos esperar. Não é por nada, mas não se chamam «cachorros-frios». Tens fome?

Sawyer disse que sim com a cabeça e sorriu. Nick foi buscar dois cachorros-quentes e trouxe-os até à amurada.

Mostrou-lhos.

– És purista da mostarda, ou queres com tudo?

Sawyer pensou durante um bocado.

– Não tenho a certeza.

Ele esboçou um sorriso rasgado.

– Toma, começa com este e depois trocamos. – Entregou-lhe o cachorro-quente com mostarda.

Com o granizado numa mão, Sawyer agarrou o cachorro-quente com a outra e inclinou a cabeça para o lado para dar uma dentada. Há anos que não comia um cachorro-quente. Talvez desde a altura em que corria à volta dos aspersores. Ficou surpreendida pela forma como tudo lhe veio à memória: o pão macio, o salgado da carne, o travo da mostarda.

– Sabe a verão – disse ela, tentando lamber um bocado de mostarda do canto da boca.

Nick sorriu.

– Até parece que és poeta.

Continuaram a comer e o *ferry* continuou a avançar pela baía. Entre dentadas, Nick apontou.

– Então, aqui temos a famosa Ellis Island – disse.

Sawyer semicerrou os olhos para focar os edifícios. Tijolo e pedra, com duas torres altas encimadas por cúpulas a enquadrar a fachada.

– Quase parece um parque de diversões.

– Acredita... *não* era – retorquiu Nick. – Há algumas histórias muito sérias de dificuldade e esperança ligadas a esta ilha.

Sawyer assentiu com a cabeça. Voltou a pensar na visita ao Tenement Museum.

– Na realidade, esses edifícios não são os originais. Havia um conjunto completamente diferente de edifícios que também eram bastante impressionantes... mas eram feitos de madeira. E, bem. Já se sabe...

– Foram destruídos por um incêndio?

Nick assentiu com a cabeça.

– A minha mãe disse que sempre a surpreendeu a quantidade de casas feitas de madeira, sobretudo nos subúrbios. Disse-me que na sua infância na União Soviética era tudo de betão e blocos de cimento, no sítio onde morava. As casas de madeira eram dos antigos contos de fadas russos.

Sawyer refletiu, ponderando naquilo.

– Alguma vez quiseste lá ir?

– Claro. Mas quando era pequeno sempre me disseram que era impossível – disse ele. – Pelo menos para mim e para a minha mãe, dado o historial político dela. Mas é estranho. Houve alturas em que estava superciente de que ela nunca me poderia levar ao sítio de onde vinha, mas outras vezes sentia imenso que tinha lá estado na minha cabeça e ainda agora me esqueço que não estive.

– Falas russo?

– Claro. O inglês da minha mãe é ótimo, mas acabamos sempre a falar russo quando estamos juntos.

– Às vezes... sonhas em russo?

– Sim.

Sawyer ficou calada. Observou o rosto de Nick, mas ele estava a olhar para a água, perdido nos seus pensamentos.

– Para ti, essas histórias que ouvimos no Tenement Museum eram interessantes – disse Nick, a acenar com a cabeça. – Para mim, essas histórias são... não sei... *familiares*. Consigo sentir o anseio nelas; o anseio da minha mãe de estar aqui na América, misturado com o anseio dela pela terra natal.

Por fim, abanou-se e virou-se para ela.

– Toma – disse ele e estendeu-lhe metade do cachorro-quente, indicando a metade que ela tinha na mão. – Troca.

Trocaram de metades.

Sawyer teve dificuldade em lidar com a metade de cachorro-quente que ele lhe tinha passado. Para além da mostarda, o «com tudo» incluía *ketchup*, cebola, picles e chucrute. Quando deu uma dentada, identificou os mesmos sabores de antes, mas agora também sentiu na boca o travo agriçoce.

– E aqui, à esquerda de Ellis Island – apontou Nick –, começamos a ter uma vista privilegiada sobre Liberty Island. Antes de os franceses nos terem oferecido a Estátua da Liberdade, a ilha tinha um forte em forma de estrela, cujos muros de pedra pontiagudos servem agora de base. O forte chamava-se, não deixa de ser irónico, Fort Wood. Sem qualquer relação com a madeira.

– O *tour* está a ser ótimo – gozou Sawyer.

Ele estreitou os olhos perante a brincadeira dela, como que a avisá-la para não insultar o guia.

– Ei, se eu achasse que tu permitias que eu pagasse pelos dois para irmos fazer o *tour* de Ellis Island e de Liberty Island, eu teria avançado com isso.

– Eu não te teria deixado pagar – concedeu Sawyer.

– Foi o que eu pensei. E aqui estamos nós – ele piscou-lhe o olho. – Disseste que querias que fosse barato e recebes aquilo por que pagas.

– Então, suponho que seja fácil de agradar, porque estou a gostar muito.

Nick pousou o olhar sobre o rosto de Sawyer durante bastante tempo.

– Eu também.

O *ferry* estava agora a passar em frente a Liberty Island. Sawyer virou-se para olhar para a estátua e gravar o momento na memória.

– É difícil imaginá-la sem ser verde. Mas deve ter sido – disse.

– Como uma moeda de cêntimo – concordou Nick. – Ela devia ofuscar imenso sob certos ângulos do sol antes de oxidar.

Sawyer moveu-se para dar mais uma dentada no cachorro-quente, mas o «com tudo» estava a ficar cada vez mais difícil de gerir. Quando o mordeu, um bocado do chucrute deu de si e uma mistura de *ketchup*, mostarda e picles escorreu-lhe pelo queixo. Deixou escapar um grito abafado. Nick riu-se e correu para a mochila para pegar em alguns guardanapos.

– Espera!

No segundo seguinte já estava ao lado dela, ainda a rir, mas salvando-lhe corajosamente a camisola ao pressionar-lhe uma série de guardanapos contra o queixo. Sawyer riu, envergonhada, enquanto ele limpava os condimentos.

– Escapou-se-me.

– Porque é que achas que te dei esse com muita coisa em segundo lugar?

– Então, orquestraste a minha humilhação.

– Por favor! Pensei que podias *treinar* primeiro no que só tinha mostarda. Existem níveis de habilidade mesmo quando se trata de comer isto, sabes. Ninguém fica profissional de repente.

Nick limpou-lhe um último vestígio de mostarda do queixo com a mão. Os olhares de ambos cruzaram-se. Sawyer sentiu-se subitamente envergonhada. Sabia que estava a sorrir para ele como uma parva, mas não conseguia evitar. O olhar dele permaneceu no dela.

Mas no segundo seguinte foram assustados por um esvoaçar de penas.

Instintivamente, Nick encolheu os ombros perante a deslocação de ar e virou-se. Quando viu que era apenas uma gaivota, cumprimentou-a com um aceno de cabeça. A gaivota inclinou a cabeça para olhar melhor para Nick, com os seus olhos redondos de dinossauro.

Nick cortou um bocado do pão do cachorro-quente e estendeu-o na direção dela.

A gaivota observou o pão de um lado e do outro, e acabou por aceitar a oferta. Para uma gaivota, a forma como a ave retirou o pão da mão de Nick pareceu a Sawyer estranhamente educada.

– Fizeste uma amiga – riu-se ela.

Nick arrancou um último pedaço de pão, deu-o à gaivota e depois comeu o resto do seu cachorro-quente. A gaivota inclinou a cabeça para olhar para um e para o outro e, depois, levantou voo sem esforço.

– Aliás, a *penas* uma amiga – brincou Sawyer.

- Não – discordou Nick. – Viste aquele olhar dela? O amor era real.
- Ela riu-se outra vez.
- Ele apontou para o copo vazio.
- Queres mais? Queres provar outro cachorro?

• • •

Quando o *ferry* atracou no terminal de St. George, em Staten Island, os passageiros desembarcaram.

Mas Sawyer e Nick não se mexeram. Veio um funcionário do *ferry* para expulsar as pessoas do barco, mas Nick sorriu e cumprimentou-o com um «dá cá mais cinco».

- Olá, Carlo! – saudou-o.
- Que tal, Nick?
- Tudo bem. Tens fome?
- Sempre.

Nick tirou um dos cachorros-quentes do saco e Carlo aceitou-o com um sorriso.

– Vocês vão ficar? – perguntou Carlo, ignorando o facto de o seu trabalho ser obrigá-los a sair.

– Estamos, sabes... a fazer uma espécie de cruzeiro sem destino – respondeu Nick com um aceno de cabeça.

– Ok – disse Carlo a rir. – Não é o Barco do Amor, mas desfrutem do convés, está bem?

Deixou-os sozinhos e continuou, enquanto mastigava o cachorro-quente. O *ferry* voltou para Manhattan.

E de novo para Staten Island.

E outra vez para Manhattan.

E novamente para Staten Island.

Sawyer perdeu a conta ao número de vezes que andaram no *ferry* para a frente e para trás. Na segunda vez que viu a Estátua da Liberdade, tinha começado a sentir uma ligeira agitação, devido ao granizado e à conversa incessante que parecia brotar dos dois enquanto o *ferry* se deslocava. A tarde passou a correr e, antes de ela dar por isso, o sol mergulhou no horizonte, inundando as ociosas nuvens de verão com raios cor de laranja, vermelhos e roxos, criando um ocaso vívido e fulgurante.

– Para que saibas – disse Nick a apontar com o queixo para o pôr do sol –, nem todos as excursões têm direito a um final destes.

Levantaram-se do banco e ficaram novamente lado a lado junto à amurada, a ver o sol a desaparecer sobre Nova Jérсия. Brilhos dourados dançavam sobre a água, como lantejoulas num vestido. Era um pôr do sol surreal. O tipo de paisagem natural que, quando era criança, deixava sempre

Sawyer, em criança, à procura da sua pequena *Kodak* de plástico, apenas para ficar desapontada quando as impressões vinham, provando que existem algumas coisas que a máquina simplesmente não conseguia captar.

Também era um pôr do sol romântico.

Sawyer deitou uma olhadela a Nick, encantada. Sentiu uma pontada de culpa e pousou o olhar a meia distância, sobre a água. Os pensamentos dela voltaram-se para Charles.

E depois para Charles e Kendra.

– Talvez eles não estejam a ter um caso – disse ela.

Nick virou-se para a fitar.

Sawyer encolheu os ombros.

– Talvez não estejam.

O olhar de Nick voltou-se para o pôr do sol.

– Se isso te fizer feliz, eu espero que seja verdade.

Sawyer ponderou durante um bocado.

– Nunca pensas em perguntar-lhe diretamente?

Nick resmungou.

– Recomendo que se fizeres essa pergunta dessa forma, estejas realmente preparada para ouvir a resposta.

Sawyer imaginou-se a ser direta com Charles e o noivo a confirmar que as piores suspeitas dela eram verdade. Estremeceu.

Quando olhou para Nick e viu a expressão no rosto dele, percebeu que ele não precisava de imaginar.

– Isso aconteceu contigo – disse ela a Nick num tom revelador. – Com alguém antes da Kendra.

Ele confirmou com a cabeça.

– Era uma relação séria?

– Vivíamos juntos. – Encolheu os ombros. – Eu tinha um anel. Ainda não lho tinha dado, mas tinha um anel.

– Uau... *TU?* – deixou Sawyer escapar antes de conseguir evitar. A *vodka* tinha-lhe, sem dúvida, soltado a língua.

Nick ergueu uma sobrancelha.

– É que... no Yale Club... criticaste-me tanto por estar noiva.

Ele encolheu os ombros.

– E agora já sabes porquê. No meu caso, eu teria sido muito parvo se a tivesse pedido em casamento.

Sawyer ficou de novo calada, pensando naquilo.

– E descobriste que havia outra pessoa quando lhe perguntaste?

Nick confirmou outra vez com a cabeça.

– Estava a ter uma sensação estranha. Mas não havia nenhuma razão aparente para isso. Pensei que estava só a ser maluco. Pensei que seria algo fácil de resolver e depois podíamos seguir em frente. Estávamos a fazer o pequeno-almoço. Perguntei-lhe se havia mais alguém e ela olhou simplesmente para mim e disse que sim.

Deu uma risada amarga.

– Tem graça, porque eu tinha imaginado o pedido de casamento a acontecer mais ou menos assim. Pequeno-almoço. Uma pergunta simples. Uma resposta completamente franca e incondicional.

– Nick... lamento imenso.

Ele abanou a cabeça.

– Não. Não é uma história triste. Estou só a dizer que, pela minha experiência, se fizeres essa pergunta, tens de estar preparada para a resposta. Porque não há muito a fazer depois de receber uma resposta como a que ela me deu naquele dia, a não ser fazer as malas e sair de casa.

– Achas mesmo? – perguntou Sawyer, sinceramente. – Achas mesmo que não há mais nada a fazer a não ser fazer as malas e sair? E se a pessoa disser que ainda te ama e quiser encontrar uma forma de ultrapassar isso, de resolver as coisas?

Nick abanou a cabeça.

– Não é realista – decretou ele. – Pelo menos, não para os homens.

Sawyer suspirou e revirou os olhos.

– Voltamos a *isso* outra vez?

– Não, vamos saltar a discussão sobre género. Digo apenas que para mim foi assim. Mas, quem sabe, poderia ser diferente para ti.

Sawyer sentiu que Nick tinha sido sensível com ela e que agora estava a voltar a levantar a guarda.

– A tua segunda razão – disse ela sem pensar.

– Desculpa?

– Disseste que tinha havido *duas* razões para te queres encontrar comigo naquele dia no Yale Club. A segunda razão era o facto de ser uma «pessoa verdadeiramente genuína».

– Tenho quase a certeza de que a minha avaliação estava correta.

Sawyer mostrou-lhe um sorriso doce, de lábios fechados, e abanou a cabeça para si própria, sem perceber como é que ainda não tinha ligado os pontos.

– *Tu* foste outrora uma pessoa genuinamente boa e comprometida... bem, quase comprometida – disse. – Quiseste encontrar-te comigo no Yale Club porque não queres que me aconteça a mesma coisa que te aconteceu a ti.

Perante isto, Nick virou-se para a encarar de novo. Tinha o olhar escuro e penetrante.

Após uns instantes, abanou a cabeça e riu.

– Não sejas ridícula – disse ele. – Eu nunca fui uma pessoa genuinamente boa.

– Ah – respondeu Sawyer, percebendo que ele estava a tentar desviar a conversa. Não havia nada a fazer senão alinhar. – Tens razão. Já estou a ver a falha na minha lógica.

Riram juntos. Após uns segundos, Nick ficou calado. Parecia quase triste.

Os olhos dele desceram para a mão que Sawyer pousara na amurada, entre eles, e para o anel.

– A tua situação é diferente da minha – disse ele baixinho. – Eu estava a falar a sério naquele dia, no Yale Club. A tua situação é mais difícil, mais complexa. E... tenho pena de ti nesse aspeto.

Ergueu o corpo da amurada, endireitou-se e pigarreou.

– Olha, tenho imensas razões para criticar o tipo e não quero realmente ter opinião sobre ele, ponto final. Mas posso dizer-te uma coisa – continuou. – Seria um grande parvo se alguma vez fizesse alguém como tu sentir-se uma segunda escolha. Espero que saibas que isso é verdade.

Sawyer sentiu o olhar dele nela e encarou-o. Era uma coisa simpática de se dizer, o tipo de coisa geralmente agradável que se diz numa conversa motivadora.

Mas Sawyer sabia: Nick não fazia coisas «geralmente agradáveis» nem fazia conversa motivacional.

Ficaram a olhar um para o outro durante muito tempo, sem pestanejar. Os olhos dele desceram para a boca dela. Sawyer sentiu a pulsação a acelerar e o calor do corpo a subir-lhe para o rosto. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Estavam tão perto um do outro. Ela conseguia sentir a respiração de Nick na pele.

O ar entre eles ficou intenso...

Até que um salpico de tinta branca acabou com o transe.

Sawyer pestanejou, a olhar surpreendida para a camisola de Nick, e percebeu que não se tratava de tinta branca.

– Oh, não! – gritou a tentar controlar o riso.

– Que raio? – resmungou ele, a puxar e a torcer para tentar perceber a quantidade de cocó de gaivota que lhe tinha aterrado na camisola.

Sawyer não conseguiu evitar e desatou a rir descontroladamente.

– Espero que não tenha sido a tua amiga!

– Amiga da onça – disse Nick, continuando a proferir obscenidades.

Nesta altura o pôr do sol extinguia-se lentamente num espectro de púrpuras claros e escuros, e o *ferry* estava a atracar em Whitehall Terminal, em Manhattan.

– Pronto, pronto – anunciou Nick. – O *tour* terminou.

Começou a guardar o piquenique improvisado. Sawyer ajudou a recolher e deitar fora o lixo. Pelo canto do olho, viu Nick a fazer tentativas esporádicas para limpar a camisola com um guardanapo. Parecia verdadeiramente enojado. Ela tinha reparado na *T-shirt* antes. Parecia usada ao ponto de estar fina e macia, com o logótipo dos Nirvana na frente e datas e lugares de concertos nas costas. Provavelmente insubstituível.

– Ei, gostas dessa *T-shirt*? – perguntou num tom inocente, enquanto desciam as escadas do *ferry*.

– *Gostava*.

– Eu sei como tirar a nódoa.

- Pegar-lhe fogo?
- Ela revirou os olhos.
- Não sejas tão dramático. Eu mostro-te.

• • •

Caminharam desde Battery Park até ao apartamento de Nick, que era num antigo edifício de tijolo em Alphabet City.

– O que foi? – perguntou Nick ao ver a expressão na cara de Sawyer depois de ele abrir três fechaduras diferentes na porta da frente.

Ela encolheu-se, um bocadinho envergonhada por ele ter aprendido a lê-la tão bem e depois admitiu:

- Não sei porquê, mas não te imaginava a viver num prédio antigo.
- O que é que imaginavas?

– Não sei. Tu és um bocadinho como duas pessoas diferentes. Há o tipo que toca numa banda e frequenta o The Watering Hole e o Gray's Papaya... e depois há o executivo de publicidade de fato caro que eu conheci naquela primeira noite no jantar da Wexler Gibbons e que se refere às mulheres como «miúdas» e é membro do Yale Club.

Fez uma pausa antes de concluir.

– Acho que te imaginava a viver num arranha-céus. Daqueles com ginásio e porteiro com quem se faz aquele aperto de mão fixe para dar gorjeta, e que faz favores e te trata por «Nicky».

– Estou a ver – assentiu Nick. – Estavas a imaginar um «solteiro elegante». Mas, em vez disso, acabaste com o «solteiro assustador».

– Não, não quis dizer...

Ele fez-lhe sinal para esquecer, a rir.

– Não há porteiro paternal nem ginásio patético que ninguém usa, mas as baratas portam-se bem e garanto-te que tenho a dignidade de nunca deixar faltar o papel higiénico na casa de banho – brincou. – As senhoras parecem não gostar disso.

Empurrou a porta e fez um gesto para ela entrar.

Lá dentro, atirou a mochila e a geleira para o chão. Foi à casa de banho tirar a camisola e lavar o pescoço e o peito. Sawyer ouviu-o a esfregar-se freneticamente com uma pequena toalha.

Sawyer ficou ali a olhar à volta, desconfortável. O edifício em si, provavelmente tão velho como o museu que tinham visitado há duas semanas, exibia equipamentos incrivelmente antigos: interruptores, um armário retangular alto que outrora teria contido, sem dúvida, uma tábua de engomar, e uma enorme estante embutida que em algum momento alojara uma cama de parede. O espaço em si era razoavelmente grande (não se assemelhava aos minúsculos apartamentos do museu), mas a disposição aberta conferia-lhe

mais o aspeto de um estúdio gigante do que de um T1.

Sawyer ficou impressionada com o aspeto limpo e acolhedor. Nick tinha bom gosto. O soalho estava coberto por tapetes com padrões fortes em todos os tons de vermelho, castanho e cor de vinho. Nas paredes, pendiam pósteres *vintage* de *rock*, a preto e branco. Bob Dylan. Mick Jagger. The Doors. O sofá estava impecavelmente tapado com uma manta que exibia uma bonita, mas ainda assim masculina, flor eslava. Uma cadeira Eames de couro preto e o respetivo repousa-pés a condizer estavam encostados num canto ao lado da enorme estante embutida. Sawyer não viu uma televisão em lado nenhum, mas viu um gira-discos *vintage* e uma enorme aparelhagem ladeada por duas colunas.

O apartamento era eclético e boémio. Ele tinha conseguido transformar as características antigas do edifício num ambiente sofisticado e cheio de estilo.

Nick saiu da casa de banho e entrou no quarto, uma assoalhada inutilmente separada do resto do apartamento por portas duplas de vidro que provavelmente chocariam com a mobília se alguém as tentasse fechar.

Na cozinha, Sawyer avistou uma antiga banheira com pés.

– Uau! – exclamou ela, atravessando a divisão para a admirar. – Já tinha ouvido falar em apartamento antigos de Nova Iorque que tinham banheiras na cozinha, mas nunca tinha visto nenhum.

– Eu sei – disse Nick do quarto. Sawyer conseguia vê-lo parcialmente, a partir da cozinha, à procura de uma nova *T-shirt*. – As pessoas acham sempre que é estranho.

– Eu não – respondeu Sawyer. – Eu acho fixe.

Ele saiu do quarto com uma *T-shirt* limpa e juntou-se a ela ao lado da banheira.

– As pessoas perguntam sempre se eu tomo mesmo banho aqui.

– E o que é que respondes?

– Não, não tomo banho na cozinha! Isso seria esquisito.

Sawyer inspecionou lentamente os livros e as velas nos parapeitos e nas prateleiras em volta da banheira. Nick apanhou-a a observar e ficaram a olhar um para o outro. Sawyer sorriu.

– E, por acaso, tomas secretamente banho na tua cozinha?

– Óbvio. Aquela banheira é a minha parte favorita da casa.

Ele levantou a tábua de madeira que transformava a banheira numa bancada improvisada e abriu uma das torneiras.

– Estás a ver? – disse. – Funciona. Quente. Fria. E a porcelana até foi restaurada.

– O dono do edifício restaurou a porcelana? – Ela franziu o sobrolho, surpreendida. – Eu percebo que seja demasiado dispendioso retirar a banheira, mas não estava à espera que ele quisesse que os inquilinos a usassem.

– Ok, talvez eu tenha tido a iniciativa de a restaurar – confessou Nick. Riu-se, envergonhado. – Caramba, não te escapa *nada*.

Sawyer riu-se.

– Não sei porquê... mas sinto que não estás mesmo a *tentar* esconder-me nada.

– Tens razão – disse Nick. – Contigo eu... não o faço.

Trocaram novamente olhares. Sawyer sentiu outra vez o coração a bater mais depressa, tal como tinha acontecido no *ferry*. Desta vez, a pele arrepiou-se-lhe com calor e frio ao mesmo tempo e ela sentiu uma veia na garganta a latejar. Remexeu-se e, quando olhou para o chão, viu a *T-shirt* na mão de Nick.

– A tua camisola! – lembrou-se. – Só precisamos de duas coisas para tirar a nódoa. Detergente de louça líquido e vinagre.

Nick vasculhou a cozinha e apresentou uma garrafa de cada.

– Não precisas de fazer isso, a sério.

– Não há problema.

Ela começou a esfregar antes de ele a conseguir deter.

– É fácil, olha! Já está. – Deu uma última esfregadela forte e passou a camisola por água no lava-louças. Torceu-a cuidadosamente. – Agora só precisa de secar. Depois podes lavá-la com o resto da roupa suja.

– E depois de a ter lavado vinte ou trinta vezes estará em condições de a vestir outra vez – brincou Nick.

– Então – avisou Sawyer. – Em muitos países, levar com cocó de pássaro é considerado um sinal de sorte!

– Estás a aconselhar-me a não... mandar a «sorte» por água abaixo?

– Não, não. Lava-a, por favor.

Ele riu-se e depois esperou, consciente de que havia alguma coisa que ela queria dizer.

– O dia de hoje pareceu-me afortunado. Com ou sem cocó – admitiu Sawyer. – Para mim, pelo menos.

Nick olhou para ela.

– Para mim, também, suponho.

Instalou-se entre eles um silêncio constrangedor.

Uma súbita preocupação surgiu na mente de Sawyer: ela não queria que o dia acabasse. Sentiu Nick a observá-la, a ler-lhe a expressão, e corou.

Ele sorriu.

– Há um *snack bar* na esquina que tem os melhores cremes de ovo e o *banana split* de toda a Costa Leste.

– O que são cremes de ovo? – perguntou Sawyer.

– O quê? Estás a brincar comigo? Temos mesmo de ir.

• • •

Tal como Sawyer depressa descobriu, os «cremes de ovo» não tinham

absolutamente nada a ver com ovos.

Bebeu um gole e enrugou o nariz perante a inesperada gaseificação.

– Portanto, basicamente... é uma bebida de chocolate com gás – decidi eu ela.

– Ok, primeiro que tudo... dizes isso como se não estivesses impressionada – retorquiu Nick na defensiva. – E depois: de que é que estavas à espera? Pediste de chocolate.

– Tu disseste que o de chocolate era o melhor

– E é o melhor. Todos os conhecedores de refrigerantes te podem dizer que o de chocolate é o melhor.

– *Tu* és um conhecedor de refrigerantes – gozou Sawyer a revirar os olhos. – Toda esta conversa está a dar-me gases.

Os olhos de Nick arregalaram-se com a inesperada brejeirice. Riu-se a meio do gole e quase lhe saiu refrigerante pelo nariz.

Quando o *banana split* chegou, devoraram-no antes de o gelado ter hipótese de derreter, as colheres prateadas a cintilar sob as luzes do *snack bar* enquanto competiam como num duelo entre dois gulosos.

– Entre o *pastrami*, os cachorros-quentes e, agora, isto... já recolhi provas suficientes para dizer, oficialmente: tu e eu comemos como uns verdadeiros animais – observou Sawyer, a lamber um pedaço de *chantilly* que tinha no canto da boca.

– Os humanos *são* animais – salientou Nick.

– Isso é verdade.

– É uma vergonha.

– A sério? Pensei que não te preocupavas com as boas maneiras.

– E não preocupo – confirmou Nick. – Estou mais interessado em que o momento dure mais tempo quando me estou a divertir.

Sawyer pestanejou. Ele encolheu os ombros.

Portanto, Nick lera-lhe o pensamento e também não queria que o dia acabasse.

Ela sentiu as orelhas a esquentar enquanto olhava para baixo, timidamente, e dava mais uma colherada no gelado.

• • •

Depois de saírem do *snack bar*, caminharam juntos para oeste, para Sawyer poder apanhar o metro.

Ela adorava Greenwich Village à noite, com as suas fachadas de pedra, ruas estreitas, pessoas a comerem nas esplanadas dos cafés, a ocasional escada de incêndio enfeitada com luzes de Natal independentemente da estação do ano.

Acabaram por chegar à entrada do metro em Christopher Street. Pararam

e viraram-se um para o outro.

– Pronto.

– Pronto.

Sawyer sentiu-se nervosa e, a seguir, foi inundada por uma onda de embaraço por estar tão agitada. Pôs isso de lado e decidiu despedir-se com um abraço.

Para sua surpresa, Nick deu um salto para trás.

– De certeza que me queres abraçar? – brincou ele. – Uma gaivota fez cocó em cima de mim hoje.

Ela lançou-lhe um olhar de soslaio por ele a ter enganado.

– Bem visto – alinhou, e virou-se para se ir embora.

– Espera!

Sentiu-o a agarrar-lhe na mão. Voltou-se para trás e imobilizou-se. O toque dele provocara-lhe uma surpreendente descarga elétrica no corpo.

Olharam um para o outro.

Os olhos de Nick desceram até onde ele ainda lhe apertava a mão. Soltou-a, como se esse gesto também o tivesse deixado nervoso.

No segundo seguinte, recuperou a atitude descontraída.

– Mas afinal... eu *troquei* de camisola – continuou ele a brincar. – *Provavelmente* é seguro para ti.

– Não sei... – disse ela, alinhando na brincadeira. – Não me parece uma grande garantia. Mas acho que vou arriscar.

Deram um abraço rápido, agora muito menos constrangedor graças às piadas de Nick. Ainda assim, era difícil ignorar a forma como o coração dela acelerou, a forma como sentiu nas têmporas e no pescoço um formigueiro de suores nervosos.

– Obrigada por hoje.

– Sim... igualmente – respondeu Nick.

Sawyer lembrou-se de uma frase do filme *Ghost – O Espírito do Amor*. Riu-se em voz alta.

– O que foi?

Ela abanou a cabeça.

– Nada.

– Bem, então... até um dia destes, suponho.

– Sim. Adeus. Mais uma vez, obrigada – disse ela.

– Pode ser que a gente repita outra vez um dia destes.

Ela sorriu e virou-se para descer as escadas do metro. Um sopro de ar quente atingiu-a, vindo do túnel, juntamente com o som dos travões do metro a guincharem.

Alguns minutos depois, Sawyer estava agarrada a um poste metálico numa carruagem da Linha 1, a acelerar para a parte alta da cidade.

Enquanto o metro corria, aproximando-a cada vez mais do seu destino, ela fechou os olhos e – por brevíssimos instantes – relembrou a sensação de quando Nick lhe agarrara na mão... daquele choque elétrico.

O que tinha sido aquilo?

Voltou a recordar o momento e estremeceu, abrindo os olhos para ver se alguém no metro estava a olhar.

QUARTA-FEIRA, 14 DE JULHO

Sawyer tornara-se tão obcecada com entrar na conta AOL e verificar o *e-mail*, que se esquecera de prestar atenção ao correio normal.

Então, na quarta-feira seguinte, enfiou a chave na pequena porta de latão da caixa de correio no *hall* de entrada do prédio e encontrou algo inesperado.

Um envelope. Ligeiramente grosso.

O envelope autoendereçoado era-lhe, ao mesmo tempo, familiar e estranho. Os envelopes autoendereçoados constituíam uma prática habitual quando se tratava de enviar contribuições para revistas literárias. Sawyer criara este na sua impressora de casa – enfiando um dos envelopes que tinha comprado num *pack* na Duane Reade pela abertura da bandeja da impressora e rezando para que não ficasse preso.

Era estranho endereçar um envelope para si mesma. Lembrava-lhe de como, em criança, o pai insistia que se ela escrevesse ao Pai Natal, o Pai Natal lhe escreveria de volta. Agora, Sawyer imaginava o pai a escrever essas cartas e a endereçá-las para sua própria casa, e até a dar-se ao trabalho de as entregar no posto dos correios, para ela ter a alegria de as receber do carteiro, e como ele se devia sentir quando as via a regressar. O envelope autoendereçoado causava-lhe uma sensação semelhante: um pequeno lampejo de reconhecimento por ver uma coisa que tinha feito voltar para ela.

No entanto, enquanto o envelope do pai lhe trazia palavras amorosas, embora algo fictícias, do Pai Natal, até agora os envelopes autoendereçoados só lhe tinham trazido ondas de rejeição.

Submeter originais às revistas literárias por escrito significava escolher um ou dois dos melhores contos, ou um punhado dos melhores poemas, escrever uma carta de apresentação, incluir um envelope autoendereçoado e enfiar tudo no correio. Sawyer tinha-se esquecido, em grande medida, da mão-cheia de submissões que tinha enviado desta forma. Uma regressara ao fim de uma semana. A nota de rejeição em si («Obrigado por ter pensado em nós. Infelizmente, a sua submissão não era indicada para a nossa revista neste

momento...») parecia ter sido impressa várias vezes numa única página, fotocopiada e depois cortada à tesoura em tiras estreitas. Quando Sawyer abriu o envelope, no início pensou que estava vazio, até ter apalpado lá dentro e descoberto a tirinha de papel, como uma pequena fita de telex, quase dobrada ao meio. Bem, pensou ela, pelo menos não andavam a abater mais árvores do que o estritamente necessário.

Outros três desses envelopes tinham regressado muito devagar, todos eles igualmente finos, mas ao menos com o mérito de conterem uma folha inteira de papel, ou então metade. Um até tinha um rabisco manuscrito a tinta azul: «Gostámos de ler os seus poemas! Por favor, tente novamente!» Sawyer sentira-se emocionada com a nota manuscrita... e ainda mais tocada ao perceber que estava feliz por ter sido rejeitada de forma tão encorajadora. Praticamente já se tinha esquecido do «extraviado» que ainda andava por aí. De qualquer forma, era uma possibilidade remota e, a certa altura, pensou que a falta de resposta já *era* uma resposta.

Portanto, ficou chocada quando naquela quarta-feira à noite enfiou a mão no pequeno retângulo de latão que era a sua caixa de correio e retirou o seu envelope há muito esquecido. Ficou ainda mais surpreendida quando lhe pareceu que era demasiado grosso para conter apenas uma folha de papel. Olhou para a morada do remetente, a morada que ela própria tinha escrito, e estremeceu perante a confirmação: *The Paris Review*.

Sentiu o coração na garganta. Ela idolatrava *The Paris Review*.

Enquanto olhava para o envelope (não era exatamente gordo, mas era muito mais grosso do que qualquer um dos outros!), a mente de Sawyer começou a extrapolar todas as possibilidades. Talvez fosse um engano. Talvez lhe tivessem devolvido as páginas que submetera, embora o protocolo dissesse especificamente que não era habitual fazerem isso.

Sawyer só tinha certeza de uma coisa: não podia abrir ali o envelope, no apertado *hall* de entrada do prédio, onde um vizinho (muito provavelmente a Sra. Kallenbach, que passeava o seu *beagle* incontinente pelo menos cinco vezes por dia) podia passar e perguntar-lhe alguma coisa sobre o envelope que ela estava a apertar com tanta forma.

Levou o envelope lá para cima.

• • •

Assim que se viu em segurança dentro do apartamento, Sawyer pousou o envelope na secretária da cozinha e ligou o computador. Estava tentada a enviar um *e-mail* para Autumn, no Japão, mas sabia que não podia esperar qualquer tipo de resposta imediata.

Precisava de contar a alguém acerca do envelope, *imediatamente*.

Ainda pensou em telefonar a Charles no escritório. Podia não o apanhar.

E mesmo que o apanhasse... por onde é que ia começar? Não tivera a intenção de manter a escrita dela em segredo, simplesmente acontecera.

A última vez que Sawyer tinha falado a Charles sobre a sua escrita fora na faculdade. Ele dissera-lhe logo, com humildade, que «nunca tinha sido suficientemente inteligente para perceber a poesia». Então, ela tinha-lhe dado um conto para ele ler... e sentiu-se pessimamente quando ele adormeceu, deixando a maior parte por ler. Isto aconteceu durante algumas noites consecutivas, até que ela voltou a guardar a história. Ele nunca lhe perguntou nada, e Sawyer deixou o assunto morrer.

Pensou nisso agora.

E em Nick e em como ele se tinha dado ao trabalho de encontrar o poema dela na Internet e de o ler. Havia apenas uma pessoa em especial a quem estava desejosa de falar sobre o envelope.

Não tinha voltado a falar com Nick desde que tinham passado a sexta-feira no *ferry* para Staten Island. Desde então, Sawyer dera por si a olhar pensativamente para a caixa de entrada vazia da conta AOL, e a desafiar-se a enviar-lhe um *e-mail* para se acobardar logo a seguir.

Mas agora, ao olhar para o envelope, decidiu simplesmente arriscar. Abriu o *chat*. O ponto verde indicava que ele estava atualmente *online*. O coração dela palpitou.

Adventures_of_Tom: Olá

Carregou no «enter» e aguardou.

E aguardou.

E aguardou mais um bocado.

Por fim, o computador apitou.

Nikolai70: Olá para ti também

Nikolai70: Olha só quem decidiu tomar a iniciativa de ser a primeira a dizer olá

Sawyer sentiu-se a sorrir de orelha a orelha.

Pensou durante um bocadinho sobre aquilo que queria dizer e por onde é que queria começar. Mas é claro que demorou demasiado e o computador voltou a apitar.

Nikolai70: Fico contente por saber de ti

O sorriso de Sawyer alargou-se até ao ponto de parecer quase maníaco.

Adventures_of_Tom: Senti falta de falar contigo

Nikolai70: Eu também

Sawyer corou, sentiu-se ridícula, depois soltou uma risada e sentiu-se ainda mais ridícula, e depois riu-se ainda com mais força.

Nikolai70: O que é que se passa e como é que tens estado?

Os dedos dela voaram sobre o teclado, a escrever a resposta. Contou-lhe acerca do envelope para que estava a olhar e do facto de ele ser da *Paris Review*.

Nikolai70: Uau. A Paris Review. Isso é incrível.

Nikolai70: Até nós, o pessoal da publicidade, sabemos disso.

Adventures_of_Tom: Pode ser uma rejeição.

Nikolai70: Pois pode. Mas não é. Disseste que o envelope parece mais grosso que uma folha de papel. Tenho um pressentimento. TU tens um pressentimento.

Houve uma pausa durante a qual Sawyer ficou a olhar para o envelope, consciente de que não tinha pensado que o plano podia correr mal. Agora que tinha público. O computador deu sinal de mais uma mensagem.

Nikolai70: De que é que estás à espera? Abre-o

Ele tinha razão. Não havia volta a dar. Sawyer respirou fundo, enfiou um dedo no envelope selado e abriu-o.

Lá dentro havia uma carta impressa. Os olhos dela devoraram as palavras. Leu-as duas vezes, só para ter a certeza.

Adventures_of_Tom: Nick... eles querem dois dos meus poemas! DOIS

Nikolai70: Isso é fantástico!!!

Adventures_of_Tom: DOIS

Adventures_of_Tom: Não consigo acreditar

Nikolai70: Eu consigo. Temos de celebrar!

Sawyer estava zozua. Leu a carta outra vez. Também havia outras páginas... um formulário de publicação para ela assinar e devolver e uma oferta para lhe pagar cinquenta dólares por cada poema. O sorriso na cara dela era tão rasgado, que até já lhe doíam os músculos.

Adventures_of_Tom: Sim! Vamos fazer alguma coisa nesta sexta

Adventures_of_Tom: Oh! Já sei! Coney Island está na minha lista. Vamos celebrar com um passeio até Coney Island!

Adventures_of_Tom: Vão pagar-me cinquenta dólares por cada poema e eu devo-te um ou dois cachorros-quentes. Podemos comer cachorros-quentes e andar nas diversões até ficarmos literalmente maldispuestos com tanta felicidade

Houve uma pausa quando ele não respondeu de imediato. Por fim, o computador apitou.

Nikolai70: Adorava ir

Nikolai70: Mas

Adventures_of_Tom: Mas o quê?

Nikolai70: Tenho uma atuação esta sexta-feira.

Sawyer franziu o sobrolho. Uma atuação parecia divertido e ela dava tudo para o ouvir tocar. Mas... não havia nenhum convite implícito nas palavras dele. Foi tomada por um sentimento estranho.

Adventures_of_Tom: Há mais qualquer coisa

Adventures_of_Tom: Não há?

Nikolai70: Sim.

Nikolai70: A Kendra. Ela quer sair esta sexta.

Sawyer pestanejou para o ecrã, sem saber o que responder. Tinha os ouvidos a zunir e os dedos a pairar sobre o teclado, estáticos.

As palavras de Nick naquele dia, no Yale Club, acerca de Kendra, voltaram à mente de Sawyer... ele tinha-lhe chamado «espetacular» e «descomplicada». «Sempre que eu pensei em saltar fora», dissera, «ela fez com que valesse a pena eu ficar». Sawyer sentiu um nó no estômago.

Foi até ao frigorífico e serviu-se de um copo de vinho frio.

Bebeu um gole e voltou a sentar-se.

Adventures_of_Tom: Isso é ótimo. Divirtam-se!

Nikolai70: Sim. Pois

Nikolai70: Vamos ver. De qualquer forma, devia mesmo ter uma conversa com ela.

«Uma conversa?» Sawyer interrogou-se sobre o que é que isto significava. Mas lembrou-se de que andava demasiado envolvida no assunto, como provavam os atuais nós que sentia no estômago.

Adventures_of_Tom: Ei, tenho de me despachar. Tenho coisas para fazer.

Nikolai70: Ok. Bem, foi bom saber de ti.

Nikolai70: Parabéns por teres sido aceite pela *Paris Review*. É mesmo incrível. Sinto-me honrado por me teres dito. Um dia, vou andar a dizer a toda a gente «Eu conheci-a quando...»

Adventures_of_Tom: Ahah. Duvido. Mas és querido.

Nikolai70: Estou a falar a sério. Tu és

Sawyer aguardou.

Nikolai70: Estou a tentar pensar na palavra certa. Mas só consigo lembrar-me de «qualquer coisa»

Adventures_of_Tom: Oh. Isso é querido (acho?). Mas pronto, tenho de ir andando.

Adventures_of_Tom: Com certeza. Falamos mais tarde.

Ela não esperou que ele respondesse antes de terminar a sessão.

• • •

No dia seguinte, Sawyer tentou manter-se tão animada quanto conseguiu com o facto de ter poemas aceites na *Paris Review*. Andou com a carta de aceitação na mala e, sempre que se sentia um bocadinho cansada ou desencorajada com a semana de trabalho, deitava-lhe uma olhadela.

Ou sempre que pensava acerca dos planos de Nick para sexta-feira.

Naquela manhã, Johanna surpreendeu-a com o pedido de que agarrasse numa caneta e num bloco e a seguisse até à sala de reuniões, onde a convidou a assistir a uma conversa agendada com Preeti Chaudhari para rever as notas de edição.

– Disse que queria ser a minha sombra – disse Johanna a Sawyer num tom monocórdico e seco. – Mas lembre-se que as sombras não falam, portanto, o seu papel é ser uma mosquinha e tomar notas.

– Claro! – respondeu Sawyer com entusiasmo. – Muito obrigada por me incluir, Johanna. Estou mesmo muito apaixonada pelo livro desta autora e fico muito agradecida pela oportunidade de aprender.

– Está bem. Sem bajulação. Vamos ver como corre. Lembre-se... observar e tomar notas, apenas.

• • •

A conversa de uma hora passou rapidamente. Johanna começou por explicar as ideias contidas na sua carta editorial. O conteúdo já era muito familiar para Sawyer, que tinha passado a limpo o último rascunho da carta e o tinha enviado a Preeti juntamente com um manuscrito com anotações.

Juntas, Johanna e Preeti discutiram algumas das alterações que precisavam de ser feitas e ideias diferentes sobre como é que o podiam concretizar. Foi especialmente interessante ouvir Preeti falar sobre a sua inspiração original para o romance, e sobre as coisas que queria manter e porquê. Mais para o fim da conversa, Johanna mudou o foco para os prazos, a data de publicação e uma discussão preliminar sobre o tom que o *marketing* do livro deveria ter. Preeti parecia humildemente recetiva e algo impressionada. Riu-se e admitiu:

– Eu deixo essa parte completamente nas suas mãos de especialista, Johanna. Claro que farei o que for preciso para ajudar!

Sawyer percebeu como devia ser estranho dedicar todo aquele tempo a contar uma história em particular, que parecia viver apenas dentro de nós, e depois entregá-la a um editor para ser apresentada ao mundo de maneira tão formal, como um «livro»... e deixar outra pessoa decidir, logo à partida, o tom dessa apresentação.

Quando Johanna terminou a conversa, Sawyer sentiu um nadinha de confiança a infiltrar-se no seu corpo. Alguma coisa dentro de si estava a subir como um balão, tornando-se cada vez mais segura a cada dia que passava: «Ela conseguia fazer isto. Ela podia ser editora, um dia.»

– Obrigada, Johanna.

– Passe a limpo essas notas e faça uma cópia para a Kaylee – foi só o que Johanna disse.

– Ah, claro. Vou tratar disso! – sorriu Sawyer.

• • •

Com a sensação de que tinha tido um dia de trabalho produtivo, Sawyer foi para casa nessa noite muito bem-disposta, apesar de a sua mente regressar ocasionalmente a Nick.

Quando chegou a casa, teve outro choque: a visão de Charles na cozinha, a descarregar vários sacos de mercearias.

– Vieste para casa... cedo! – disse Sawyer em choque. O relógio do forno mostrava as 18h09. A luz da tarde estival ainda brilhava nas janelas. – E foste às compras?

Charles sorriu.

– Tudo aquilo de que precisamos para... *a noite de esparguete* – disse ele.

Estendeu o braço em direção a uma fila de ingredientes cuidadosamente alinhados ao longo da bancada.

Sawyer sorriu, apanhada de surpresa. A «noite de esparguete» era um antigo ritual que eles costumavam ter quando Charles ainda estava na faculdade de direito. Sawyer passava a noite toda a ajudá-lo a estudar para um dos exames – lei constitucional, responsabilidade civil, processo civil – e quando estavam prestes a cair para o lado, faziam uma pausa, punham a tocar um álbum de Louis Armstrong e cozinhavam juntos esparguete à bolonhesa.

Por alguma razão, a música alegre e nostálgica e as tarefas na cozinha revitalizavam-nos. Charles, em especial, gostava mesmo daquele cortar e picar. A certa altura, depois de ver *Tudo Bons Rapazes*, insistiu em tentar o truque de cozinha com o alho, que Paul Sorvino fazia no filme. Aquele em que Sorvino cortava o alho com uma lâmina de barbear e o deixava tão fino

que se liquidificava no tacho com apenas umas gotas de azeite. O alho de Charles nunca se liquidificou, mas ficava divinhal à mesma, com pedaços da espessura de uma folha de papel que se tornavam transparentes como vidro dentro do azeite extra virgem, libertando um aroma intenso que lhes provocava água na boca.

– Há quanto tempo é que não fazemos a nossa noite de esparguete? – perguntou Charles.

– Eu... nem me lembro.

– Portanto, há *demasiado* tempo. Vai vestir uma roupa confortável – disse ele. – Vou pôr a música a tocar e começar os preparativos.

Sawyer hesitou e ficou parada durante uns instantes. Deitou uma olhadela ao computador na pequena secretária, possuída por um desejo breve de se ligar e verificar o *e-mail*.

– O que é que se passa, molenga? – questionou Charles. – Algum problema?

Sawyer recompôs-se.

– Não – disse. – Vou mudar de roupa.

• • •

Enquanto Sawyer trocava a saia travada e a blusa por um *top* de alças e um par de calções confortáveis, ouviu Louis Armstrong começar a cantar «La Vie En Rose» nas colunas estéreo da sala de estar.

Novamente na cozinha, ela e Charles cortaram e cozinharam, escorreram e refogaram, preparando o esparguete à bolonhesa como uma máquina bem oleada com azeite. Não se tinham esquecido de nada da sua antiga rotina e ele até tinha comprado daquele *Chianti* barato de que ambos gostavam e que vinha numa garrafa engraçada envolta num cesto de palhinha que (tal como tinham sido informados uma vez por um empregado de mesa) se chamava «*fiasco*». Beberam-no em dois copos de vinho enormes enquanto cozinhavam, com o vinho a manchar-lhes de roxo os lábios e a língua.

O esparguete saiu perfeito. O trabalho de equipa de ambos continuava surpreendentemente impecável e o tom sussurrado de Louis Armstrong não tinha perdido nada do seu charme. Mas Sawyer não conseguia deixar de sentir que estava a flutuar fora do corpo, a ver dois estranhos a executar os movimentos para preparar uma refeição com base apenas na memória muscular.

• • •

Quando a comida ficou pronta, sentaram-se à minúscula mesa da

cozinha, entalada entre a secretária do computador e a janela. Uma vela alta dentro de um vidro com a imagem de um santo católico que Sawyer tinha comprado na mercearia da esquina tremeluzia na mesa entre eles. Charles voltou a encher o copo com a garrafa de palhinha do *Chianti*.

Os primeiros minutos da conversa foram sobre como é que a comida tinha ficado (boa). Os minutos seguintes de conversa foram sobre como Louis Armstrong era capaz de cantar sobre coisas tristes e, ainda assim, deixar as pessoas bem-dispostas (verdade na altura e verdade agora). Perguntaram educadamente um ao outro como é que o trabalho estava a correr (bem, bem).

Instalou-se um silêncio mútuo entre eles enquanto continuaram a comer.

– Ei – disse Charles com um sorriso. – Lembras-te daquela vez que tentámos fazer a noite de esparguete com aquela panela de pressão que a minha tia nos enviou no Natal, ainda no velho apartamento, em Boston?

Sawyer confirmou com um aceno de cabeça e riu-se.

– Tive de usar uma esfregona para tirar o molho de tomate do teto. Tenho a certeza absoluta de que nunca consegui limpar tudo. Estava por *tudo o lado*.

Riram-se mais um bocado e passaram o resto do jantar a trocar velhas memórias.

Mais tarde, enquanto Sawyer lavava a louça e Charles a secava, ele depositou-lhe beijos carinhosos na bochecha em troca de cada prato que ela lhe passava. Depois, ela sentiu-o a aproximar-se furtivamente das suas costas e a afagar-lhe a parte de trás do pescoço, depositando pequenos beijos ali também. Sawyer sorriu ao calor dos lábios macios de Charles, mas deu por si a questionar a que é que se deveria o regresso da maré de felicidade entre eles. Os pensamentos acabaram por voltar à surpresa que sentira quando o vira a descarregar as mercearias na cozinha... e depois às longas horas de trabalho dele e depois a Kendra.

Também pensou em Nick e na conversa que tinham tido no *chat* no dia anterior. Como ele tinha dito que tinha planos com Kendra na sexta-feira. Só era quinta, mas talvez Nick e Kendra estivessem a passar mais tempo juntos em geral. Era possível. Estaria Charles em casa agora porque Kendra estava ocupada? Ocupada com *Nick*? Sawyer ficou tensa, incomodada, embora não soubesse ao certo qual era a parte da ideia que a incomodava mais.

Entretanto, os beijos de Charles no pescoço tinham-se intensificado. Lentamente, as mãos dele começaram a percorrer-lhe as curvas das ancas e da cintura. Sawyer abanou a cabeça e afastou o pensamento incómodo de Kendra e Nick. Tirou as luvas de borracha das mãos, atirou-as para dentro do lava-louça e virou-se para fitar Charles, encostando os lábios aos dele.

Dirigiram-se para o quarto e, por fim, para a cama. Ele levantou-lhe a *T-shirt* por cima da cabeça. Ela agarrou na dele também. Voltaram a beijar-se e caíram juntos de lado, algo que costumavam fazer enquanto se beijavam e até decidirem, silenciosamente, entre os dois, quem é que ia ficar por cima. Sawyer ficou surpreendida por tudo lhe parecer tão familiar, como se tivessem

recomeçado exatamente onde tinham parado, esquecendo de imediato o tempo todo que tinham estado à míngua.

O tronco de Charles torceu-se sobre o dela e ela percebeu que ele queria ficar por cima. Os beijos dele deslocaram-se do pescoço para o peito e as mãos procuraram-lhe o elástico dos calções que ela ainda tinha vestidos e...

– eu sei – deixou escapar Sawyer, de repente, antes de ter consciência de que as palavras lhe saíam dos lábios.

Charles imobilizou-se, de lábios abertos, a meio de um beijo. Levantou-se e depois sentou-se de cócoras, ajoelhando-se sobre a cama e já não em cima dela. Franziu o sobrolho.

– Sabes o quê? – perguntou.

Sawyer pensou durante um curto instante. Tinha estado a pensar em Kendra, no ginásio, na fatura do restaurante, mas surpreendeu-se outra vez quando disse:

– Naquele dia, em Central Park, durante o passeio de carruagem... o teu pai contou-me acerca dos, hum... problemas financeiros.

Uma sombra escura desceu sobre o rosto de Charles, que ficou com ar estranho.

– Porque é que ele fez isso? – disse, por fim, quando falou. Parecia um pensamento, não uma pergunta, mas Sawyer tentou responder à mesma.

– Ele estava a tentar ajudar-me a compreender porque é que tens trabalhado tanto, por que razão tens passado tantas horas no trabalho para te afirmares na firma – avançou Sawyer.

Charles não disse nada.

– Ele sentiu que era importante que nós nos compreendêssemos – acrescentou Sawyer suavemente. – Acho que ele me queria pôr a par das coisas.

Charles continuou em silêncio. Ainda estavam os dois na cama, mas já não se tocavam. Tinha-se instalado entre eles uma inesperada distância palpável.

Sawyer continuou.

– Fez com que eu... – começou ela, mas hesitou e depois recompôs-se. – *Fez-me pensar acerca do timing das coisas.*

Ao ouvir isto, Charles endireitou a coluna.

– Do *timing*?

– Do nosso casamento – respondeu Sawyer. – Agora sinto-me esquisita, ao pensar na despesa...

– Não foi por causa disso que o meu pai te contou – disse Charles. – Ele não quer que te preocupes com isso.

– Eu sei – concordou Sawyer, e depois calou-se. – Eu sei o quanto este casamento é importante para a Kathy. – Hesitou outra vez. – Mas também me deixou a pensar se foi por causa disso que a nossa cronologia foi tão... tu sabes, *acelerada*.

Charles franziu o sobrolho, estudando-lhe o rosto. A expressão dele

mostrou de repente compreensão.

– Eu sempre planeei pedir-te em casamento – insistiu.

Agora, com a sensação de que necessitava de a tranquilizar, inclinou-se para a frente sobre a cama e puxou Sawyer para os seus braços. Ficaram deitados de lado juntos outra vez, com os braços dele a envolvê-la.

– Tu sempre foste a pessoa certa para mim – disse Charles, afagando-lhe suavemente o cabelo enquanto a abraçava contra o peito.

Parecia sincero. Sawyer deslizou os braços por baixo dos dele e também o abraçou. Depois, após um minuto, libertou-se um bocadinho, procurando retomar as coisas onde tinham ficado. Começou a beijar-lhe o pescoço.

Mas alguma coisa tinha mudado.

Charles correspondeu-lhe, mas os beijos tinham arrefecido. Acabou por se aconchegar a ela, para ficarem em conchinha. Agarrou-a com cuidado, mas com uma tensão nos braços que não era habitual. Passaram muitos minutos e Sawyer questionou-se se Charles tencionava que adormecessem naquela posição.

A voz dele soou estranhamente fria quando finalmente falou.

– Desculpa. O meu pai não te devia ter contado nada acerca disso.

Sawyer percebeu que Charles estava envergonhado e zangado. Não tinha querido partilhar com ela a situação financeira dos pais. Ela tinha-o obrigado.

Não sabia o que dizer. Enfiou os braços pelos dele, como que a apertar um casaco mais contra si. Ficaram deitados em silêncio, ambos perdidos nos seus pensamentos, agarrados um ao outro como se através de uma distância crescente.

SEXTA-FEIRA, 16 DE JULHO

Sawyer acordou e percebeu que era sexta-feira.

Embora a «noite de esparguete» não tivesse terminado da forma que nenhum dos dois antecipara, Charles parecia arrependido. Nessa manhã, deixou o apartamento a prometer que tentaria sair do trabalho cedo para passarem uma tarde de sexta-feira juntos.

– Vamos fazer alguma coisa divertida, tu e eu! –, jurou.

Quando Sawyer se dirigia para o metropolitano nessa manhã, reparou que o tempo estava surpreendentemente agradável. A meio da noite, uma tempestade passara pela cidade e, agora, o novo dia alvorecera límpido e cheio de sol, sem vestígios de humidade. Ela tentou encarar isto como um sinal. De certa forma, a ordem tinha sido restabelecida. Sawyer ia passar a sexta com Charles, e Nick ia passar a sua com Kendra. Ela não se podia queixar de nada.

Ou podia?

No trabalho, Johanna passou a manhã no escritório, com planos de sair para «Bridge» assim que a tarde se aproximasse. Parecia estar com uma disposição invulgarmente animada e sociável, e demonstrou verdadeira alegria quando um dos seus amigos mais antigos da área editorial apareceu para a visitar.

Terry Stone era um importante caça-talentos literário e um reconhecido mestre dos mexericos do meio. Independentemente da estação ou da probabilidade de chover, usava sempre um laço de seda ao pescoço, com um chapéu de chuva *Burberry vintage* pendurado no braço. E sabia sempre – sempre – tudo acerca de toda a gente no mundo das editoras.

De certa forma, o talento dele para os mexericos adequava-se à sua profissão, que era, tinha de admitir, um mistério para Sawyer no início. Ela sabia o que os agentes literários faziam, mas teve de andar a perguntar para descobrir o que era um «caça-talentos literário». Aprendeu que os caça-talentos aconselhavam os editores estrangeiros e os estúdios cinematográficos

sobre quais os direitos de novos livros interessantes que deviam adquirir. Portanto, essencialmente, o caça-talentos devia saber sobre *todos* os manuscritos que andavam pelo mundo editorial, e saber sobre eles *primeiro*.

Enquanto caça-talentos experiente, Terry sabia sempre que livros tinham sido vendidos a que editores, muito antes de quaisquer contratos serem anunciados e por, exatamente, quanto. Graças aos seus conhecimentos e ao seu charme astucioso, punha a mão em manuscritos que as editoras insistiam que ainda não iam partilhar. Mas a amplitude e profundidade dos mexericos de Terry iam muito para além disto. Ele sabia quem é que se tinha embebedado na Feira do Livro de Londres e quem é que tinha sido o mais bêbedo. Sabia acerca dos casos amorosos no escritório. Conhecia histórias escandalosas sobre editores que bebiam no trabalho e agentes que se drogavam nos seus gabinetes. E, demasiadas vezes, até sabia quem é que estava prestes a ser despedido ou contratado antes de os próprios saberem.

Por todas estas razões, os agentes e os editores mostravam-se muitas vezes esquivos quando ele estava presente. Uma chamada de Terry Stone enviava assistentes editoriais, a tremer, perguntar aos chefes o que deviam dizer: se estavam e se podiam atender a chamada dele? A maioria tentava evitá-lo, mas com muito cuidado, de forma a não o ofender.

Mas Johanna nunca o evitava. Pelo contrário, a porta dela estava sempre aberta para ele. E, secretamente, Johanna adorava o fornecimento inesgotável de mexericos maliciosos de Terry. Ou, talvez *não* tão secretamente, pois Sawyer sabia que Johanna não tentava esconder a sua própria malícia. Sawyer tinha ouvido algumas vezes a chefe a falar com Terry e sabia que Johanna estava sempre munida de muitos mexericos da sua própria lavra.

Naquela sexta-feira, Terry tinha passado sem dificuldade pelos tipos da segurança no rés do chão e pela secretária da receção do quinto andar. Lançou um aceno superficial em direção a Sawyer enquanto se dirigia sem ser anunciado ao gabinete de Johanna. Só Terry é que se safava com uma coisa assim.

– Boa sexta-feira, Sr. Stone – cumprimentou-o Sawyer quando ele passou pela secretária.

– Trate-me por Terry – disse ele.

O tom de voz indicava que não estava bem a ser amigável com ela, mas sim a afirmar «não me faça sentir velho».

– Pode trazer um bule de chá forte, daquelas maravilhosas folhas Mariage Frères que eu ofereci à Johanna da última vez? – disse ele por cima do ombro enquanto batia e abria a porta de Johanna sem esperar pela resposta.

– Além disso, copos e gelo – acrescentou.

Entrou e deixou uma fresta da porta aberta.

Sawyer conseguiu ouvir a exclamação abafada de felicidade de Johanna.

– Terry! Querido! Como estás?

Sawyer levantou-se para ir preparar o chá que Terry tinha pedido, na esperança de os manter a ambos felizes. O facto de Johanna a ter incluído na

conversa editorial com Preeti tinha-lhe aumentado a confiança. Imaginou-se a, um dia, ter velhos amigos do mundo editorial a entrar-lhe pelo gabinete dentro e a trocar mexericos.

Quando o chá ficou pronto e Sawyer já tinha colocado na bandeja tudo aquilo que Terry pedira, dirigiu-se para o gabinete de Johanna. Parou junto à porta entreaberta, a sentir o impulso diabólico de ficar a ouvir durante um ou dois segundos.

– Então, armou-se em Eve Harrington, foi? – estava Terry a dizer. – Ela parece, *de facto*, muito ambiciosa.

– Ambiciosa. E exigente. Uma *prima donna* – concordou Johanna. – Em vez de negociar com ela, decidi fazer-lhe a vontade e ver o que ela faz. Só espero não ter criado um monstro.

– Bem, desde que ela esteja disposta a trabalhar no duro, certo? – respondeu Terry.

– Mas essa é que é a questão – disse Johanna com um queixume. – Viste como ela é novinha e, acreditas, já está noiva!

– A sério? Achei que hoje em dia ninguém casava logo à saída da faculdade. Que arcaico.

– Exatamente – concordou Johanna. – Ela fez aquele espetáculo todo sobre querer aprender como é que eu faço o meu trabalho e ser como eu, mas o casamento é já neste outono. O que é que queres apostar em como vai pedir mais tempo de folga? E tenho a certeza de que não faltará muito até ter um bebé ou decidir que é suficiente ficar em casa e ser mulher de um advogado.

– Vai casar com um advogado? – perguntou Terry.

– Advogado corporativo, da Wexler Gibbons, por acaso.

Terry riu-se.

– Deixa-me adivinhar qual é a «carreira mais importante» e quem é que fica em casa com o bebé! Oh, Jo. Ela nunca vai ficar por cá. As coisas que temos de aturar hoje em dia.

Johanna suspirou.

– E, entretanto, claro, tenho de a aturar a tentar subir à força na hierarquia.

Atordoadas, Sawyer ficou paralisada junto à porta. Parecia que não tinha pinga de sangue. Continuava a agarrar a bandeja do chá, embora as mãos tivessem ficado dormientes. Sentiu-se um bocadinho zozna e percebeu que não estava a respirar. Forçou-se a inspirar. Depois, durante alguns segundos, forçou-se a equilibrar a bandeja num braço para conseguir bater à porta. As vozes calaram-se de imediato.

– Entre – exclamou Johanna.

Sawyer entrou no gabinete e pousou a bandeja. Sentiu o olhar de Terry sobre ela. Quando olhou para ele, o caça-talento exibiu um sorriso malicioso e divertido.

– Mais alguma coisa? – perguntou ela a Terry e a Johanna, mas aos seus próprios ouvidos, pareceu-lhe que a voz tinha vindo de muito longe.

– Não, obrigada e, se por acaso, já tiver terminado o trabalho, pode sair – disse Johanna. – E diga à Kaylee que pode fazer o mesmo. Boa tarde de folga.
– Obrigada. Boa sexta-feira – ecoou Sawyer e saiu com a bandeja vazia.
Deixou a bandeja na cozinha e voltou para a secretária para arrumar as coisas. Tinha a cabeça às voltas.

Sawyer sabia que Eve Harrington era a personagem principal do clássico a preto e branco, *Eva*.

Percebeu tudo muito bem: não era um elogio.

• • •

Arderam-lhe os olhos durante todo o trajeto de metro até casa. A sensação lembrou a Sawyer o que sentira quando fora atingida na cara por uma bola de borracha de *kickball* na infância. A forma como os olhos lhe tinham ardido logo e ficado cheios de água, embora ainda não tivesse começado a chorar.

Desejou não se importar com o facto de a chefe gostar dela ou não.

Sawyer não estava totalmente consciente disso, mas desde o dia em que fora contratada, ansiava conquistar o respeito de Johanna. Era frustrante perceber como este desejo era importante para ela. De certa forma, conseguira aperceber-se de todos os defeitos da chefe: o seu elitismo, o temperamento instável e impiedoso, e a sua falta de compaixão, humor e generosidade. No entanto, Sawyer sempre se avaliara com base na opinião que Johanna tinha dela.

Uma coisa estava agora clara: Sawyer não ia a lado nenhum com Johanna, não podia. Percebeu que, fosse qual fosse o caminho que tomasse, Johanna iria sempre condenar, de igual forma, a sua ambição ou a falta dela. Para a chefe, havia apenas dois tipos de jovens mulheres no mundo e eram todas versões de Eve Harrington: usurpadoras indignas, ou preguiçosas incómodas.

• • •

Charles ainda não tinha chegado a casa quando Sawyer enfiou a chave na porta do apartamento. Ele dissera que ia «mesmo» fazer horário de verão, mas ela sabia que sair dos escritórios da Wexler Gibbons provavelmente demoraria um bom bocado.

Serviu-se de um copo de limonada gelada, ligou o computador e verificou o *e-mail*.

Vazio.

Abriu uma nova mensagem e ficou a olhar para ela. Queria contar a Nick

aquilo que lhe tinha acontecido no trabalho. Mas depois lembrou-se que ele lhe dissera que ia estar ocupado. Durante um fugaz instante, tentou imaginar onde é que Nick estaria e o que estaria a fazer. Estaria com Kendra?

Lembrou-se de que não tinha nada a ver com isso e, depois, apagou o rascunho vazio do *e-mail* e optou por se instalar-se confortavelmente no sofá, com um livro. Todos os anos relia um exemplar gasto de *O Coração É Um Caçador Solitário*, de Carson McCullers, simplesmente por prazer. Não queria pensar em Nick e também não queria pensar em trabalho.

Uns quarenta e cinco minutos depois, ouviu passos no corredor e a chave de Charles a rodar na fechadura.

– Olá – ela sorriu para ele, verdadeiramente feliz por o ver.

– Olá – disse ele, atirando as chaves para cima da consola, alargando o nó da gravata e retirando-a por cima da cabeça. – Não temos planos para esta noite, certo?

– Quer dizer... dissemos que íamos passar tempo juntos, mas nada em específico.

– Ainda bem! – disse ele. – Porque tenho uma ideia. – Entrou no quarto, a falar suficientemente alto para conseguirem conversar entre as divisões. Ela ouviu-o a tirar o relógio, a despertar o cinto e o som das molas da cama quando ele se sentou para tirar as calças do fato. – Estava a pensar em irmos ouvir uma banda.

– Hã? – respondeu-lhe Sawyer, genuinamente perplexa.

Charles voltou à sala, meio despido.

– Lembraste da Kendra? Do jantar a que fomos há uns tempos, na baixa, no Cipriani?

Sawyer congelou, de olhos arregalados.

– Claro – respondeu com um tom descontraído. – Eu lembro-me dela.

– Bem, ela convidou-nos para irmos ouvir a banda do namorado tocar esta noite – respondeu Charles, aparentemente feliz.

Sawyer franziu o sobrolho.

– Em East Village – acrescentou ele. – Bem, muito para leste, em Alphabet City, ou coisa parecida. Provavelmente é um sítio manhoso, mas pode ser divertido. Uma coisa diferente, certo?

Sorriu e esperou pela reação dela com um ar animado. Sawyer pestanejou, ainda a tentar perceber.

– Ah, pois – disse ela. – Isso seria definitivamente diferente.

– Isso significa que não te importas de ir? – insistiu Charles. – Ela convidou-nos para irmos jantar com eles primeiro, ao *sushi*. Tu adoras *sushi*.

Ele aguardou.

Sawyer esforçou-se para falar. As palavras pareciam ter ficado atravessadas na garganta, aprisionadas por algum tipo de músculo de que ela nunca se apercebera antes. Pigarreou.

– Então... queres ir ao *sushi* e depois a uma discoteca ouvir a banda do namorado da Kendra tocar?

– Sim. Vai ser divertido. Juro.

– E ela convidou-nos aos dois?

– Claro. Vou tomar um duche e mudar de roupa. Apetece-te sair, certo?

Sawyer sentiu-se dormente, muda, e qualquer uma das respostas, *sim* ou *não*, lhe pareciam erradas.

– Não te preocupes, temos muito tempo – disse Charles. – A banda dele só toca às nove. É suposto irmos ter com eles ao restaurante de *sushi* às sete.

Charles desapareceu para dentro da casa de banho. As torneiras da banheira chiaram quando ligou o chuveiro.

Sawyer continuou sem se mexer no sofá, a olhar para o sítio por onde ele tinha desaparecido, ainda a pestanejar com incredulidade.

15.

Charles demorou uma eternidade a escolher as calças de ganga e uma camisa preta.

Era demasiado formal e completamente errado para o sítio para onde iam. Sawyer sabia que era errado para o sítio para onde iam, porque ela já lá tinha estado. Lembrou-se que a discoteca ficava muito quente. Vestiu um *top* de alças, uma saia e as Doc. Apanhou o cabelo, libertando o pescoço, penteou a franja escura para que se alinhasse perfeitamente com as sobrancelhas e aplicou um bocadinho de *eyeliner* preto.

– É assim que vais vestida? – perguntou Charles.

– É.

Charles insistiu em apanharem um táxi, para não ficarem todos suados depois de terem tomado banho. O motorista não parecia muito satisfeito com a ideia de os levar do Upper West Side para Alphabet City, atravessando Manhattan na diagonal e depois resmungou e ligou o taxímetro.

Sawyer ficou simplesmente sentada em silêncio no carro, perdida nos seus pensamentos.

A noite ia ser bizarra ao ponto de ser constrangedora. Era impossível que Charles ou Kendra soubessem alguma coisa sobre o tempo que ela andava a passar com Nick. Seria suposto fingir que Nick era, essencialmente, um desconhecido? Também estava muito ciente de o convite ter vindo de Kendra, de não ter sido Nick a convidá-los. A última coisa que queria era ser uma empata, a intrometer-se no encontro de outro casal. No encontro de *Nick*.

Abanou a cabeça perante este pensamento, desconfortável no assento. Já tinham atravessado o parque e dirigiam-se a toda a velocidade para a ponta oposta da cidade. Depois, naquilo que pareceram apenas uns segundos, chegaram.

Ainda havia luz no céu, mas o crepúsculo descia sobre a cidade. O restaurante de *sushi* tinha a pintura em cor-de-rosa e preto a descascar. Letras alternadas de néon cor-de-rosa e verde brilhavam por cima da entrada, formando «avenue a». O aspeto era um pouco decadente, tal como Charles previra, mas parecia popular. Havia um grupo grande à espera na rua. Os potenciais clientes projetavam um ar muito «East Village», com *piercings* e

cabelos coloridos e corpos magros de dançarinos. Usavam roupa em segunda mão com um estilo original, a maioria rasgada de propósito, ou atada, ou com alfinetes para obter um *look* descontraído e sensual.

– A Kendra disse que nos encontrávamos à frente do restaurante – disse Charles, claramente desconfortável e a sentir-se um peixe fora de água quando ele e Sawyer se aproximaram do ajuntamento.

Virou-se e cravou um cigarro e um isqueiro a um dos rapazes à espera. Pareceu a Sawyer uma tentativa óbvia de se integrar melhor. O rapaz estendeu-lhe um cigarro, mas olhou Charles de cima a baixo com uma expressão cética quando Charles se inclinou para a chama do isqueiro.

Alguns minutos depois, a figura alta de Nick e o cabelo louro de Kendra apareceram ao virar da esquina da Sétima Rua. Kendra descortinou Charles e acenou.

Assim que Sawyer viu a expressão no rosto de Nick soube: ele não estava nada contente. Tinha o maxilar tenso e as mãos enfiadas nos bolsos. Olhou de relance para Sawyer, mas não fez contacto visual.

– Este é o bairro do Nick – disse Kendra, depois de todos se terem cumprimentado.

«Eu sei», pensou Sawyer em silêncio. Depois o estômago deu-lhe uma volta e sentiu a cara a arder perante a memória. *Ela tinha estado no apartamento dele.*

– Ele é cliente habitual aqui e arranja-nos uma mesa rapidamente – prometeu Kendra. Virou-se para Nick, pendurou-se no braço dele e ele tomou a dianteira.

O restaurante estava cheíssimo. E era escuro, completamente pintado de preto, as paredes, o chão e o teto. A iluminação tinha sido substituída por luzes ultravioleta que davam a tudo um estranho brilho arroxeadado e faziam com que o branco dos olhos e dos dentes das pessoas parecesse assustadoramente brilhante enquanto ingeriam pedaços suculentos de *sushi* com os pauzinhos. Uns quantos peixes de aquário gigantes nadavam preguiçosamente num enorme aquário de vidro. Nas paredes estava pendurada arte de *graffiti* em cores de néon e um DJ atuava ao vivo a partir de uma cabina apertada ao lado do bar.

Perto da ponta do bar, um homem de meia-idade, com um chapéu *porkpie*, lia o jornal sentado num banco. Sawyer questionou-se como é que ele conseguia ler com uma luz tão fraca, mas o homem parecia estar a fazê-lo e perfeitamente imperturbável. Nick acenou com a mão para captar a atenção do homem e Sawyer percebeu que o tipo devia ser o dono. Ele acenou a Nick com a cabeça e, sem trocarem uma palavra, levantou-se e juntou duas mesas num canto afastado do restaurante. Apontou para os quatro se sentarem, acenou outra vez a Nick e depois afastou-se, descontraído e indiferente.

– Não seria de esperar, mas o *sushi* é mesmo muito bom aqui – disse Kendra, por cima da música do DJ que inundava a sala.

– Porque é que não seria de esperar? – perguntou Nick a franzir o

sobrolho.

– Bem, tu sabes... – disse Kendra num tom persuasivo. – Por ser tão *sombrio*.

Nick pareceu irritado com a resposta dela, mas Kendra atirou os braços à volta dele, de forma sedutora, dando-lhe um misto de abraço e apertão. Na realidade, Kendra tinha estado sempre a tocar ou pendurada em Nick desde que tinham aparecido. Agora, pendurou-se nele enquanto lia o menu. A música continuava a tocar bem alto.

Sawyer tentou não olhar quando Kendra esticou a mão para despentear o cabelo de Nick. Mas quando desviou os olhos, reparou que Charles *estava* a olhar. Na realidade, parecia que o noivo não conseguia parar de olhar. Viu o sobrolho dele carregar-se, com consternação, quando a mão de Kendra pousou no joelho de Nick, debaixo da mesa.

– Ei, meu, então vamos poder ouvir a tua banda tocar esta noite, né? – gritou Charles para Nick, por cima da música.

Sawyer arrepiou-se. Era a forma de falar que Charles adotava quando falava com uma pessoa que não conhecia. Soava-lhe falso, uma combinação de falsa cordialidade com um homem das cavernas a bater no peito.

– Parece que sim – a voz de Nick soou inexpressiva.

– Pensei que eras publicitário na Madison Ave, ou coisa assim – continuou Charles.

– E sou.

– Ah, estou a ver. Guerreiro de fim de semana. Isso é fixe, meu.

O constrangimento de Sawyer aumentou. Olhou de soslaio para Charles, desejosa que ele parasse ou, pelo menos, mudasse de assunto, mas ele parecia completamente alheio à sua presença.

Nick não respondeu. Parecia uma estátua. Charles continuou a tagarelar.

– Sim. O meu melhor amigo do liceu tinha uma banda e estavam sempre a tocar na garagem de alguém. Acho que eram bastante bons.

Sawyer gritou suavemente para Charles.

– Ei... – ela tentou redirecionar a atenção dele para o menu. – Vais pedir cerveja ou queres dividir *sake* comigo?

– Estou só a dizer que é fixe ser musical – insistiu Charles. – Quem me dera *ter* um *hobby*.

Perante a palavra *hobby*, Sawyer viu Nick eriçar-se muito ligeiramente.

Kendra, por outro lado, tinha agora virado a atenção para Charles. Deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– De que é que estás a falar? Tu *és* musical! Tens uma voz fantástica!

Charles afastou com a mão o elogio, mas os cantos da boca dele subiram, secretamente agradados.

– Não. O *karaoke* não conta – insistiu.

Kendra virou-se para Nick e Sawyer.

– Ele está a ser humilde. Oh, meu Deus, vocês têm de o ouvir a cantar «Fly Me to The Moon»! Estou a falar a sério, ele arrasa. Dá-me arrepios.

Sawyer ficou em sentido.

– Quando é que foram ao *karaoke*? – perguntou a Charles, suficientemente baixo para os outros não conseguirem ouvir, por causa da música do DJ.

– Foi uma coisa de trabalho rápida – tranquilizou-a Charles. – Toda a gente da equipa foi descontrair um bocado durante alguns minutos.

Charles deu-lhe uma palmadinha na mão e voltou-se para Kendra.

Sawyer ficou sentada a digerir a informação, a fumar.

Karaoke.

«Fly Me to The Moon.»

Fly. Me. To. The. Moon. O. Caraças.

Sentiu alguém a observá-la, olhou para cima e encontrou Nick a estudar-lhe o rosto, perdido nos seus pensamentos. Fitaram-se durante um bocado e depois ele desviou o olhar.

Mas, um segundo depois, apanhou-o a olhar outra vez. Só que desta vez os olhos de Nick tinham descido para a mesa, para onde a mão de Charles estava pousada sobre a dela. O maxilar e as têmporas dele contraíram-se, como se estivesse incomodado. Ela sentiu a pulsação a acelerar. Tentou controlar-se e voltar a focar-se na conversa.

– O *karaoke* dificilmente pode ser considerado um *hobby* a sério... – estava Charles a dizer.

– Não faz mal. De qualquer forma, também não terias tempo para ter um *hobby* «a sério» – salientou Kendra com uma gargalhada. – Não com este caso!

– Tens razão – concordou Charles. Afastou a mão da de Sawyer e sorriu. – Não tenho mesmo.

Kendra dirigiu-se a Sawyer.

– É de loucos o que nos estão a obrigar a trabalhar.

– É o que parece – concordou Sawyer.

– Embora a gente *ainda* se ria de vez em quando – continuou Kendra. – Temos uma equipa divertida. Estão sempre a inventar formas de pregarem partidas uns aos outros.

Quando disse isto, o rosto dela iluminou-se e virou-se para Charles.

– Oh, meu Deus, aquela partida que eles pregaram ao Doug! – exclamou, encantada.

Agora, tocava no braço de Charles da mesma forma que tinha apertado o de Nick. A cara de Charles ficou ligeiramente vermelha, mas ele sorriu e juntou-se ao riso de Kendra.

– Pobre coitado – concordou Charles. – Foi épico.

Sawyer e Nick ficaram sentados em silêncio, enquanto Charles e Kendra continuaram a ser percorridos por novas ondas de riso. Por fim, Kendra explicou: Doug cometera o erro de lhes dizer que sofria de uma coisa chamada «globofobia», um medo profundo de balões. Eles tinham enchido a casa de banho dos homens com balões, tinham-nos mesmo encafuado lá

dentro, como sardinhas em lata.

– Tanto com hélio, como balões normais – explicou Kendra. – Por isso, cobriam o teto todo e o chão. Por todo o lado. Em todos os cubículos. Ele nem sequer conseguia entrar sem ter de lhes tocar.

E, com um particularmente diabólico *coup de grâce*, um deles tinha colocado um bocadinho de laxante no café de Doug.

– Ai, o pobre coitado! – repetiu Charles. – Senti tanta pena dele. O pânico na cara dele! Parecia que ia explodir de uma maneira, ou de outra.

Ele e Kendra desataram outra vez a rir.

Sawyer esboçou um sorriso amarelo, com uma sensação de repulsa. Odiava este tipo de partidas cruéis. E, apesar da sua falta de entusiasmo pela história em si, estava absorta na linguagem corporal de Kendra, que tinha agora redirecionado toda a sua atenção de Nick para Charles, tocando-lhe alegremente enquanto se recordavam da partida.

Sawyer estava confusa até que...

De repente, fez-se luz. Sawyer reconheceu no comportamento de Kendra um vestígio primário do liceu, quando algumas das raparigas populares costumavam usar a atenção de um rapaz para provocar a inveja e a atenção de outro.

«Ela gosta de atenção», dissera Nick acerca de Kendra, quando estavam no Yale Club. «Precisa de muita dos homens.»

Sawyer não conseguia dizer se, em última análise, Kendra queria mais a atenção de Charles ou de Nick.

Quando o *sushi* chegou, estava incrivelmente fresco e delicioso, o salmão e o abacate desfaziam-se na boca, o atum aveludado, e o arroz do *sushi* pegajoso e doce, com uma ligeira pitada de vinagre de arroz. O palato de Sawyer vibrou com o sal do molho de soja e a intensidade do *wasabi* que lhe subiu pelo nariz. Ela saboreou o *sake* floral e gelado servido numa taça de porcelana que parecia um dedal, ligeiramente embaciada devido ao calor abafado da sala sobrelotada.

A comida compensou a dinâmica do grupo.

Charles e Kendra continuaram a conversar como se fossem as únicas duas pessoas no mundo. Sawyer conseguiu forçar um ar de educada atenção. E Nick... estava tão calado... tão taciturno. Ela sentiu uma estranha sensação de saudades dele, embora ele estivesse sentado ali, à mesma mesa. Todas as vezes que Sawyer e Nick tinham comido juntos, comiam ambos com tanto gosto e paixão. Mas, agora, ele parecia ter perdido o seu habitual apetite.

Nick comeu algumas peças pequenas de *sushi* e depois desculpou-se e disse que tinha de sair.

– Quero lá chegar cedo para ajudar a descarregar o nosso material – disse em voz baixa para Kendra.

Sawyer viu Nick a sair. Ele não olhou para trás, para ela, nem para ninguém da mesa. Parou para cumprimentar o dono, que ainda estava sentado na zona de serviço do bar, a ler um jornal. Depois, cruzou a porta do

restaurante e desapareceu.

Quando o empregado veio à mesa, no final da refeição, não perguntou se queriam mais alguma coisa. Voltou a encher os copos de água, olhando para o relógio enquanto servia, como se estivesse impaciente para entregar a mesa a outro grupo de clientes pagantes.

– Queremos a conta – disse Charles.

– O Nick já tratou disso – murmurou o empregado.

– O quê? – disse Charles, a gritar por cima da música alta que o DJ tinha a bombar.

O empregado repetiu-se e deu meia-volta sem mais comentários.

– Ele não devia ter feito isso – disse Charles. – Eu é que ia pagar.

– Pagas a próxima. – Kendra encolheu os ombros e lançou-lhe um sorriso.

«A próxima»? Sawyer não se achava capaz de aguentar outro encontro a quatro. E era óbvio que Nick não a quisera ver e a Charles esta noite. Quão mais estranha e desconfortável é que a noite podia ficar?

• • •

Acabaram os três a refeição e caminharam em ritmo de passeio até à discoteca. Nessa altura já estava de noite, mas o tempo de verão tinha aprisionado o calor do dia na cidade. O ar fresco da noite misturava-se agradavelmente com o calor que ainda emanava do passeio.

Quando chegaram, havia um tipo à porta a cobrar as entradas e a pedir a identificação. Sawyer viu Kendra a dirigir-se para o início da fila e a insistir que estavam numa lista. Não demoraram muito a entrar.

Uma banda tocava, mas Sawyer viu que não era a de Nick. Eles eram a seguir.

– Bebidas – decretou Kendra assim que entraram, e abriu caminho até ao bar. – Para que saibam, é o tipo de sítio onde provavelmente é melhor ficarmos pela cerveja ou pelos *shots* – aconselhou ela Charles, enquanto se debatiam para se aproximarem do balcão.

Quando chegou a vez deles, o empregado de bar levantou os olhos e reconheceu Sawyer.

– Olá! – disse Jake ou Blake. Sorriu. – Tenho sumo de toranja esta noite... queres um *Sea Breeze*?

Charles e Kendra viraram-se devagar para Sawyer, confusos.

– Hã... pode ser – respondeu Sawyer com um sorriso. – Parece ótimo.

Jake ou Blake começou a preparar um grande copo de *Sea Breeze*. Ele recusou com a mão quando ela tentou pagar com uma nota de vinte. Apontou para Charles e Kendra. Eles pediram cervejas.

– O que foi aquilo? – perguntou Charles a Sawyer, em voz baixa,

enquanto abriam caminho, aos encontrões, por entre o mar de corpos, para longe do bar e para mais perto do palco.

– Não sei – disse Sawyer. – Devo parecer o tipo de rapariga que precisa de um bom *Sea Breeze*.

– Tu gostas sequer de *Sea Breeze*?

– Por acaso, gosto. É uma boa bebida de verão.

– Ah, ok – resmungou Charles. – Só achei um bocado ousado da parte dele oferecer-te uma bebida por conta da casa com o teu namorado ali ao lado.

– Talvez ele tenha pensado que tu estavas com a Kendra – disse Sawyer.

– Hum, talvez – refletiu ele, sem captar o tom ácido do comentário.

Por esta altura, estavam a seguir Kendra para as profundezas da discoteca, até aos pés do palco, mantendo as bebidas cuidadosamente acima da cabeça enquanto atravessavam a multidão de corpos.

Ficaram de pé a ouvir a banda enquanto esta tocava a sua última música, que soava demasiado idêntica aos Green Day.

Depois, a banda de Nick subiu ao palco.

Trataram rapidamente de reajustar e de ligar e desligar coisas. Bem, sobretudo desligar. Parecia que a única coisa ligada era um teclado. Sawyer percebeu que a maioria dos instrumentos deles eram acústicos, com muitas guitarras de tamanhos diferentes e até aquilo que parecia uma espécie de bandolim. Um dos membros da banda tinha uma trompa e uma harmónica.

– O que é que o Nick toca? – ouviu Sawyer Charles a perguntar a Kendra.

– Oh, meu Deus... tudo – respondeu ela. – Ele toca, tipo, todos os instrumentos à face da Terra.

– Uau – disse Charles, mas friamente, como se se recusasse a elogiar Nick.

– Mas suponho que esta noite ele deve tocar essencialmente guitarra – disse Kendra. – É geralmente assim nas noites de espetáculo.

– Porque é que ele aprendeu a tocar tantas coisas?

– Não sei – respondeu Kendra. – Ele gostava muito de música quando era miúdo. Diz sempre: «Os filhos de imigrantes nunca fazem nada pela metade.»

– Ele é imigrante? – perguntou Charles de sobranceiras erguidas.

Sawyer não gostou do tom dele. Era como se Charles tivesse acabado de descobrir que Nick tinha uma fraqueza, em vez de um ponto forte.

– A mãe – esclareceu Kendra. – Russa. Ou soviética, ou o lá que é.

Charles arregalou os olhos.

– A sério?

Ele e Kendra começaram na brincadeira, a fazer piadas e a falar com sotaques *à la* Boris e Natasha, dos desenhos animados *Rocky e Bullwinkle*.

Irritada, Sawyer ignorou-os e focou-se antes em Nick. Observou-o a mover-se em palco, a preparar tudo. A banda afinou durante alguns minutos. Sawyer sentiu o coração aos saltos, inexplicavelmente nervosa por o ir ouvir

tocar.

Por fim, Nick aproximou-se do microfone para a primeira canção. Sawyer ficou logo deslumbrada. Eles eram... o que quer que seja o oposto de uma banda de tributo aos Green Day. Cada um dos músicos era simplesmente muito, muito bom. As influências da banda pareciam mais antigas, retro, *vintage*, uma pitada de *folk* dos anos 1960 misturada com Rolling Stones, Beatles... e um toque de Bob Dylan nas letras. No entanto, possuíam também um som muito próprio, algo *vintage*, mas atual, com uma composição inteligente e meticulosa que, ainda assim, transmitia uma emoção genuína e apaixonada.

Terminaram a primeira música e tocaram outra e outra a seguir. Depois, lançaram-se naquilo que era, obviamente, uma canção de amor, uma canção sobre ânsia e desejo. Sawyer sentiu-se arrebatada. A canção manifestava uma urgência arrebatadora, mas silenciada.

Nick parecia atraente, carismaticamente confortável, e confiante no seu domínio do ambiente. A voz dele era grave, mas surpreendentemente melodiosa. Ouvi-lo era como se ele lhe cantasse diretamente ao ouvido. Sawyer estava fascinada. Tão fascinada que sentiu vergonha. Parecia-lhe que qualquer pessoa que olhasse para ela conseguiria perceber o que estava a sentir só de olhar para o seu rosto e para os seus olhos.

E não conseguia afastar a sensação de que Nick estava a olhar para *ela*, a cantar para *ela*.

Mas não era isso normal? Sawyer tinha a certeza absoluta de que estava apenas a experimentar o fenómeno que ocorria na tradição dos músicos e das *groupies*, as mulheres emocionadas ao ponto de atirarem a roupa interior para o palco.

Além disso, fez ela questão de se lembrar, encontrava-se ao lado de Kendra. Se Nick estivesse a cantar para alguém, era para Kendra.

Ainda assim, quando a canção terminou, os olhos de Nick moveram-se uma última vez em direção a eles e Sawyer podia ter jurado que ele estava a olhar para ela, com aquele o olhar fixo tão característico, aquele que ela tinha aprendido a reconhecer durante o tempo que passaram juntos. Sentiu um aperto na garganta e um arrepio na nuca.

Estava na altura de a banda fazer um intervalo.

Nick inclinou-se para o microfone, agradeceu ao público e prometeu que voltariam para tocar outra vez dali a dez minutos. Saiu do palco. Sawyer interrogou-se se ele viria dizer olá, mas alguém foi falar com ele. Sawyer observou-o através da sala.

- Vou buscar outra bebida enquanto estão no intervalo – disse Kendra.
- Vou contigo – concordou Charles. Olhou para trás. – Sawyer?
- Vou à casa de banho.

Charles assentiu com a cabeça, já em movimento para seguir Kendra através da multidão até ao bar. Sawyer atravessou a discoteca em direção ao átrio que levava às casas de banho e depois virou-se para procurar Nick. Tinha

desaparecido.

Ela teve a sensação de que sabia onde o encontrar.

• • •

Sawyer empurrou a porta que dizia «não abrir – faz soar o alarme» e saiu rapidamente para o exterior antes que alguém da discoteca conseguisse reparar nela. Estava no pátio decrepito onde se tinha sentado com Nick algumas sextas-feiras antes.

O ar fresco surpreendeu-a. A única luz no pátio vinha de algumas janelas quadradas e amarelas de um edifício vizinho. Os olhos dela demoraram um minuto a adaptar-se depois de terem estado tanto tempo a observar as luzes intensas e coloridas do palco.

Conseguiu finalmente vê-lo. Sentado numa das cadeiras de plástico em que se tinham sentado durante a hora mágica do pôr do sol, naquela tarde em que tinham vindo juntos à discoteca para ouvir o amigo dele tocar.

– Olá – disse ela suavemente.

Nick não respondeu. Sawyer sentiu a garganta a apertar-se, com os nervos.

Aproximou-se dele.

– Posso sentar-me? – perguntou.

Nick apontou com a cabeça para a cadeira à frente dele.

Sawyer sentou-se. Enquanto os olhos se ajustavam melhor à escuridão do pátio, ela começou a conseguir distinguir-lhe os traços do rosto. Queria falar com ele da forma como tinham falado da última vez que tinham estado ali sentados ... ou da forma como tinham falado no *ferry*, ou mesmo da forma como falavam um com o outro *online*.

Mas, pela centésima vez nessa noite, Sawyer não conseguiu deixar de pensar que ela e Charles se tinham intrometido na noite de Nick. Lembrou-se da forma como Kendra tinha flirtado abertamente com Charles mesmo na cara de Nick.

– Ei, desculpa, Nick... – começou ela, mas hesitou durante um instante. Recompôs-se. – Desculpa termos vindo hoje. Dá para ver que não estavas à espera.

Nick não respondeu.

– Espero que não tenhamos arruinado a tua noite – continuou ela, a sentir-se verdadeiramente culpada. – Quando o Charles falou nisso, quando ele disse que a Kendra nos tinha convidado... eu devia ter arranjado uma forma qualquer de dizer que não, alguma maneira de o dissuadir. Não pensei bem nas coisas, Nick.

Ele continuou calado.

– Não pensei – repetiu ela. – E, bem, parte de mim ficou bastante

entusiasmada com a ideia de te poder ver a tocar.

Parou e depois acrescentou:

– *Estou* feliz por te ter ouvido tocar. És mesmo talentoso. Tenho a certeza de que já sabes disso. Mas ainda assim queria dizer... não sei... o quanto me emocionou ouvir-te e ver-te em palco. Vocês são *bons*. Muito bons.

Nick continuou calado.

Uma sensação de angústia envolveu Sawyer. Queria muito que ele dissesse alguma coisa... qualquer coisa.

A porta da discoteca abriu-se repentinamente e um retângulo de luz inundou o pátio. Um dos colegas da banda deitou a cabeça de fora.

– Ei, Nick... temos de voltar ao palco.

– Ok. Vou já – respondeu Nick, falando por fim.

A porta voltou a fechar-se, deixando-os outra vez na relativa escuridão urbana.

Sawyer apercebeu-se da figura de Nick a levantar-se da cadeira de plástico. Ela pôs-se de pé num salto.

– Espera... Nick – disse, atingida de novo pela sensação de angústia. – Estou a falar a sério... lamento mesmo. E... bem, eu consigo ver que a Kendra está a dar contigo em doido.

– A Kendra?

– Sim. Tu sabes... tudo aquilo com o Charles. Eu acho que ela está, provavelmente, a agir assim para te fazer ciúmes. Mais uma vez, desculpa. Espero que não te tenhamos estragado a noite.

Ele começou a falar, mas a voz dele pareceu ficar presa na garganta. Por fim, disse:

– Tenho de ir.

Virou-se para voltar a entrar na discoteca.

– Nick... eu consigo perceber que estás aborrecido – insistiu Sawyer. – Por favor, deixa-me pedir desculpas.

Ele deteve-se e olhou para o chão. Estava demasiado escuro para Sawyer conseguir distinguir a expressão dele, mas Nick abanou a cabeça.

– A Kendra não está a dar comigo em doido – disse numa voz grave e baixa.

Sawyer franziu o sobrolho.

– Não percebo.

– Não é a Kendra. Não é *ela* que está a dar comigo em doido – repetiu ele.

– Nick... – começou ela a dizer, mas no instante seguinte ele já tinha dado um passo repentino em direção a ela. Os braços de Nick puxaram o corpo de Sawyer para si, com urgência.

Ela estava a beijá-lo ainda antes de os lábios dele tocarem os dela. Percebeu que já sentiam aquela atração um pelo outro há algum tempo, antes mesmo de concretizarem esse sentimento fisicamente. Quando ela inspirou,

foi preenchida por uma sensação de desejo misturada com uma sensação de regresso a casa.

Sawyer sentiu o beijo a percorrer-lhe o corpo até à medula.

Depois, ele libertou-a.

Havia algo de intimidante nos movimentos de Nick, algum tipo de frustração ou de raiva. Ele virou-se e saiu intempestivamente pela porta da discoteca sem dizer uma palavra.

Ela ficou ali, a vê-lo desaparecer na escuridão, zozza e estupidificada.

Que raio tinha acabado de acontecer?

• • •

Sawyer não fazia a mais pálida ideia há quanto tempo estava ali no pátio sozinha, a pensar, com uma mão surpreendida sobre o formigueiro que sentia nos lábios, perplexa com aquilo que acabara de acontecer. Deviam ter passado, pelo menos, dez minutos quando finalmente se recompôs e voltou a entrar na discoteca.

A banda de Nick já estava em palco, a tocar outra música. Charles e Kendra tinham regressado ao sítio anterior entre o público, mesmo junto ao palco. Sawyer atravessou a multidão, até junto deles, e ficou ali parada, ainda em transe. Sentia os olhos de Nick nela e sabia que ele tinha estado à espera que ela voltasse. Atreveu-se a enfrentar o olhar dele e, quando fez, a tensão entre ambos erigiu-lhe os pelos da nuca.

Após algum tempo, a banda terminou a canção que estava a tocar e seguiu-se uma curta pausa durante a qual Nick se dirigiu a cada um dos colegas, conferenciando acerca do que deveriam tocar a seguir. Por fim, inclinou-se para o microfone.

– Vamos tocar uma *cover*.

A multidão aguardou, para ver qual seria.

– Que estranho – disse Kendra a Charles. – Eles nunca tocam *covers*.

A banda começou a tocar.

Sawyer reconheceu, de imediato, «Sweet Thing». Parecia que Nick tinha feito um arranjo especial para os instrumentos da banda e o seu estilo musical.

O que significava que ele andava a pensar em tocar esta *cover* há algum tempo.

Era uma canção terna, simples e doce, que fazia jus ao seu nome.

Desta vez, quando Nick cantou, Sawyer não achou apenas que ele estava a olhar para ela, ela *sabia* que ele estava a olhar para ela. Sabia-o no mais profundo do seu ser, no mesmo sítio desconcertante onde tinha sentido todos os segundos daquele beijo. Tentou manter a compostura enquanto ouvia, mas conseguia sentir a agitação no peito e no estômago sempre que ousava olhar para o palco, na direção de Nick, e encontrava aquele seu olhar fixo e intenso.

De repente, sentiu-se envergonhada, interrogando-se se os outros estariam a aperceber-se da troca de olhares entre ambos. Olhou de soslaio para Kendra. Olhou de soslaio para Charles. Olhou para o palco e voltou a fitar Nick. Subitamente, sentiu um pico de emoção que lhe provocou uma desorientadora sensação de vertigem.

Nada nesta noite fazia sentido.

Ou, então, nada em toda a sua vida fazia sentido.

Ou ambas as coisas.

– Charles – implorou ela suavemente. – Não me estou a sentir bem.

– Foi o *Sea Breeze*?

– Não sei – disse ela. – Só me estou a sentir zozza. Preciso de ir para casa.

Charles pareceu relutante em se ir embora. Mas após alguns minutos a pedir desculpas a Kendra e a despedir-se, ele redimiou-se ao ajudar Sawyer a atravessar a discoteca e a sair pela porta da frente.

Ela teve de se esforçar imenso para resistir a olhar para trás, para onde Nick tocava e cantava.

• • •

Demorou um pouco até conseguirem encontrar um táxi nas ruas de Alphabet, mas Charles conseguiu fazer sinal a um.

Depressa estavam a acelerar para a parte alta da cidade, com a estação de jazz do taxista a ouvir-se nas colunas do carro.

– Ufa... que noite, hã? – disse Charles. – Lamento não me ter apercebido de onde é que nos ia enfiar. Aquela discoteca, ter de ouvir a banda daquele gajo... *Snif, snif, snif*. E não querendo soar como um velho, mas ainda tenho os ouvidos a zumbir. Se calhar por isso é que ficaste zozza e maldispota, não achas?

– Não sei – mentiu Sawyer.

Ela tinha querido desesperadamente sair da discoteca, mas agora, tudo o que desejava era dizer ao motorista para parar, dar meia-volta e regressar para... Nick.

Remexeu-se no banco.

– Estás a sentir-te pior? – perguntou Charles com a voz cheia de amável preocupação. – É a tua cabeça? Ou o estômago também?

Perante isto, o taxista atirou um olhar sobre o ombro para onde Sawyer estava sentada. Ela leu-lhe a mente na perfeição: «Nem pense em vomitar no meu táxi, minha senhora.»

– Estou bem – respondeu num tom brusco, atingida de repente por uma onda de irritação. Não dirigida ao taxista, mas a Charles. – Só precisava de sair dali. Estava demasiada gente.

Charles aceitou isso. Acenou com a cabeça e olhou pela janela para as luzes que brilhavam na superfície do, de outra forma pouco romântico, East River, subitamente perdido nos seus próprios pensamentos.

– Sim, eu percebo – disse ele. – Não é a nossa cena.

Afundou-se mais nos seus pensamentos e quase pareceu esquecer-se de que Sawyer estava ali.

– Deixa-me dizer-te que aquele tipo é completamente errado para ela. A Kendra pode arranjar melhor. Muito melhor.

Sawyer não respondeu.

Charles abanou a cabeça e repetiu-se.

– É mesmo errado para ela. O que é que ela anda a fazer? – Estava a ficar exaltado.

Sawyer olhou para Charles, mas ele não deu por nada. Ela sentiu a irritação a acumular-se no corpo e a zumbir à sua volta como uma nuvem de mosquitos.

O problema é que queria estar *mais zangada* com Charles do que estava realmente. Ele merecia: *karaoke*, «Fly Me to The Moon», a forma como se tinha comportado com Kendra durante a noite toda, a fatura...

– Só não percebo porque é que quiseste fazer *isto* hoje – queixou-se, pronta para discutir. – Não percebo porque é que não podíamos ter passado juntos a primeira tarde de sexta-feira que tiveste de folga, só nós os dois.

Isto pareceu arrancar Charles da sua letargia. Passou de olhar pela janela para encarar Sawyer, pesaroso. Agarrou-lhe na mão.

– Tens razão – concordou. – Tens razão, desculpa. Devíamos ter passado o dia de hoje juntos, só nós os dois.

Apertou-lhe a mão e fizeram o resto do trajeto até casa em silêncio.

Sawyer teria preferido discutir. Estava aterrada, porque todas as suas partes mais sensatas sabiam que aquilo que estava a sentir em relação a Charles não era raiva.

Era culpa.

QUARTA-FEIRA, 21 DE JULHO

Durante dias, tudo aquilo em que Sawyer conseguiu pensar foi naquele beijo.

Aquele beijo.

Aquele. Beijo.

Era como se a memória vivesse nas células do seu corpo, volátil e sensível, como uma bomba prestes a rebentar. Se Sawyer se permitia recordar o beijo – revivê-lo na sua cabeça, lembrando o olhar sedento de Nick mesmo antes de se aproximar dela, e de sentir a boca dele na sua –, isso provocava-lhe arrepios por todo o corpo e deixava-lhe as faces coradas. O que, claro, era bastante indigno. Não sentia esta vertiginosa mistura de euforia e constrangimento desde a adolescência.

Tentou ao máximo *não* pensar nisso.

Era o mais seguro.

Ainda tinha a azáfama de ir para o trabalho, andar de metro, ficar sentada à secretária no cubículo. Na maior parte do tempo, quase se conseguia convencer de que não tinha acontecido. Mas depois, alguma coisa a fazia inevitavelmente pensar em Nick, e a memória do beijo voltava a inundá-la, desafiando-a a enfrentar a realidade. Que sim... tinha mesmo acontecido.

E, claro, a única outra pessoa que sabia que tinha mesmo acontecido era Nick.

Sawyer tinha verificado o *e-mail* no sábado seguinte. E no domingo.

... E na segunda.

... E na terça.

Mas ele não lhe escrevera.

Na quarta-feira, Sawyer voltou para o seu habitualmente quente e abafado apartamento a sentir-se confusa e vulnerável, com medo de estar a alimentar falsas esperanças. Deixou o computador a ligar enquanto abria as janelas e ligava uma ventoinha.

«Bem-vindo! Tem mensagens novas!!!»

Sawyer ficou imóvel. Parecia que tinha o coração subitamente na garganta. Correu para o computador e clicou na caixa de entrada para ver... um *e-mail*.

Mas de Autumn, não de Nick.

Clicou nele.

Para: Aventures_of_Tom@aol.com

De: AutumnLeaves@hotmail.com

Desculpa, não verifico o e-mail há algum tempo! Disse à minha amiga Emiko que estava desejosa de ir visitar Tóquio e ela e eu apanhámos o comboio Shinkansen durante o fim de semana! Foi fantástico. Tirei milhares de fotografias... vou-te enviar algumas assim que revelar o rolo. Também nos encontrámos com o irmão dela, o Hiro. Ele está a estudar medicina em Tóquio e é suuuuuper giro.

Por falar em rapazes giros (embora não tenhas confirmado essa parte)... não percebo. Tu detestavas aquele tipo, o Nick. Depois dizes que ele é «um fixe». depois mandaste um e-mail a dizer para esquecer, que ele é um parvalhão?

Eu cá acho que essa história está mal contada...

Desembucha já tudo, senão,
Autumn

Sawyer clicou em «responder», mas limitou-se a ficar ali sentada a olhar para o monitor. Mais do que tudo, queria *conversar* com a amiga e não enviar apenas um *e-mail*.

Deitou uma olhadela às horas. Eram 17h34 em Nova Iorque. Isso significava que era de manhã no Japão? Antes de se ir embora, Autumn deixara o número de telefone do Japão, juntamente com as instruções para ligar, só em «situações de emergência». Sawyer já sabia: os custos da chamada eram exorbitantes, mas...

Antes de dar por isso, tinha desligado a Internet e estava a marcar 011 no telefone e o código do país e depois a ouvir o som eletrónico do toque estrangeiro.

– *Moshi moshi?* – ouviu dizer uma voz muito sonolenta do outro lado da linha.

– Autumn!

– Sawyer?

– Merda... estavas a dormir, não estavas? Que horas são?

Autumn não respondeu logo.

– Seis... e qualquer coisa? – acabou por vir a resposta.

– Desculpa! Esquece, esquece.

– Não, não... de qualquer forma preciso de me levantar daqui a nada. É bom ouvir a tua voz. O que é que se passa?

Sawyer mordeu o lábio, a sentir-se estúpida.

– Não sei – disse por fim. – Acho que não consigo perceber o Nick.

Autumn soltou uma gargalhada um pouco roufenha e depois tossiu.

– Eu SABIA que não me estavas a contar tudo! – vangloriou-se. –

Conta!

Sawyer partilhou os pormenores do tempo que passara com Nick... mas não mencionou o beijo.

– Hum – disse Autumn depois de ouvir.

– Hum, o quê?

– Não sei. Suponho que estava à espera que me contasses a história de um parvalhão cheio de si que te estava a aborrecer e eu ia gozar contigo e dar-te umas dicas sobre como o chatear também. Mas esse Nick... parece que vocês os dois têm mesmo uma ligação. E se gostas de sair com ele, então, ele deve ter alguma coisa boa.

Sawyer estava desejava de contar a Autumn acerca da noite do concerto e do beijo... o que é que tinha significado? Mas não conseguia que as palavras lhe saíssem da boca.

– De qualquer forma – disse agora Autumn. – Estou feliz por estares a fazer novos amigos. Às vezes fico preocupada.

Sawyer franziu o sobrolho.

– O que é que queres dizer?

– Isso mesmo. Desde que tu e o Charles estão juntos... não sei. O teu círculo social ficou um bocadinho... fechado. Vocês estavam sempre em casa, sozinhos.

– Estávamos a poupar dinheiro.

– Claro. Não te estou a criticar. Só acho que uma rede social mais alargada pode ser um bom apoio e tu mereces!

Mais tarde, depois de terem desligado, as palavras de Autumn perseguiram-na. Aquilo de o seu círculo social ter ficado mais pequeno depois de ter começado a namorar com Charles chocou-a. Não fazia ideia que Autumn pensava assim.

Embora tivesse ligado a Autumn para falar sobre Nick, ocorreu-lhe agora que tinha muita coisa para resolver com Charles. Talvez tivesse havido sempre assuntos para resolver, coisas em que ela não tinha reparado. Sawyer sempre confiara na evolução estável da relação, pois sempre tinham dado um passo a seguir ao outro. E cada passo fazia sentido na altura.

Nunca lhe tinha ocorrido que, do ponto de vista de Autumn, de fora a olhar para dentro, as coisas podiam parecer um bocadinho diferentes.

• • •

Sawyer ainda estava a pensar na conversa que tinha tido com Autumn

quando Charles chegou a casa naquela noite.

Olhou para as horas. Eram 21h21. Tinham voltado ao antigo horário. Manhã cedo no ginásio, até tarde no escritório, trabalho ao fim de semana. Ele contou-lhe histórias de outras equipas que andavam a trabalhar até às duas da manhã, defendendo de forma indireta a sua própria situação, achou ela, como que a dizer: «Temos sorte! Podia ser pior!»

Sawyer queria continuar a ser compreensiva. Mas começava definitivamente a questionar quando é que se tornara normal passarem tanto tempo separados... no verão antes de se casarem.

Agora, enquanto Charles desapertava a gravata e a tirava por cima da cabeça, deixou-se cair no sofá ao lado dela com um sorriso profundamente apoloético. Ela interrogou-se – por uns instantes fugazes – se ele conseguiria ler-lhe os pensamentos.

– Não me odeies... – começou ele a dizer.

Sawyer franziu o sobrolho, sem saber onde é que ele queria chegar.

– Mas...

– Mas o quê? – perguntou ela. Ficou com o corpo tenso, à espera de ser surpreendida com uma confissão.

– Mas afinal sempre tenho de ir a Chicago – terminou ele por fim.

Sawyer pestanejou, surpreendida. Tinha achado que ia ser alguma coisa em grande. Ainda assim, Chicago... com os colegas...

– É só durante duas semanas, em Agosto, para terminar o caso.

– A Kendra vai?

– Claro – respondeu Charles, com aquele tom peculiar de descontração forçada na voz. – Vai toda a equipa.

Sawyer olhou para ele durante um bom bocado.

– Charles... o que é que estamos a fazer?

– Como assim?

– Bem... é suposto casarmos... em *outubro*... – disse ela sem grande convicção.

Queria pôr tudo às claras. Queria confrontar Charles acerca de Kendra e pedir para ele lhe contar a verdade.

Mas houve alguma coisa que a deteve.

Não era apenas o facto de Nick a ter beijado. Naquele instante, percebeu: *Ela tinha correspondido ao beijo.*

De repente, sentiu-se muito pequena e muito perdida, como se não tivesse o direito de interrogar Charles sobre Kendra quando ela tinha passado o dia todo a pensar em Nick.

– Não percebo. Qual é o problema de outubro? – disse Charles, ou a fingir estar confuso, ou realmente confundido. Mas Sawyer ficou ali parada, de língua presa, perdida em pensamentos.

O telefone tocou e ambos se sobressaltaram.

Charles atendeu e Sawyer soube de imediato, pelo tom da voz, que era a mãe dele.

– Ela quer falar com os dois em alta voz – disse ele a apontar para o telefone. Carregou no botão para ativar a função na base do telefone e pousou o auscultador.

– Charles? Sawyer? Já estou em alta voz? – ouviu-se Kathy através da coluna minúscula.

– Olá, Kathy – cumprimentou Sawyer.

– Olá, minha querida! Estão sentados? Tenho novidades para vocês!

Sawyer estava no sofá, mas Charles estava de pé.

– Estamos sentados – mentiu ele. – O que é?

– Bem – começou Kathy com a voz a vibrar de entusiasmo. – Vocês não vão acreditar nisto, mas ligaram-me do *Times* sobre o anúncio do casamento que eu lhes enviei e eles podem estar interessados em fazer um artigo!

Sawyer ficou gelada, repentinamente zozza, assoberbada.

– Eles decidem esse tipo de coisa com tanta antecedência? – perguntou. Estava ciente que a voz lhe soava tímida.

– Oh, querida – repreendeu-a Kathy. – Enviei o vosso cedo e assegurei-me de que eles tinham todos os pormenores e todos os contactos telefónicos de que podiam precisar! Eu matava-me se eles não nos considerassem para um artigo devido a terem pouco tempo de aviso! Já agora, diz aos teus pais que eles podem vir a receber um telefonema. O *Times* verifica mesmo estas coisas todas, sabes?

– O *New York Times* vai ligar aos meus pais? – repetiu Sawyer, sem saber se devia acreditar no que estava a ouvir.

– Sem dúvida – insistiu Kathy. – Ah, mas uma coisinha... eles disseram que a foto de noivado que eu enviei era boa, mas não era «ótima». Algo sobre não estar tão «natural» quanto gostariam. Se estivermos mesmo empenhados no artigo, eles preferiam uma foto de exterior, talvez dos dois em Central Park...

Sawyer fitou, de olhos esbugalhados e completamente atordoada, a grelha de plástico da coluna enquanto Kathy continuou a debitar instruções sobre como tirar uma fotografia de noivado «natural» que o *New York Times* não conseguisse simplesmente resistir a imprimir a meia página na secção dos casamentos.

QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO

Na manhã seguinte, Sawyer foi acordada pelo ruído de Charles a levantar-se enquanto ainda era de noite e a preparar o saco do ginásio.

Sentia-se estranha naquela manhã, retraída e um bocadinho em baixo. Depois de terem falado com Kathy ao telefone, não voltaram à conversa sobre Chicago... nem sobre mais nada. Agora, enquanto Charles andava em bicos de pés à volta da cama, Sawyer virou-lhe as costas e, sem querer, caiu num sono profundo e sombrio.

Quando voltou a despertar, mais tarde, foi arrancada de um estado comatoso. Percebeu de imediato que não tinha acordado a horas.

Estava atrasada para o trabalho.

Correu para tomar banho e vestir-se e apressou-se porta fora, em direção ao metro.

Geralmente, Sawyer chegava ao escritório quinze minutos antes de Kaylee e, pelo menos, uma ou duas horas antes de Johanna. Enquanto «segunda assistente», era oficiosamente esperado que ela fosse a primeira pessoa a chegar. Mas por ironia do destino, naquele dia, Sawyer acabou a correr para o elevador e a gritar: «Esperem, por favor!»

Uma boa alma impediu que as portas se fechassem e, quando Sawyer entrou encontrou-se entre uma multidão de corpos que incluíam Kaylee... e uma Johanna caída da cama. O elevador cheirava a café, tinta de impressão, sabonete e perfumes concorrentes.

– Olá, Sawyer – disse Kaylee, com um sorriso compreensivo.

– Bom dia – respondeu Sawyer.

Johanna não tinha tirado os óculos de sol, mas Sawyer conseguia perceber a forma dos olhos dela através das lentes escuras. As pálpebras estavam parcialmente descidas, num semicerrar desaprovador. Provavelmente, agora partia do princípio de que Sawyer tinha o hábito de chegar em cima da hora.

– Bom dia, Johanna – disse Sawyer, arrependendo-se de imediato do seu

tom demasiado alegre.

Havia outra mulher no elevador com elas, que ia para o mesmo piso. Uma jovem editora promissora chamada Erin Michaels. Erin era mais velha do que Sawyer, mas provavelmente ainda estava na casa dos vinte ou no início dos trinta. Representava um importante ponto de transição na edição. Erin ainda não tinha uma assistente (ela própria desempenhara essa função até recentemente), mas já estava suficientemente estabelecida para Sawyer ter admirado a lista de autores e de títulos impressionantes que Erin tinha adquirido durante o ano anterior.

Sawyer gostava dela, mas não a conhecia muito bem.

– Bom dia, Sawyer. Tenho andado para te dar os parabéns – cumprimentou-a Erin, a sorrir.

Sawyer franziu o sobrolho, confusa.

– Dar-me os parabéns?

– Sim – declarou Erin com entusiasmo. – Um bom amigo meu trabalha na *Paris Review*... quando fomos sair na outra noite ele mencionou que tinham aceitado uma submissão de poesia de alguém que trabalhava aqui na editora. Perguntei quem era e fiquei muito feliz por saber que eras tu. Nem sequer sabia que escrevias poesia. Isso é ótimo.

O rosto de Sawyer tinha ficado vermelho, mas apesar disso manteve o sorriso.

– Oh, obrigada – gaguejou.

– Claro – disse Erin, quando o elevador apitou, anunciando o piso. – Mal posso esperar para ler os teus poemas e, mais uma vez, parabéns. É uma honra ter uma autora publicada entre nós.

Erin saiu primeiro do elevador, vestida para o verão num descontraído vestido de linho a combinar com o casaco de linho, chique e prática ao mesmo tempo. Sorriu e assentiu com a cabeça e, depois, continuou através do labirinto de cubículos do *open space*, em direção à área atribuída a outra chancela da mesma editora. Sawyer observou-a a afastar-se, sentindo-se tanto lisonjeada pelo elogio de Erin como um pouco assoberbada. Não tinha pensado em dizer a ninguém do trabalho acerca dos seus poemas, muito menos imaginado como seria se os colegas os lessem.

– *Chá*, Sawyer – lembrou-lhe Johanna, trazendo-a de volta à Terra.

– Claro! – disse Sawyer. – Vou tratar disso.

Apressou-se a atravessar o escritório, atirou o saco para cima da secretária e seguiu diretamente para a copa, para fazer o chá matinal de Johanna. A chefe desapareceu dentro do gabinete, mas Sawyer ficou surpreendida quando sentiu Kaylee atrás de si, muito próxima.

– Olá.

– Olá – disse Sawyer, enquanto enchia uma chaleira elétrica com água filtrada e se esticava nas pontas dos pés para chegar ao pacote de chá preto inglês.

– Meu Deus, aquilo foi constrangedor – disse Kaylee. – Mas não me

parece que a Erin tivesse a intenção de te expor.

Sawyer franziu o sobrolho enquanto procurava uma chávena que correspondesse aos padrões da chefe (*nada de canecas e jamais canecas com logótipos*, era a regra de Johanna...).

– Como assim? «Expor-me»? – perguntou, confusa.

Sawyer virou-se para olhar para a colega, que arregalou os olhos.

– Oh... – murmurou Kaylee. – Não sabes...

– Não sei, o quê?

Kaylee ficou a olhar por um momento, ainda de olhos arregalados, e depois concentrou a atenção em Sawyer.

– Podemos beber um copo depois do trabalho? – Lançou um olhar em todas as direções, quase como se fosse culpada de alguma coisa. – Uma bebida rápida?

– Hum, claro – respondeu Sawyer, apanhada desprevenida. – Está tudo bem?

Kaylee deitou outra olhadela furtiva à esquerda e à direita.

– Sim. Acabei de me aperceber de que talvez haja algumas coisas que tu não saibas. E... bem, devíamos conversar.

Kaylee prendeu o cabelo por detrás das orelhas e sorriu, depois apressou-se em direção à secretária, deixando Sawyer a terminar o chá de Johanna.

• • •

Depois daquilo o dia passou devagar. Sawyer não conseguia deixar de se interrogar sobre o que é que Kaylee tinha querido dizer com aquele «Oh, não sabes» e sobre o que lhe queria dizer mais tarde. Sabia que ambas iriam esperar que Johanna se fosse embora antes de poderem sair. Teria de ser paciente.

Por fim, quando o dia de trabalho terminava, Johanna emergiu do gabinete e dirigiu-se para o elevador, deixando atrás de si um rasto de perfume. O sinal habitual de que tinha dado o dia por concluído. Assim que Sawyer e Kaylee tiveram a certeza de que ela não ia regressar, trocaram um olhar e agarraram rapidamente nas suas coisas.

Nas ruas de Midtown, Sawyer deixou Kaylee escolher o sítio para onde se dirigiram a pé. Sawyer percebeu logo: Kaylee estava à procura de um restaurante onde fosse improvável Johanna alguma vez entrar, para reduzir ao máximo as hipóteses de dar de caras com ela.

Passaram por um Houston's e Kaylee parou finalmente e deu meia-volta.

– Aqui – disse ela.

Entraram e encontraram dois lugares vazios no bar.

O ambiente do restaurante era difícil de descrever. Uma churrascaria

texana modernaça, com esculturas de ferro, cabedal escuro e umas manchas aleatórias de branco e preto com associação ao pelo de vaca. O menu anunciava «Nova Gastronomia Americana», com preços de bife e de lagosta. Era uma mistura confusa de uma *steakhouse* urbana chique e de uma cadeira de restaurantes suburbana, estranha no contexto da cidade de Nova Iorque.

Sawyer e Kaylee sentaram-se ao bar e começaram a estudar o menu que enumerava os «*cocktails* de assinatura» do restaurante. Era *happy hour*, o que significava que os inflacionados *cocktails* de dezasseis dólares custavam agora oito, ainda um bocado carotes para o orçamento normal de Sawyer. Escolheu uma coisa que prometia ter *vodka* e lima e uma pitada de framboesa.

– Quero o mesmo – concordou Kaylee, depois de o empregado ter vindo anotar o pedido.

Devolveu-lhe o menu, que ele aceitou, mas voltou a pousar sobre o balcão e afastou-se para preparar as bebidas. Kaylee virou-se para Sawyer, com o seu longo cabelo louro-arruivado a brilhar, como se fosse um halo sob os focos escuros e intensos do bar.

– Sinto-me mal – começou Kaylee. – Porque tens aquela horrível hora tardia de almoço e, portanto, ninguém te mantém a par... bem, dos *boatos*.

– Dos boatos?

– Sim. Sobretudo em relação à Johanna.

– O que é que tem a Johanna?

– Bem, para começar, deixa-me dizer-te que acho ótimo que tu escrevas – disse Kaylee. Agarrou na mão de Sawyer e apertou-a para dar ênfase. – Acho ótimo seres *escritora*.

Sawyer ficou emocionada. Sorriu cautelosamente, sem saber bem para onde é que a conversa se dirigia.

– Mas dizem os rumores que a Johanna *detesta* ter assistentes que escrevem. É um problema para ela. Geralmente, recusa contratá-los – explicou Kaylee.

– Hã? – disse Sawyer a refletir sobre isto. «Ótimo», pensou. «Mais uma razão para a Johanna não gostar de mim.» Tentou esboçar um sorriso fraco, por Kaylee. – Mas eu já fui contratada – disse com um encolher de ombros curto, mas alegre.

Kaylee fez uma expressão aflita.

– Bem... a questão é essa. Quando eu comecei, alguns dos outros assistentes contaram-me um bocadinho acerca da rapariga antes de mim, aquela que eu substituí. Acho que o nome dela era Christine, se bem me lembro. Adiante, toda a gente disse que ela era muito inteligente e organizada e trabalhadora... mas soube-se que também gostava de escrever. Estava a trabalhar numa coleção de contos ou num romance, ou o que era, e a Johanna não conseguiu suportar isso nela.

Sawyer abanou a cabeça, confusa.

– O que é que estás a dizer que aconteceu? A Johanna despediu-a?

– Bem, sim e não – respondeu Kaylee. – A rapariga trabalhou para a

Johanna durante três anos e devia ser promovida. Mas suponho que a certa altura foi aceite na Yaddo e pediu algum tempo livre para ir. Eram só duas semanas para trabalhar um bocado no romance dela e, de qualquer forma, a Johanna sempre se deu ao luxo de ter duas assistentes, mas de acordo com as raparigas que me contaram a história, esse foi o beijo da morte para o emprego dela. A Johanna disse-lhe que ela podia tirar tempo para ir à Yaddo, mas quando ela voltou, a Johanna fez-lhe a vida num inferno, ao ponto de ela desistir. Portanto, ela não a *despediu* exatamente, mas...

– Estou a perceber... – respondeu Sawyer, a assimilar tudo. Mordeu o lábio, a sentir-se um pouco mais do que ligeiramente tramada.

– Não estou a dizer que é isso que *te* vai acontecer – insistiu Kaylee num tom encorajador. – Eu... só... achei que devias saber.

– Eu agradeço, Kaye – disse Sawyer. – A sério.

– Sinto-me mal. Quer dizer... eu oiço os boatos das outras assistentes e tu não...

– A culpa não é tua, Kaye.

– Bem, de qualquer forma, queria avisar-te. Às vezes é bom termos oportunidade de falar fora do escritório. Eu pago as bebidas.

– Não é preciso.

– Não, eu insisto. E, Sawyer, aconteça o que acontecer, eu sei que estás a fazer um ótimo trabalho para a Johanna. Acho que vais dar uma ótima editora um dia.

Sawyer ficou emocionada com a amabilidade de Kaylee.

Agradeceu-lhe.

Enquanto estavam sentadas a beber os *cocktails*, ela conseguia sentir o cérebro a rodopiar, às voltas com as novidades acerca de Johanna e a tentar perceber o que é que podia fazer, se é que havia alguma coisa.

• • •

Pouco depois, de volta ao apartamento, Sawyer sentou-se à frente do computador, outra vez a olhar para uma caixa de entrada vazia.

Ainda tinha o beijo na memória, num redemoinho de confusão, desejo e culpa, tudo a fazê-la concluir que o melhor era mesmo deixar as coisas como estavam. Mas também sentia... *saudades* de Nick. Seria possível? Só tinha estado pessoalmente com ele um total de seis vezes, incluindo aquele breve encontro em que ele a tinha insultado. No entanto, de certa forma, Nick tinha-se tornado um porto de abrigo para ela.

Agora, queria contar-lhe acerca de como as coisas pareciam piorar cada vez mais com a chefe, de como Johanna a tinha apelidado de «Eve Harrington» e do aviso que Kaylee acabara de lhe dar.

Ela queria falar com ele... nem que fosse apenas para ouvir uma das

suas opiniões arrogantes. Nem sequer se importava de entrar numa discussão acesa sobre a insistência dele em usar a palavra «miúda».

Mas, depois, lembrava-se da forma como ele tinha saído intempestivamente depois de a beijar, quase como se estivesse zangado. E lembrava-se da forma repentina como ela tinha abandonado a discoteca naquela noite, quando a banda dele estava a meio de tocar uma música... a música *dela*.

Talvez Nick não quisesse sequer ter notícias dela.

Mas também se lembrou das palavras dele... «Se te apetece conversar comigo, devias conversar comigo», escrevera ele no *chat*. Depois de olhar para a caixa de entrada vazia durante mais alguns minutos, Sawyer tomou finalmente uma decisão. Abriu um *e-mail* novo e, sem cumprimentos nem preâmbulos, escreveu:

Para: Nikolai70@aol.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

Disseste uma vez que, se me apetecesse conversar contigo, devia fazê-lo. Portanto, aqui estou. Tenho tido alguns problemas no trabalho e tenho estado à espera de conversar com alguém sobre eles. Bem... não com alguém. Contigo.

Sawyer hesitou e depois acrescentou.

Não temos de falar sobre... tu sabes, a coisa que aconteceu na última sexta-feira. Se não quiseses.

Voltou a parar, para reunir coragem, e depois continuou.

Eu sinto apenas saudades tuas. Tenho pensado em ti durante toda a semana.

Antes de poder mudar de ideias, clicou em «enviar».

• • •

Uma hora mais tarde, verificou o *e-mail* e viu que Nick tinha respondido. Abriu de imediato a resposta.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Amanhã é sexta. Encontra-te comigo na entrada do metro no canto sul de Union Square quando saíres do trabalho. Vou estar à espera.

Sawyer pestanejou para o sucinto *e-mail*, lendo e relendo as linhas parcas e inexpressivas. Não conseguia adivinhar o que estaria ele a sentir, ou o que lhe estaria a passar pela cabeça.

Mas tinha a certeza de uma coisa. Sabia que iria estar na ponta sul de Union Square no dia seguinte à tarde.

SEXTA-FEIRA, 23 DE JULHO

Estava quente e abafado quando Sawyer saiu do escritório. A luz na cidade tinha assumido um tom ligeiramente dourado devido à neblina no ar.

Union Square estava cheia de gente a desfrutar do horário de verão. Para onde quer que olhasse, Sawyer via pessoas a preguiçar nos bancos, a beber cafés gelados, a conversar com amigos, a ler livros. Carrinhos de bebé e pessoas a andar e cães. Pombos gordos a pavonear-se para debicar migalhas de sanduíches e a refrescar-se nas poças acumuladas nas pedras do pavimento perto das fontes. Clientes a percorrer o pequeno mercado de produtores instalado num dos cantos do parque. Pessoal de vinte e poucos anos sentado debaixo dos guarda-sóis vermelhos e brancos do Luna Park, o restaurante sazonal ao ar livre, no centro de Union Square, a beber jarros de sangria e a rir.

Enquanto atravessava o parque, Sawyer vislumbrou Nick no sítio exato onde tinha prometido estar, à espera junto às escadas da entrada do metropolitano, na ponta sul do parque. Mantinha-se obviamente atento a toda a gente que passava, mas estava de costas viradas para a direção de onde Sawyer se aproximava, portanto, ela teve a vantagem de o ver primeiro.

Por um breve instante, vê-lo fez com que ela parasse. Sentiu um aperto no estômago e ficou com os membros dormentes, como se todo o sangue lhe tivesse acorrido ao coração e abandonado as extremidades.

Depois, ele deu abruptamente meia-volta, quase como se ela tivesse gritado o nome dele, e também a viu.

Também ele se deteve. As pessoas continuaram a passar à volta deles enquanto ambos olhavam um para o outro, num rio de movimento permanente que caracteriza Nova Iorque. Devagar, um sorriso espalhou-se no rosto de Nick, e Sawyer ficou aliviada por perceber que ele estava *feliz* por a ver.

As suas pernas e pés, que tinham parecido pesados e quase colados ao passeio, ficaram outra vez leves. Aproximou-se dele timidamente, mas com um sorriso.

– Olá – disse, quando estavam suficientemente perto para se ouvirem.

– Olá – respondeu Nick.

Ele acenou com a cabeça. Ela reparou: ele não se mexeu para cumprimentar com um abraço. Sentiu-se demasiado tímida para iniciar um. O momento constrangedor passou.

– Então, estás pronta? – perguntou Nick. – Vamos.

Sawyer franziu o sobrolho.

– Vamos onde?

– Apanhar o comboio N – respondeu ele e deu meia-volta, obviamente à espera que ela o seguisse.

Sawyer tropeçou atrás dele.

– O comboio N?

Nick assentiu sobre o ombro.

– Coney Island está na tua lista. Disseste que querias ir. Portanto, aqui vamos nós.

Acelerou pelas escadas abaixo e entrou na estação. Sawyer apressou-se para o conseguir acompanhar.

– E como todas as viagens ao passado para Brooklyn, a nossa começa com um longo trajeto no comboio N – brincou ele.

Ofereceu-lhe uma moeda. Ela aceitou-a, confusa, e percebeu que era uma ficha do metro.

– Sempre me questionei quem é que ainda as usava – brincou. – Tinha a certeza que estavam todos mortos. Ou, pelo menos, num lar de terceira idade em Flushing, a jogar besigue.

Ele revirou os olhos e abanou a cabeça.

– As fichas são à moda antiga, têm classe. Moeda física, nada daquele disparate de plástico amarelo cor de autocarro escolar.

– O meu Metrocard cumpre o seu dever – disse ela, a fingir indignação. – Também dá um excelente marcador de livro.

Nick lançou-lhe um olhar de soslaio.

– Aposto que perdeste muitos Metrocard dessa forma.

Sawyer riu-se e confirmou com um aceno de cabeça.

– Quando limpo as estantes de livros e a pilha na minha mesinha de cabeceira, encontro sempre um ou outro com uns quantos dólares lá dentro.

Cinco minutos mais tarde estavam num comboio N em direção a Brooklyn. A carruagem em si era muito típica da linha, com bancos rijos de plástico em vários tons de cor de laranja. Encontraram dois juntos e sentaram-se. Quando o comboio arrancou, Sawyer não pôde fazer nada para impedir que os ombros de ambos se roçassem. Todo o seu corpo estava alerta, com uma profunda consciência de que ainda não se tinham tocado desde a noite do beijo.

Estremeceu, interrogando-se se algum deles iria ter coragem de abordar o assunto.

– Já agora, desculpa – disse ela. – Por causa da forma como eu... hum...

sai da discoteca na outra noite.

A mente de Sawyer iluminou-se com a imagem de Nick a cantar, em palco.

E de como ela tinha saído de repente.

Nick encolheu os ombros.

– Estava na hora de voltares para casa com o teu noivo – disse ele, mas o tom soava um pouco estranho. – Eu percebo.

– Mas... eu – Sawyer estava com dificuldade em encontrar as palavras certas.

– Não precisamos de falar sobre isso – interrompeu-a Nick com um tom definitivo.

Houve uma pausa longa e constrangedora. Depois, ele voltou a falar.

– Então... – disse. – Conta-me.

Sawyer olhou para ele, de olhos muito abertos, ligeiramente assustada. Nick riu-se.

– Estou a falar dos teus problemas no trabalho.

– Oh – disse ela. – Isso.

– O que é que se passa?

Sawyer desatou a contar a Nick tudo o que estava relacionado com o seu drama no trabalho. Terry Stone. Johanna a chamar-lhe «Eve Harrington» pelas costas. Erin Michaels a dar-lhe os parabéns acerca da *Paris Review* quando estavam no elevador. Kaylee a levá-la a beber um copo e a transmitir-lhe os boatos acerca de como Johanna odiava ter aspirantes a escritores como assistentes.

Nick ouviu atentamente, acenando com a cabeça pensativamente, colocando periodicamente algumas perguntas para clarificar os factos.

– Então? – perguntou Sawyer assim que terminou de descarregar todos os pormenores que achou que podiam ser relevantes.

Nick abanou a cabeça.

– Não queiras saber o que eu acho.

– Vá lá... porque é que eu haveria de passar as últimas sete paragens a contar-te isto tudo se não quisesse saber o que tu pensas?

– Bem – disse Nick inspirando fundo e lançando a Sawyer um olhar sério. – Acho que quando se trata da tua chefe, Johanna, estás basicamente lixada.

– Bem, por favor, não doures a pílula!

– Disseste que querias saber o que eu acho – lembrou-a Nick.

– Ok – concordou Sawyer. – Mas o que é que eu posso fazer?

– Nada – respondeu Nick, com segurança.

Sawyer olhou-o de lado.

Ele abanou a cabeça, insistindo.

– Já percebi que continuas a agir sob a crença de que há alguma coisa que podes fazer para deixar essa mulher feliz. Na realidade... tu pareces *viciada* na crença de que há alguma coisa que podes fazer para deixar essa

mulher feliz. Mas posso dizer-te já: não há nada que possas fazer, exceto cortares o anzol.

– Cortar o anzol?

– Sim, é uma expressão da pesca.

– Eu *sei* que é uma expressão da pesca – respondeu Sawyer, com indignação. – Mas o que é que estás a dizer? Devo desistir?

– Desistir da área editorial, não – respondeu Nick. – Mas desistir de trabalhar para a Johanna, sem dúvida que sim.

Sawyer ainda nem sequer tinha considerado essa hipótese. Começou a protestar, mas a boca dela só se abriu e fechou em silêncio, como um peixe.

– Eu sei, eu sei – ressaltou Nick. – Provavelmente ainda não tinhas pensado nisso. Mas é a única maneira. – Parou e depois acrescentou: – E aquela editora do elevador?

– A Erin Michaels?

– Sim, ela. Parece que deve ser jovem, mas é uma pessoa que tu admiras.

– Pois admiro, mas...

– E os parabéns que ela te deu pareceram sinceros.

– Quer dizer, acho que sim...

– Parece ser o tipo de pessoa que pensa que ser escritor é uma coisa boa. Ela vê o valor que isso tem e não considera que esteja em conflito com a edição.

– Talvez – reconheceu Sawyer. – Não posso exatamente escolher o meu chefe. Não posso pedir para trabalhar antes para ela em vez de para a Johanna, nem nada disso. Não é assim que as coisas funcionam. E se eu andasse por ali a tentar arranjar algum tipo de transferência... bem, para além de deixar a Johanna furiosa, provavelmente colocava a Erin na lista negra da Johanna. E a Erin pode ser encorajadora, mas não vai querer andar a ofender os outros editores manifestando falta de ética entre chancelas. Ninguém quer.

Nick encolheu os ombros.

– Bem... o que é que eu percebo disso? Eu diria para não descartares a hipótese. Deixo-te aqui a última contribuição da minha sabedoria: é melhor estudar sob a alçada de alguém inferior na hierarquia, mas que quer ensinar alguma coisa, do que estudar sob a alçada da pessoa na posição mais elevada que não te quer ensinar nada.

Sawyer olhou para ele de soslaio.

– É uma sabedoria mesmo muito profunda – brincou ela.

– Tenho os meus momentos.

– Uns aqui... outros ali – concordou ela, provocadora. Depois suspirou. – E até pode ser que tenhas razão.

– *Pode* ser.

Continuaram a conversar enquanto o comboio os conduzia aos solavancos para o fim de Brooklyn.

Em duas ocasiões, levantaram-se para oferecer o lugar a outros passageiros. Uma vez para duas mulheres idosas, uma das quais coxeou para o

comboio com a ajuda de uma bengala. E uma segunda vez quando uma mulher de ar exausto, com três crianças muito agitadas e com menos de cinco anos, entrou no comboio e olhou à volta, em desespero.

Sawyer gostou da forma natural como estas transições ocorreram, como ela e Nick não precisavam de palavras para concordar em ceder os seus lugares. Ambos se levantaram de imediato, oferecendo os lugares a pessoas que precisavam mais deles, com um toque no ombro do desconhecido e um acenar de cabeça, continuando depois a conversa agarrados à barra sobre as suas cabeças. Ela gostava da forma como a consideração de Nick era automática, sem qualquer exibicionismo.

Por fim, quase uma hora depois de terem entrado no comboio em Union Square, chegaram ao fim da linha. Por essa altura, os carris tinham passado de subterrâneos para a superfície e os edifícios que os rodeavam tinham ficado cada vez mais baixos, com apenas alguns prédios. Os passageiros à volta deles iam claramente todos para o litoral, com geleiras e sacos de praia, e a cheirar a protetor solar com aromas exóticos. O maquinista veio aos altifalantes anunciar que era a última paragem, que o comboio iria voltar para trás e que todos os passageiros eram aconselhados a sair.

Bing-bong! As portas do comboio abriram-se.

– É a nossa deixa – disse Nick. – A aventura vai começar.

Seguiram com a multidão, pelas escadas abaixo e para fora da estação e em direção ao que parecia ser uma larga avenida marginal. Sawyer ficou surpreendida por parecer tão urbana. As praias no Oregon eram algo frio, agreste e escarpado.

Nick assinalou algumas coisas enquanto caminhavam ao longo da avenida, supostamente em direção à costa (Sawyer ainda não conseguia ver a água e não sabia para que direção se virar).

– O primeiro dos Nathan's – indicou ele, a apontar para um edifício grande com um enorme desenho de um cachorro-quente e a sinalética da assinatura *vintage* do Nathan's. De um dos lados do edifício havia um pátio gigante cheio de gente sentada em bancos de piquenique a comer cachorros-quentes e sandes de lagosta. – Mas aqui cobram o dobro em relação à cidade.

Continuou a indicar o caminho. Pararam para prestar homenagem aos Coney Art Walls, uma série de murais a vibrar com cor, e depois dirigiram-se para uma feira ao ar livre, onde os empregados das diversões os chamavam para tentarem a sorte em vários jogos.

Nick fez um gesto negativo para um homem que os tentava convencer a atirar as argolas.

– Talvez mais tarde.

Em voz baixo, confessou a Sawyer:

– Tenho a certeza de que já sabes, mas nada é deixado à sorte nestes jogos de azar... – Ele sorriu. – Ainda assim, tenho alguns favoritos onde gosto de perder. E tu? Tens algum jogo de feira a que gostes de perder?

– Não quero puxar a brasa à minha sardinha, mas não sou nada má

naquele em que se atiram dardos aos balões – admitiu Sawyer.

Nick ergueu as sobrancelhas.

– Uma secreta assassina a soldo – comentou.

– Ganhei o meu único peixinho vermelho dessa forma – acrescentou Sawyer, a sorrir.

– Que nome é que lhe deste?

Sawyer encolheu-se e corou.

– Moby – respondeu ela.

A cara de Nick franziu-se.

– Moby... como em *Moby Dick*?

– Força. Eu sei que te queres rir.

– Porque é que eu me haveria de rir disso? – perguntou ele com um falso ar de incredulidade.

– Tenho a certeza de que já te riste – disse Sawyer. – De qualquer forma, tu bem disseste quando nos conhecemos: a minha família adora os clássicos americanos. Ou, pelo menos, a minha mãe. Talvez o meu pai lhe tivesse chamado Hamlet.

– Ah, pois é, um peixinho vermelho existencial, sempre a matutar na morte – brincou Nick. – «Um homem pode pescar com a minhoca que se alimentou de um rei e comer um peixe que comeu aquela minhoca» – recitou.

Desta vez, foi Sawyer que levantou a sobrancelha com uma surpresa divertida. Nick encolheu os ombros.

– Foi a deixa mais piscícola de que me lembrei de *Hamlet* – disse ele. – A única outra referência a peixe em Shakespeare de que me consigo lembrar, é basicamente acerca de Caliban. Alguma coisa sobre ser meio homem, meio peixe. O que me lembra que há aqui um espetáculo de aberrações, claro.

Sawyer enrugou o nariz.

– Esses sempre me pareceram maldosos.

Nick concordou com a cabeça.

– Suponho que sim. Até o nome, «espetáculo de aberrações», parece demasiado trocista para a tua sensibilidade.

– O que é que queres dizer com isso?

– Nada. Só que tu és... *simpática*.

– Aqui está essa palavra outra vez. Não me obrigues a ter de te sacar as coisas à pancada.

Nick riu-se. Continuou a indicar o caminho por entre carrosséis, carrinhos de choque e montanhas-russas, até a feira dar lugar a um passadiço *vintage* de madeira e Sawyer conseguir finalmente ver a praia. Esboçou um enorme sorriso ao vê-la. *O oceano!*

A água em si ainda estava a uma distância considerável. O passadiço de madeira era largo e comprido e a areia que levava à água estendia-se por algumas boas dezenas de metros antes de alcançar a espuma branca das ondas do Atlântico cor de azul metálico. O sol estival ainda não tinha abrandado e o ar sobre a areia brilhava com ondas oleosas que pareciam uma miragem. Mas,

ao contrário do que acontecia na cidade, Sawyer reparou que o calor aqui era, pelo menos, ligeiramente temperado por uma agradável brisa marítima. Estava tudo pegajoso e quente, mas não tão horrível.

– Aonde vamos? – perguntou ela, quando Nick continuou a andar.

– Pensei que podíamos ir até ao final do pontão – respondeu ele, a apontar para um longo molhe de madeira que se projetava perpendicularmente ao passadiço, sobre a água. – Podes ter uma vista geral do sítio e decidir o que é que gostavas de fazer primeiro.

– *Eu* é que vou decidir?

– Claro. É a tua lista de sextas-feiras de verão – lembrou-lhe ele. – Só tenho duas condições. Primeira: tu escolhes o que queres. E segunda: deixas-me pagar hoje.

Sawyer abanou a cabeça.

– Vá lá, Sawyer – disse Nick. – Escolhe o que queres e, por uma vez na vida, não peças desculpa. Prometo que não é assim tão difícil.

– Mas também é a tua tarde de sexta-feira – contrapôs ela. – Os verdadeiros nova-iorquinos levam as suas sextas-feiras de verão muito a sério. Não quero que desperdices a tua.

– Bem, mesmo que escolhas dez coisas que eu detesto, eu vou estar a fazer exatamente aquilo que queria com a minha sexta-feira – respondeu Nick. Sawyer sentiu o calor a acorrer-lhe ao rosto.

– Porque posso estar contigo – acrescentou ele, num tom factual. Devia ter soado como uma linha de engate. Em vez disso, soou franco, como a mais pura das verdades.

O calor desceu-lhe das faces para o pescoço e para o peito. Olhou noutra direção, na esperança de que Nick não reparasse.

– Estou onde quero estar – confirmou ele e depois continuou a andar.

Quando chegaram ao fim do pontão, viraram-se e encostaram-se ao corrimão, a olhar para trás, para a costa. Uma estrutura metálica alta, vermelha, dominava a paisagem. Parecia uma torre de rádio extremamente alta, só que no topo alargava, como um cogumelo.

– É o antigo salto de paraquedas – disse Nick ao seguir o olhar de Sawyer.

– Salto de paraquedas?

– Sim. Os paraquedistas do exército costumavam treinar saltando de torres como esta. Mas quando a feira mundial foi em Nova Iorque, em 1930, decidiram construir uma para os visitantes da feira, como diversão.

Sawyer ficou a olhar para a torre e tentou imaginar paraquedas brancos a caírem do topo, como flores a cair de uma árvore.

– Deve ter sido muito fixe – comentou.

– Fixe – concordou Nick –, mas demasiado caro para o manter a funcionar e demasiado dispendioso para o demolir ou levar para outro lado. Por isso, agora, aquela estranha torre vermelha tornou-se basicamente a característica arquitetónica que define Coney Island. Tipo, se tivessem de

imprimir alguma coisa num porta-chaves de recordação seria aquilo.

– Esta torre vermelha é para Coney Island o que o Empire State Building é para Nova Iorque?

– Basicamente.

– Hum – matutou Sawyer.

Continuaram a estudar a vista enquanto Nick apontava para as muitas características e atrações de Coney Island.

– Então... o que é que queres fazer?

Sawyer pensou durante um minuto e decidiu ser sincera.

– Aquela conversa toda sobre Moby Dick faz-me querer começar pelo aquário – confessou.

– Então, será o aquário – concordou Nick.

• • •

Passaram a hora seguinte a percorrer o misterioso ambiente azulado dos tanques do aquário, a observar tudo aquilo que lhes chamava a atenção.

– Sabes o que é que eu adorava nos aquários quando era criança? – disse Sawyer de forma retórica. – É como se... quando chegamos a uma parte do aquário que é superescura e temos imensos tanques à nossa volta... especialmente aqueles mesmo enormes com paredes grossas de vidro, é como se, durante uns instantes, sentíssemos que estamos no mundo dos peixes e que *somos* nós que estamos no tanque.

Nick olhou para ela. Sawyer riu-se.

– Assim até parece que quero viver dentro de um aquário.

– Não – disse ele. – Eu percebo. Quando somos crianças é a mesma fantasia de conseguir entrar numa nave espacial e ir visitar os extraterrestres.

– Exato! É esquisito. Não devia ser nada primitivo, mas a sensação é primitiva.

– A não ser que seja mesmo primitiva e que todos os humanos tenham aqui sido colocados originalmente por uma espécie de peixes alienígenas e tudo o que nós desejamos é visitá-los.

Sawyer riu-se.

– Achas que eu estou a brincar – queixou-se Nick. – Mas e se «evoluímos do lodo primordial» for apenas código para «trazidos para aqui de outro planeta por uma espécie de peixes alienígenas»?

– E eu a pensar que eu é que tinha ideias esquisitas – respondeu Sawyer.

– Não. Se há uma coisa de que podemos ter a certeza, é que *somos os dois* completamente malucos.

• • •

Decidiram que o aquário lhes dava fome e voltaram ao sol brilhante e ao calor abrasador da marginal, à procura de comida.

– Eu *recomendava* as sandes de lagosta, mas marisco parece um bocado obscuro depois do aquário – comentou Nick.

– Concordo.

Acabaram por comprar salsichas panadas e granizados do Ruby's e encontraram uma mesa mesmo à porta com vista ampla para a marginal, a praia e a água. Para uma praia, Coney Island era claramente urbana, com um toque excêntrico. Enquanto estavam sentados a observar as pessoas, testemunharam uma venda de droga, uma mulher a usar aquilo que parecia um vestido de noiva rosa-choque e um velho coberto de tinta verde e papel de alumínio. O último era o mais surreal. Para além da tinta verde e do papel de alumínio, tinha a tocar uma música altíssima que saía de uma coluna escondida sob a folha de alumínio, e usava patins.

– Vês? – provocou Nick. – Aqui está um tipo que se lembra claramente dos peixes extraterrestres nossos antepassados. Está atrasado para uma visita ao nosso planeta ancestral.

Sawyer resistiu ao impulso para rir. Pousou uma mão sobre a testa e os olhos e, ainda assim, não conseguiu conter uma pequena risada.

• • •

Quando as salsichas panadas salgadas e doces já estavam reduzidas a pauzinhos de madeira incrustados com massa esturricada na base, e o xarope de cereja dos granizados lhes tinha manchado os lábios com um tom pouco natural de vermelho, foram à procura de alguns jogos de feira.

Perderam os dois em grande, mas riram-se tanto que Sawyer sentiu lágrimas a escaparem pelos cantos dos olhos.

– Bem, vê as coisas por este prisma – disse Nick –, assim não temos de andar por aí carregados com um daqueles animais de peluche gigantes, como se estivéssemos nalgum tipo de *cliché* num filme.

– Pois – concordou Sawyer, mas pensou: «Isso é um *cliché* romântico.»

A mente dela voltou ao beijo. Olhou de soslaio para os lábios dele. Começou a suar e desviou o olhar.

Decidiram andar na Wonder Wheel, a roda gigante *vintage* de Coney Island, famosa pelas suas enormes dimensões. Sawyer achou que seria uma voltinha tranquila, uma bela vista do topo, e que possivelmente apanhariam uma agradável brisa marítima lá em cima. Enquanto esperavam na fila, viu que algumas das cabinas da roda se moviam, oscilando para a frente e para trás no mesmo sítio, num vago padrão em Z. Provavelmente, a ideia de algum engenheiro para apimentar a diversão, de outra forma bastante suave. Era uma *nuance* interessante, mas não lhe pareceu nada de intimidante.

Mas, da primeira vez que a cabina se inclinou para a frente, ela não estava à espera e a sensação do movimento fez com que estendesse a mão a Nick por puro instinto. Ele permitiu que ela se agarrasse a ele. Depois, quando se viu nos braços dele, Sawyer entrou em pânico e, com a mesma velocidade, afastou-se num reflexo educado.

Aconteceu tudo em segundos: precipitou-se para ele, agarrou-o, apertou-o, estremeceu, largou-o e afastou-se.

Ele tinha-se rido quando ela o agarrou, e parou abruptamente de rir quando ela recuou.

A verdade é que Sawyer não tinha reagido ao corpo dele, mas sim ao efeito que o corpo dele tinha tido no *seu* corpo. O magnetismo que tinha sentido ao tocar-lhe assustara-a, obrigando-a a ser sincera consigo mesma. Ela não tinha estado apenas a pensar a semana toda naquele beijo, ela tinha estado à espera de mais... ela tinha estado a desejá-lo.

Depois do momento constrangedor, ficaram os dois ali sentados calmamente, a fazer conversa de circunstância e sem se tocarem durante o resto da viagem.

Quando chegaram ao fundo e se viram de novo em terra firme, Nick perguntou:

– Então... queres fazer mais alguma coisa em Coney Island, ou estás a ficar cansada e queres dar o dia por terminado?

Já ali estavam há algumas horas, mas o sol de verão ainda ia alto, como se não tivesse planos para se pôr tão cedo. A ideia de o dia terminar – de o dia dela *com Nick* terminar – encheu Sawyer com uma sensação de protesto desesperado.

– Mas viemos à praia – disse ela – e ainda não passeámos na praia.

– Queres passear na praia?

– Claro – insistiu. Percorreu a costa com o olhar. – Talvez ali – disse a apontar. – Onde há menos gente. Podemos caminhar à beira-mar e eu posso dizer que molhei os pés no Oceano Atlântico hoje.

Nick esboçou um sorriso lento.

– Está bem. Vamos passear na praia.

• • •

Percorreram o passadiço até à zona da praia com menos gente que Sawyer tinha referido, e depois tiraram os sapatos e caminharam cuidadosamente pela areia quente até à água.

Quando se aproximaram da linha de rebentação, aventuraram-se cada vez mais, a tentar as ondas, até que uma avançou com um pouco mais de força do que as outras e lhes passou por cima dos pés. Sawyer soltou um grito de felicidade.

– Oh, está fria!

– Pois está – concordou Nick. – Fica um bocadinho mais quente lá para agosto, mas sabes como é... estamos em Nova Iorque, não na Flórida.

– Eu *gosto* – disse Sawyer. – Um mergulho seria muito refrescante!

– Devia ter-te dito para trazeres fato de banho – respondeu Nick. – Não pensei nisso.

– Não faz mal – disse Sawyer. – Estou muito feliz com o dia de hoje, tal como está.

Continuaram a andar, deixando pegadas na areia. Uma nova onda passou por cima dos pés de Sawyer.

– Na realidade... senti-me um bocadinho... não sei... em *pânico*, talvez, depois de termos saído da Wonder Wheel – admitiu ela. – Quando sugeriste que o dia podia ficar por aí.

– Parecias desconfortável – respondeu Nick.

Ela percebeu que ele se estava a referir à forma como se tinha afastado dele na cabina da roda gigante.

– Quis dar-te uma hipótese de fuga, caso quisesse aproveitar – disse ele.

– *Não* quero – insistiu Sawyer. – Estou a divertir-me. – Calou-se e procurou bem lá no fundo alguma coragem. – Não quero que o dia acabe, porque gosto de estar contigo e, sobretudo, não quero que isso acabe.

Tinham estado a caminhar vagarosamente ao longo da água. Mas, ao ouvir isto, Nick parou e virou-se para a encarar.

Sawyer estacou. Tinha o coração outra vez aos pulos.

Nick estudou-lhe o rosto.

– Então, é mútuo – disse ele baixinho, quase como se estivesse a afirmá-lo para si mesmo.

Tinham parado de repente e Sawyer quase lhe tinha dado um encontrão. Agora, estavam frente a frente, inesperadamente próximos.

Ela estava muito consciente da tensão que se acumulava outra vez entre ambos, a crescer com cada vez mais intensidade, excitante e insuportável ao mesmo tempo. Aproximaram-se cada vez mais até que...

splash.

Sawyer arregalou os olhos para a camisola de Nick, sem conseguir acreditar. A mancha branca era quase idêntica à que tinha atingido a *T-shirt* dele no *ferry* de Staten Island. Nick olhou para baixo com a sobrancelha franzida.

– Que raio...?

Sawyer levou as mãos à boca, a lutar contra o riso.

– não é possível. – Nick olhou acusatoriamente para o céu, profundamente ofendido. – É impossível isto acontecer *duas* vezes!

Sawyer desistiu, deixou de tentar manter a compostura e desatou a rir.

– Se isto *for* mesmo um sinal de sorte... tu deves ser a pessoa mais sortuda que eu conheço! – declarou.

– Uau, obrigadinho – retorquiu Nick. – Acho que preferia ser um

bocadinho *menos* sortudo. – Desistiu de procurar a gaivota marota e começou a despir a camisola.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Sawyer, subitamente nervosa, apanhada de surpresa pelo corpo despido de Nick.

– Vou lavar isto – disse ele. – Há aqui um oceano mesmo ao lado.

Atirou os sapatos para um sítio com areia seca e aproximou-se mais da água, depois parou para submergir a *T-shirt* nas ondas. Sawyer pousou os seus próprios sapatos junto aos dele, juntamente com a mala, e aproximou-se até ficarem lado a lado.

– Acho que tens de esfregar – aconselhou. – Queres que eu faça isso?

– Não – retorquiu Nick com brusquidão. – Obrigado por tratares disso da última vez. Não quero ser o tipo cujas camisolas cheia de cocó estás sempre a limpar.

Sawyer riu-se até Nick não conseguir evitar rir um bocadinho também.

– O que é que tu terás feito às gaivotas numa vida passada? – brincou ela.

– Também gostava de saber.

– És claramente um alvo a abater.

– Literalmente – resmungou Nick, sem conseguir remover completamente a mancha.

– Dá cá, a sério, deixa-me tentar.

– Não, já disse: larga!

Durante um minuto guerream na brincadeira por causa da camisola e, depois, alguma coisa correu confusamente mal. Sawyer tropeçou. Nick tentou agarrá-la. Ao mesmo tempo, foram atingidos por uma onda e acabaram por cair à água.

Desta vez foi Nick que soltou um grito alto por causa da temperatura.

Ficaram completamente ensopados, da ponta dos cabelos à ponta dos pés.

Esforçaram-se para se levantar enquanto outra onda avançava preguiçosamente para a margem, e começaram a rir outra vez até estarem os dois histéricos.

– Que se lixe – disse Nick, agora a rir tanto que mal abria os olhos. – Só nos resta fazer uma coisa – acrescentou.

– O quê?

Atirou a *T-shirt* para a areia, para onde tinham deixado os sapatos. Aterrou com um som molhado.

– Disseste que querias dar um mergulho – disse ele.

Sawyer riu-se.

Em vez de saírem da água, deram meia-volta e nadaram para mais longe, a rir e a molharem-se um ao outro na brincadeira enquanto avançavam.

Assim que se afastaram um bocado mais da rebentação, escaparam ao sedimento acastanhado que as ondas levantavam quando enrolavam. Estava ainda mais frio do que tinha estado na parte rasa, mas ultrapassado o choque térmico, a água tornou-se fresca e agradável. E salgada. Sawyer reparou: o Atlântico parecia muito mais salgado que o Pacífico. Parecia ser mais fácil flutuar. Nunca tinha ido nadar vestida antes e conseguia sentir a saia do vestido de verão a flutuar junto às nádegas, mas as pernas estavam livres.

Ela e Nick nadaram em pequenas meias-luas em torno um do outro, a desafiar-se a ir cada vez mais para fora de pé. De vez em quando, aproximavam-se um do outro e salpicavam-se na brincadeira.

Por fim, a certa altura, quando Sawyer se aproximou de Nick e o salpicou, ele agarrou-lhe os braços e puxou-a para si.

Ela ficou surpreendida quando o corpo se descontraiu instintivamente. Sentiu os braços dele a envolverem-lhe a cintura e os seus próprios braços a prenderem-se aos ombros e ao pescoço de Nick. Flutuaram juntos durante alguns minutos, como um par de boias.

Sawyer sentiu arrepios no corpo, mas não tanto da temperatura da água como da estranha electricidade que o percorria. Longe da rebentação, as ondas eram suaves. Consequia sentir o calor do sol no rosto. O aroma a bolo que emanava da marginal chegava-lhe em lufadas ao nariz. Cheirava tão bem, e os arrepios sabiam tão bem e a água estava tão fresca e o toque de Nick era tão quente, que se sentiu um bocadinho zozza. Que paraíso inesperado e ligeiramente absurdo tinha ela encontrado. Lambeu os lábios, a saborear o sal e esperou que Nick a beijasse.

Mas no instante seguinte, Nick largou-a e afastou-se a nadar.

• • •

Quando saíram da água, voltaram ao sítio onde tinham deixado as coisas e sentaram-se na areia, uma vez que não tinham trazido nenhuma toalha. A *T-shirt* de Nick estava quase seca, mas não se podia dizer que estivesse limpa, coberta de uma camada de areia escura que mais parecia lama.

Ali sentados ao sol para se aquecerem, com os corpos cobertos de sal e de areia, começaram a pensar sobre o seu comportamento insensato.

– Ir de comboio para Manhattan nesta figura vai ser... – começou Sawyer a dizer, parando para pensar na palavra certa.

– Sujo, nojento e altamente desconfortável – ofereceu Nick.

– Pois – concordou Sawyer. – isso.

Calou-se e passou os dedos pelo cabelo, onde ficaram presos num nó. O cabelo escuro tinha-se tornado surpreendentemente ondulado depois da água salgada.

– Já para não dizer que é uma viagem mesmo muito longa – acrescentou.

– Sabes... *parece*-me que não pensámos muito bem nisto.

Riu-se, mas Nick só resmungou, perdido em pensamentos.

– Hum.

Continuou calado durante um bocado.

– Bem, penso que tenho uma solução – disse. – Mas não sei o que é que vais achar.

Sawyer olhou para ele. Tinha uma expressão tão séria no rosto. Ela riu-se.

– Experimenta – desafiou-o.

19.

Era uma caminhada de cerca de quinze minutos pela marginal desde Coney Island até Brighton Beach. Os restaurantes começaram a mudar dos cachorros-quentes e das barracas de marisco para restaurantes russos que pareciam – pelo menos do exterior – uma combinação de salas de banquete de hotel e discotecas.

Sawyer tinha começado a entrar silenciosamente em pânico por ir conhecer a mãe de Nick.

– Tens a certeza de que ela não se importa? – perguntou nervosamente. – Não está à nossa espera. Pode estar a descansar e não querer companhia.

– Ela vai ficar contente por nos ver – insistiu Nick.

– Vamos sujar-lhe a casa com areia – continuou Sawyer, afligindo-se.

– Tomamos um duche. Lavamos a roupa. Dizemos olá à minha mãe, que eu já andava para vir visitar. E limpamos tudo o que sujarmos.

– Mas...

– Mas, o quê?

– Não sei – queixou-se Sawyer. – Sinto-me... mal.

– Sentes-te mal com tudo – gracejou Nick. – És demasiado simpática.

Sawyer franziu o sobrolho. Nick reparou na expressão dela e riu-se suavemente.

– Olha, faz parte do teu charme. Mas não faz mal aproveitares-te dos outros de vez em quando.

Sawyer reprimiu um suspiro de dúvida.

A certa altura, depois de passarem vários restaurantes russos seguidos, viraram e deixaram a marginal. Nick continuou a indicar-lhe o caminho, cada vez mais para dentro de Brighton Beach, passando por livrarias russas, talhos e lojas de conveniência e até uma farmácia Duane Reade com as letras cirílicas «аптека». Era quase como entrar noutro país, mas sem passaporte.

Por fim, Nick virou para uma rua cheia de casas de dois andares revestidas a tijolo e madeira, que caracterizavam a maior parte de Queens e da periferia de Brooklyn. A maioria tinha pequenos toldos metálicos por cima do alpendre. Os jardins da frente estavam quase todos pavimentados com cimento ou gravilha. Algumas casas exibiam pormenores espalhafatosos, com

vedações de ferro forjado ornamentadas ou portas de entrada com janelas de vitrais.

Nick parou no passeio junto a uma das casas.

– É aqui – disse.

Nada de ferro forjado nem de vitrais na porta. Era sóbria e alegre na sua simplicidade, com tijolo que parecia ter sido limpo à pressão e rebocado de novo, e pilares brancos que pareciam ter sido pintados recentemente. À direita da casa havia uma passagem estreita e aquilo que parecia um velho e desgastado *Mercedes-Benz* dos anos 1970.

– Anda – insistiu Nick, a subir dois degraus de cada vez.

«O que é que eu estou aqui a fazer?», disse Sawyer para si própria. Se alguém lhe tivesse perguntado nessa manhã: «Ei, o que é que vais fazer a seguir ao trabalho?», ela nunca teria conseguido adivinhar isto. Nada do que se passara, aliás.

Nick bateu à porta e gritou alguma coisa em russo. Veio uma resposta fraca do interior. Ele pegou numa chave, abriu a porta e entrou, com um sinal para Sawyer o seguir. Ela obedeceu, ainda a sentir-se tímida.

Uma vez lá dentro Sawyer olhou à volta. A sala de estar era simples, com paredes brancas e espartanas, mas dominada por alguns elementos imponentes: um espesso tapete oriental, um conjunto de sofás castanhos e uma pesada mesa redonda de madeira esculpida. Dois vasos com plantas muito verdes pendiam de suportes de macramé reminiscentes do estilo dos anos 1970, um de cada lado do sofá maior. E no centro do sofá estava sentada uma mulher mais velha e muito pequena, com cabelo preto asa de corvo, e um tubo a ligar o nariz a um tanque de oxigénio. Largou o jornal que estava a ler e sorriu.

Veio uma memória à mente de Sawyer: «Conheço uma pessoa com problemas respiratórios», tinha dito Nick sobre não fumar, naquela noite em que se conheceram.

A mãe de Nick não se levantou do sofá, mas abriu os braços ao filho. Ele inclinou-se para ela e deu-lhe um abraço e um beijo, depois apontou para Sawyer e disse alguma coisa que soou vagamente como «*Eto moya druga*», seguido por algo que ela reconheceu: «Sawyer.»

A mãe dele olhou para Sawyer e, sem hesitar, proclamou:

– Bem-vinda!

Sawyer começou a cumprimentá-la formalmente, mas a mãe de Nick fez-lhe sinal.

– Lena, Lena! – corrigiu. – És amiga do meu filho... chama-me Lena.

Nick mudou para inglês e explicou o que lhes tinha acontecido na praia, que precisavam de tomar banho e de usar as máquinas de lavar e de secar.

Lena bateu as palmas e riu-se.

– Então – disse ela a Sawyer. – Tu és tal e qual como o meu filho!

– Como assim?

– És como o meu filho – repetiu Lena. – Quando ele era criança, via

água e saltava lá para dentro com a roupa e tudo. Eu tinha de me assegurar que, se o levava a algum sítio perto da água, ele levava o fato de banho posto, senão saltava com aquilo que tivesse vestido! – riu-se Lena, bastante divertida. – Todos estes anos e nada muda – acrescentou, muito satisfeita com esta ideia.

Sawyer não sabia como responder e acabou simplesmente por se rir também.

Lena agarrou-lhe no braço.

– Ele adora nadar – insistiu ela.

– Eu também adoro nadar – concordou Sawyer.

Lena sorriu.

– Nadar é um dos grandes prazeres da vida.

– Sim – concordou Sawyer. – Pois é.

• • •

Nick mostrou a Sawyer a casa de banho e trouxe-lhe uma toalha fofa lavada. Ofereceu-lhe algumas peças de roupa.

– Uma *T-shirt* – disse ele com um ar acanhado. – E um par de *boxers*. Para usares enquanto enfiar a nossa roupa na máquina.

Ela aceitou a toalha, a *T-shirt* e os *boxers*, depois fechou a porta da casa de banho e despiu o vestido de verão e a roupa interior, enrolou-se na toalha e abriu a porta o suficiente para lhe entregar a roupa suja.

– Obrigada... por fazeres isto... – conseguiu ela dizer.

As mãos deles tocaram-se por instantes quando fizeram a troca.

A porta fechou-se.

• • •

Quando Sawyer saiu do duche, envolveu-se na toalha fofa e vestiu a *T-shirt* e os *boxers*... Que eram obviamente da roupa que Nick guardava em casa da mãe. Ela sabia que ele os tinha escolhido por causa do calor do verão. Mas eram tão leves que a faziam sentir-se praticamente nua. Também sentia uma emoção estranha e inesperada por ter a roupa de Nick tão junto a si.

Sawyer pensou nisto durante uns instantes, estremeceu e depois chamou-se de novo à realidade.

• • •

Nick tomou um duche rápido e, de repente, estavam os três sentados à volta da mesa da cozinha da mãe de Nick a beber um jarro de chá gelado que tinha estado a repousar numa mistura abundante de açúcar, limões e cerejas.

– Tenho salada de batata! – disse Lena, com um dedo no ar como se tivesse acabado de ter uma ideia. – Têm fome? – perguntou a Nick. – Comem? – perguntou a Sawyer.

– Eu... bem... claro... – disse Sawyer. Mesmo depois das salsichas panadas e dos granizados, a natação improvisada e a caminhada e o duche tinham-lhe aberto outra vez o apetite.

– Eu vou buscar – disse Nick, pousando uma mão sobre o ombro da mãe para a impedir de se levantar. Lena ainda estava ligada ao tanque de oxigénio, que a acompanhava para onde quer que fosse dentro de uma espécie de cesto com rodas, mas parecia à mesma um incómoda âncora.

Nick retirou uma tijela de vidro grande do frigorífico e tirou a película que a cobria.

– Quando é que fizeste isto? – perguntou ele à mãe, como se estivesse surpreendido.

– Esta manhã – respondeu ela. – Não sei porque é que a fiz e logo tanto. Talvez eu soubesse que ias aparecer. Talvez eu seja vidente.

Nick riu-se.

– És bem capaz disso.

Tirou três pratos de um armário. Eram brancos, mas muito finos e pintados com pequenas rosas delicadas. Colocou uma colherada de salada de batata em cada prato e depois pousou-os sobre a mesa da cozinha com três garfos ao lado.

Sawyer aceitou o prato e o garfo e provou um pouco. Uma mistura de batatas, cenouras, cebolas, ovos cozidos, pickles e fiambre, tudo aos cubos, envolvido numa camada generosa de maionese e natas ácidas, e com uma surpreendente quantidade de aneto. Era mais forte, mais doce, mais salgada e mais cremosa do que a salada de batata que a sua própria mãe fazia sempre para os piqueniques e as reuniões dos pais com os professores.

– Gostas? – perguntou Lena, a observar ansiosamente o rosto de Sawyer quando ela deu a primeira garfada.

– Muito – respondeu Sawyer.

– É salada de batata *rusa* – enfatizou Lena. – *Salat Olivier*! É boa para as datas festivas. – Assentiu com a cabeça e deu uma gargalhada. – Aqui comemos salada de batata no verão... mas na Rússia fazemos *salat Olivier* na passagem de ano.

Lena sorriu e as faces dela exibiram as maçãs do rosto proeminentes. Era uma mulher muito pequenina, com uma estrutura delicada, como um passarinho. Sawyer conseguia perceber agora que o tom azulado do cabelo dela era provavelmente resultado de tinta, mas estava muito bem feito, bem como o corte de cabelo. E embora a idade e a fraca saúde lhe provocassem algumas rugas, ela e Nick partilhavam os mesmos olhos azul-claros

brilhantes.

– Bem, é deliciosa em qualquer altura – disse Sawyer, dando outra garfada na salada de batata. – Gosto do aneto.

Nick riu-se.

– Não sabias? – brincou ele. – É assim que se faz qualquer prato russo. Basta juntar um bocado de natas ácidas e maionese e atirar uma tonelada de aneto lá para dentro.

– Isso não é verdade! – protestou Lena. Mas riu-se, sem estar, obviamente, ofendida. – Está bem – disse a sibilar um bocadinho para dentro do tubo de oxigénio. – É um bocadinho verdade.

Riram-se todos e atacaram a salada de batata. No entanto, após algumas garfadas, Lena largou o garfo e estendeu a mão em direção à de Sawyer. Deu-lhe uma palmadinha ligeira na mão esquerda que estava pousada sobre a mesa.

– És a primeira rapariga que o Nico trouxe cá a casa – disse ela. – E a cara dele... está tão feliz.

Sawyer olhou para Lena e corou com o choque, receando ter de dizer àquela mulher que ela tinha ficado com a impressão errada.

– Oh... – disse ela constrangida, a tentar encontrar as palavras. – Eu... eu não sou namorada dele – explicou.

O rosto de Lena esmoreceu.

– Mas ele tem uma namorada – acrescentou rapidamente Sawyer, não querendo desapontá-la. – Sim – continuou. – A namorada do Nick é uma mulher loura muito bonita chamada Kendra. Ela é muito simpática... muito... bonita...

Depressa ficou sem coisas para dizer sobre Kendra.

Nick pigarreou.

– Na realidade, eu e a Kendra acabámos – disse ele, corrigindo Sawyer.

Ela olhou para ele, surpreendida por esta notícia e ainda mais surpreendida por ele não se ter lembrado de o referir durante o dia todo, até agora.

– O quê? – gaguejou, incrédula e a sentir-se um bocado desorientada.

– Sim – disse-lhe Nick. – Não tenciono voltar a vê-la.

– Oh... – murmurou Sawyer. – Nick... lamento imenso. Não sabia.

Sawyer percebeu que, durante esta conversa, Lena tinha estado a olhar para os rostos de ambos, com os olhos a saltar de Nick para Sawyer e de novo para Nick.

Lena sorriu para si mesma, como se tivesse acabado de decodificar um segredo. Ainda tinha a mão em cima da de Sawyer e agora olhou para ela, como se tivesse ficado subitamente ciente de que estava a tocar nalguma coisa.

Levantou a mão e observou o anel de Sawyer. Deixou o olhar ficar ali, com o sobrolho franzido, sem dizer nada. Depois, pareceu recompor-se e exibiu um novo sorriso.

– Bem, é muito bom ter-te aqui – disse Lena amavelmente.

– Obrigada... a sério – respondeu Sawyer, devolvendo o sorriso e outra vez nervosa.

Lena assentiu, sorriu calorosamente e depois concentrou-se em comer mais um bocadinho de salada. Olhou fugazmente para cima e lançou um olhar de preocupação em direção ao filho.

• • •

Depois de terem comido, Nick ocupou-se a arranjar algumas coisas da casa: trocar uma lâmpada, apertar um toalheiro um bocadinho solto na casa de banho, encontrar um controlo remoto da televisão que tinha desaparecido e reprogramar as opções do menu da TV, que tinham ficado misturadas entre os comandos. Tratou de procurar e aspirar toda a areia que ele e Sawyer pudessem ter trazido para dentro de casa e depois trocou algumas palavras em russo com a mãe.

Virou-se para Sawyer. Por esta altura já tinham voltado a vestir as suas roupas, lavadas e secas.

– Estás pronta para irmos?

– Sim, claro – concordou Sawyer. – Na realidade, se quiseres ficar mais tempo com a tua mãe, podes dizer-me só o caminho para o comboio.

– Deixa-te de coisas – repreendeu-a Nick. – Não te vou deixar voltar sozinha para casa. Além disso, não vamos de comboio. Vamos de carro.

– De carro?

– Sim. É tarde e é uma viagem muito longa.

Sawyer riu-se nervosamente.

– E a tua mãe não se importa que lhe leves o carro?

– Claro que não! – adiantou-se Lena. – De qualquer forma, o carro é do Nico.

– Eu comprei o carro para *ti*, mãe – lembrou-lhe Nick. – É teu.

Lena virou-se para olhar para Sawyer e encolheu os ombros.

– Só o usamos para ir ao médico e é sempre o Nico que conduz, eu nunca conduzo.

– O que interessa – disse Nick – é que é dela, mas ela empresta-nos o carro. Vamos até Manhattan hoje e depois amanhã eu volto para o devolver.

Lena sorriu para ambos.

– É bom para mim... recebo uma visita dupla do meu filho – disse alegremente, para encerrar o assunto.

– Então, estás pronta? – perguntou Nick.

Despediram-se de Lena, que abraçou os dois. Sawyer sentiu-se um bocadinho constrangida, tendo cuidado extra para não tocar no tubo ou no tanque de oxigénio e sentindo o peso delicado de Lena nos braços.

Saíram de casa. Nick esperou para ouvir a mãe a trancar a porta antes de dar a volta à casa, até onde estava estacionado o decadente *Mercedes-Benz*.

– Comprei-o a um dos amigos da minha mãe aqui do bairro. Tenho quase a certeza que o tipo costumava pertencer à máfia russa. Anda bem, mas larga um cheirete a gásóleo... A minha mãe diz sempre que é o cheiro da Velha Pátria. Este e o dos cigarros russos que, segundo ela, cheiram a perfume e são tão fortes que conseguem matar os não russos com apenas dois tragos.

Entraram e fecharam as portas. Nick ligou o motor, depois desembraiou e meteu a marcha-atrás para saírem. O carro era antigo e estranhamente confortável. Os bancos afundavam nas molas, o teto de abrir tinha o tipo de vidro fumado que estivera em voga nos anos 1970 e tinha um cheiro que lembrava o da areia na praia.

– É por causa dela que não fumas – disse Sawyer enquanto Nick manobrava o carro pelas ruas de Brighton Beach. – Aquilo que disseste de conhecer alguém com problemas respiratórios... estavas a falar dela.

– Sim.

– Foi de fumar?

Nick abanou a cabeça.

– Ela costumava fumar e não me parece que isso tenha ajudado, de certeza. Mas os problemas com os pulmões dela vêm do trabalho como química.

– O que é que aconteceu? Se não te importares que eu pergunte.

– Não, podes perguntar – disse Nick. Mas a linguagem corporal dele ficou mais tensa. – Vou tentar dar-te a versão resumida.

Sawyer ficou humildemente à espera.

– A minha mãe era investigadora. Foi nomeada pelo governo para trabalhar em Kremlev, uma das chamadas «cidades fechadas», a algumas centenas de quilómetros de Moscovo, onde toda a gente que ali vivia trabalhava para o laboratório. Trabalhavam lá muitos cientistas importantes, mas não havia muitas liberdades. Um dia, ela descobriu que estava grávida. Não contou a ninguém. Em vez disso, candidatou-se a uma autorização especial para assistir a uma conferência académica na Bélgica. Ela diz que ficou surpreendida quando foi aprovada. Achou que alguém tinha cometido um erro administrativo ou que Deus tinha intervindo. Ela foi. Quando chegou à Bélgica contactou a Embaixada Americana, que foi muito compreensiva com a história dela... e ficou interessada no facto de ela ser uma química russa de patente elevada que queria desertar. Quando o avião que a devia levar de volta para Moscovo começou o embarque, ela já estava num avião a caminho da América.

Nick parou, redobrando a atenção que prestava à estrada. Por essa altura tinham chegado à Belt Parkway e encontrado trânsito.

– Então e... – aventurou-se Sawyer.

– O meu pai? – disse Nick.

– Sim.

– A minha mãe diz que estava genuinamente apaixonada pelo homem que é meu pai, um colega químico, mas que o romance deles era intermitente e ele era profundamente patriótico. E muito orgulhoso. Ele nunca teria vindo com ela e ela acreditava que ele até a podia impedir. Por todas essas razões, nunca lhe contou sobre o bebé. Sobre mim.

– Uau – disse solenemente Sawyer. – Isso não deve ser fácil – acrescentou suavemente.

Nick encolheu os ombros.

– É o que é – disse ele sem emoção na voz. – Admiro a minha mãe pela coragem. E estou feliz por ter crescido na América, livre para ser um aspirante a músico transformado em publicitário. – Olhou de soslaio para ela. – É o sonho americano – brincou.

– O que é que a tua mãe fez quando chegou à América?

– Bem, dada a formação dela, quiseram que viesse trabalhar para o laboratório de Brookhaven.

– Isso é... em Long Island? – perguntou Sawyer, ainda a habituar-se à geografia de Nova Iorque.

– Sim. Junto à Stony Brook University. O laboratório é, de longe, o maior empregador da área. No início ela gostava muito, disse que era diferente da localidade onde tinha trabalhado na Rússia, mais descontraída e aberta. E, para dizer a verdade, eu gostei de crescer em Stony Brook. Tem uma espécie de charme de pequena localidade de que tenho saudades. Aquela área toda é a «antiga» Long Island, com imensas casas coloniais, igrejas com campanários brancos, uma pequena Rua Principal em Port Jefferson e um antigo farol de pedra... ah, e sinto falta de ir a Cedar Beach no verão para nadar, claro.

– Ou, segundo a tua mãe, dar um mergulho improvisado em qualquer altura do ano – provocou Sawyer.

– Pois, ou isso – concordou Nick afavelmente. Sorriu para Sawyer. – Para dizer a verdade, a minha mãe raramente me tentou parar.

– Ela parece dar valor à alegria. Em especial para o filho.

– É verdade.

Sawyer tentou juntar todas as peças.

– Stony Brook, hã? Não sei porquê... mas pensava que tinhas crescido na cidade. Ou, então, em Brighton Beach.

– Fomos morar para lá quando eu tinha treze anos. Portanto... também a considero a minha casa. Mas de uma forma diferente.

– Porque é que se mudaram?

Nick ficou outra vez tenso.

– Bem, suponho que essa seja a parte menos boa – disse ele. – A minha mãe estava a trabalhar no laboratório, em Brookhaven, quando começou a ter os problemas respiratórios. Foi ao médico e depois de uma data de exames para tentar obter um diagnóstico, eles acharam que os pulmões dela estavam danificados devido à exposição do trabalho realizado no laboratório.

Brookhaven entrou em pânico, insistiram que a exposição não era do laboratório deles e que devia ter acontecido no laboratório de Kremlev, o que, sabe-se lá, até pode ter sido. De qualquer forma, a questão transformou a minha mãe num pária para eles. Deram-lhe a indemnização e despediram-na para se distanciarem dela. Portanto, a minha mãe teve de começar de novo, com pulmões que lhe estavam a começar a falhar e a tentar pagar despesas de saúde que o laboratório já não cobria.

Ficou em silêncio. Sawyer conseguia perceber, pelo perfil dele, que tinha o maxilar tenso. Nick inspirou fundo.

– Acho que houve ali uma altura em que o Sonho Americano da minha mãe se transformou num pesadelo.

Sawyer estava calada a assimilar tudo. Todos os pedaços de Nick que ela tinha estado a reunir encaixavam agora. As razões para ele ter trabalhado tanto para entrar numa universidade da Ivy League com uma bolsa. A razão por que trabalhava em publicidade embora parecesse ter-lhe algum desdém. A razão por que mantinha um emprego das 9 às 5 apesar de ser um músico talentoso. A razão por que vivia num prédio antigo em Alphabet City com uma banheira na cozinha, em vez de gastar uma data de dinheiro na renda de um edifício com porteiro para estar ao mesmo nível dos colegas do trabalho.

– Foi estranho – refletiu agora Nick – porque é como se as coisas tivessem acontecido ao contrário. Quando era criança sentia que era um miúdo americano... depois, aos treze anos, fiquei subitamente muito consciente do facto de que era filho de uma imigrante e do que isso significava.

– Lamento imenso – disse Sawyer.

O maxilar de Nick voltou a ficar tenso e ele abanou a cabeça.

– Não lamentos – insistiu. – Eu não lamento. Foi uma das lições mais importantes que a vida alguma vez me ensinou.

Sawyer ficou calada, a refletir respeitosamente nas palavras dele. Nick continuou a seguir pela Belt Parkway, a mexer na caixa das mudanças conforme o trânsito andava, ou ficavam no para-arranca. Por fim, apareceu no horizonte a Ponte Verrazano, o tráfego começou a acelerar e eles avançaram devagar, mas consistentemente.

O sol tinha começado a pôr-se a oeste e o pôr do sol exibia mais um incrível espetáculo de verão. Conduzirem à beira de água, com as cores brilhantes a dançarem no céu, era surreal e inesperadamente bonito.

– Uau. É literalmente como se estivéssemos a avançar em direção ao pôr do sol – brincou Sawyer.

Estava à espera que Nick risse, mas ele olhou-a com uma expressão que ela não conseguiu ler muito bem e, depois, voltou a dirigir os olhos para a estrada.

Passou um momento constrangedor.

Sawyer pigarreou.

– Quando é que acabaste com a Kendra?

– Aquela noite na discoteca.

– Ah.

– Eu queria ter falado com ela em privado antes – disse Nick –, mas nunca a conseguia apanhar sozinha.

– E depois ela convidou-me a mim e ao Charles para ir ao *sushi* e para te irmos ouvir tocar.

– Pois.

Sawyer ficou outra vez calada. Ainda não tinha a certeza de quem era a atenção que Kendra mais queria naquela noite, se de Nick ou de Charles. Deu pela sua mente a seguir numa direção inesperada.

– Então, suponho que, agora que estás solteiro outra vez, as raparigas da discoteca vão ficar muito felizes.

Nick olhou para ela. Não negou.

– Como é que vais escolher? – brincou Sawyer. – Aplicando mais da tua «matemática»? Só que com uma ênfase extra na sensualidade?

– Então – disse Nick. – Não sou assim tão mauzinho.

– Pois, mas alguma coisa me diz que também não és assim tão bonzinho.

Sawyer riu-se, mas, mais uma vez, Nick não.

Ficou em silêncio durante um bom bocado.

– Acho que deixei bem claro quem é que eu quero, Sawyer – disse ele por fim, numa voz baixa e confiante.

Sawyer sentiu um choque de eletricidade a percorrê-la. Queria retorquir com alguma coisa, mas sentiu a língua presa.

– Mas eu já disse isso antes... eu sei que a tua situação é muito mais complicada que a minha – disse Nick.

Voltaram a ficar em silêncio. Quando ele mudou de velocidade, a mão tocou de raspão na perna dela. Não pareceu intencional, mas... Sawyer voltou a sentir o coração a bater, a um ritmo infernal sob as costelas, e a pulsação a martelar-lhe nos ouvidos. O carro tinha ficado quente e abafado, apesar do ar condicionado. O teto de abrir adicionava uma espécie de efeito de estufa e a conversa intensa só tinha amplificado a situação.

Nick pareceu ler os pensamentos de Sawyer.

– Assim é melhor – disse ele carregando no botão para abrir o teto de abrir e depois noutro para baixar as janelas.

Uma lufada de ar fresco encheu de imediato o carro. O longo cabelo escuro de Sawyer, ainda molhado do duche, começou a esvoaçar e a rodopiar ao vento.

Continuaram a viagem, passando pela Ponte Verrazano e depois seguindo a Belt Parkway quando virou e ficou paralela ao sol. Sawyer lembrou-se do pôr do sol que tinham testemunhado no *ferry* de Staten Island, uma explosão idêntica de cor de laranjas e púrpuras. Depois chegaram ao túnel e mergulharam para o subsolo... acabando por ressurgir perto de Battery Park e continuando para a West Side Highway.

Quando se aproximaram do bairro de Sawyer, ela deu instruções a Nick para chegarem ao seu prédio em Upper West Side.

Era uma rua relativamente sossegada, ensanduichada entre avenidas movimentadas. Nick conseguiu parar à frente do edifício de Sawyer e deixou o motor ligado. A proximidade do apartamento teve um estranho efeito nela. Não queria deixar Nick, mas estar tão perto de casa, da casa que partilhava com Charles, fê-la sentir-se incomodada e nervosa.

Nick pareceu ler isso na linguagem corporal dela.

– Hoje à tarde, no pontão, disseste que querias que eu fizesse aquilo que queria com as minhas tardes de sexta – disse ele. – Mas o mesmo é válido para ti, Sawyer. Deves fazer aquilo que *tu* queres... com as tardes de sexta e com a tua vida.

Sawyer ficou calada.

– É só a minha opinião – disse Nick.

Sawyer assentiu com a cabeça.

Não se mexeu.

– Tenho de ir procurar um sítio para estacionar o carro durante a noite – disse Nick.

– Ah, claro. Ok – disse ela apressadamente, constrangida. – Bem, obrigada por hoje. E agradece à tua mãe também.

– O prazer foi todo meu. E eu agradeço.

Sawyer agarrou no puxador da porta e saiu do carro rapidamente, quase como se o banco a estivesse a queimar. Bateu a porta, acenou uma despedida e correu pelos degraus que levavam à entrada do prédio.

Nick esperou até ela ter aberto a porta e depois arrancou.

A televisão estava ligada e Charles estava sentado no sofá quando Sawyer enfiou a chave na porta. Ela parou, surpreendida. Ainda não eram nove da noite. Não estava à espera que Charles chegasse antes dela a casa.

Na realidade, não estava à espera de nada. A verdade é que não tinha pensado em Charles durante todo o dia.

– Olá – disse ele agora, apontando o controlo remoto com um braço no ar para tirar o som à televisão e virando-se para ela. – Onde é que estiveste?

O tom dele era suficientemente cordial. Mais curioso que acusatório.

Sawyer não respondeu logo. Largou as chaves no prato sobre a pequena mesa do *hall* e começou a tirar os sapatos. O que é que ela podia dizer?

– A tua colega, qual é o nome dela? Kelsey? Kaitlin? Ela quis sair outra

vez?

Sawyer abriu a boca para responder... mas depois percebeu: não queria mentir.

– Kaylee – corrigiu-o ela. – Mas não, ela não me convidou para sair.

– Oh. Com quem é que foste, então?

De repente, Sawyer sentiu-se inundada por uma onda de culpa. Mas tão depressa quanto tinha surgido, transformou-se noutra coisa. Estava subitamente irritável e zangada.

– Vens para casa mais tarde do que isto na maior parte das noites – salientou ela. – E eu não te interrogo sobre onde é que estiveste nem com quem.

Charles pestanejou, completamente siderado pela reviravolta conflituosa que a conversa tinha dado.

– Eu tenho estado a trabalhar sem parar por causa deste caso. Sabes bem disso.

Sawyer ficou a olhar para ele, com um ar crítico. Ele parecia tão sincero. Ela suspirou.

– Ainda nem sequer falámos acerca de Chicago – ressaltou ela.

– O que é que tem Chicago? – disse Charles, com um tom defensivo agora a surgir-lhe na voz.

– Duas semanas – disse Sawyer.

– Duas semanas não é assim *tanto* tempo.

– Duas semanas com...

Foi interrompida pelo toque do telefone. Sawyer olhou para ele, incrédula, ainda cheia de revolta.

– Deve ser outra vez a minha mãe, com alguma coisa do casamento – disse Charles.

Sawyer sabia que ele tinha razão.

– Charles – disse ela, antes que ele conseguisse atender. – Ainda casaríamos se não fôssemos sempre interrompidos?

Ele franziu o sobrolho.

– Como assim?

– Ainda casaríamos se a Kathy não estivesse sempre a interromper-nos com planos intermináveis de casamento? E se tivéssemos mesmo de *terminar* uma das nossas conversas?

– Claro – insistiu Charles. Depois ficou tenso, como se estivesse ofendido. – Que raio de pergunta é essa?

Ele apressou-se a agarrar o telefone antes que o atendedor de chamadas interviesse.

Sawyer ouviu Charles a murmurar respostas de «Isso é ótimo» e «Obrigado, mãe» e «Agradecemos imenso» para o auscultador, enquanto Kathy lhe apresentava, sem dúvida, grandes novidades acerca do casamento iminente, em outubro.

TERÇA-FEIRA, 27 DE JULHO

Estava alguém de pé à frente da secretária de Sawyer, à espera.

Ela olhou para cima.

– Oh! Erin! Olá – cumprimentou Sawyer, surpreendida pelo aparecimento súbito da sua distinta visita. – Estava à procura da Johanna?

Erin sorriu.

– Não. Estava à tua procura – disse ela. – Estava a pensar se terias planos para almoçar hoje.

– Hã... *eu*? – o cérebro dela bloqueou. – Eu não... eu geralmente só vou almoçar à uma e meia.

Erin não respondeu logo. Sawyer sentiu aparecer a sua estranha necessidade de balbuciar.

– A Johanna sai por volta do meio-dia, a Kaylee vai do meio-dia e meia à uma e meia... e depois eu vou da uma e meia às duas e meia... e na maior parte dos dias levo apenas a comida até a Greenacre Park, conhece? É muito bonito. De qualquer forma, sim... são esse os meus planos... o que quer dizer que não tenho planos, parece-me...

Ela sentiu Erin a sorrir-lhe pacientemente.

– Eu conheço Greenacre Park – disse Erin, quando finalmente falou. – Posso juntar-me a ti hoje?

– Oh! Hã... sim, claro – respondeu Sawyer. – Eu, hum, claro!

– Ótimo. Encontramo-nos lá em baixo à uma e meia.

– Ok! Hã... ótimo!

Sawyer esforçou-se para fechar a boca antes de começar outra vez a balbuciar.

Erin sorriu e virou-se para se ir embora.

– Até logo, então.

Sawyer ficou a vê-la afastar-se, lisonjeada, mas também atordoad a e a interrogar-se por que raio é que Erin Michaels haveria de querer almoçar tão tarde só para estar com ela.

Quando Sawyer saiu do elevador e entrou no átrio, alguns minutos depois da uma e meia, encontrou Erin à espera dela, como prometido. Tinha na mão um saco de uma pastelaria.

– Não quero passar por cima da tua marmita, mas como fui à pastelaria francesa da esquina escolher uma sandes, pensei que podia comprar também alguns bolos para partilharmos, se quiseses.

Sawyer sorriu.

– Quem é que recusa sobremesa?

– Ninguém em quem se possa confiar – concordou Erin.

Caminharam até Greenacre Park e encontraram uma pequena mesa com duas cadeiras perto da cascata. Já eram 13h40 e tinham o parque praticamente todo para elas.

– Então, é isto que fazes todos os dias? – perguntou Erin.

– Basicamente – disse Sawyer. – Quer dizer, quando não está mau tempo.

– Mas sempre sozinha?

– Bem, geralmente vai toda a gente almoçar mais cedo... Mas não é assim tão mau. Leio muito. Até já editei aqui manuscritos e acho que estar no parque é melhor para a concentração do que estar em casa ou à secretária com o telefone a tocar.

– Então, passas a hora de almoço a trabalhar para a Johanna? – perguntou Erin.

– Bem... sabe como é. Só as coisas editoriais, que de qualquer modo é a parte divertida, certo?

Erin concordou.

– Sim, sem dúvida. – Calou-se e depois acrescentou: – Ouvi dizer que foste tu que descobriste o manuscrito da Preeti Chaudhari.

Sawyer tentou e não conseguiu evitar um sorriso orgulhoso. Assentiu com a cabeça.

– Adorei aquele manuscrito. Estava a lê-lo e senti: «Oh, meu Deus, não posso acreditar que isto seja tão bom.» Agora acredito piamente no poder da pilha de manuscritos.

– Sim – concordou Erin. – Mas não foi a Johanna quem me disse que tinhas sido tu a descobri-lo. Ouvi isso das outras assistentes.

– Oh... – disse Sawyer, desapontada, mas não surpreendida. – Bem, a Johanna está tão atarefada. E, de qualquer modo, ela é que conseguiu o contrato, apresentando a Preeti à Celine e tudo isso.

– Hum – disse Erin, num tom que sugeria que não estava lá muito convencida.

Sawyer estava a interrogar-se para onde é que isto, o almoço, a conversa, tudo, se iria encaminhar. Erin pousou a sanduíche na mesa e limpou a boca

com um guardanapo. Aclarou a garganta.

– Essencialmente, Sawyer, eu queria conversar contigo um minuto hoje e pedir desculpa.

– Desculpa? – repetiu Sawyer, completamente perdida.

– Por ter falado sobre os teus poemas da *Paris Review* no elevador – explicou Erin. – Eu não sabia que a Johanna tinha tanto ressentimento sobre ter assistentes com aspirações de escrita. Mais uma vez, as outras assistentes falaram-se sobre isso, mas, infelizmente, só depois de eu te ter dado os parabéns no elevador. Espero não ter revelado nada que te possa afetar negativamente.

– Oh... – disse Sawyer, apanhada desprevenida. – É... muito simpático da sua parte. Obrigada. De certeza... de certeza que vai ficar tudo bem – balbuciou.

Erin suspirou e voltou a comer a sanduíche. Entre dentadas, disse timidamente:

– Bem, há mais uma coisa. Só um anúncio que eu vou fazer em breve. Não é sobre a Johanna, é sobre mim.

Sawyer ficou ali sentada, de olhos muito abertos, à espera.

– Eu aceitei um cargo na Knopf. Por isso, vou-me mudar para a Random House no final do mês.

– Oh... oh... oh! – gaguejou Sawyer. – Uau. Quer dizer... parabéns!

– Obrigada.

– Mas vamos sentir a sua falta! Começou uma lista tão boa de autores e em tão curto espaço de tempo!

– Bem, isso é muito simpático da tua parte, Sawyer.

– É verdade! – insistiu Sawyer. – Eu sei que não convivemos muito, mas eu tenho acompanhado a sua lista e a Erin é a minha inspiração.

Sawyer parou, percebendo que, enquanto assistente de *Johanna*, seria suposto admirar sobretudo Johanna e não Erin.

Erin sorriu amavelmente.

– Vou ter pena de me despedir de toda a gente, mas também estou muito entusiasmada com a mudança. E parte daquilo que eu te queria dizer hoje é que a minha porta vai estar sempre aberta para ti, Sawyer. É uma pena que a Johanna não goste de escritores, porque eu acredito que as duas coisas contribuem uma para a outra. Acho que vais ser uma excelente editora um dia.

Sawyer sentiu-se genuinamente comovida. E surpreendida. Era o tipo de encorajamento que estava desejosa de ouvir por parte de Johanna.

– Ora – disse Erin como que a tratar de algo importante. – As sandes desapareceram. Os palitos de cenoura desapareceram. As fatias de maçã desapareceram. Diria que cumprimos diligentemente o nosso dever. – Parou de falar e sorriu. – Está na altura da sobremesa?

Sawyer observou Erin a enfiar a mão no saco que tinha trazido e a mostrar os bolos mais perfeitos que ela alguma vez tinha visto. Um tinha uma espécie de *ganache* de chocolate e avelã e o outro era de limão e groselha.

Erin pegou em dois garfos e duas facas de plástico e partiu cada um dos bolos ao meio.

– Saúde – disse chocando o garfo de plástico com o de Sawyer e sorrindo.

– Saúde – ecoou Sawyer.

Cada uma delas deu uma dentada no primeiro. Depois, cada uma deu uma dentada no segundo.

Sawyer fez uma careta e revirou os olhos.

– Ok – brincou. – Veredito oficial: ótimo gosto em livros e autores... E em pastelaria francesa!

Erin riu-se e, juntas, devoraram o resto das iguarias doces, enquanto conversavam e mastigavam, felizes.

• • •

Quando Sawyer chegou a casa nessa tarde, foi imediatamente ligar o computador, antes ainda de se descalçar.

Adventures_of_Tom: Olá, estás aí?

Esperou um minuto e aproveitou o tempo para tirar os sapatos e a saia e a blusa, e depois serviu-se de um copo de água gelada e emborcou-o de uma só vez. Por fim, o computador apitou.

Nikolai70: Olá.

Adventures_of_Tom: Boa! Estás *online*.

Nikolai70: Pois estou.

Adventures_of_Tom: Estás ocupado?

Nikolai70: Não. Tenho estado sentado à espera que uma morena esquisitoide deslumbrante com um nome literário *nerd* me contacte

Adventures_of_Tom: Que coincidência! Eu também sou uma morena esquisitoide com um nome literário *nerd*

Nikolai70: Não me digas! Mas não passou em claro a forma como editaste a parte do deslumbrante. Aprende a aceitar um elogio.

Adventures_of_Tom: Na realidade, estou a escrever para te elogiar a TI.

Nikolai70: Força...

Adventures_of_Tom: Bem, eu acho que é um elogio. Basicamente, estou a escrever para te contar que estavas certo acerca de uma coisa.

Nikolai70: Acerca do quê? (Não que eu duvide da minha exatidão no tal assunto)

Adventures_of_Tom: Aquela editora de que te falei, a do elevador, que disse coisas simpáticas acerca dos meus poemas terem sido publicados pela *Paris Review*

Nikolai70: O que é que tem?

Adventures_of_Tom: Almoçámos juntas hoje. Ela vai para a Knopf. Disse-me que a porta dela está «sempre aberta para mim»

Nikolai70: Vês? De que é que estás à espera? Vai trabalhar para ela

Adventures_of_Tom: Bem, não é assim TÃO simples. Mas... sim... acho que tinhas razão

Nikolai70: Claro que tinha. Eu sei tudo

Sawyer bufou e revirou os olhos, mas sorriu. Parou de escrever para beber um longo gole de água gelada. Tinha suado muito na viagem de metro para casa e tinha praticamente subido a correr as escadas do prédio. Agora é que estava finalmente a arrefecer. Conseguia sentir as gotas de suor na pele a transformarem-se lentamente numa fina camada de sal.

Adventures_of_Tom: Está calor hoje. Faz-me sentir saudades de nadar

Nikolai70: A mim também

Adventures_of_Tom: Segundo a tua mãe, tu sentes sempre

Nikolai70: Bem. Se continua a ser bom...

Adventures_of_Tom: De qualquer forma, obrigada por um dia divertido

Nikolai70: Fui sincero quando disse que o prazer foi meu

Sawyer parou outra vez, lisonjeada.

Mas após uns instantes... teve consciência do efeito instantâneo que uma simples palavra lisonjeira de Nick provocava nela. Sentiu uma pontada de vergonha.

Ela não lhe tinha perguntado, diretamente, *porque é* que ele tinha acabado com Kendra.

Lembrou-se de Nick, no Yale Club, a elogiar Kendra por ser «descomplicada»... e isso era, basicamente, código para sexo sem compromisso, não era?

Vieram-lhe à memória as raparigas da discoteca, a mexerem no cabelo, a tentarem captar a atenção de Nick. Sawyer sabia bem que essas raparigas já andavam por ali antes de Kendra e estavam condenadas a continuar por ali depois.

O que é que ele *fazia*, exatamente, naqueles dias todos entre as sextas-feiras que passavam juntos?

Sentiu uma pontada de paranoia a surgir e a dizer-lhe que estava a ser ingénua se pensava mesmo que Nick se importava tanto quanto ela com o tempo que passavam juntos.

Acabou com o resto da água gelada que tinha no copo e dirigiu-se ao frigorífico. Desta vez, serviu-se de um copo de vinho e acrescentou água com gás, para fazer um espumante caseiro. Voltou a sentar-se à frente do computador.

Adventures_of_Tom: Sou mesmo a primeira rapariga que tu levaste a casa da tua mãe, como ela disse?

Nikolai70: Foi o que ela disse, não foi?

Adventures_of_Tom: Sim, foi uma hipérbole, certo? Não pode ser totalmente verdade

Adventures_of_Tom: Pois não?

Nikolai70: Onde é que queres chegar, Sawyer?

Adventures_of_Tom: É que, provavelmente, tiveste muitas amigas

Sawyer aguardou, mas Nick não respondeu. Ela bebeu outro gole e continuou a escrever.

Adventures_of_Tom: Então e a rapariga com quem viveste, aquela que

quase pediste em casamento? Não a levaste a casa da tua mãe?

Nikolai70: Não.

Adventures_of_Tom: Não? Porquê?

Nikolai70: NÃO. Para.

Adventures_of_Tom: Para o quê?

Nikolai70: Não quero responder a estas perguntas todas desta forma, pela Internet.

Nikolai70: Para dizer a verdade, eu detesto trocar mensagens contigo.

Sawyer pestanejou, surpreendida.

Adventures_of_Tom: Detestas trocar mensagens comigo?

Nikolai70: Sim

Adventures_of_Tom: Nick... eu adoro ligar-me, encontrar-te *online* e trocar mensagens.

Nikolai70: Claro que gostas. És escritora. Mas para mim é cansativo. Só o faço porque não tenho outra alternativa. Até chegar a sexta-feira, quando consigo mesmo ver-te.

Sawyer não respondeu de imediato. Sabia que, provavelmente, não estava a focar-se no mais importante, mas não conseguia deixar de pensar que tinha acabado por *adorar* conversar com ele *online* e que ele... «detestava»?

Nikolai70: Olha, só estou a dizer que se me queres fazer esse tipo de pergunta, devíamos ter esta conversa, pelo menos, por telefone

Nikolai70: Manda-me o teu número de telefone. Eu ligo-te.

Sawyer voltou a colocar as mãos sobre o teclado, com a intenção de escrever o número de telefone. Mas ficou surpreendida quando parou, cheia de uma nova hesitação invulgar.

Nikolai70: Sawyer? Estás aí?

Nikolai70: Envia-me o teu número ou podes ligar para o meu, 212 555 0374.

Mais uma vez, Sawyer hesitou. Conseguia sentir Nick à espera dela, mas, por alguma razão, estava paralisada.

Após uma longa pausa, o ecrã piscou com uma nova mensagem de Nick.

Nikolai70: Ok. Tudo bem. Esquece.

Adventures_of_Tom: Nick... espera. Estou só a pensar.

Nikolai70: Eu sei. Acho que percebo o que se está a passar.

Adventures_of_Tom: O quê?

Nikolai70: Não queres que comecemos a falar ao telefone, porque tens medo que eu ligue quando ele estiver em casa.

Charles. Nick estava a referir-se a Charles.

E não estava errado.

Assim que Nick tinha sugerido falarem ao telefone, a mente de Sawyer voltara de imediato à noite em que tinha regressado de Coney Island. A noite em que não tinha sido capaz de responder à pergunta de Charles: «Onde é que estiveste?»

Alguma coisa na oferta de Nick para falarem ao telefone a tinha assustado.

O ecrã voltou a piscar com outra mensagem nova.

Nikolai70: Tenho razão. Eu sei que tenho razão.

Adventures_of_Tom: Nick... espera aí

Nikolai70: Tudo bem, Sawyer.

Nikolai70: Mas tenho de ir. Isto está a dar cabo de mim.

Adventures_of_Tom: Espera... vais desligar?

Nikolai70: Sim, estou cansado

Nikolai70: Desculpa. Falamos depois.

Utilizador AOL Nikolai70 está *offline*

Sawyer ficou a olhar para o ecrã, desta vez com um enorme desânimo. Parecia que Nick tinha acabado de lhe fechar uma porta na cara.

Não conseguia decidir se estava furiosa, triste ou arrependida.

Terminou a sessão e ficou sentada durante muito tempo a pensar nas coisas. Tempo suficiente para a luz do sol de verão esmorecer nas janelas e instalar-se o crepúsculo.

Por fim, assim que se decidiu, voltou a sentar-se à frente do computador e iniciou de novo a sessão.

Não abriu o AOL Instant Messenger.

Em vez disso, verificou a previsão meteorológica. Infelizmente, estava prevista uma forte chuvada na sexta-feira. Quase tudo aquilo que ela tinha na lista que enviara a Nick envolvia fazer alguma coisa ao ar livre.

Tinha de arranjar outra coisa. Sobre a secretária do computador estava um velho exemplar da *New York Magazine*. Sawyer agarrou nela e folheou ociosamente algumas das páginas brilhantes... até algo lhe prender o olhar. Dobrou a revista, capa com capa, e leu com atenção acerca de um sítio histórico na cidade, pouco conhecido, que estava agora na moda.

Elaborou um plano e clicou para abrir um novo rascunho de *e-mail*.

Para: Nikolai70@aol.com

De: Adventures_of_Tom@aol.com

Querido Nick,

Tens razão. Fiquei incomodada com a ideia de falarmos ao telefone.

Lamento muito.

Gostaria de pedir desculpa pessoalmente.

Sugiro que nos encontremos esta sexta-feira, às 13h30, junto ao relógio do átrio principal, dentro da Grand Central. Se puderes, apearla-te um bocadinho. Não vistas calças de ganga.

Desculpa o convite por *e-mail*, não tens obrigação nenhuma de responder. (Eu sei que disseste que achas esta forma de comunicação cansativa. Pessoalmente, nunca gostei tanto de verificar a minha caixa de entrada como desde que te conheci, mas eu percebo e aceito o que estás a dizer.)

E suponho que se não apareceres, também é um tipo de resposta e vou compreender.

Ainda assim espero ver-te,

Sawyer

Sawyer reviu o *e-mail*, voltou a lê-lo mais duas vezes e clicou em «enviar».

Era a sua vez de planear a sexta-feira.

21.

SEXTA-FEIRA, 30 DE JULHO

Quando Sawyer acordou na sexta-feira de manhã, não estava a chover, mas havia nuvens espessas no céu, como uma tampa cinzento-escura.

O tempo manteve-se assim, dando ao dia de trabalho uma sensação estranha de que as horas se arrastavam. A manhã e a tarde pareciam iguais, de acordo com o ar sombrio da janela. A única marca real do tempo surgiu quando Johanna abandonou o escritório.

Sawyer e Kaylee viraram-se uma para a outra, sorriram, e depressa arrumaram as suas coisas. Sawyer foi à casa de banho ao fundo do corredor e retocou o cabelo e a maquilhagem. Quando voltou, Kaylee estava à espera junto ao elevador.

– Uau – assobiou Kaylee. – Reparei que hoje estavas toda aperaltada. Um encontro romântico?

Sawyer corou.

– Não. Vou só encontrar-me com um amigo.

– Estou a brincar. – Kaylee piscou-lhe o olho. – Embora, vestida dessa maneira, esse teu noivo *devesse* levar-te a sair antes que um desconhecido alto e misterioso apareça e te arrebate!

Sawyer estremeceu e ficou a olhar para ela.

– Disse alguma coisa que não devia? – perguntou Kaylee, inocentemente.

– Não, não, está tudo bem.

• • •

O relógio no átrio principal da Grand Central acabou por se revelar um ponto de encontro muito menos ideal do que Sawyer tinha previsto.

Era, na sua essência, um relógio colocado sobre um balcão de

informações. Sawyer nunca tinha usado o balcão de informações antes, por isso, nunca tinha realmente reparado na sua função. No entanto, agora não podia deixar de reparar, enquanto tentava perceber como é que conseguia estar perto dele sem estorvar o caminho dos nova-iorquinos.

E não era tanto o posto de informação, mas sim a quantidade de gente que atravessava aquela zona da estação. Parecia que o mundo inteiro se movia em direção a ela e se afastava, o que era enervante. As nuvens tinham-se aguentado e não tinha chovido durante o percurso que ela fizera até à Grand Central, mas assim que entrou, viram-se relâmpagos e soou um trovão. Era como se um oleado que tivesse estado a aguentar demasiada água se tivesse finalmente rompido. O céu libertou uma bátega tão prodigiosa, que Sawyer conseguia ouvi-la enquanto continuava a avançar para dentro da movimentada estação de comboio. Mesmo agora, parada à espera, junto ao relógio, conseguia ver as gotas de chuva a embaterem contra os vidros cinzentos das gigantescas janelas douradas, escorrendo como pequenos rios. Por maior e mais cavernoso que o átrio fosse, começou a encher-se de humidade e do cheiro de couro molhado, enquanto as pessoas seguiam as pegadas molhadas do passeio no exterior.

Ela deitou uma olhadela ao relógio, um globo dourado ornamentado, de 1913, com quatro faces. De acordo com o relógio, passavam alguns minutos da uma e meia.

Inquietou-se. Estava a usar um vestido envelope azul-escuro muito justo. Só o tinha usado uma ou duas vezes antes, mas em que sempre se sentira muito bem. Era um desses vestidos que pareciam convidar as comparações com Audrey Hepburn. Na casa de banho do escritório, ela transformara-o astutamente de roupa de trabalho em algo um bocadinho mais adequado para sair, tirando o casco de malha, prendendo o cabelo e adicionando uns brincos e uns saltos altos.

Mas agora sentia-se demasiado formal e ridícula.

Por instantes, pensou que Nick podia não vir.

A forma como ele tinha desligado durante a última conversa era mais ou menos como se lhe tivesse desligado o telefone na cara. E uma vez que tinha sido ela a recusar falar ao telefone depois de lhe atirar com uma data de perguntas pessoais acerca da vida amorosa dele... não o censurava por se ter irritado.

Ficou ali e esperou, a analisar as feições de quem se aproximava dela, inexplicavelmente nervosa enquanto procurava o rosto que queria ver. O átrio ecoava com passos apressados, os tacões de sapatos pareciam pedras a chocalhar no leito de um rio. Ela inspirou fundo e olhou para cima, para admirar o teto, uma das suas partes favoritas da Grand Central. Estava pintado num azul a puxar para o turquesa, muito Tiffany, e enfeitado com constelações douradas, com as estrelas reunidas em ilustrações extravagantes de Oríon, Touro e Pegasus, como se fosse um mapa celestial *vintage*. Sawyer raramente tinha tido a oportunidade de parar e ficar simplesmente a observá-

lo. Nova Iorque tinha-lhe incutido uma espécie de pressão para evitar sempre parecer um turista. Mas ela inclinou a cabeça para trás e ficou a olhar para as estrelas.

Depois, após olhar para cima durante alguns minutos, quando voltou a olhar para baixo... ali estava ele, Nick.

Sentiu imediatamente um nó na garganta, quando o viu. Ele dirigia-se para ela, atravessando o átrio de mármore com eco, a abanar um chapéu de chuva e a fechá-lo. Durante uns instantes, Sawyer foi dominada pela atração que sentia por ele. Era como se se tivesse esquecido das belas linhas do rosto de Nick e as recordasse agora de repente. Estava a usar um bom fato e até parecia que tinha cortado o cabelo desde a última vez que o tinha visto.

Não lhe conseguia ler a expressão, mas, pelo menos, sabia uma coisa: ele não lhe tinha dado uma tampa.

Nick parou mesmo à frente dela.

– Bem... ficas bonita arranjada. – O tom dele era brusco, quase relutante, mas de uma forma que sugeria que estava a sentir verdadeira admiração.

Sawyer corou.

– Já estava a começar a duvidar que viesses.

– Já devias conhecer-me melhor.

Ela sorriu, mas ele manteve-se estoico. Ela olhou para os pés.

– Olha – disse Sawyer –, lamento imenso aquilo...

– Tudo bem – Nick abanou uma mão para a parar. – Eu percebo.

Calou-se e encolheu os ombros.

– A forma como nos conhecemos – disse ele. – Logo à partida, a razão por que começámos a falar...

Estava a referir-se a Charles e a Kendra.

–... torna as coisas bastante constrangedoras. – Parou e encolheu os ombros. – A culpa não é tua, Sawyer – concluiu.

Sawyer pensou naquilo e assentiu.

– Mas lamento à mesma.

– Não vale a pena. Mas dá-me um desconto, também – disse Nick. Inspirou e depois fitou-a com um olhar firme e inabalável. – Trocar mensagens *online* contigo deixa-me frustrado porque eu prefiro falar contigo pessoalmente. Eu detesto porque quero *mais* de ti, Sawyer, não menos.

Sawyer sentiu o sangue a afluir-lhe ao rosto. Ficou com as orelhas instantaneamente quentes.

Nick apercebeu-se da reação dela. Aliviou a pressão mudando de assunto.

– Então? O que é que estamos hoje aqui para fazer? – perguntou. – Eu conheço de cor os teus desejos para as sextas-feiras de verão e «aperaltar-me e ficar parada no meio da Grand Central» nunca fez parte da lista.

Sawyer recompôs-se e confirmou.

– Pois não. Mas eu estava a pensar, por causa da chuva... se já terias

estado no Campbell Apartment?

– Ah – disse Nick de forma reveladora. – Já ouvi falar nesse sítio, mas nunca lá fui.

Sawyer sorriu. Segundo o artigo da *New York Magazine*, Campbell Apartment era um apartamento «secreto» dentro da Grand Central, originalmente propriedade do investidor dos caminhos de ferro, John W. Campbell, nos anos 1920. Campbell não tinha realmente vivido no apartamento. Ele tinha querido um escritório imponente com uma localização central no meio de tudo e um sítio para ele e a mulher receberem convidados. O sítio tinha entrado em decadência nos anos 1950... até recentemente, quando o inédito apartamento fora convertido num bar.

– Fica algures aqui dentro da estação, não é?

– Sim – respondeu ela. Pegou numa nota escrita à mão com a informação que tinha copiado da revista. – Supostamente, se descermos pelo corredor da ala sudoeste, devemos encontrar um pequeno elevador com uma placa ao lado que diz «Campbell Apartment».

– De que é que estamos à espera?

• • •

Após uma curta caminhada através dos terminais, encontraram o elevador. Era bastante antiquado, com toques Art Deco e uma porta de três painéis que lembrava vidraças.

– Tu primeiro – disse Nick e Sawyer entrou.

Quando saíram do elevador, viram outra placa do Campbell Apartment e umas escadas com uma tapete vermelha banhada por uma luz cor-de-rosa. Os saltos de Sawyer enterraram-se na tapete quando eles começaram a subir.

Apesar da fotografia que Sawyer tinha visto na revista, nada a podia ter preparado para o invulgar bar ao cimo das escadas. Era uma espécie de grande salão medieval, com janelas góticas arqueadas, paredes de pedra e um teto pesado, ornamentado com pinturas e com vigas de madeira escura. Quando entraram, Sawyer percebeu que a parede de madeira atrás deles tinha um pequeno balcão elevado, construído de uma forma que lhe lembrou a tribuna do coro numa igreja gótica. Na parede oposta havia uma enorme lareira com uma chaminé de pedra, construída à semelhança de um castelo francês. O bar percorria o lado direito da sala e, por detrás, tinha uma janela espetacular com vários painéis de vitrais.

– Uau – murmurou. – Meu Deus, os meus pais iam *adorar* isto.

– Os professores? – Nick sorriu e assentiu com a cabeça. – Imagino.

Uma anfitriã muito bonita e com um ar sofisticado aproximou-se deles e perguntou, com uma voz incongruentemente infantil, se queriam uma mesa ou sentar-se no bar. Optaram pelo bar e ocuparam um par de bancos altos com

costas curvas.

– Achas que sabem fazer um *Sea Breeze* nesta espelunca? – brincou Nick.

– Podemos descobrir – sugeriu Sawyer.

– Não, tenho a certeza de que não faria jus ao do Vic.

Sawyer sorriu.

– Sim. Provavelmente os do Vic são os melhores da cidade. E depois o Jake, claro, recebe o segundo prémio, tendo em conta que vêm num copo de cerveja gigante e tal.

– Jake? Oh, o Blake. Na discoteca – disse Nick.

Bem, agora ela já sabia.

– Estava muito barulho – disse Sawyer, e riram-se ambos.

Por esta altura o empregado de bar tinha-se aproximado deles e estava pronto para aceitar o pedido.

Sawyer fez um gesto em direção a Nick.

– O que o cavalheiro quiser – disse ela. – Eu ofereço.

Nick levantou as sobrancelhas, divertido, mas abanou a cabeça.

– É mais divertido quando és tu a escolher – insistiu ele.

Sawyer pensou durante alguns segundos e depois virou-se para o empregado.

– Champanhe? – disse. – E talvez, se tiver, em copos Gatsby?

O empregado devolveu-lhe um sorriso seco.

– Copos Gatsby? – repetiu o homem.

– Aqueles copos que são largos, mas pouco profundos – explicou Sawyer, a sentir-se cada vez mais estúpida.

– Taças de champanhe – diagnosticou o empregado. – Mas gosto mais de «copos Gatsby», é o que vou passar a chamar-lhes daqui em diante, minha cara. – Piscou-lhe o olho e depois virou-se para ir preparar as bebidas.

Ela não conseguiu perceber se o empregado de bar estava a gozar ou a flertar com ela. Levou sub-repticiamente as costas da mão esquerda às faces, uma de cada vez, a sentir a temperatura e a imaginar como devia estar vermelha.

Nick riu-se.

– Tens de encantar *toda a gente* que conhecemos? – brincou ele.

– Dificilmente.

– Pois, pois – disse Nick. – Minha cara.

Ele revirou os olhos e Sawyer riu.

– Mas atenção, se isso acabar por nos arranjar bebidas grátis, eu não me queixo – concluiu ele.

O empregado regressou com duas taças de champanhe fresco.

– Saúde – disse ele, com outra piscadela de olho para Sawyer.

Nick levantou o copo assim que o empregado se afastou.

– Ao Jay.

– Jay? – ecoou Sawyer, interrogativamente.

- O Gatsby, claro.
- Oh... hum.
- Eu devia estar a gozar contigo por chamares «Moby» a um peixinho vermelho e «Gatsby» a copos.
- E... não estás? – desafiou-o Sawyer.
- Não – disse Nick. – Na realidade, estou...não sei. A desfrutar dos pormenores que fazem de ti quem és.

Levantou o copo para Sawyer brindar com ele e fitou-a com aquele enervante olhar intenso. De repente, Sawyer sentiu-se agitada, envergonhada, assolada pelos nervos. Aproximou o copo do dele, mas tinha as mãos a tremer e a abertura larga dos «copos Gatsby» atraíu-a. Antes de dar por isso, tinha entornado acidentalmente um bom quarto do copo em cima do colo de Nick.

Com reflexos de gato, Nick saltou instantaneamente do banco, pousando o próprio copo.

– Oh-la-lá! – exclamou ele baixinho. – Muito refrescante, mas não no sítio mais refrescante... – brincou.

Entretanto, Sawyer lançou a mão a uns guardanapos de papel, mortificada. Entregou-os a Nick, que enxugou as calças enquanto ambos riam. As mãos dela continuavam a tremer e ela tentou escondê-las.

– Desculpa. Tu... deixas-me nervosa.

Nick olhou para ela.

– *Eu* deixo-te nervosa?

Sawyer baixou os olhos, incapaz de enfrentar o olhar dele. Focou toda a sua energia em tentar controlar os tremores que ainda conseguia sentir no estômago, nas mãos e nas pálpebras.

– Sim – insistiu. – Tu sabes disso. É bastante óbvio. Eu... fico nervosa quando estou contigo.

Quando olhou outra vez para cima, Nick estava calado, mas tinha uma expressão no rosto que ela não conseguia ler bem. Era uma espécie de mistura de solidariedade e alegria e satisfação, tudo ao mesmo tempo. Instintivamente, soube que tinha acabado de lhe dar alguma coisa e, agora, ele estava a aproveitar para o saborear.

– Estás a divertir-te? – perguntou, semicerrando os olhos e reprimendo-o.

Nick encolheu os ombros. Voltou a sentar-se.

– É bom saber que causo algum efeito – disse ele.

Sawyer revirou os olhos.

– Tenho a certeza de que causas «efeito» em montes de raparigas.

– Voltámos a essa conversa? – desafiou-a Nick.

– Bem, é verdade.

Nick encarou-a de frente.

– É bom saber que causo efeito em *ti* – repetiu ele com firmeza.

Sawyer corou outra vez.

Olhou para baixo, para o copo, e bebeu um gole. As bolhas provocaram-

lhe comichão no nariz e o champanhe cumprimentou-lhe a língua com uma dança apimentada, fresca e seca, como uma maçã verde.

Nick ficou em silêncio, a remoer em alguma coisa.

– Uma taça de champanhe pelos teus pensamentos – brincou Sawyer.

Nick sobressaltou-se. Aclarou a garganta.

– É que... eu consigo perceber que tu não acreditas quando eu digo este tipo de coisas.

Sawyer tentou ultrapassar a insegurança com um ar descontraído e brincalhão.

– Não sei... ouvi rumores de que os músicos bem-parecidos dormem com todas.

Ele olhou para ela.

– Não?

Ele encolheu os ombros.

– Suponho que aconteça.

– Só tenho de me lembrar que as outras pessoas não levam as coisas tão a sério como eu. Tu provavelmente dizes essas coisas a muitas raparigas.

– Eu *não* digo «estas coisas» a muitas raparigas – retorquiu ele numa voz grave.

– Não te estou a tentar ofender.

– Imagina se estivesse...

Sawyer tentou colocar as coisas em palavras um bocadinho melhores.

– Tu disseste que aquilo de que gostavas mais na Kendra era o facto de ela ser «descomplicada». Eu... não sou.

– Eu *gostava* mesmo da Kendra por ela não ser complicada – admitiu ele.

Calou-se.

– Mas contigo... – continuou Nick. – Contigo eu sou diferente. É como se tudo estivesse do avesso.

O coração dela agitou-se. Sawyer levantou o olhar da bebida. Fitaram-se.

– Contigo, estou a ser completamente sincero – disse Nick. – E a ironia é que consigo ver que tu não acreditas.

Encarou-a abertamente, com os olhos sedentos. Ela sentiu o calor a aumentar-lhe no peito outra vez.

– É uma forma de evitares – concluiu Nick.

– Evitar o quê? – perguntou ela.

– Ter de reconhecer aquilo que eu quero e dizer-me aquilo que *tu* queres.

Sawyer ficou a olhar para ele. *Estaria* ele a dizer aquilo que ela achava que ele estava a dizer? Tinha o coração aos saltos, conseguia sentir a pulsação no pescoço e tinha outra vez um nó na garganta.

Mas antes que conseguisse falar, o empregado de bar aproximou-se, com uma garrafa de champanhe na mão.

– Pensei em voltar a encher os vossos copos Gatsby.

Reabasteceu-lhes as taças e voltou a piscar o olho a Sawyer.

– Por conta da casa – acrescentou e afastou-se novamente.

Nick aliviou o momento com um sorriso.

– Vês? – disse ele. – Eu disse-te... Desde que nos arranje bebidas grátis.

Sawyer fingiu olhar para ele com cara feia. Desataram os dois a rir.

– Como é que está a tua mãe? – arriscou Sawyer.

Nick olhou para ela e esboçou um leve sorriso.

– Está bem – respondeu. – Ela gostou muito de ti. Consigo perceber. –

Parou e depois acrescentou: – O que significa, claro, que agora vou ter de aturar as perguntas dela sobre ti sempre que a for visitar.

Sawyer sorriu.

– Também gostei dela.

A expressão de Nick ficou séria.

– És mesmo a primeira rapariga que eu alguma vez lá levei, a casa dela – disse ele. – E não é porque a minha mãe não as recebesse bem. É por mim. Namoradas, mesmo amigas, às vezes, eu não deixo muitas pessoas aproximarem-se.

Mais uma vez, um olhar intenso. Sawyer lembrou-se do beijo no pátio da discoteca. Foi assolada por uma onda de desejo que a aterrorizou e que teve medo que ele visse. Tentou pensar em alguma coisa para dizer e sentiu o cérebro a debater-se entre dizer demasiado ou não o suficiente.

Nick notou que ela estava desconfortável.

– Quais são as últimas novidades do teu trabalho? – perguntou ele, mudando de assunto.

Sawyer contou-lhe.

Conversaram sobre o assunto, pediram mais um copo e falaram mais um bocado.

– E agora? – perguntou Nick quando pagaram a conta. – Tens mais alguma coisa planeada?

Sawyer sorriu, a sentir os efeitos do champanhe. Sentia-se leve como uma pena e a «flutuar», como ela gostava de dizer. Sentia um agradável formigueiro nas pontas dos dedos.

– Bem... – disse. – Não sei se é muito impressionante, mas... *há* outra coisa, aqui mesmo, na Grand Central. Li sobre isso uma vez, mas nunca fui verificar.

– Muito bem. Mostra o caminho.

• • •

Nick seguiu Sawyer quando saíram do Campbell Apartment, refizeram os passos de volta ao Átrio Principal e depois continuaram a descer, para o piso mais baixo.

Por fim, ela parou junto aos arcos romanescos de tijoleira e mármore, mesmo à saída do antigo Oyster Bar da Grand Central. Virou-se para ele.

– Chegámos – disse ela com um sorriso.

– Ao Oyster Bar?

– Não. *Aqui*. Aqui mesmo.

– O que é que há aqui? – perguntou Nick. Parecia sincero.

– Nunca ouviste falar da «Galeria dos Murmúrios»?

Nick franziu o sobrolho e lançou a Sawyer um olhar esquisito.

– Não ouviste! – exclamou ela. – Ei, alguma coisa sobre Nova Iorque que eu soube primeiro.

– Não te gabes – repreendeu-a ele. – Diz lá o que é isso.

Sawyer inspirou fundo.

– Talvez eu tenha empolado um bocado a coisa, não sei – disse, a perder a confiança. – Mas chamam a esta parte do átrio a Galeria dos Murmúrios. É suposto ser um fenómeno acústico. Parece que se duas pessoas estiverem em cantos opostos desta arcada e falarem para os cantos de cada um dos arcos, conseguem ouvir-se muito bem, como se estivessem ao lado um da outra.

– Ah – disse Nick com um ar intrigado. Observou a arcada, inclinando o pescoço para lhe estudar a forma. – Acho que faz sentido, em termos de engenharia – disse. Olhou para trás, para Sawyer, e sorriu. – Parece muito fixe. Vamos experimentar?

Sawyer confirmou com um aceno de cabeça e colocaram-se em cantos opostos da arcada, na diagonal um do outro.

– Não sei se funciona. Podemos acabar a parecer apenas dois maluquinhos a falar para as paredes – gritou ela por cima do ombro para Nick.

Nick riu-se.

– Não és uma verdadeira nova-iorquina até teres feito alguma coisa mesmo muito esquisita em público e sem te importares com quem é que viu – gritou ele de volta.

– Ok, vamos tentar? – gritou Sawyer.

Ele concordou com a cabeça e cada um virou a cara para o seu canto da parede na arcada. Numa voz baixa e grave, Sawyer disse:

– Ei, consegues ouvir-me? – Aproximou a cara cada vez mais da parede e foi tentando de novo, até finalmente conseguir ouvir Nick.

– Sim.

– Que bom! Funciona?

– Funciona.

– Hum, ok, então, vá lá – sussurrou Sawyer.

– Vá lá, onde?

– Conta-me um segredo.

– Um segredo... – Houve uma longa pausa enquanto Nick pensava no assunto. – Quando estávamos em Coney Island, eu estive sempre a desejar que caíssemos à água – disse ele. – Depois de teres falado em nadar, era tudo o que eu queria fazer.

– Isso não é um segredo! – repreendeu-o Sawyer, levantando a voz. Voltou a baixá-la. – *Basicamente, a tua mãe disse que era o que fazias sempre.*

– Ok, pronto... *conta-me* tu um segredo – desafiou-a Nick, por sua vez.

Sawyer mordeu o lábio e pensou durante muito tempo. Ela sabia o que é que queria dizer, mas não sabia se tinha mesmo coragem de o fazer.

– Pronto – murmurou por fim. – Vou contar-te o segredo daquilo que eu quero.

Parou outra vez, a reunir mais alguma coragem.

– Não consigo parar de pensar em ti, Nick. Tudo o que eu quero é beijar-te outra vez.

Com aquilo, Sawyer ficou petrificada. Conseguia sentir que Nick já se tinha afastado do canto da arcada e que estava a olhar para *ela*. Muito devagar, com o coração a bater-lhe nos ouvidos, também se virou para o encarar.

Enquanto olhavam um para o outro, parecia que estavam a trocar um milhão de pensamentos e de emoções em silêncio. Sawyer continuava petrificada, mas o coração continuava aos pulos e o corpo permanecia tenso, com antecipação.

Depois, de repente, ele começou a dirigir-se para ela, cheio de convicção. Ela também deu alguns passos na direção dele. Quando se encontraram, os corpos de ambos enlaçaram-se de imediato, com a onda de desejo a apagar os últimos vestígios de constrangimento entre eles. Mal Sawyer deu por isso, estavam a beijar-se, com as bocas fundidas, os músculos suaves dos lábios e das línguas a moverem-se juntos numa linguagem que ia para além das palavras, com o sabor do champanhe a misturar-se entre eles.

Um beijo.

Um beijo fantástico.

Os nova-iorquinos – sendo nova-iorquinos – passavam por eles sem lhes deitar sequer mais do que um segundo olhar, caminhando com indiferença em volta dos dois jovens envolvidos num abraço apaixonado, e apressando-se para os seus urgentes e infinitamente variados destinos.

Quando Nick rodou a chave na fechadura para abrir a porta do seu apartamento, Sawyer ficou parada atrás dele, no corredor, a tremer, incrivelmente nervosa. Toda a confiança e determinação que sentira durante o beijo na Grand Central, tinha-a já abandonado, evaporando-se no ar húmido quando o nervoso dela regressou.

Depois do beijo, Nick tinha ficado incrivelmente calmo. Na realidade, parecia feliz. Tinha perguntado a Sawyer se tinha fome e depois sugerido que fossem ver o mercado da Grand Central, onde podiam comprar algumas coisas para levar. Tinha-lhe dado a mão enquanto percorriam o átrio do mercado. Ela ficara surpreendida, não o tinha imaginado como alguém que andava de mão dada. Ou, na realidade, um grande adepto de qualquer uma dessas trivialidades fofas que os casais fazem. Mas ali estava ele, a sorrir e a agarrar-lhe a mão.

Escolheram algumas coisas, um *pain de campagne*, alguns tipos diferentes de queijos, um pouco de presunto fumado com amêndoas, uma garrafa de vinho tinto e dois pequenos recipientes *gourmet* de tiramisu.

Nick acenara a um táxi e manuseara o chapéu de chuva para Sawyer nunca se molhar. Quando ela se deu conta, o táxi estava a acelerar para a East Village e para as avenidas de Alphabet City, com a chuva a embater nas janelas e os limpa para-brisas completamente incapazes de tratar do assunto. E, agora, estava de repente ali, à porta de Nick.

Ele abriu a porta e apressou-se a entrar para ligar algumas luzes enquanto Sawyer transpunha timidamente a soleira. Ainda era de dia, mas o céu estava escuro e a chuva ainda caía sem abrandar, criando a sensação de que já anoitecera. Quando Nick ligou alguns candeeiros, o ambiente tornou-se imediatamente acolhedor. A chuva tinha arrefecido um pouco as coisas, mas o ar, tanto no interior como no exterior, ainda estava quente, húmido, espesso como sopa, com uma espécie de energia lânguida. Nick abriu algumas janelas, numa tentativa de fazer o ar circular. A sala encheu-se com o cheiro da chuva nas árvores e no tijolo e no cimento.

– Pronto – disse Nick, voltando para trás e tirando os sacos das mãos de Sawyer. Fez um gesto para ela avançar. – O que é que se passa? – perguntou,

lendo-lhe o rosto. – Pareces assustada.

Levou os sacos para a área da cozinha, pousou-os sobre a bancada e depois esperou que ela respondesse.

Sawyer procurou dentro de si mesma, a tentar identificar a fonte dos seus sentimentos e a dar-lhes um nome. Desta vez, era diferente aquilo que sentia ao estar no apartamento de Nick. As coisas tinham mudado. Tinha-se beijado... duas vezes, já. O beijo na Grand Central tinha sido um beijo sedento, cheio de desejo. Por outras palavras, Sawyer estava agora aqui como outra coisa que não apenas uma amiga de Nick e ela sabia disso muito bem.

– É que... não sei como é que isto funciona. Não sei se te vou desiludir. – Parou de falar, esforçando-se para encontrar as palavras certas. – Não sei ser senão eu própria.

Nick ergueu uma sobrancelha e ficou a olhar para ela durante um bom bocado.

– Bem – disse. – Então, acho que é uma sorte eu não querer que sejas ninguém senão tu própria.

Ele atravessou a sala. Ela pensou que a vinha beijar outra vez, mas Nick agarrou-lhe nas mãos e encaminhou-a até ao sofá, depois tirou-lhe os sapatos molhados e colocou-os junto à porta. O coração de Sawyer acelerou e ela teve um bocadinho de medo quando pensou que ele a ia beijar, no entanto, percebeu que ficou desapontada quando ele não o fez.

– Olha – disse Nick voltando para a cozinha e tirando dos sacos as coisas que tinham comprado no mercado. – Eu também sei tanto quanto tu como é que isto «funciona».

– Mas... – Sawyer estava a debater-se. – Tu fizeste isto milhões de vezes... – começou a dizer e depois parou.

Nick olhou para ela.

– Não, não fiz – disse muito sério. – Isto é novidade para mim.

Sawyer pestanejou para ele e fizeram aquela coisa que se estava a tornar habitual entre eles: trocaram palavras com o olhar. Por fim, Nick acabou de tirar a rolha da garrafa de vinho e serviu dois copos.

– Consegues acreditar nisso? – perguntou Nick.

– Sim – respondeu Sawyer. – Consigo.

– Ok. Ótimo – disse ele. – Se estar sentada a relaxar não é a tua praia, podes sempre vir ajudar-me. – Agarrou num dos dois copos de vinho e ergueu-o na direção dela, num gesto que a convidava a ir buscá-lo. Sawyer levantou-se e foi até junto dele e da bancada.

– Podes cortar o pão ou o queijo e tirar o presunto.

Sawyer lutou contra a vontade de rir e acabou por roncicar.

– Acabaste de... me mandar... mostrar-te o presunto?

Nick sorriu e abanou a cabeça, divertido.

Ela desembulhou o pão e ele passou-lhe uma faca apropriada.

– Sim. É isso que nós, os músicos solteiros, fazemos – disse Nick sarcasticamente. – Trazemos as senhoras para casa, servimos-lhe um

bocadinho de vinho e depois pedimos para nos mostrarem o presunto...

Riram-se. A tensão dissipou-se. Ficaram lado a lado, ocupados a preparar a comida. Nick deu-lhe um ligeiro encontrão com o corpo e depois inclinou-se para lhe dar um pequeno beijo na bochecha, junto à orelha. Mais uma vez, ela ficou surpreendida com o carinho do gesto, tal como tinha acontecido com a forma como ele lhe tinha dado a mão no mercado.

Juntos, criaram um pequena tábua de queijos improvisada. Nick levou-a até à mesinha de apoio, juntamente com o tiramisu e duas colheres. Sawyer seguiu-o, com o vinho. Ele pôs um vinil a tocar no gira-discos e os Monkees começaram a cantar «I'm a Believer» com as suas vozes alegres e agradáveis. Sentaram-se de pernas cruzadas no chão e começaram a petiscar.

– Eu costumava ver a reposição do programa televisivo dos Monkees quando era criança – confessou Sawyer. – A minha mãe disse que eu, estranhamente, gostava mesmo daquilo. Dava por altura da hora de jantar e ela tinha de me arrancar da frente da TV. – Parou de falar e depois acrescentou: – Juro que agora não me consigo lembrar da história de um único episódio.

Nick riu-se.

– Tinham história, a sério?

Sawyer assentiu.

– Eu acho que, na realidade, a série ajudava as pessoas. Eram uma espécie de super-heróis benevolentes, mas sem terem qualquer poder a não ser serem disparatados e fazerem música.

– Quando pões as coisas assim, até é chocantemente interessante – brincou Nick.

Sawyer revirou os olhos.

– No entanto, é provável que eu tenha aprendido mais sobre maquiavelismo do que sobre benevolência – explicou Nick, com um ar malandro.

– Ahah. Tu não me enganas, Nick – respondeu Sawyer. – Eu já espreitei por detrás das cortinas.

– Ai sim?

– Siiim. Preparaste um piquenique para o *ferry*, cedes sempre o lugar no comboio, a forma como cuidas da tua mãe... – Sawyer começou a recitar a lista. – Lamento dizer-te, Nick, mas às vezes tu consegues ser muitíssimo *atencioso*.

Ele riu-se e abanou a cabeça, como se as acusações de Sawyer fossem infundadas, mas ela conseguia ver: ele estava outra vez a brilhar, secretamente feliz por Sawyer o conhecer suficientemente bem para o acusar de ser um bom tipo.

Nick tinha vários vinis no gira-discos e o aparelho tinha um alimentador automático. Continuaram a conversar e a rir enquanto se iam sucedendo todo o tipo de grandes clássicos: Frankie Valli and the Four Seasons a cantar «Can't Take My Eyes Off You», Etta James a cantar «At Last», as Shirelles a

cantar «Will You Love Me Tomorrow».

Passado um bocado, pararam de comer e mudaram-se para o sofá, ainda a conversar, bebendo ocasionalmente dos copos de vinho.

– Esta música... – Sawyer abanou a cabeça, comentando a seleção quando o disco seguinte caiu no prato e Elvis começou a cantar «Can't Help Falling in Love».

– O que é que tem?

– Bem... digamos apenas que não acredito que tiveste coragem de chamar *pirosa* à minha lista de coisas para fazer às sextas-feiras.

– Eu nunca disse que não *gostava* de coisas pirosas – contrapôs Nick. – Tu abandonaste essa conversa do *chat* antes de eu conseguir dizer que, na realidade, gostava da lista e queria muitíssimo fazer tudo aquilo contigo. – Fez uma pausa e olhou para ela. – Tu tendes a fazer isso.

– A fazer o quê?

– Evitar a parte em que as pessoas te dizem aquilo de que gostam... sobretudo a parte em que as pessoas te dizem todas as coisas de que gostam em *ti*.

O calor do costume voltou ao rosto de Sawyer. Estavam os dois sentados muito perto no sofá, com os joelhos quase a tocarem-se. Ela estava completamente consciente do seu próprio corpo e da ânsia que sentia lá dentro.

Nick parecia estar a sentir uma coisa semelhante. Percorreu-lhe o rosto com o olhar e a boca dele contorceu-se, quase como que aborrecida.

– Sawyer... tu deixas-me maluco.

– Isso não me parece algo de que seja bom gostar – brincou ela.

Ele abanou a cabeça.

– Não é uma questão de «gostar». É mais do que isso. – Nick aproximou-se dela com uma expressão determinada. – Acontece que estou viciado na forma como *tu*, em particular, me deixas maluco – declarou.

No instante seguinte, Nick estava a beijá-la e ela estava a corresponder ao beijo. O corpo dele moveu-se como que para a enlaçar e o dela respondeu aproximando-se. De alguma forma, deslizaram suavemente da posição sentada para a horizontal. Ela queria estar debaixo dele e em cima dele ao mesmo tempo. Moviam-se de forma tão fluida juntos que era quase como nadar. Mergulhavam nos beijos profundos e apaixonados um do outro e depois vinham à superfície respirar.

Nick levou-a para a cama e depois desacelerou as coisas. Continuou a beijá-la, mas mais devagar. Começaram a despir peças de roupa um do outro. Sawyer sentiu que devia estar sob o efeito de alguma coisa. Sentia-se absolutamente fascinada com cada pormenor do corpo dele, com a sensação de o tocar, com o cheiro da pele dele. Mais ainda, conseguia senti-lo a assimilar todos os pormenores do corpo dela com uma certa reverência. Sentiu-se adorada – *adorada ao pormenor* – e essa sensação tinha um efeito desorientador e estonteante.

Quando ficaram cada vez mais despidos, ela começou a sentir uma pontada de vergonha, um ruído de *feedback*, do mundo exterior. O cérebro perguntou-lhe se estava mesmo pronta para assumir aquilo que estavam prestes a fazer.

Mas nesse momento, para sua surpresa, Nick desacelerou ainda mais as coisas e parou. Estavam só de roupa interior. Sawyer sentiu um breve alívio por terem parado... seguido por um pânico terrível de que alguma coisa tivesse corrido mal, ou de que ela o tivesse de alguma forma desapontado.

– Tu... paraste.

– Não precisamos de ter pressa – disse Nick.

Estavam deitados em cima da cama dele. Sawyer estava ciente do seu corpo nu, agora apenas com um par muito pequeno de cuecas, e do vestido amarrotado no chão, juntamente com o sutiã. E ciente também de Nick, apenas de *boxers*. A pele dele e a pele dela ainda juntas, a tocarem-se, quentes e húmidas ao mesmo tempo.

– Eu... só pensei... que...

– O quê? – perguntou Nick.

– Que quando trazes raparigas para casa, é com um objetivo.

Perpassou pelo rosto de Nick um lampejo de irritação.

– Tens de parar com isso. Isto é algo nosso... só nosso.

Sawyer foi surpreendida pelo sentimento e pela veemência por detrás daquelas palavras. Questionou se aquilo que ele tinha sugerido era sequer possível. Abriu a boca para falar, mas depois fechou-a.

Aninhou-se mais junto de Nick, consciente dos seios nus encostados contra ele e do tecido fino da sua roupa interior, e da pele de ambos que arrefecia e se tornava cada vez mais pegajosa. Sentiu a orelha encostada ao peito de Nick e percebeu que conseguia ouvir o coração dele tão bem como se tivesse um estetoscópio. O coração dele era um tambor, forte e teimoso.

• • •

Passaram algumas horas daquela forma, tocando-se como dois adolescentes excitados e, a seguir, desacelerando e descansando, e depois repetindo tudo. Na teoria, Sawyer tinha pensado sempre que algumas horas da mesma coisa – até de marmelão – acabariam por cansar... mas estava surpreendida por ser tão absorvente e por ser constantemente novo sempre que se tocavam.

Também estava chocada com o facto de o seu corpo ter começado a desejar intensamente tê-lo dentro de si. Sempre que Nick se afastava e eles tentavam arrefecer o ambiente, parecia uma tortura. Uma tortura completamente nova e inesperada.

– Tu dizes que eu *te* deixo maluco... mas tu é que *me* estás a deixar

maluca – admitiu Sawyer enquanto estavam deitados nos braços um do outro.

– Ainda bem – disse Nick. – É justo estarmos em pé de igualdade nisso.

Ela fingiu dar-lhe um murro no braço, mas ele apanhou-lhe o pulso e voltaram a mergulhar num beijo.

• • •

Ficou escuro lá fora.

Pouco depois, não estava apenas escuro, era tarde.

Sawyer deitou uma olhadela ao relógio que Nick tinha na mesinha de cabeceira e estremeceu. A «vida real» dela veio-lhe à memória. Se Charles chegasse a casa e ela não estivesse lá, iria ficar preocupado.

Pensar em Charles apertou-lhe o estômago e uma intensa vergonha tomou-lhe conta do corpo todo.

Estava surpreendida com o repentino estado confuso e incongruente da sua vida: a ideia de que se sentia bem ao estar com Nick e, no entanto, sentia-se muito mal por *não* ir para casa ter com Charles. Não era possível ambas as coisas serem verdade. A contradição fê-la sentir-se doente, desonesta. Ela era o tipo de pessoa que tinha um caso? O cérebro respondeu-lhe silenciosamente: «Sim, és.»

– O que foi? – perguntou Nick, ao sentir a tensão no corpo dela, a sua mudança de humor.

– Não tinha percebido que era tão tarde – disse Sawyer. – Tenho de ir.

Nick ficou tenso. Permaneceu em silêncio durante um bom bocado.

– Estás a falar em ir para casa – disse num tom grave.

– Sim – respondeu Sawyer sobriamente.

– Para casa, para o Upper West Side – disse Nick cautelosamente. Não disse «para o Charles». Mas o nome pairou no ar.

Após outra longa pausa, pediu:

– Fica. Fica aqui comigo.

– Não posso – murmurou Sawyer.

– E se tivéssemos tido sexo... tu ainda terias de ir para casa – disse Nick, e soou como uma mistura de afirmação e pergunta.

Sawyer conseguia senti-lo: todo o corpo dele tinha assumido uma nova tensão hostil.

– Eu não sabia... – gaguejou Sawyer. – Eu não sabia que isto ia acontecer hoje – tentou explicar. – Que íamos acabar assim.

– Estás arrependida – disse Nick. A voz dele tinha-se tornado completamente fria e inexpressiva.

– Não! – protestou Sawyer. – Não quis dizer isso. Eu só... Não planeei que isto acontecesse... nada disto.

– Tudo bem – respondeu Nick.

– Nick... estás zangado comigo?

– Claro que não. Como é poderia estar? – disse Nick, mas o tom dele não era convincente.

Afastou os membros dos de Sawyer e levantou-se da cama, percorrendo o quarto para apanhar as roupas deles do chão. Entregou educadamente a Sawyer o vestido e o sutiã e começou a vestir-se.

– Tenho o carro da minha mãe – disse ele enquanto se vestia. – Levo-te a casa.

– Posso apanhar o metro.

Nick abanou a cabeça.

– Tens razão, ficou muito tarde. E... não sei... não me parece correto. Deixa-me dar-te boleia.

• • •

Assim que ela se vestiu e recompôs, deixaram o apartamento de Nick e Sawyer seguiu-o até um pequeno parque de estacionamento apertado num beco.

– Tino! – Nick cumprimentou o empregado do parque. Deram um aperto de mão e tornou-se óbvio que Nick tinha algum tipo de combinação com o tipo.

O velho *Mercedes* já era como um amigo. Sawyer entrou e afundou-se no banco enquanto Nick manejava a caixa de velocidades e zigueagueava no tráfego, como um verdadeiro condutor nova-iorquino. Tal como da última vez, Sawyer sentiu-se hiperconsciente da mão dele a mover-se junto ao joelho dela enquanto engatava as mudanças. Estava perplexa por ainda sentir a excitação nervosa de estar tão inocentemente ao pé dele... depois da forma como tinham passado as últimas horas.

Mas Nick parecia muito distante. Mostrara-se cordial com o empregado do parque, mas agora Sawyer percebia que tinha sido tudo fachada. Assim que saíram do estacionamento, ele retraiu-se. E embora lhe tivesse jurado que não estava zangado, Sawyer tinha a certeza de que ele já não estava feliz... não da forma como tinha estado antes.

Quando chegaram à rua de Sawyer, ele pareceu ler a ansiedade dela por estar no carro com ele tão perto da casa que partilhava com Charles. Parou a uma distância cautelosa, encostando ao passeio a alguns prédios de distância. Não fez menção de a beijar e ela também não se mexeu.

Sawyer percebeu que estavam a agir exatamente como duas pessoas com alguma coisa a esconder.

Questionou-se se não teria cometido um erro ao fazer uma coisa que já não podiam desfazer. Queria perguntar se voltariam a passar uma sexta-feira juntos – ou sentir apenas o conforto da habitual galhofa leve, íntima e

divertida – mas quando olhou para ele, Nick ainda olhava em frente, para fora da janela, com o maxilar tenso como na noite em que ela e Charles se tinham juntado a ele e a Kendra na discoteca, e ela achou melhor não perguntar.

O carro continuava ligado. Ele não desligou o motor. Sawyer agradeceu-lhe e esperou uns instantes. Ele desejou-lhe boa noite. Por fim, ela saiu do carro e viu-o a afastar-se.

• • •

Assim que Nick desapareceu, Sawyer ficou de pé no passeio, a recompor-se.

A chuva tinha parado. Os passeios cheiravam a limpo. As árvores ainda pingavam enormes gotas. Algumas gotas aterraram diretamente na cabeça de Sawyer, com um pesado tam, tam, tam. Mas ela mal reparou. Estava a imaginar subir as escadas, Charles no sofá à sua espera, a tirar o som à televisão e a fazer a temida pergunta: «Onde é que estiveste?»

Não queria mentir, mas não sabia bem *o que* dizer. Ou como dizê-lo.

Ficou ali no passeio durante muito tempo.

Finalmente, reuniu todas as suas forças e obrigou-se a subir os degraus e a entrar pela porta exterior do prédio e depois pela porta interior. A subir três lanços de escadas.

Quando chegou à porta de casa, parou outra vez.

Tirou a chave da mala, respirou fundo e enfiou-a na fechadura, pronta para que lhe perguntassem onde tinha estado e pronta para responder.

Mas quando a porta se abriu, Sawyer viu imediatamente que o apartamento estava às escuras.

Não estava ninguém em casa.

23.

Sawyer não sabia bem o que é que devia fazer. Ligou todas as luzes do apartamento e depois sentou-se no sofá com a televisão desligada, apenas à espera. No passado, olhar para o relógio e esperar que Charles chegasse tinha-a irritado. Mas agora, tendo vindo do apartamento de Nick e tendo apanhado boleia com ele, Sawyer sentia-se demasiado culpada para estar chateada.

Por isso, ficou simplesmente sentada à espera, com todas as emoções em pausa, como se fosse uma experiência extracorpórea.

Quando Charles finalmente chegou, ouviu-o a enfiar a chave na porta. Foi abri-la por ele e surpreendeu-se quando ele tropeçou desajeitadamente para dentro do apartamento. Estava a sorrir e tinha o rosto corado. Sawyer demorou um bocadinho a perceber. Estava bêbedo.

Também tinha na mão um ramo de flores variadas, envolvido em celofane que ela reconheceu como tendo vindo da loja da esquina. Charles viu-a a olhar para as flores. Sorriu e ergueu-as na direção dela.

– Para ti – disse ele triunfante.

– O que é que se passa, Charles?

Ele esperou que ela aceitasse o ramo e depois suspirou e deixou-se cair no sofá, exausto, ainda a usar o fato de trabalho. O nó da gravata estava largo e puxado para baixo até à zona do esterno.

– Bem, achei que estarias muito zangada quando não apareceste no *karaoke* – explicou ele, com a voz um bocado entaramelada. – E achei que as flores nunca fizeram mal nenhum.

Sawyer franziu o sobrolho ao ramo que tinha na mão e abanou a cabeça, confusa.

– Não estou a perceber. De que é que estás a falar?

– Eu disse-te – insistiu Charles. – Fomos ao *karaoke*, alguns de nós, do trabalho. Estávamos a tentar animar a Kendra, porque parece que ela acabou com aquele idiota do namorado músico dela...

Parou e pestanejou para Sawyer a partir do sofá, com um ar estranhamente sério.

– Mas eu sei que tens estado muito incomodada com as horas que eu passo no trabalho e não te queria chatear. Por isso, telefonei e convidei-te: se

não os podes vencer, junta-te a eles... certo? Na realidade, foi ideia da Kendra. Ela é mesmo fixe. Ela diz que se vocês saírem mais provavelmente vão tornar-se boas amigas...

(Sawyer duvidava muito, mas mordeu a língua.)

– De qualquer forma – continuou Charles –, eu liguei e deixei uma longa mensagem no atendedor de chamadas. Mas... como tu nunca apareceste, achei melhor vir para casa.

Olhou outra vez para ela, com a mesma quantidade de concentração e de embriaguez, de olhos bem abertos e as pupilas dilatadas com o esforço para ser sincero.

– Tu assustaste-me no outro dia – confessou ele. – Aquilo que disseste sobre se «ainda nos casaríamos se terminássemos alguma das nossas conversas», ou algo assim.

Pestanejou devagar, com os olhos a tremer ligeiramente de um lado para o outro. Sawyer conseguia perceber que, para ele, a sala estava provavelmente a rodopiar. Charles deu um suspiro relaxado e franziu o sobrolho a uma pequena nódoa que tinha na camisa.

– Eu sei que parece que estou sempre a trabalhar e que não passamos tempo nenhum juntos. E que sempre que falamos é só sobre os planos da minha mãe para o casamento... mas... Sawyer, eu amo-te. Estou a dar o meu melhor. Faça isto tudo pelo nosso futuro.

Voltou a olhar para cima, tentando uma última vez focar o rosto dela.

– Percebes? – perguntou.

Devagar e sobretudo porque não sabia o que mais podia fazer, porque Charles estava obviamente bêbedo, Sawyer assentiu com a cabeça.

– Ótimo. – Ele suspirou e fechou os olhos quando se recostou. Toda a tensão começou a escapar-se-lhe do corpo enquanto se afundava cada vez mais nas almofadas do sofá. – Tens de perceber que Chicago... – murmurou, a ficar ensonado. – Este caso... oportunidade de uma vida...

A cabeça caiu-lhe para um lado e ele apagou, mergulhado naquilo que seria, com certeza, um sono profundo.

Sawyer ficou a olhar para ele durante uns instantes. Depois, atravessou a sala até ao atendedor de chamadas e carregou no botão «play». A voz de Charles saiu disparada da coluna, um bocado abafada pelo barulho de fundo do bar de *karaoké* (ela conseguia ouvir um homem a cantar «If I Could Turn Back Time», de Cher, em falsete, para uma multidão barulhenta, aparentemente), mas ainda assim inteligível. Foi tal e qual como ele disse. Telefonou para convidar Sawyer a juntar-se a eles, deixando a morada e prometendo que ela se divertiria se decidisse aparecer.

Agora, Charles estava a ressonar no sofá, alheio ao som da sua própria voz enquanto a mensagem ecoava e o atendedor de chamadas terminava com um penetrante BIP. Sawyer observou-o a dormir durante uns segundos, com o rosto descontraído, a expressão inocente, completamente em branco.

Ajoelhou-se ao lado do sofá, desapareceu-lhe cuidadosamente os

atacadores dos sapatos e descalçou-o. Depois tirou-lhe a gravata por cima da cabeça e tapou-o com uma manta. Ele mexeu-se, mas não acordou, abraçou a almofada mais próxima e virou-se sobre um dos lados.

Ela suspirou e foi para o quarto, para dormir sozinha, confusa pela mistura de aborrecimento e de culpa que sentia, em simultâneo, em relação a Charles, e para descansar a mente, agitada com memórias do dia passado com Nick, que já pareciam algo que tinha vivido num sonho.

• • •

A manhã seguinte era sábado.

Sawyer acordou de um estado de sono chocantemente profundo para ver a luz do meio da manhã já a entrar pela janela. Na sala de estar encontrou o sofá vazio, com a manta dobrada e as almofadas bem arranjadas. Na cozinha encontrou um bilhete de Charles na bancada, juntamente com um saco de *bagels* que ele devia ter ido comprar enquanto ela estava a dormir. Agarrou no bilhete.

Tenho de trabalhar algumas horas hoje e fui ao ginásio para me libertar de algum do álcool antes de ir para o escritório. Estou muito contente por termos falado ontem à noite e por tu estares a ser tão compreensiva acerca deste caso de doidos e por estarmos sintonizados. Sou um tipo com sorte! Achei que devia comprar uns bagels para a minha futura noiva.

*Amo-te,
O Teu Futuro Marido*

Sawyer piscou os olhos perante o facto de que, do ponto de vista de Charles, eles terem «falado na noite passada». Estava surpreendida por ele se lembrar sequer de ter chegado a casa, quanto mais da breve troca de palavras que tinham tido antes de ele desatar a risonhar.

Mas uma coisa estava cada vez mais clara para Sawyer: provavelmente, a breve conversa era o máximo que Charles queria falar acerca da relação. E aquele aceno de cabeça dela, face à pergunta «percebes?», levava-o a concluir que estavam em sintonia. Já não era preciso mais nada da parte dela. Isso não augurava nada de bom. Quanto mais Charles mencionava o «futuro deles», mais Sawyer se convencia de que ela e Charles não estavam a imaginar o *mesmo* futuro.

Mas, agora, Sawyer deu por si preocupada com aquilo que considerava

um assunto da maior importância: o facto de não conseguir parar de pensar em Nick.

O seu cérebro começou involuntariamente a reproduzir na cabeça aquela sexta-feira. Era demasiado intenso pensar nisso diretamente. Era como olhar para o sol. A lembrança surgia-lhe aos retalhos. Uma imagem de uma expressão sedenta nos olhos de Nick. Do corpo nu dele. Das mãos dele nela. A tortura de o querer tão intensamente.

Um arrepio percorreu-lhe a carne numa ondulação intensa.

De certa forma, tinha sido apanhada num estado de crença irracional. A realidade daquilo que tinha de facto acontecido entre ela e Nick causara-lhe uma espécie de sobrestimulação. Sentia-se ao mesmo tempo eufórica e envergonhada, como se tivesse uma carga de perigosa eletricidade aprisionada dentro do corpo, sem sítio para onde fluir.

Naquele sábado, enquanto Sawyer preparava uma chávena de café, olhou pela cozinha para o sítio onde estava o computador, já a sentir-se como uma adolescente a olhar para o telefone na manhã a seguir a um encontro romântico.

Cedeu, ligou o computador e entrou na conta AOL. Embora já o esperasse, sentiu à mesma uma onda desconhecida de receio quando a voz automática anunciou «Tem mensagens novas!».

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Olá, espero que as coisas estejam a correr bem esta manhã. Adorava saber de ti. Vou estar *online* hoje, se me quiseres contactar. N

Sawyer abriu o AOL Instant Messenger e viu o ponto verde ao lado de Nikolai70.

Adventures_of_Tom: Olá

Aguardou. Não demorou muito até a janela do ecrã brilhar com uma resposta.

Nikolai70: Olá, estou aqui. Como estás?

Adventures_of_Tom: Estou bem. E tu?

Nikolai70: Tudo bem

Adventures_of_Tom: Ainda bem. Não consegui perceber como é que te

sentiste ontem

Nikolai70: Ahah, a sério? Achei que foi bastante óbvio

Nikolai70: Ontem foi fantástico.

Adventures_of_Tom: Para mim também. Mas depois... não sei. Entraste tão depressa no carro quando me vieste trazer. Quase como se estivesses zangado.

Nikolai70: Não estava zangado

Houve uma longa pausa. Ela pensou que talvez Nick estivesse a formular alguma explicação e bebeu um bocadinho de café enquanto esperava.

Nikolai70: Como é que correram as coisas quando chegaste a casa?

Adventures_of_Tom: Como assim?

Nikolai70: Ele perguntou onde é que tinhas estado?

Sawyer percebeu que ele estava a falar de Charles. Ficou a olhar para o ecrã. Nick podia estar simplesmente a perguntar por preocupação ou amabilidade. Ou ciúmes. Deixou-a um bocadinho entusiasmada pensar que Nick podia sentir qualquer um dos três por ela. Também a assustou um bocadinho. Sawyer deixou que as mãos pairassem sobre as teclas, pensando como é que devia responder. Por fim, escreveu.

Adventures_of_Tom: Ele não perguntou

Nick não respondeu logo. Ela sentiu a necessidade de explicar melhor.

Adventures_of_Tom: Ele não estava em casa quando eu cheguei. Veio mais tarde. Muito bêbedo. Parece que foram ao *karaoke* outra vez.

Nikolai70: Então, não precisaste de lhe dizer nada sobre onde estiveste ontem à noite.

Adventures_of_Tom: Exato

Nikolai70: E vais dizer?

Adventures_of_Tom: Não sei

Outra pausa. Sawyer sentiu que ele não estava contente, mas não sabia bem o que pensar sobre isso. Aguardou.

Nikolai70: Posso perguntar-te uma coisa?

Adventures_of_Tom: Claro.

Nikolai70: Todo este tempo que estás a passar comigo... poderá haver algum objetivo nisso?

Adventures_of_Tom: O que é que queres dizer com isso?

Adventures_of_Tom: É algo importante para mim, as nossas saídas à sexta-feira.

Nikolai70: Para mim também

Nikolai70: Mas têm algum objetivo para ti?

Adventures_of_Tom: Não percebo o que é que queres dizer

Nikolai70: Estás a tentar vingar-te do Charles? Por ele estar sempre a trabalhar até tarde

Nikolai70: Por ele estar sempre a trabalhar até tarde com a Kendra

Adventures_of_Tom: Não.

Adventures_of_Tom: Não saio contigo para me vingar.

Nikolai70: Ainda tencionas casar com ele?

Sawyer pensou durante uns instantes. Teve um vislumbre do que seria cancelar o casamento e estremeceu, assoberbada. Após uma longa hesitação, começou a escrever... depois apagou tudo... depois tentou escrever outra vez.

Adventures_of_Tom: Não sei.

Sawyer ficou outra vez à espera, mas teve a sensação de que Nick não tinha nada para dizer. Ela compreendia que era complicado. Desejava conseguir explicar melhor. Voltou a pousar os dedos no teclado, a explanar nervosamente os seus pensamentos.

Adventures_of_Tom: Tenho de falar com ele e, para fazer isso, temos de estar os dois no mesmo sítio durante mais de dois minutos.

Adventures_of_Tom: É como tu disseste... complicado. Todas as coisas que estão a decorrer e que têm de ser canceladas. Famílias... decepção. Sair de casa.

Nikolai70: Mas as pessoas estão sempre a fazê-lo.

Adventures_of_Tom: Eu sei.

Adventures_of_Tom: Preciso de resolver as coisas.

Sawyer parou e ficou outra vez à espera que ele respondesse. Passou um minuto. Depois outro. Começou a imaginar se ele estaria zangado... ou talvez se teria desligado. Mas depois, por fim, o ecrã piscou com uma nova mensagem.

Nikolai70: Olha, Sawyer, este tempo que passámos juntos foi muito especial para mim. TU és especial para mim.

Adventures_of_Tom: E igualmente tu para mim

Nikolai70: És a primeira coisa em que penso quando acordo de manhã. E és a última coisa em que penso antes de me deitar.

Sawyer releu as últimas frases de Nick com uma sensação que ia além da lisonja, assolada por uma onda de desejo mútuo. Nick era a primeira coisa em que ela pensava quando acordava e a última coisa em que pensava antes de adormecer. Decidiu escrever isso mesmo, mas antes de conseguir terminar o pensamento, o ecrã piscou com uma nova mensagem.

Nikolai70: Mas tenho de ser sincero comigo mesmo

Nikolai70: Não estou interessado na sensação de ser incrivelmente feliz ao passar tempo contigo só para te mandar para casa, para estares com outra pessoa.

Sawyer sentiu-se envergonhada. Tentou pensar no que havia de dizer.

Adventures_of_Tom: Tu não me «mandaste» para ele

Adventures_of_Tom: As coisas não são assim

Outra longa pausa de Nick.

Nikolai70: Sawyer, aquilo que eu senti quando te deixei... não estou interessado nessa sensação e não a quero repetir.

Desta vez foi Sawyer que parou, atingida pela mensagem dele. Teve um *flash* de como seria vivenciá-lo através dos olhos de Nick e não gostou daquilo que viu.

Adventures_of_Tom: Nick, o que é que estás a querer dizer? Queres falar sobre isso na próxima sexta-feira?

Nick não respondeu logo. Depois, finalmente...

Nikolai70: Acho que não nos devíamos encontrar na próxima sexta-feira.

O estômago de Sawyer deu uma volta. Ela olhou para o ecrã com uma mistura de incredulidade e desolação.

Adventures_of_Tom: Não queres fazer nada nesta sexta?

Nikolai70: Não.

Adventures_of_Tom: Não estava à espera que dissesse isso.

O ecrã ondulou durante uns instantes. Sawyer percebeu que tinha lacrimejado involuntariamente. Foi inundada por uma sensação de raiva e mágoa que lhe tomou conta do corpo, que ainda a torturou mais porque suspeitava que não tinha direito a sentir-se assim.

Adventures_of_Tom: Claro. A tua matemática.

Nikolai70: A minha matemática?

Adventures_of_Tom: Aquilo que disseste no Yale Club. Sobre gostares de te ficar pela tua «matemática». Acabei de perceber que, provavelmente, não sou muito boa em termos da tua matemática.

Houve uma longa pausa.

Nikolai70: Não sei o que é que queres que eu diga.

Nikolai70: Isso é verdade.

Outra longa pausa.

Adventures_of_Tom: Onde é que isso nos deixa?

Nikolai70: Não sei como é que chegámos aqui

Nikolai70: A este ponto, quero dizer.

Nikolai70: Mas a questão é que, eu estou totalmente investido e não sei se tu estás.

Adventures_of_Tom: O que é que isso quer dizer?

Nikolai70: É melhor arrefecermos as coisas. E depois, mais à frente, dá-me uma apitadela quando a situação mudar.

O coração de Sawyer caiu-lhe aos pés. Sentiu frio.

Nikolai70: É o que faz mais sentido.

Adventures_of_Tom: Matematicamente falando.

Nikolai70: Olha, tenho de ir.

Adventures_of_Tom: Ok, eu percebo.

Adventures_of_Tom: Adeus, pelos vistos.

Nikolai70: Até depois.

«Até depois?» Sawyer terminou a sessão rapidamente, antes que pudessem trocar mais alguma palavra.

Desligou mesmo o computador, como se a conversa pudesse de alguma forma emergir do aparelho e magoá-la ainda mais se permanecesse ligado. Foi para a sala de estar e sentou-se no chão, no canto mais afastado da divisão.

Ainda estava profundamente abalada, não tanto por não compreender a lógica da situação, mas sim pelo puro golpe emocional e visceral que representava para ela.

Ela sabia que Nick esperava uma resposta mais clara em relação a Charles. Tinha sido brutalmente honesta sobre não saber o que é que queria.

E ele tinha sido brutalmente honesto sobre saber o que é que não queria.

24.

Para: AutumnLeaves@hotmail.com
De: Adventures_of_Tom@aol.com

Querida Autumn,

Tenho de confessar uma coisa. Não te tenho contado tudo. Na realidade, a vida está uma enorme confusão aqui em Nova Iorque.

A mãe do Charles está a planejar um casamento fantástico que ninguém pode pagar. Entretanto, eu e o Charles estamos inexplicavelmente a transformarmo-nos em dois desconhecidos. Na faculdade costumavas dizer a brincar que o Charles e eu estávamos unidos pela anca, mas agora já passou tanto tempo desde que as vimos que não tenho a certeza que ainda conseguíssemos reconhecer as ancas um do outro! (Estou na brincadeira... mas nem estou realmente a brincar.)

No início era fácil atribuir tudo ao facto de o Charles ter de dedicar muitas horas extra a este caso no trabalho... mas depois começou a parecer que não era só isso e agora chegámos a um ponto em que eu acredito piamente que ele me está a evitar. Chega a casa tão tarde que eu geralmente já estou a dormir na cama e, então, ele dorme no sofá porque «não me quer incomodar». E depois sai para o ginásio supercedo, muitas vezes antes mesmo de eu acordar. Comunica comigo através de bilhetes (e às vezes *bagels*, o que eu agradeço, mas isso não vem ao caso). Acho que ele está preocupado que se passarmos mais de dois minutos juntos no mesmo sítio, acabemos nalgum tipo de discussão e cancelemos o casamento.

O que significa que não devíamos casar, certo? Só que nenhum dos dois sabe por onde começar para o cancelar. Admito que já há algum tempo que me interrogo se o Charles quer mesmo casar comigo... ou se simplesmente *não* quer ter de lidar com o que seria não casar comigo.

E ainda há mais. Aquele tipo, o Nick. Tenho passado as minhas tardes de sexta-feira com ele. E... não sei. Quando estou com ele sinto-me eu própria. Sinto-me como *era* antigamente, aquela excêntrica maluca por livros e por arte que eu era quando tu e eu nos conhecemos, no primeiro ano e, de certa forma, sinto esse meu antigo eu ligado ao meu *futuro eu*, a escritora e editora e a versão adulta de mim em que me quero transformar. Acho que o Nick tem o dom de trazer ao de cima o mais verdadeiro das pessoas. Ou talvez seja só a mim.

Ele é muito especial. Quero dizer, não me interpretes mal, ele também é arrogante e obstinado e tão direto que, às vezes, se torna *mal-educado*. Suponho que se possa dizer que gosto dele. Mas, claro, também consegui dar cabo disso, no estado em que a minha vida está agora. A culpa não é dele.

Mas vou sentir a falta dele esta sexta-feira.

E, provavelmente, todas as sextas-feiras.

E, claro, também tenho saudades tuas.

Sawyer

• • •

Quando chegou sexta-feira, Sawyer saiu do trabalho um pouco depois do meio-dia e decidiu caminhar até Bryant Park. Já lá tinha passado antes, mas nunca o tinha ido visitar de propósito.

Era verde e frondoso, cheio de pequenas mesas e de gravilha. Um interessante fragmento de Paris, bem no centro de Manhattan. Sawyer observou as crianças a andarem no carrossel ornamentado, com as riscas brancas e verdes no topo, à semelhança de um circo, e ouviu os seus gritos e gargalhadas alegres.

Vagueou até à entrada da Biblioteca Pública de Nova Iorque, subiu os degraus de mármore e entrou na famosa Sala de Leitura Rose Main, com as suas compridas mesas de madeira e candeeiros de latão, os seus tetos em caixotão de madeira escura decorados com pinturas neoclássicas de um céu nublado ao pôr do sol. Ficou a olhar para toda as pessoas que ali estavam a estudar, a ler, a tirar apontamentos... e interrogou-se se algumas estariam ali a escrever poemas ou até um romance que pudesse um dia passar-lhe pela secretária numa editora.

Passado algum tempo saiu, o sol de verão cegando-a temporariamente com o seu brilho. Voltou a atravessar Bryant Park e deixou-se ficar por ali um bocado, a ver os idosos a jogar xadrez. O grupo que ela estava a observar era barulhento e brincalhão, todos eles com grandes bigodes, a gritar naquilo que parecia grego. Era difícil não pensar em como tudo seria muito mais divertido se estivesse a passar a tarde com Nick. Nick teria tentado juntar-se aos jogadores de xadrez, encontrando uma forma de cativar os velhotes rabugentos. Ou teria arrastado Sawyer para um jogo, uma coisa que ela nunca ousaria fazer sozinha.

Teriam rido, trocado piadas privadas, passeado pelo parque e aproveitado uma sombra com folhagem. Nick tê-la-ia fitado e mantido o olhar fixo nela daquela forma intensa e consciente. Ela teria tremido, apesar do

calor húmido do verão, desejosa da boca dele na sua outra vez.

Agora, Sawyer observava os jogadores de xadrez à distância e sentiu um vazio a crescer dentro de si. Ainda era cedo, nem sequer eram quatro horas. Mas também não importava. Sem Nick, a anterior magia das sextas-feiras de verão agora passava-lhe ao lado. Parecia quase uma sensação física a abandonar-lhe o corpo, como o vento a abandonar as velas, deixando-as frouxas na calmaria. O calor do dia pareceu-lhe subitamente opressivo e o cansaço invadiu-a.

Não tinha ninguém, nem nada à espera dela em casa, mas virou-se e dirigiu-se para o metro.

• • •

Sawyer passou sozinha o resto da tarde de sexta-feira, bem como a maior parte do sábado.

Mas, no domingo, Charles tinha um voo às 18h30 para Chicago, que partia do aeroporto JFK. Na realidade, a viagem estendia-se um bocadinho mais de duas semanas, dezasseis dias, a começar num domingo e a regressar numa terça, não a da semana seguinte, mas a outra.

Nessa manhã, para surpresa de Sawyer, Charles ficou a dormir e não foi ao ginásio.

Cobriu-a de mimos carinhosos, mas o toque dele parecia-lhe confusamente familiar e desconhecido, como ser beijada por um irmão. As coisas tinham mudado entre eles. Sawyer sabia que estava na altura de conversarem.

Como se lhe lesse a mente, ele beijou-a castamente na testa e saiu da cama, com a intenção de tomar banho.

– Ei – disse Charles –, estava a pensar que podíamos ter um dia descontraído hoje, sabes... antes de ter de fazer as malas e ir para o aeroporto. Chicago é muito importante. Seria ótimo para mim ir com calma. Talvez até pudéssemos não falar dos planos de casamento hoje, nem de nada, apenas um dia caseiro como os que costumávamos ter em Boston.

Sawyer olhou para ele. Mordeu o lábio, relutante.

– Podemos fazer isso? – insistiu ele, com uma súplica suave.

– Claro – cedeu ela, por fim.

Charles sorriu e depois desapareceu no interior da casa de banho. Ela ouviu o muito familiar som das torneiras a guinchar e da água do duche a ganhar vida.

Mais tarde, comeram umas sanduíches de pequeno-almoço deliciosamente gordurosas, da loja ao lado da pequena mercearia, e depois limparam o apartamento. Era quase estranho, pensou Sawyer, passarem tempo juntos outra vez, a fazer todas estas coisas triviais, do quotidiano.

Por volta das duas da tarde, Charles começou a fazer as malas. Passou grande parte de uma hora a adicionar e a retirar coisas, a enfiar os fatos, ainda nos cabides, dentro de sacos de roupa, a enrolar camisolas interiores e *boxers* em tubos apertados que mais tarde enfiou no saco do ginásio como se fossem sardinhas em lata e, ocasionalmente, pedindo a Sawyer a opinião acerca de coisas, como de quantos pares de meias uma pessoa precisa para duas semanas num ambiente de escritório.

– De certeza que vais passar algum tempo fora do escritório – disse Sawyer. – Uma noite de folga aqui e ali.

– Duvido – disse Charles, a abanar a cabeça. – Tenho quase a certeza de que vamos dormir vestidos. Espero que o hotel tenha serviço de lavandaria.

Sawyer sorriu compreensivamente e virou a sua atenção de novo para o balanço do livro de cheques. Alguma coisa lhe chamou a atenção enquanto revia o extrato bancário do mês. Franziu o sobrolho.

– Charles – disse ela, alarmada. – Isto não pode estar certo. Faltam dois mil dólares nas nossas poupanças.

Charles levantou os olhos do que estava a fazer, com uma expressão séria, mas não disse nada.

– Temos de ligar para o banco – disse Sawyer. – Oh, mas é domingo... o que é que fazemos? E se tiver sido... não sei, roubado ou assim?

– Não foi roubado – disse ele.

Ela pestanejou.

– A minha mãe estava a acumular muitas despesas para o nosso casamento, o cartão de crédito dela estava a atingir o limite – explicou ele. – Senti-me mal. Transferi algum dinheiro para dar um bocadinho de folga ao Visa dela. Pareceu-me que era o mínimo que podíamos fazer.

– Era o dinheiro que estávamos a poupar para ir de lua de mel um dia – murmurou Sawyer, surpreendida.

– Pois, mas não estávamos exatamente a pensar ir durante um ou dois anos. Eu posso voltar a ganhá-lo. Nessa altura já devo ter sido aumentado. Talvez receba um aumento logo por causa deste caso. E, de qualquer forma, sabes bem que não íamos conseguir tirar tempo livre durante, pelo menos, mais um ano.

Sawyer ficou simplesmente a olhar para ele.

– Os meus pais estão a pagar *tudo*, Sawyer – acrescentou Charles. – Parecia-me o mínimo que podíamos fazer – repetiu.

– Não tenho nenhum problema com essa parte – disse Sawyer suavemente, percebendo que pensavam os dois de forma muito diferente. – Tu sabes que nunca me senti bem por eles pagarem o casamento.

– Olha, não podes dizer nada. O meu pai não sabe. E a minha mãe acha que o pagamento veio dele. Duvido que eles comparem as contas. Toda a gente acredita naquilo que precisa de acreditar e toda a gente está feliz. Só estou a tentar ajudar, ser um bom filho, *etcetera*.

– Não é com isso que eu tenho um problema – reiterou Sawyer. – É mais

com... a falta de conexão. Temos estado completamente desligados de muitas formas. Não é só isto.

Ele parou por um momento, fechando os olhos e pressionando os lábios um contra o outro, como se estivesse subitamente zangado e a tentar manter a calma. Passado uns instantes, deixou escapar um suspiro irritado.

– Eu *sabia* que se falássemos antes de eu ir de viagem, encontrávamos alguma razão para discutirmos – disse ele, com a voz cheia de acusação.

Sawyer ficou calada durante um bocado, a assimilar o que se passava.

– Charles... precisamos mesmo de nos sentar e de conversar.

Ao ouvir isto, passou-lhe pelo rosto um lampejo de medo e a raiva dele deu lugar a algo muito mais suave.

– Por favor – disse Charles, já sem o tom conflituoso na voz. – Este caso é importantíssimo para mim. Não estou a dizer que não podes ter os teus sentimentos e que não vamos acabar por falar, mas não me podes tirar o tapete de debaixo dos pés neste momento. Preciso do teu apoio para me focar e fazer isto.

Sawyer ficou a olhar para ele com um ar apavorado, apanhada de surpresa pela expressão de medo que tinha vislumbrado e pelo tom sincero da voz dele. Compreendia a importância deste caso e o quanto ele tinha trabalhado nele, para além de saber que se a conversa deles envolvesse cancelar o casamento, a viagem de Charles a Chicago estaria repleta de telefonemas de e para os pais, um peso inimaginável sobre os ombros do noivo por causa de todos os depósitos que provavelmente não iriam conseguir reaver. Ele estaria, de facto, a ser sabotado.

– Podemos, pelo menos, adiar esta conversa? O carro vem-me buscar daqui a dez minutos e não posso perder o voo. Isto é demasiado importante para ser conversado assim, a correr, quando não podemos aprofundar o assunto.

Sawyer inspirou fundo e expirou, a sentir algum do peso também sobre os seus ombros.

– Ok – concordou com relutância.

• • •

Dez minutos depois, pontualmente, chegou o carro que vinha buscar Charles.

Dois minutos depois disso, Sawyer deu por si num apartamento vazio, a olhar para um monte de gravatas e de cintos que tinham sido rejeitados, ainda dispostos sobre a cama.

Sozinha durante duas semanas.

Verificou o *e-mail*. A caixa de entrada estava vazia.

• • •

Várias horas depois, quando Sawyer se preparava para ir para a cama, Charles ligou para lhe dizer que tinha chegado a Chicago e feito o *check-in* no hotel.

– Sabes uma coisa, devíamos tratar de arranjar um daqueles cartões de crédito que oferecem milhas aéreas – disse ele a Sawyer. – A Kendra tem um e conseguiu usar as milhas para nos fazer o *upgrade* para a primeira classe. Salvou-nos a vida. Havia um bebé a chorar na económica. Gritou a plenos pulmões desde o JFK até ao O'Hare.

Sawyer ficou calada. Não se deu ao trabalho de lhe relembrar que estavam os dois a pagar empréstimos estudantis e que a última coisa de que precisavam era de mais um cartão.

– De qualquer forma, chegámos inteiros e agora estou no meu quarto – continuou ele. – A preparar-me para ir dormir. Quarto 213, se precisares de falar comigo. Não que vá passar muito tempo no quarto. Está-me mesmo a parecer que não vamos ter descanso.

– Tens o número de telefone daí, caso haja alguma emergência? – perguntou Sawyer.

– De onde? Do escritório? Bem, não sei de cor, mas vou verificar e depois digo-te. Bom, é melhor ir-me deitar, quero-me levantar cedo para ir ao ginásio do hotel... vamos ver se consigo, ahahah. Pelo menos tenho a diferença de uma hora a meu favor...

Despediram-se e desligaram.

Depois disto, Sawyer ficou deitada na cama durante muito tempo, a estudar as rachas do teto. Era um edifício de tijolo e pedra e o gesso tinha umas irregularidades em alguns sítios, por causa de infiltrações. Se olhasse durante tempo suficiente, conseguia ver figuras e rostos. Uma linguagem de coisas escondidas, só que não estavam de facto escondidas se pensasse nelas. Tinham estado sempre escondidas à vista de todos.

• • •

A manhã seguinte era segunda-feira.

Por norma, Sawyer adorava o seu emprego. Entrar pela porta giratória ainda lhe provocava uma ligeira emoção por pensar que trabalhava ali, a fazer uma coisa de que gostava.

Mas durante aquela semana, sentia-se completamente desmotivada. Apanhava o metro de casa para o trabalho, lia manuscritos e à noite ficava deitada na cama a olhar para o teto.

Para piorar ainda mais as coisas, a semana foi marcada por uma onda

implacável de calor extremo que só aumentava a cada dia que passava. A onda de calor fazia as manchetes das notícias e era incontornável. As pessoas que teimavam levemente em continuar a correr de manhã à volta do reservatório de Central Park estavam a desmaiar e a ser assistidas pelos paramédicos. O asfalto das ruas da cidade estava pegajoso e agarrava-se às solas dos sapatos como o alcatrão se estivesse a derreter. As estações de metro pareciam fornos com um vapor quente, insuportável, deixando os passageiros alagados em suor e o ar impregnado de odores corporais.

Para Sawyer, o único alívio advinha das horas que passava sob o ar condicionado do escritório. Começou a entrar cada vez mais cedo e a sair cada vez mais tarde.

• • •

Na quinta-feira, Sawyer chegou ao escritório às 6h03 da manhã, já a suar do horrível calor.

Por volta das dez, reparou num burburinho que percorria o piso de cubículos em *open space*. Toda a gente parecia muito empolgada por causa de um bolo gigante de baunilha e flor de laranjeira que estava na sala de convívio e cuja descrição deixou Sawyer intrigada... até saber que tinha sido encomendado para celebrar o último dia de Erin Michaels na editora.

À hora combinada, três da tarde, o escritório reuniu-se e apresentou a Erin uma faixa onde se podia ler «boa sorte! vamos sentir a tua falta!!!» e um cartão assinado pelo grupo que trabalhava com ela. Na sala de convívio, cortaram o bolo e puseram música a tocar (curiosamente, *reggae*) e depois convidaram toda a gente do andar para se lhes juntar.

Sawyer tencionava mesmo passar por lá, mas o telefone não parava de tocar. Quando, por fim, conseguiu libertar-se, levantou-se para lá ir, mas ficou surpreendida por ver Erin ao lado da sua secretária com um prato de papel com bolo numa mão e um pequeno pedaço de papel na outra.

– Só me queria despedir – disse Erin com um sorriso amável. – E queria dar-te os meus contactos.

Entregou-lhe um *Post-it*. Sawyer agradeceu e aceitou-o.

– Ainda não tenho cartões de visita, claro está – disse Erin com um sorriso alegre. – Mas disseram-me que este vai ser o meu novo *e-mail*. – Inclinou-se e apontou para o endereço eletrónico escrevinhado no *Post-it*. – Se precisares de alguma coisa, ou quiseres apenas conversar, gostava de manter o contacto contigo.

– A sério? – disse Sawyer, antes de se conseguir controlar. Sentia-se incrivelmente lisonjeada.

– Sem dúvida! Foi um prazer. Acho que vais ser uma ótima editora um dia, Sawyer.

Com isto, Erin assentiu com a cabeça e acenou-lhe com a mão. Regressou em direção à sala de convívio, parando de vez em quando para se despedir de outras pessoas, sorrindo e balouçando ao som abafado de Bob Marley que ainda saía da sala de convívio, enquanto levava pedaços de bolo aos lábios com um garfo de plástico.

Sawyer viu-a a ir-se embora, sentindo-se triste e esperançosa ao mesmo tempo.

• • •

Nessa noite, Sawyer voltou para o apartamento envolta numa nuvem quente e húmida de derrota. Não havia nada que ela quisesse fazer. Não tinha escrito nada durante a última semana. Tinha plena consciência de que o dia seguinte era sexta-feira e de que não tinha planos nenhuns.

De qualquer forma, estava demasiado quente para fazer alguma coisa da sua lista. Era esperado um pico da onda de calor no dia seguinte. Sawyer não conseguia imaginar o tempo a ficar ainda mais quente. Já estava intolerável. Pensou que talvez, quando saísse do trabalho, amanhã, se pudesse refugiar no ar condicionado de uma sala escura de cinema. Imaginou-se, sem querer, a encontrar-se com Nick para ir ver um filme... com a sensação mágica da adolescência, de estar simultaneamente fascinada pelo ecrã e em ânsias por causa da pessoa sentada ao lado dela no escuro. Consciente de que a sua mente tinha agora entrado no reino da fantasia, admoestou-se silenciosamente para se recompor.

Enquanto pensava no que mais podia fazer, ligou sem pensar o computador e depois a Internet. Já não tinha qualquer expectativa de encontrar uma mensagem à espera na caixa de entrada do *e-mail*, mas o ritual de o verificar era quase como que um membro fantasma.

Ficou genuinamente chocada quando os seus olhos percorreram o ecrã e encontraram Nikolai70@aol.com. O coração saltou-lhe no peito e falhou um batimento. O assunto do *e-mail* dizia, apenas, «amanhã».

O dedo de Sawyer abriu-o a uma velocidade vertiginosa.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com
De: Nikolai70@aol.com

Ok, eu desisto.

Não consigo aguentar a ideia de ficar em casa sozinho numa sexta-feira à tarde, a sufocar com esta horrível onda de calor. Inaceitável. Portanto, proponho apanhar-te em tua casa amanhã às 13h. Traz o fato de banho.

Ainda sinto o que disse no outro dia, mas a verdade é que uma sexta-feira contigo é muito melhor do que uma sexta-feira sem ti. Aceito aquilo que conseguir.

Nick

Sawyer leu o *e-mail* pelo menos umas cinco vezes.

O receio que tinha do pico da onda de calor desaparecera de repente e o dia de amanhã parecia que nunca mais chegava.

SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO

Quando o relógio marcou meio-dia, Sawyer apressou-se a desligar o computador e a agarrar na mala. Nem sequer esperou para confirmar se Johanna já tinha saído de vez ou não. Sentiu Kaylee surpreendida atrás dela, enquanto corria para o elevador.

– Tem calma! Está demasiado calor para andares tão depressa!

Kaylee tinha uma certa razão. A onda de calor estava a atingir o seu pico brutal.

A viagem de metro para casa foi absolutamente nojenta. Sawyer não se incomodou nada. Em vez disso, sentia um sorriso no canto dos lábios. O sorriso de felicidade dela era tão óbvio que até parecia irritar os outros passageiros do metro, que franziam o sobrolho como se ela só pudesse ser maluca ou completamente estúpida por estar a sorrir no meio daquele infortúnio de calor.

Assim que chegou ao apartamento enfiou-se debaixo do caudal frio do duche durante alguns minutos e, depois, limpou-se e vestiu um fato de banho por baixo da *T-shirt* e da saia de ganga. Enfiou uma muda de roupa dentro da mala e desceu as escadas para aguardar no passeio.

Apesar do calor, o suor que lhe percorria a pele parecia gelo e ela tentou esconder um arrepio.

Sawyer estava nervosa.

Quando vislumbrou as janelas fumadas do velho *Mercedes* a virar para a rua dela ao fundo do quarteirão, sentiu o coração a bater na garganta e depois a afundar-se no estômago. Nick encostou ao passeio. O teto de abrir do carro e todas as janelas estavam abertas e ouvia-se *rock* clássico. De onde estava, atrás do volante, ele inclinou-se para a janela aberta e sorriu de uma forma que lhe era estranhamente, mas também profundamente, familiar.

Ao ter um *flash* bem vívido dos corpos seminus de ambos juntos, Sawyer sentiu uma pontada de timidez repentina. Ficou imóvel no mesmo sítio, a pensar como é que o devia cumprimentar... a discutir consigo mesma

se lhe devia tocar.

Antes de se decidir, Nick desligou o carro, saiu de lá de dentro, apressou-se até ao passeio e abriu-lhe a porta.

– Estás pronta?

– Aonde é que vamos? – perguntou Sawyer, afundando-se no banco do passageiro e recolhendo os pés para Nick fechar a porta.

– Já vais ver – sorriu ele para dentro da janela aberta. Deu a volta e entrou para o banco do condutor.

– Aos Hamptons?

– Não.

– Jersey Shore? – voltou ela a tentar adivinhar.

Ele abanou a cabeça.

– Não.

– Hum. E eu a pensar que estavas a revelar o jogo com a instrução para trazer o fato de banho – disse ela.

– Oh, fica descansada que o fato de banho vai dar muito jeito – respondeu Nick de forma provocadora. Apontou para as saídas do ar condicionado no *tablier* do carro. – Tecnicamente, o ar condicionado funciona, mas é muito fraco. Portanto, temos de fazer isto à moda antiga: manter as janelas abertas e conduzir depressa como o diabo.

Dito isto, Nick manteve-se fiel à sua palavra: acelerou a fundo e ziguezagueou por entre o trânsito, mantendo um fluxo constante de ar a entrar pelas janelas abertas. Não era exatamente «fresco», mas servia o objetivo de lhes secar o suor na testa antes de ter oportunidade de se formar.

Sawyer fingiu ter medo da condução dele, mas o riso constante denunciou-a. Nick revirou os olhos e meteu uma mudança acima quando a estrada ficou mais livre.

Quando a brincadeira perdeu a piada, Sawyer inclinou-se para a frente e ligou o rádio. Depois, reclinou-se contra o encosto de cabeça, fechou os olhos e ficou a sentir o vento na cara. Havia uma atmosfera de liberdade descontraída no carro, o tipo de coisa que ela não sentia desde os dias de liceu, quando andava de carro com os amigos, com as janelas para baixo e a cantarem ao som do rádio.

Quando abriu os olhos, após um minuto a desfrutar simplesmente da sensação do carro, da música e do vento, Nick estava a olhar para ela em vez de ter os olhos na estrada.

– A segurança primeiro – brincou Sawyer.

Ele encolheu os ombros.

– Estava só a pensar em todas as vezes em que olhei para ti, a pensar que eras linda, e não o disse em voz alta.

Disse-o de forma tão factual que nem sequer soou como um elogio... o que, de certa forma, teve o efeito de ampliar o poder do cumprimento. Sawyer não soube o que responder. Ele tinha uma maneira de falar tão francamente quando a elogiava, que a deixava abananada e sem palavras.

Ele continuou a avançar, deixando a cidade para trás. Dirigiam-se para norte, percebeu ela, ao longo do rio Hudson, até que, a certa altura, Nick saiu da autoestrada. Virou para uma estrada principal, depois para outra e a seguir começou a seguir uma série de estradas secundárias.

– Aonde é que *nós* vamos? – insistiu ela.

– Já disse que vais ver.

As estradas tornaram-se cada vez mais estreitas. Os bosques ficaram cada vez mais densos. As casas começaram a parecer menos suburbanas, mais como cabanas, e cada vez ficaram mais raras.

Por fim, Nick virou para aquilo que parecia uma estrada estreita privada de sentido único. Caíam folhas das copas das árvores, agitadas pela brisa do carro e algumas entraram pelo teto de abrir. Sawyer apanhou uma com a mão e sorriu para ela. A estrada começou a descer e, depois, ela vislumbrou uma massa de água escura e brilhante.

A estrada ficou ainda mais inclinada, transformou-se em terra e acabou junto à água. Nick encostou e estacionou.

– Chegámos.

Sawyer saiu do carro para ver a vista.

Era um lago. Pequeno em circunferência, mas a sua água escura reluzente sugeria que era bastante fundo. Também era muito escondido e privado, rodeado por uma densa floresta, mesmo até à margem, e Sawyer só conseguia ver umas cinco cabanas nas imediações. O aroma de folhas esmagadas e do pó quente do campo enchia o ar. Nick conduziu-a ao longo do trilho que abraçava o perímetro do lago até um cais pequeno e resistente apinhado com caiaques e pequenos barcos à vela, com o plástico e a fibra de vidro, outrora coloridos, agora queimados pelo sol.

No final do cais, Nick virou-se e apontou para uma das poucas cabanas da margem.

– Eu costumava vir aqui quando era criança, com um amigo. A mãe dele só tinha olhos para Long Island e para a praia, mas o pai dele adorava pescar na floresta. Ele construiu aquela pequena cabana. Costumava trazer-nos aqui para pescar trutas. A cabana não é grande coisa, por isso, era um bocado como vir acampar e, como não tinha pai, suponho que achava aquilo muito fixe.

Sawyer escutou, a observar como a superfície do lago criava reflexos dourados no rosto de Nick enquanto ele falava, a tentar imaginá-lo em criança, entusiasmado por aprender como prender um anzol e usar a cana de pesca.

– De qualquer modo – disse Nick, virando-se para o fim do cais e olhando para baixo. – É pequenino em termos de lago, mas a água aqui está sempre superlimpa e fresca e nunca há muita gente.

Sorriu e fez um gesto para a envolvente e era verdade. Não se via mais ninguém.

O sorriso de Nick alargou-se. Chutou os chinelos de dedo e tirou a *T-shirt*. Ao ver a pele dele, Sawyer corou logo. Fez os possíveis para não ficar a

olhar ou, pelo menos, fingir não estar a olhar.

Trocaram olhares. Sawyer pestanejou. Nick riu-se. Soltou um grito de guerra e desatou a correr. Mal Sawyer deu por isso, Nick já estava a lançar-se pelos ares e a cair na água, ao estilo bomba.

Sawyer engoliu um guincho de surpresa quando os salpicos lhe atingiram as pernas.

– Entra! – desafiou Nick, assim que veio à superfície. – Não fiques aí parada! Foi para isto que viemos!

A verdade é que os salpicos tinham sabido muito bem contra o calor, mas Sawyer fingiu-se zangada.

– Pronto, está bem!

Descalçou as sandálias, levantou a camisola por cima da cabeça e contorceu-se para deixar cair a saia. Ficou só com o biquíni preto. Prendeu o cabelo escuro atrás das orelhas e ponderou se devia entrar aos poucos na água ou mergulhar e sentir o choque súbito do frio. Conseguia sentir Nick a observá-la. Deitou uma olhadela para onde a cabeça dele emergia da água e sentiu-se lisonjeada por ver aquela expressão nos olhos dele, tão faminta como apreciativa. Fez com que ela se sentisse menos doida por causa do seu desejo intenso, daquilo que sentia quando olhava para ele.

Decidiu-se rapidamente.

Levemente, saltou com as mãos esticadas acima da cabeça, entrando na água praticamente sem um salpico. Debaixo de água, nadou até Nick e deu-lhe um puxão brincalhão aos calções de banho antes de vir à superfície ao lado dele.

– Ei! – ouviu-o a gritar quando emergiu da água. – Cuidado! Há uma sereia nestas águas que me quer despir – riu-se Nick. Debateu-se para puxar os calções para cima enquanto se punha em pé na água.

– Como a compreendo – respondeu Sawyer.

Nick olhou para ela com uma expressão diabólica no olhar.

– Vamos fazer uma corrida até ao outro lado – desafiou Sawyer. Virou-se na água e arrancou com uma braçada decidida de *crawl*. Após uns instantes, sentiu Nick a nadar ao lado dela, a competir. Sorriu enquanto nadava e acelerou o ritmo.

Chegaram à margem oposta do lago empatados. A rir e sem fôlego, nadaram até um rochedo de granito que estava submerso cerca de trinta centímetros abaixo da superfície da água e instalaram-se ali, a ouvir o lago a embater na margem. O sol aquecia-lhes o rosto e os ombros enquanto a água lhes refrescava a parte inferior do corpo.

– Isto é ótimo – admitiu Sawyer.

Olhou para Nick, a estudar a forma como a água lhe encaracolava as pestanas.

– Obrigada – acrescentou. – Obrigada por me trazeres aqui.

Ele olhou-a com uma expressão que Sawyer não reconheceu e que quase lhe pareceu timidez.

– Quanto a ti não sei, mas... esta é a minha ideia de felicidade.

Ela sorriu. Estavam sentados lado a lado no rochedo, com as ancas e as pernas quase a tocarem-se. Sawyer analisou-lhe o rosto. Detetou uma pequeníssima folha, que devia estar a flutuar na água e agora se colara à bochecha dele, junto ao maxilar. Inclinou-se e levantou a mão para a retirar suavemente. Nick pareceu surpreendido, mas susteve o olhar dela com calma e permitiu o toque.

Sawyer estava a arder com vontade de o beijar. Era quase uma tortura, como se alguém apoiasse todo o seu peso sobre os nossos dedos dos pés até gritarmos. Pensou em agir por impulso, mas já não sabia em que pé é que estavam as coisas.

Nick desviou por fim o olhar e fixou-o do outro lado do lago.

– Muito bem – disse Sawyer com uma voz animada. Estava preocupada que o desejo de o beijar fosse tão evidente que talvez o tivesse incomodado. – Agora, vamos voltar para o outro lado.

Sorriu, pôs-se de pé sobre o rochedo e mergulhou de novo.

Nick seguiu-a.

Desta vez, ele parecia determinado a ganhar. Animados por uma segunda vitória e com a sensação de estarem em forte competição, nadaram cada vez mais depressa, até estarem ambos a remar e a espernear freneticamente, a darem tudo por tudo. Nick chegou ao cais primeiro, mas apenas por um metro ou dois. Ergueu-se para fora da água e ficou deitado a arfar no cais de madeira. Sawyer seguiu-lhe o exemplo.

Ficaram os dois ali, lado a lado, deitados de barriga para baixo, exaustos, molhados, com o rosto em contacto com as tábuas de madeira desiguais do cais, a deixar a água evaporar da pele. Criaram duas manchas de água na madeira seca com a forma dos seus corpos. As caixas torácicas a subir e a descer, como acordeões, enquanto tentavam recuperar o fôlego. Estavam a olhar um para o outro, com os narizes quase a tocar-se.

Assim que a respiração de ambos desacelerou e ficaram mais calmos e descontraídos, Sawyer esticou uma mão e percorreu uma cicatriz nas costas de Nick.

– Como é que fizeste isto?

– A história real ou a ficcionada para te impressionar?

– Hum – disse Sawyer a pensar –, estou naturalmente curiosa acerca da qualidade da história fictícia.

– A mergulhar numa jaula com tubarões – disse Nick.

Sawyer soltou uma gargalhada.

Ele baixou a voz até um nível confidencial.

– Uma ferida antiga no recreio.

Sentou-se e apontou para uma pequena cicatriz na perna dela.

– Já agora, como é que fizeste isso? – perguntou.

Sawyer sorriu. Continuaram com o jogo, inventando histórias sobre as suas cicatrizes e, depois, introduzindo as explicações reais em voz muito

baixa no final.

Então e essa?

Um acidente incrível numa competição de tiro ao arco.

(Tropecei enquanto fazia montanhismo numa floresta.)

Dedo completamente cortado pela lâmina de um patim de gelo durante uma luta impressionante num jogo de hóquei no gelo. Precisou de ser cosido de volta.

(Dedo preso quando um amigo subiu a janela do carro demasiado depressa, sem grandes danos.)

Doei um rim a um órfão.

(Tirei o apêndice.)

Rapto por extraterrestres, durante o qual realizaram várias experiências para tentar explicar o meu QI de génio e sex appeal universal.

(Cirurgia numa clavícula partida devido a um acidente a andar de skate.)

– Hum – disse Sawyer perante a última história de Nick. – Enquanto editora, diria que essa tem alguma falta de credibilidade.

– O quê? Que os extraterrestres estivessem a tentar medir o meu enorme *sex appeal*?

– Não, essa parte confirma-se – disse Sawyer.

Nick lançou-lhe um ar chocado e ofendido.

– Espera... então, não acreditas em extraterrestres?

– Bem... na realidade... talvez acredite um bocadinho. Mais ou menos.

– Mais ou menos?

– Quer dizer, acho arrogante da nossa parte assumir que... dada a dimensão do universo... que somos a *única* forma de vida – explicou Sawyer.

– Mas também acho que... dada a dimensão do universo, as probabilidades de nos cruzarmos são muito pequenas.

– Diz isso aos extraterrestres que me deram boleia na sexta-feira passada – brincou Nick.

Sawyer esboçou um sorriso triste.

– Ah. Então foi isso que fizeste na sexta-feira passada – disse.

O sorriso desapareceu do rosto de Nick.

– Na passada sexta-feira... – disse ele com um ar sério – a única coisa que pude fazer foi tentar evitar pensar nas saudades que tinha de ti. – Fez uma pausa e depois disse: – Mas não consegui.

– Tudo o que eu também fiz foi pensar nas saudades que tinha de ti – disse Sawyer. – Até me questioneei se conseguirias sentir-me a pensar em ti.

– E senti.

Fitaram-se durante muito tempo.

Por fim, Sawyer mudou de posição e desviou o olhar. Olhou para os caiaques no cais e depois apontou para um dos pequenos barcos.

– Aquilo é um barco à vela? – perguntou ociosamente.

Nick olhou para onde ela estava a apontar.

– É. Sabes velejar?

– Nunca o fiz.

– Nunca?

Nick franziu o sobrolho, perdido em pensamentos durante um instante. Depois, levantou-se e passou a examinar o barco, o mastro dobrável e a vela.

– Bem, não é exatamente um navio majestoso para a tua primeira viagem, mas eles usam estes pequenos barcos para ensinar o básico às pessoas – disse ele.

– Espera aí, Nick! O que é que estás a fazer? De quem é o barco?

Sawyer estremeceu. Já estavam a nadar num lago, num terreno privado sem praia pública. Utilizarem uma coisa que não era deles já parecia ir longe de mais. Ela nunca tinha sido o tipo de adolescente que gostava de invadir propriedade alheia.

– Espera aí... espera – continuou ela a protestar, mas Nick já tinha posto o barco na água.

– Ouve – disse ele. – É óbvio que isto não é usado há muito tempo. Quando muito estamos a tirar-lhe o pó.

Fez um gesto para que Sawyer entrasse no barco, oferecendo-lhe a mão para a equilibrar. O barco pouco maior era que uma prancha grande de *surf*. Nick sentou-se à ré, com os pés no *cockpit* quadrado, no meio do barco, e Sawyer instalou-se à frente dele. Ele começou a içar a vela.

– Felizmente, levantou-se um bocadinho de vento – comentou Nick.

Era verdade. O sol ainda escaldava, quente como sempre, mas tinha surgido uma agradável brisa. Sawyer sabia que o pico da onda de calor estava previsto terminar ao fim dessa tarde.

– Pode ser que se consiga que ele deslize muito bem – decretou Nick. Manobrou o cabo e a vela até conseguir apanhar o vento. – E... aqui vamos nós!

Velejaram pelo lago algumas vezes. Nick mostrou a Sawyer como é que se mudava de direção, realizando uma espécie de ziguezague em frente enquanto mantinha a vela de um dos lados e depois do outro.

Pôs Sawyer a tentar manobrar o cabo e o leme. No início ela foi um pouco desastrada e perdeu o vento algumas vezes, mas passado um bocado apanhou-lhe o jeito. Na terceira travessia conseguiu manter um bom ritmo.

– Parece que aprendes depressa – observou Nick. – Daqui a nada já me dás uma abada. Vou tentar fingir que não me sinto ameaçado por isso.

Rapidamente se mostrou desejoso de comandar o barco outra vez e Sawyer trocou com ele.

– Vamos ver quão rápido conseguimos que ele ande – disse Nick. – Há pessoas que fazem corridas com estes pequenotes.

Apanhou a brisa e esforçou-se para manobrar o pequeno Sunfish até conseguir que o barquinho velejasse a toda a velocidade. A certa altura, o Sunfish inclinou-se tanto que tiveram ambos de se pendurar de um dos lados, até que, por fim, o barco virou e eles caíram à água.

Sawyer emergiu a rir.

– Fizeste de *propósito!* – gritou.

– Invoco a Quinta Emenda – brincou Nick.

Nadou para perto dela enquanto ela continuava a rir e, depois, pôs uma mão no Sunfish para se manter a flutuar e pôs o outro braço em volta da cintura de Sawyer, puxando-a para si na água e beijando-a.

Sawyer sentiu-se a flutuar.

– Não consegui resistir – disse Nick suavemente assim que os lábios deles se afastaram.

Ela beijou-o de volta.

Ficaram a flutuar assim durante algum tempo, a beijar-se enquanto Nick se agarrava ao casco do barco à vela. Os corpos de ambos começaram a enlaçar-se debaixo de água. Sawyer prendeu as pernas à volta dele e sentiu-o contra si.

Mais uma vez, o desejo intenso que sentia por ele surpreendeu-a.

Por fim, Nick libertou-a e nadou para rebocar o barco até à doca. Quando ali chegaram, ele subiu para cima do casco, agarrou-o de um lado e usou o próprio peso para o virar de novo para cima. Sawyer saiu da água e ajudou-o a arrastar o Sunfish outra vez para a doca.

Nick dobrou o mastro para baixo e enrolou a vela, depois colocou o barco no sítio onde o tinham encontrado.

– Ok, portanto, pedimo-lo emprestado durante um *bocadinho* – disse Sawyer, tranquilizando-se e recordando as palavras de Nick mais cedo, quando prometera devolvê-lo quando terminassem.

– Exato – disse ele. – Vês?

Olharam um para o outro, dois bondosos coconspiradores, e riram-se.

• • •

No início, Nick estava feliz e leve quando finalmente entraram no carro e ligaram o motor. O beijo tinha inaugurado alguma coisa entre eles, mudando a relação física de forma palpável. Quando arrancou, Nick pousou a mão no joelho de Sawyer e só a retirou para usar a caixa das velocidades. Era algo que nunca mais ninguém tinha feito desde o namorado dela no liceu. Sawyer presumira que, quando fosse adulta, acharia a situação pirosa. Mas, em vez disso, sempre que Nick lhe tocava no joelho, ela sentia verdadeira emoção.

Uma vez, agarrou na mão dele, apertou-a, levou-a aos lábios e beijou-a.

Outra vez, quando Nick parou num semáforo antes de se enfiarem na autoestrada, ele inclinou-se para ela e beijou-a. Um beijo longo e agradável. Sawyer não queria que acabasse e ficou dececionada quando ele se afastou para voltar a conduzir.

A onda de calor começara já a aliviar quando abandonaram o lago e a brisa estava mais forte do que quando tinham estado a velejar. Tinham

conseguido aproveitar a tarde toda. O sol mergulhava lentamente no céu enquanto seguiam o rio Hudson de regresso à cidade e tinham-se formado algumas nuvens no horizonte. Sawyer apercebeu-se de que a onda calor terminaria apenas quando chovesse.

– Uau – disse ela a olhar para o céu colorido. – Outro dos bons. Sempre que estamos juntos vemos os melhores pores do sol.

Sawyer sabia que havia várias razões científicas para isso. Verão. Dias mais longos. Tempestades sazonais. O facto de, para além de tudo o resto, ela e Nick se encontrarem em sítios melhores para observar o pôr do sol, ponto final. Mas parecia ser sorte, quase magia.

Nick estudou por instantes o céu e concordou com a cabeça.

Alguna coisa na postura dele tinha mudado lentamente ao longo do percurso. A sua disposição feliz e descontraída desaparecera. Já não tinha a mão em cima da perna de Sawyer e, durante os últimos cinco minutos, em particular, ficara calado. Ela olhou para ele e percebeu que se tinha começado a retrain. A cidade começou a ficar visível, ao longe.

Quando Nick virou para Henry Hudson Parkway, Sawyer começou a perceber: estava a levá-la a casa.

– Tens fome? – perguntou ela. – Podíamos... hum, jantar os dois.

Quando as palavras lhe saíram da boca, lembrou-se que não estavam vestidos para ir a um restaurante... as roupas continuavam um pouco húmidas, os fatos de banho e os chinelos de dedo não estavam à altura dos restaurantes de Manhattan.

– Podíamos comprar alguma coisa pronta e comer em tua casa – sugeriu ela.

Nick virou-se para a encarar.

– Acho que se fizermos isso, ambos sabemos o que vai acontecer – murmurou.

Não era nisso que Sawyer estava a pensar, pelo menos, não conscientemente, mas Nick tinha razão, claro. Ela não sabia o que dizer.

– Eu só... não estou pronta para parar de estar contigo – disse Sawyer.

– Nem eu – concordou Nick, num tom baixo e sério. – Mas se tenho de te deixar em casa mais tarde... prefiro deixar-te já. Eu disse-te: não é uma experiência que deseje voltar a ter.

Sawyer ficou calada.

Nick continuou a conduzir até chegar à rua dela. Parou algumas portas antes do prédio dela. Não se mexeu para a beijar.

Sawyer percebeu que era suposto sair do carro, mas não se conseguia mexer.

– Eu quero levar-te para casa comigo, Sawyer. Tu sabes que sim – disse Nick. Deixou um longo silêncio instalar-se no carro. – Estou à espera que tu saibas o que queres. Vou esperar enquanto conseguir aguentar e vou ser sincero contigo quando já não aguentar mais.

Sawyer percebeu. Sentiu necessidade de responder... mas não encontrou

as palavras certas. As palavras ficavam todas presas algures no processo de tradução entre os sentimentos e os pensamentos. Tudo aquilo que ela pensava em dizer parecia errado.

Nick desejou-lhe boa noite.

Tinha acabado o tempo.

Por fim, com uma sensação pesada em cada membro, Sawyer agarrou na maçaneta da porta e saiu.

O som de Nick a arrancar deixou-lhe o coração ainda mais triste.

• • •

Já lá em cima, Sawyer ligou as luzes todas do apartamento e tomou um duche, eliminando os cheiros do lago, um perfume a musgo e folhas e peixe. Esfregou a pele até ficar cor-de-rosa e ficou debaixo do jato de água durante muito tempo.

A seguir, enrolou-se num roupão de banho e sentou-se de pernas cruzadas no sofá, a beber um copo de água gelada. Ainda estava calor, apesar de ter aberto todas as janelas do apartamento.

Forçou-se a parar de pensar em Nick, mas não estava a conseguir. O cérebro continuava-lhe a voltar a ele. A luz do sol na superfície do lago a lançar-lhe reflexos dourados no rosto. O riso mesmo antes de o pequeno Sunfish se ter virado. O olhar dele quando a puxara para si na água e a beijara.

Imaginou o que estaria ele a fazer agora, no seu próprio apartamento. Se conseguiria ou não parar de pensar nela, da mesma forma que ela não conseguia parar de pensar nele.

«Estou à espera que tu saibas o que queres», dissera Nick.

Ela fechou os olhos durante um bom bocado.

Depois, abriu-os outra vez.

Sawyer sabia o que queria.

Assim que tomou uma decisão, o corpo começou a agir, com todos os movimentos apressados, a pulsação acelerada com a adrenalina. Vestiu-se e nem sequer se ralou a secar o cabelo.

Quando deu por ela, estava na rua a fazer sinal a um táxi.

Pouco depois estava sentada no banco de trás do táxi, a ver a cidade a passar pelas janelas enquanto o condutor acelerava o motor do *Crown Vic* pelas ruas de Manhattan em direção a East Village, até finalmente chegarem ao destino. Movia-se atabalhoadamente: enfiou dinheiro pela abertura na divisória de Plexiglas, gritou obrigada ao motorista, correu para o agora familiar prédio e tocou à campainha, como uma doida, à espera que a deixassem subir as escadas.

Quando Nick abriu a porta do apartamento pareceu assustado pelo súbito bater na porta... mas não pareceu surpreendido por a ver. Ficou a olhar para

ela durante um momento. Não falou, nem ela, mas Sawyer sentiu que ele lia o que lhe ia na mente.

Ele puxou-a para dentro, para os seus braços, e deu um pontapé para fechar a porta atrás deles.

No princípio, as coisas pareciam estar a decorrer incrivelmente depressa.

Começaram a beijar-se e a arrancar as camisolas um do outro de forma apressada quando a porta se fechou. Avançaram desajeitadamente, numa espécie de passo embriagado, quase como uma valsa ébria, embatendo numa peça de mobiliário e depois noutra, continuando a beijar-se e a desabotoar e a despir, abrindo caminho aos tropeções pelo apartamento até à cama de Nick.

Mas depois, quando chegaram ao mesmo sítio onde tinham estado quase nus da última vez, só com o tecido fino da roupa interior, Nick desacelerou. Mas desta vez era diferente e Sawyer percebeu. Ela procurou-lhe o rosto, abrandou os seus próprios beijos, a sua própria ânsia, e combinou a sua respiração com a dele. Livraram-se dessas últimas camadas devagar e beijaram e tocaram e saborearam o corpo um do outro com imenso cuidado.

Quando Sawyer sentiu finalmente Nick dentro dela, soltou um pequeno suspiro, mas nunca tirou os olhos dos dele. Ele pareceu encantado com esse suspiro e a expressão dele pareceu ligeira, mas ainda assim, encantadoramente presunçosa, como se tivesse acabado de ter a última palavra.

Mas Sawyer sabia que a noite ainda era uma criança, que ainda tinham muitas horas à sua frente e que ele não tinha, de maneira nenhuma, tido a *última* palavra. Beijou-o com ardor e virou-se para ficar por cima, assumindo a vez dela de o fazer suspirar.

• • •

Mais tarde, ficaram deitados, enlaçados um no outro.

– Vais ficar? – perguntou Nick.

– Espera... já está? Já acabámos? – brincou Sawyer.

Ele riu-se suavemente. Mas Sawyer conseguia perceber que ele queria uma resposta verdadeira.

– O Charles está em Chicago – disse ela por fim, sem querer esconder nada. – Ele foi no domingo passado.

– Ah – disse Nick, com um ligeiríssimo vestígio de cinismo.

– O que foi?

– Então, tenho-te *emprestada*.

– Não – insistiu Sawyer. – Eu estou aqui.

Ele não respondeu.

Passou-lhe uma dúvida pela cabeça.

– Quer dizer... a não ser que só queiras um empréstimo – acrescentou ela.

Ele franziu o sobrolho e semicerrou os olhos para lhe ver o rosto, aninhado debaixo do queixo dele.

– O que é que queres dizer com isso?

– Não sei... – murmurou Sawyer. – Só não quero presumir nada acerca do tipo de... hum, relacionamento que tu queres que isto seja. Talvez «relacionamento» nem sequer seja a palavra certa.

– Ah – disse Nick. – Mais daquela teoria de que os músicos só querem ter sexo, estou a ver.

Ele estava a brincar com ela, mas havia uma pitada de amargura.

Ela mudou de posição, envergonhada, e encolheu os ombros.

– Quer dizer, há muitos níveis entre amigos e engates e... tu sabes.

– Um compromisso?

O cérebro dela teve um *flash* de Johanna a zombar enquanto dizia: «Comprometida? Até parece que vamos casar.»

– Pois – disse Sawyer, refletindo sobre a memória. – Essa palavra soa, *realmente*, muito institucional e ameaçadora, agora que penso nisso.

Nick riu-se.

– Certo, ok. Concordo.

Depois, passado um instante, ele ficou mais sério.

– Mas acho que eu fui muito claro – disse. Fez uma pausa e acrescentou: – Não te quero só emprestada.

Sawyer sorriu para si mesma em silêncio, feliz.

Mas nos segundos que se sucederam, a mente dela voou para além da cama de Nick, daquele quarto... e regressou a Charles. Fechou os olhos durante um segundo e vislumbrou o rosto de Charles, e sentiu uma pontada de tristeza pelo passado que tinham partilhado.

Surgiu-lhe na cabeça uma longa lista: conversas a ter, preparativos de casamento que tinham de ser cancelados, a divisão das coisas, o constrangedor processo de sair de casa.

La ser complicado. Não era o tipo de coisa para que um tipo como Nick se voluntariava. Ela lembrou-se outra vez daquilo que ele dissera no Yale Club, quando explicara a sua abordagem racional ao amor e às relações com um ar de desprendimento cínico que a tinha deixado siderada.

– Mas, Nick... e, então, a matemática?

– A matemática?

– Tu sabes... a matemática. Pesar os riscos envolvidos na manutenção

do papel de namorado em relação a mim.

Nick riu-se um bocado.

– Foste tu o próprio a dizer. Eu sou uma má aposta em termos da tua matemática – insistiu ela.

– Sawyer – retorquiu ele –, se eu estivesse a aplicar a minha «matemática» contigo, nós nunca teríamos sequer chegado a este ponto.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Sawyer com um franzir de sobrolho inocente.

Ele virou-se para ficarem outra vez a olhar para um para o outro.

– Estou sempre a tentar dizer-te isso. Isto é algo novo. Algo diferente. Quando se trata de ti... toda a matemática do mundo vai por água abaixo.

Puxou-a para si e inclinou-lhe o queixo para a beijar.

• • •

Sawyer passou o fim de semana inteiro em casa de Nick.

Não foi a casa uma única vez, nem sequer para mudar de roupa. Tomou banho em casa de Nick (a certa altura juntos, embora essa opção tenha retirado o foco ao objetivo de limpar alguma coisa, já para não falar no desperdício de água). Ele encontrou roupa que ela podia usar («Hum», afirmou ele a apreciá-la depois de lhe ter emprestado uma *T-shirt* dos Stones, «e as pessoas ainda dizem que o Mick Jagger não pode ficar mais *sexy*...»). Ofereceu-lhe uma escova de dentes da Duane Reade, juntando-a à sua no copo, na casa de banho, os cabos cruzados e as cabeças a encararem-se, como se estivessem numa conversa.

Quando tinham fome, mandavam vir comida. O tempo tornou-se estranho e elástico. Por um lado, o fim de semana passou a correr, porém, cada momento pareceu preenchido, como se contivesse uma vida inteira. Nenhum dos dois tinha querido fazer nada fora do apartamento. Não havia nada que desejassem mais do que tocar-se e absorver a euforia que sentiam simplesmente por estarem perto um do outro.

Saíram do apartamento uma única vez e deram uma caminhada sem destino. No cruzamento da Second Avenue com a Third Street, pararam à frente de uma montra enorme que pertencia a um estúdio de *piercings* e tatuagens. Dentro da sala pintada de vermelho, duas raparigas que pareciam alunas da NYU estavam a furar os narizes, enquanto um vislumbre de uma sala nas traseiras mostrava um artista a trabalhar na tatuagem das costas de um jovem, com o barulho da agulha ainda discernível através da janela de vidro.

Continuaram e deram uma volta por Washington Square Park, parando para ouvir um grupo de músicos de rua a improvisar com tambores e uma harmónica, e depois concordando em sentar-se nos degraus que descem para a

fonte circular do parque, para observar as pessoas. Voavam *skaters* imprudentemente à volta deles, com as rodas a guinchar sobre o pavimento de pedra, enquanto crianças pequenas brincavam na fonte como se estivessem numa piscina urbana. Uma aparelhagem competia com os músicos de rua, contribuindo para a exuberante cacofonia de ruído.

Nick observou Sawyer a observar as crianças a salpicarem-se umas às outras e sorriu.

– Estás com muito calor? – perguntou num tom persuasivo.

– Não tanto assim. – Ela abanou a cabeça, a ler-lhe o pensamento.

– Ok, então corremos só pelo meio, só uma vez, muito depressa – sugeriu Nick.

– Aquela água está nojenta – riu-se Sawyer.

– Vá lá! – disse Nick. – Em dias quentes como este, fiquei sempre a olhar para esta fonte, mas nunca entrei.

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado pelo canto do olho, mas já estava a começar a ceder. Não havia nada que resistisse a fazer com Nick.

Ele procurou no bolso e tirou uma moeda.

Era uma ficha do metro.

– Cara, eu corro primeiro. Coroa, vais tu primeiro.

– Não podes apostar com uma ficha de metro – queixou-se Sawyer.

– Porque não? Esta moeda vale mais que a maioria, um dólar e meio, já para não falar numa viagem para qualquer lugar dos fantásticos bairros da nossa cidade.

– Devias mesmo trabalhar para a MTA.

– Cara, vou eu primeiro – repetiu. – Coroa, vais tu.

– E qual é a face para não ir?

– Desculpa... já não há mais faces. Só estas duas – disse Nick.

– E... qual é qual, exatamente?

– A Autoridade de Trânsito da Cidade de Nova Iorque é cara – disse ele.

– *Dah*. E Vale Uma Viagem é coroa.

Ela riu-se para ele e revirou os olhos. Depois fez sinal com a cabeça para ele continuar.

– Aqui vamos nós.

Lançou a ficha ao ar, apanhou-a, e colocou-a nas costas da mão esquerda.

– Coroa.

– Nem pensar – queixou-se Sawyer. Pegou na ficha. – Isto está avariado?

– Vá lá – insistiu Nick, com um gesto em direção aos jatos de água no meio da base da fonte.

Sawyer fingiu deitar-lhe um olhar assassino. Ele riu-se e depois fez-lhe um sinal de adeus.

Ela levantou-se e alisou a *T-shirt* demasiado grande que tinha transformado num «vestido» cingindo de forma artística uma das gravatas de Nick à volta da cintura.

– Pelo menos, estou a usar a *tua* roupa – ressaltou ela. Deitou uma olhadela à *T-shirt*. – E graças a Deus é preta.

Inspirou fundo e desceu agilmente o resto dos degraus, caminhando para o meio da fonte em si. Ouviu Nick a rir-se atrás dela enquanto ela protegia a cara e gritava «Desculpem! Desculpem! Vou passar!» para as crianças que brincavam na água pouco profunda.

Quando chegou ao outro lado, regressou por fora, pela zona seca até junto dele, que ainda estava a rir. Sawyer tentara correr suficientemente depressa para evitar ficar ensopada, mas tinha a franja molhada e colada à testa e água a escorrer do cabelo para os ombros.

– É a tua vez – disse ela.

– Estás a brincar? – gozou ele. – Quem é que corre por dentro de uma fonte em Nova Iorque? Sabes o tipo de patogénicos e de micróbios que há ali dentro?

Sawyer lançou-lhe outro olhar assassino. Desta vez não teve de fingir.

– Estou a brincar – assegurou-lhe Nick. – Se há algo com que podes contar – disse – é que eu não volto atrás com a minha palavra.

Entregou-lhe a ficha que tinha atirado ao ar.

– Toma. Tu mereceste.

Ela abanou a cabeça.

– Essa coisa já me pôs a correr hoje, obrigada.

– Vou-te contar um segredo... as moedas não decidem nada. As *peessoas* sim – disse ele. – Uma parte de ti estava desejosa de correr por dentro daquela fonte.

– Pois, pois. Uma parte ainda maior de mim está desejosa que *tu* corras por dentro daquela fonte.

Ele esboçou um grande sorriso e atirou-lhe a ficha, que ela apanhou puramente por reflexo. Sawyer revirou-lhe os olhos, mas com um sorriso. Observou-o a virar-se e a correr para dentro da fonte. Quando chegou ao centro, parou e subiu para o círculo elevado do meio, mesmo dentro dos jatos de água, deixando que o encharcassem.

– Satisfeita? – gritou para ela.

Ela esperou um longo minuto antes de responder.

– Ok – gritou de volta. – Satisfeita.

Por esta altura, o sol de verão estava vertical, a incidir sobre a cidade sem misericórdia. Quando chegaram a casa de Nick já estavam os dois secos, mas tomaram outro banho juntos.

• • •

No domingo à noite, Sawyer teve de enfrentar a realidade: tinha de voltar ao apartamento dela antes do início da semana de trabalho.

A complicar as coisas estava o facto de ter negligenciado completamente a pilha de manuscritos que prometera a Johanna ler como parte das «responsabilidades acrescidas» que tinha pedido. Teria de recuperar o tempo todas as noites, depois do trabalho, se queria passar o fim de semana seguinte outra vez com Nick.

Ela explicou-lhe a situação.

– Tudo bem – concordou ele. – Até ao próximo fim de semana. Ainda temos sexta-feira à tarde para aproveitarmos.

– Graças a Deus pelas sextas-feiras de verão – disse Sawyer, já ansiosa. Depois franziu ligeiramente o sobrolho quando um pensamento lhe atravessou a mente. – Já não vamos ter muitas mais.

Era verdade, já só havia mais duas antes do Dia do Trabalho, quando os mundos editorial e da publicidade de Nova Iorque voltavam ao seu horário normal de trabalho.

– Sabes uma coisa, no início estava cheia de receio deste verão, presa na cidade – disse Sawyer. – Agora parece que passou depressa de mais.

– Vamos conseguir resolver as coisas – disse Nick. – Juntos.

Ela chegou a casa à espera de ter imensas mensagens de Charles no atendedor de chamadas, talvez alguma zangada, a exigir saber porque é que ela tinha estado o fim de semana todo fora de casa.

Ficou surpreendida ao encontrar apenas duas mensagens de Charles, ambas curtas, com frases ligeiras como «Olá! Suponho que estejas a fazer recados ou a dar um passeio...» E houve outra coisa em que reparou, numa nota de alívio na voz dele, como se tivesse ficado contente por não a encontrar e ter sido atendido pela máquina.

Parecia que tinham ambos um pacto silencioso para se evitarem. Ela não sabia muito bem o que pensar sobre isso.

Foi ao computador e ligou-o, por hábito, depois clicou na caixa de entrada e descobriu que Autumn lhe tinha finalmente respondido ao *e-mail*.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: AutumnLeaves@hotmail.com

SAWYER!!!

DESCULPA, saí da cidade noutra daquelas escapadinhas e não consegui ir a um cybercafé durante, tipo, uma SEMANA! Não fazia ideia que as coisas estavam assim contigo.

Isso parece-me mais do que medo de casar. Parece que estás mesmo a pensar cancelar o casamento. Percebi bem? Nem consigo imaginar o peso sobre os teus ombros neste momento. Aconteça o que acontecer, Sawyer, adoro-te e tu és fantástica!

Por falar nisso. Este tipo, o Nick, apareceu numa péssima altura. E «arrogante» parece-me um eufemismo. Mas... é difícil para mim, como tua melhor amiga, ouvir-te dizer que ele te faz sentir como as melhores partes do teu «antigo eu» e as partes mais otimistas do teu «futuro eu»... e não gostar dele.

É o que qualquer rapariga quer para sua melhor amiga. E eu adoro o Charles, mas nunca te ouvi dizer que ele te fazia sentir dessa forma.

O Nick disse mesmo que não queria sair mais contigo? Acho muito difícil que ele consiga resistir, se tiver hipótese de escolha. Aposto que ele não vai conseguir, se tiver qualquer tipo de bom gosto e bom senso.

De qualquer forma, tentei ligar-te, mas ia sempre para o atendedor e não queria gastar minutos dos meus cartões telefónicos a deixar mensagem e agora

estou sem cartões (vou tentar comprar mais). Mas estou desesperada para saber se estás bem. Por favor, escreve.

Adoro-te imenso,
Autumn

Sawyer releu as palavras de Autumn, sorriu e clicou em «responder».

Quando finalmente carregou em «enviar» e levantou os olhos do teclado, já tinha passado uma hora inteira.

Olhou para o relógio, a pensar. Charles tinha deixado a mensagem nesse dia, pouco depois do meio-dia. Agora eram 22h47, o que queria dizer que eram 21h47 em Chicago.

Agarrou no telefone e marcou o número do hotel, depois carregou na extensão da central.

– Boa noite, o número do quarto do hóspede que está a tentar contactar, por favor? – disse a voz da operadora em linha, quando Sawyer finalmente carregou em teclas suficientes para navegar pelo menu e chegar a uma pessoa.

– Duzentos e treze – disse Sawyer para o telefone.

– Obrigada!

OuvIU um clique. Depois a linha começou a tocar.

Tocou.

E continuou a tocar.

Por fim, ouviu outro clique e uma operadora diferente.

– O hóspede parece estar indisponível, gostaria de deixar mensagem?

– Não... tudo bem – respondeu Sawyer. – Eu volto a tentar mais tarde.

Obrigada.

– Tenha uma ótima noite.

Sawyer desligou e começou a preparar as coisas para segunda-feira de manhã. Uma sombra pesada de ansiedade seguiu-a pelo apartamento. Apesar de estar completamente exausta, tirou um manuscrito da mala ao calhas e começou a ler, imaginando que a única forma de recuperar o atraso... era recuperar o atraso.

O manuscrito não era muito mau, embora Sawyer já conhecesse o gosto de Johanna suficientemente bem para saber que ela ia recusá-lo. Enquanto lia, ia tomando notas num bloco, para o relatório que teria de escrever e entregar.

Após algumas horas, decidiu tentar ligar outra vez para Charles.

– Boa noite, o número do quarto do hóspede que está a tentar contactar, por favor?

– Olá, duzentos e treze, por favor.

– Obrigada!

Clique.

A linha começou a tocar.

E tocou.

E tocou.

- O hóspede parece estar indisponível... gostaria de deixar mensagem?
- Sawyer pestanejou, desta vez realmente surpreendida. Olhou para as horas. Já passava da meia-noite em Chicago. Num domingo.
- Minha senhora? Gostaria de deixar mensagem?
- Não – disse ela por fim. – Não, obrigada.

• • •

Acordou cedo na segunda-feira, foi cedo para o escritório com a intenção de recuperar o tempo que tinha perdido no fim de semana, ler, tomar notas sobre os manuscritos e verificar todas as outras folhas de cálculo e relatórios que prometera atualizar.

Para seu alívio, Johanna chegou muito tarde naquela segunda-feira, quando já era quase meio-dia.

– Corre o boato de que a Johanna começou a sair com aquele jornalista famoso, o Martin Wolf – confidenciou-lhe Kaylee em voz baixa.

Sawyer interiorizou e assentiu com a cabeça, com indiferença. Mas, no seu íntimo, sentiu-se ligeiramente chocada ao perceber que, numa reviravolta bizarra e inesperada, era muito provável que ela e Johanna tivessem vivenciado fins de semana semelhantes.

Para já, esperava que isso lhe proporcionasse mais tempo para recuperar o trabalho. Atrasar-se e levar com a insatisfação de Johanna (o que, de certa forma, podia proporcionar à chefe outro tipo de satisfação) não era algo por que Sawyer queria passar agora.

• • •

Na terça-feira à noite Sawyer estava em casa, ainda a recuperar a carga de trabalho lendo mais um manuscrito, quando o telefone tocou.

Durante um momento, pensou que pudesse ser Charles a telefonar de Chicago. Depois, ganhou forma o palpite mais provável, a flutuar como uma cábula no seu cérebro: *Kathy*.

Sentiu uma pontada angustiante de culpa.

– Sawyer! – entouo Kathy à laia de cumprimento. – Passei o dia com as primas do Charles e já fizemos a prova dos vestidos de dama de honor. Oh, eu acho que estão estupendos e a Elizabeth e a Kimberly concordam! Tirei imensas fotos para vocês verem. – Kathy parou muito rapidamente, para respirar, e depois perguntou: – Vocês têm fax? Posso enviá-las por fax?

– Oh – disse Sawyer. – Hum... fax? Não temos nenhum em casa nem nada disso...

– E no trabalho? Posso enviá-las para lá?

Sawyer imaginou a cara de Johanna (e em particular a boca apertada e os olhos semicerrados que demonstravam a sua reprovação) quando as fotos a cores das primas de Charles, Elizabeth e Kimberly, começassem lentamente a sair da máquina de fax junto ao gabinete dela. Conhecendo Kathy, de certeza que haveria pelo menos uma dúzia de fotos, senão mais.

– Também acho que isso não vai ser possível, Kathy – respondeu suavemente Sawyer. – Seria possível juntá-las simplesmente a um *e-mail*?

– Um *e-mail*? – repetiu Kathy. – Como é que se faz isso? O Ed imprimiu-as para mim. Tenho as fotos aqui comigo.

– Hum, bem, se ele as imprimiu para si, então, parece-me que as deve ter tirado com uma câmara digital – conjecturou Sawyer. – Portanto, se conseguir fazer *upload* do cartão de memória, depois envia as fotos por *e-mail*...

– Oooh, isso parece muito complicado. Espera um bocadinho, Sawyer. Ed? ED?

Enquanto aguardava, Sawyer ouviu Kathy a falar com o pai de Charles em pano de fundo («Isto é uma câmara digital, Ed? Podemos enviar as fotos por *e-mail*?»).

Quando Sawyer deu por isso já Kathy tinha passado o telefone a Ed.

– Olá, Sawyer?

– Olá, Ed. Estou a ouvir.

– Vou fazer o *upload* das fotos e envio-as para ti. Tens um bocadinho? Qual é o teu endereço de *e-mail*?

Ela deu-lhe o endereço AOL.

– Aventures of Tom? Ah, já percebi! Ahah! Que inteligente – riu-se Ed.

Conversaram durante alguns minutos enquanto ele ligava o computador de casa.

– Como é que tens estado, miúda?

– Eu... bem – respondeu Sawyer.

Deixou-a tão feliz como triste ouvir a voz de Ed. Ela gostava mesmo dele.

– Eu sei que o Charles está em Chicago. Deves estar desejosa que ele volte para casa!

– Sim – concordou Sawyer sem convicção.

– Tenho a certeza de que aquele caso importante vai estar concluído em breve – tranquilizou-a Ed. – E depois vais tê-lo todo para ti, como habitualmente. Bem... não será como habitualmente! Vão estar casados!

A conversa estava a deixar Sawyer um bocadinho maldisposta.

– Bem, acho melhor libertar a linha telefónica para podermos ligar a Internet – lembrou Ed.

– Claro.

– Foi ótimo ouvir-te. É sempre um prazer ouvir-te, Sawyer.

– A si também, Ed.

– Ah, espera... a Kathy ainda quer dizer algumas coisas antes de desligarmos. Vou passar...

Houve um ruído abafado quando Ed devolveu o telefone à mulher.

– Sawyer? – voltou voz da Kathy ao telefone.

– Sim?

– Mal posso esperar para tu veres as fotos. Suponho que a tua amiga Autumn ainda precise do vestido dela de dama de honor? Eu sei que ela quer que o dela seja diferente, mas adorávamos se ela pudesse combiná-lo de alguma forma! Podes enviar-lhe as fotos? E não te esqueças que temos a penúltima prova do teu vestido no próximo mês, em setembro. E a nossa festa de abertura das prendas! Mal posso esperar para ir aí organizar tudo. Estou desejava! Oh, querida, estamos tão felizes por ires fazer parte da nossa família em breve! Sentimos que já és.

Sawyer tentou responder, mas a voz tinha-lhe ficado subitamente embargada com a emoção. Tentou aclará-la.

– Obrigada – disse, quando conseguiu finalmente falar. – A Kathy e o Ed... são muito importantes para mim.

Era verdade, o que só fez com que sentisse um aperto maior na garganta e com que o seu coração parecesse um pano a ser torcido para secar.

– Ok, o Ed está a dizer que tenho de desligar o telefone para ele enviar as fotografias. Procura-as no teu *e-mail* e diz-me o que achas! Ok. Beijinhos, falamos em breve!

Depois de Sawyer desligar, verificou o *e-mail*. Trinta minutos depois, o *e-mail* de Ed e Kathy apareceu. Ela abriu-o e ficou a olhar para as fotos durante vários minutos, perdida nos seus pensamentos. Calculou mentalmente os dias que faltavam para o casamento e foi atingida por uma vertigem. Desligou a Internet para libertar a linha telefónica e voltou a tentar ligar para o quarto de Charles.

Não obteve resposta.

SEXTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO

O telefonema com Kathy e Ed tinha deixado Sawyer a sentir-se mal-disposta. Não conseguia comer. Também não conseguia dormir. O peso daquilo que ainda tinha de fazer, cancelar o casamento e despedaçar-lhes o coração, estava a esmagá-la.

Pensou em enviar um *e-mail* a Nick a dizer que não ia conseguir aparecer na sexta-feira. Durante várias vezes ao longo dessa semana, sentou-se a olhar para uma mensagem vazia, a obrigar-se a escrever a Nick para lhe dizer que não podia ir.

A mensagem – apesar dos esforços – continuou em branco e por enviar.

Após algum tempo, pensou em mudar de plano. Se ia mesmo cancelar a sexta-feira deles juntos, era melhor explicar a Nick pessoalmente.

Mas quando Sawyer viu Nick, alguns minutos depois do meio-dia naquela sexta-feira, sentado na mesa favorita dela perto da cascata de Greenacre Park, foi como se o sol tivesse aparecido por detrás das nuvens de um céu tempestuoso, a iluminar o caminho. Sentiu o corpo a aquecer e a descontrair e o peito a ficar mais leve.

Ele estava sentado, à espera dela, com dois cachorros-quentes e um enorme sorriso. Naquele instante, ela soube que não estava disposta a passar um único segundo do fim de semana sem ele.

– Achei melhor ser descaradamente óbvio com o simbolismo daquilo que eu quero *mesmo* dar-te – brincou Nick quando lhe entregou um dos cachorros-quentes.

Ela engasgou-se com o riso, aceitou o cachorro-quente e ergueu uma sobranceira... primeiro à franqueza dele e depois a ele.

– Bem, isso faz com que eu queira ir a correr para tua casa – brincou. – Quão depressa conseguimos comer isto?

Nick olhou para ela, muito sério.

– Não sei, mas estou disposto a bater o recorde do campeão mundial de Coney Island a comer cachorros-quentes.

Engoliram o cachorro-quente e correram para casa de Nick. Quando

entraram, não chegaram sequer à cama e acabaram a ter sexo no chão.

Depois, ficaram deitados no tapete, nus, apesar do sol luminoso da tarde que entrava pelas janelas. Conversaram até desatarem outra vez aos beijos. Por fim, passaram para a cama e descobriram-se um ao outro outra vez, desta feita mais devagar e deliberadamente.

O tempo voltou a adquirir aquela estranha qualidade elástica, com os momentos a durarem muito e a serem demasiado curtos ao mesmo tempo. Passado um bocado, a luz começou a esmorecer nas janelas com os primeiros indícios de crepúsculo.

– Quando estou contigo, é quase como se estivesse noutra dimensão – observou Sawyer num murmúrio, com o corpo enlaçado no de Nick. Ouviu as suas próprias palavras em voz alta e sentiu uma pontada de vergonha. – Isto pareceu mesmo um *cliché* piroso – disse.

– Não – discordou Nick. – Acho que sei o que queres dizer. As coisas também me parecem diferentes. A luz, o tempo, as horas do dia.

Sawyer sorriu, aliviada por saber que a experiência era de certa forma partilhada.

– Na realidade, tenho uma teoria – admitiu ela. – Acho que Nova Iorque existe em vários planos. – Parou e depois acrescentou: – É como se eu tivesse vivido numa Nova Iorque completamente diferente até este verão... contigo.

Nick puxou-a outra vez para si e depois esticou o pescoço para lhe dar um beijo. Ela também o beijou e depois pousou-lhe o ouvido sobre o peito, ouvindo a respiração constante dos seus pulmões. Sentiu-se estranhamente leve e também como se estivesse a cair lentamente através da cama, do chão e do planeta.

Adormeceu durante um curto período.

• • •

Pouco depois, Sawyer acordou com o som da água a correr numa torneira. Quando se moveu na cama percebeu que Nick tinha desaparecido. As janelas estavam completamente escuras, com o brilho apenas dos candeeiros de rua incandescentes e a serem atingidas pela chuva. O calor tinha diminuído e dado lugar ao alívio fresco de uma tempestade de verão. Ela levantou a cabeça e olhou em direção ao som.

A banheira de pés na cozinha.

Nick estava a enchê-la e a acender velas.

Ela levantou-se e atravessou a sala, de olhos arregalados perante o cenário à luz das velas.

– Da primeira vez que aqui estiveste ficaste tão curiosa acerca dela – disse Nick.

– Nunca tomei banho no meio de uma cozinha antes.

Ele entrou e estendeu os braços para a ajudar a segui-lo.

– Anda – insistiu.

Sawyer subiu com cuidado para a banheira. Ficaram frente a frente, como que num desafio, e deixaram mergulhar os corpos na água morna cheia de espuma. Nick tinha adicionado algum tipo de óleo e a água parecia sedosa e cheirava a alfazema e cedro. No início, Sawyer ficou a olhar para Nick da outra ponta da banheira. A luz das velas destacava-lhe os ângulos do rosto. Ela sentiu a mão dele na perna, debaixo de água, e surpreendeu-se por, depois de tudo o que tinham feito durante aquela tarde, o simples toque ainda a conseguir deixar excitada. Inspirou os óleos essenciais e absorveu o cenário que os rodeava, observando os pormenores com mais atenção.

– O nível de romance está bastante impressionante.

– Ótimo, era esse o objetivo – disse Nick.

Ela lançou-lhe uma olhadela tímida e desconfiada.

– O que foi? – quis ele saber.

– Não te zangues...

– O que foi?

– Recebeste muitas mulheres nesta banheira? – perguntou Sawyer. – Elas tiveram todas direito a... tu sabes...? – Fez um gesto que abrangia as velas e os óleos.

– Só as muito especiais.

– Ah, então esta é a tua «jogada».

– Esta velha banheira é o meu segredo favorito neste apartamento – disse Nick. – Já te disse isso. Mas no que diz respeito a segredos, nunca o partilhei com ninguém.

– Espera... estás a dizer que nunca tomaste banho aqui com mais ninguém?

– Isso. És a primeira – respondeu ele. – Esta é a «minha jogada» contigo e só contigo. – Abanou a cabeça. – Nunca precisei de me esforçar tanto para impressionar alguém como a ti.

Sawyer franziu o sobrolho, perplexa.

– O que foi? – disse Nick ao ler-lhe a expressão.

– Acho que às vezes me questiono... porque eu?

Ele encolheu os ombros.

– És alguém que vale a pena impressionar.

– Não tenho a certeza de que tenhas achado isso na noite em que nos conhecemos – retorquiu ela. – Tenho quase a certeza de que gozaste com o meu nome e que depois te piraste para o bar, desejoso de um copo de *whisky*.

– De malte – corrigiu Nick. – E eu *achei* que tu eras alguém que valia a pena impressionar. És o tipo de rapariga que nunca me dei ao trabalho de convidar para sair, porque sempre achei que uma rapariga como tu é areia de mais para a minha camioneta – explicou ele. – E, claro, a cereja no topo de bolo é que raparigas como tu acabam sempre com tipos como o Charles, que ainda lhes chegam menos aos pés.

A referência a Charles deixou-a agitada, nervosa. Ficou em silêncio durante um bocado.

– De qualquer modo, eu não estava exatamente de bom humor na noite em que nos conhecemos – disse Nick.

Ele parou e, depois, resolveu contar a história da sua perspetiva.

– Ali estava a minha namorada, a flertar com o parvalhão do colega. E ao lado do colega dela estava uma rapariga simpática, linda, inteligente, a tentar salvar a situação mantendo-se alegre e a fazer conversa de circunstância. Fui indelicado porque aquilo era horrível, do início ao fim: cancelar um espetáculo para ir a um jantar de empresa emproado de uma firma em que nem sequer trabalho, a Kendra, o Charles... e o facto de uma rapariga como tu aturar um sacana como ele.

Sawyer ficou surpreendida. Nunca teria adivinhado que era aquilo que ele sentia.

– E é óbvio que me ficaste na cabeça – disse Nick. – Porque tive de me esforçar bastante para arranjar o teu endereço de *e-mail* e poder enviar o pedido de desculpas.

– Tu... gostaste de mim, hum... *dessa forma*? – perguntou ela, desconcertada.

– Bem, achei que eras atraente, mas não me estava a atirar a ti com aquele pedido de desculpas, se é isso que estás a perguntar – respondeu Nick. – Achei mesmo que me devia desculpar. Mas depois... começaste a ser toda querida e charmosa pela Internet... e, depois, suponho que a cena da Kendra com o Charles me perturbou. Não merecias aquilo.

– É estranho, não é? – matutou ela. – Aproximámo-nos porque achávamos que eles podiam estar a ter um caso e, agora, somos nós que... bem, estamos *aqui*. – Olhou para os corpos nus na banheira.

– Continuo a dizer que eles têm um caso – disse Nick.

Sawyer fitou-o. Ele encolheu os ombros.

– Sem querer armar-me em gajo acerca disso, mas se é mesmo como tu dizes e não se passa nada em casa... então... – Nick voltou a encolher os ombros.

Sawyer questionou-se se alguma vez viria a saber a verdade. Mas pensar nisso agora provocava-lhe uma sensação diferente, menos pessoal, ou ligeiramente distanciada, quase como se estivesse a preocupar-se com a vida de um amigo em vez da sua própria vida.

– Então, admites. Convidaste-me para ir ter contigo ao Yale Club porque me querias proteger da mesma coisa que *te* tinha acontecido no passado... – disse Sawyer, recordando a revelação que Nick lhe tinha feito no *ferry*.

– Sim, mas nessa altura eu já sentia que uma parte de mim também estava a tentar impressionar-te. Tinha lido o teu poema e não conseguia parar de pensar nisso. E, subconscientemente, fiz as todas as coisas que geralmente faço quando estou a tentar deslumbrar uma rapariga: um bom fato, bebidas no terraço do Yale Club. Só que tu é que me impressionaste quando se tornou

óbvio que nada daquilo te agradava. O dia que passámos no Lower East Side, no Watering Hole, no Tenement Museum, no Katz's, a ouvir a banda do meu amigo na discoteca, nesse dia eu soube que já era tarde de mais. E todos os dias em que te vi desde então, só me fizeram querer cada vez mais.

Sawyer ficou ali sentada, a absorver aquelas palavras, surpreendida pela forma como agora via tudo de uma maneira diferente. Naquela noite em que se tinham conhecido, Nick parecera-lhe tão arrogante e indelicado... que ela ficara com a *certeza* de que ele a desprezava. Era um choque pensar que ele tinha reparado nela – reparado *mesmo* nela – logo desde o início. Era chocante ouvi-lo dizer que ela era o tipo de rapariga que ele achava que estava fora do seu alcance, quando ela tinha sentido exatamente o contrário. E ficou chocada com a forma como ele falava tão abertamente agora, enquanto estavam sentados nus na banheira, um à frente do outro, a revelar os seus comportamentos iniciais. A forma como ele tinha gozado com o nome dela, o seu cinismo frio e o seu comportamento indiferente, afinal, eram mecanismos de defesa de uma pessoa que, no fim de contas, estava muito interessada. E muito interessada nela, especificamente.

Deslizou em direção a ele na banheira e deu-lhe um beijo sincero e prolongado.

Nick sorriu.

Devolveu-lhe o beijo até acabarem os dois a fazer muito mais do beijar-se e a água morna começar a transbordar da banheira, caindo no chão sob a forma de pequenas cascatas.

• • •

Assim que o calor diminuiu e a chuva passou, o tempo ficou absolutamente perfeito.

O sol brilhava, mas o ar estava seco e fresco, temperado por uma brisa suave que soprava de oeste, por cima do Hudson. As ruas cheiravam a limpo. As pessoas andavam por ali coradas, mas sem suar. Toda a gente tinha um brilhazinho nos olhos e estava bem-disposta, uma raridade em Nova Iorque.

O problema com o feitiço do tempo perfeito é que estava tão perfeito que era impossível Nick e Sawyer permanecerem dentro de casa o fim de semana todo.

No domingo à tarde cederam, finalmente, e decidiram aventurar-se a passear em Central Park, levando uma toalha de piquenique. A caminho pararam no Gristedes e encheram alguns sacos com *snacks*. Quando chegaram ao parque, primeiro andaram um bocado, a mostrarem um ao outro os seus sítios favoritos.

Nick adorava o túnel com eco debaixo do Terraço Bethesda, com as suas arcadas e tetos de azulejo antigo iluminados com lâmpadas brancas suspensas.

– O sítio perfeito para um negócio clandestino de droga – brincou Sawyer acerca do túnel.

– Ou para tocar o violino – respondeu Nick, cumprimentando com a cabeça o violinista que estava a aproveitar a acústica.

Sawyer sorriu. Realmente, era um sítio lindo. Havia um jogo de luz e de sombra misturado com o do sol e do eco. Quando entravam na escuridão do túnel, os seus arcos *belle époque* emolduravam a Fonte Bethesda, com o seu anjo alado entre eles e o lago por detrás. Continuaram a andar, pelo túnel, e pelas escadas para um dos clássicos trilhos largos de Central Park, ladeado por enormes árvores com as suas folhas a formarem uma copa luxuriante.

– Agora vou eu mostrar-te o meu sítio favorito no parque – disse Sawyer a apontar para a direita.

Conduziu-o ao longo de uns trilhos mais estreitos, que percorriam algumas pequenas elevações e, depois, chegaram a uma clareira com uma estrada pavimentada. Saía música *disco* de uma aparelhagem ligada a um amplificador. Uma vedação de arame interditava uma estranha forma oval onde os patinadores andavam em círculos, a saltar ao som da música, a rodopiar, a girar e a dançar. Nick riu-se.

– Interessante – comentou ele. – Nunca teria adivinhado. O Skater's Circle é o teu sítio favorito no parque?

– Adoro – admitiu Sawyer. – Os patins... a música alta... Está toda a gente tão feliz neste recanto do parque.

– Alguma vez participaste?

Sawyer abanou a cabeça timidamente.

– Eu nem sequer tenho patins – disse.

– Podes sempre arranjar um par – disse Nick. – É fácil. Mas talvez nem seja preciso teres uns para te juntares à festa e te divertires.

Sawyer pensou nisso durante uns instantes e encolheu os ombros.

Nick apontou para uma encosta relvada ao lado do ringue de patinagem improvisado.

– Sombra parcial – disse ele. – Perfeito. Vamos.

Escolheram um sítio e estenderam a toalha. Depois, dispuseram o piquenique que tinham engendrado juntos. Morangos, palitos de cenoura, fatias de maçã, batatas fritas com sabor a *barbecue*, queijo e bolachas de água e sal, uma embalagem *gourmet* de macarrão com queijo, duas latas de *Limonata*, e mais uma fatia de uma quiche com um ar muito sofisticado, de uma pastelaria francesa por onde tinham passado no Upper East Side no trajeto do metro para o parque.

Saborearam a comida durante um bocado, a observar os patinadores, e depois deitaram-se na toalha.

Sawyer estava a olhar, fascinada, para os patinadores. Nick ficou a vê-la a olhar.

– Gostas mesmo de ver os patinadores.

– Pois gosto – admitiu Sawyer. – São tão *livres*. Há alguma coisa no ar à

volta deles. Tipo, uma boa onda.

– Pode ser da marijuana toda que anda no ar – brincou Nick com cinismo.

Sawyer riu-se. Olhou para ele e encolheu os ombros.

– De qualquer forma, adoro. Só de estar sentada aqui perto, a ouvir a música... sinto-me parte da festa. – Parou de falar e acrescentou: – Tem graça porque a outra coisa que adoro fazer no parque é quase o oposto, muito solitária.

– E isso é o quê?

– Sentar-me a ler e perder-me num bom livro.

– Claro – Nick abriu a embalagem de macarrão com queijo e sorriu.

Perguntou a Sawyer como é que as coisas estavam a correr no trabalho e ela pô-lo a par.

– Parece-me que estás desejosa de ir atrás da Erin para a Knopf – comentou Nick. – Portanto, porque não?

Sawyer sentou-se. Remexeu-se no lugar, a pensar, e arrancou um bocado de relva junto à toalha.

– Não sei – respondeu.

Nick riu-se.

– Olha, Sawyer, é muito simples. Se queres fazer uma coisa, deves fazê-la.

– Ai é? – brincou Sawyer.

Nick encolheu os ombros.

– Nada te impede.

Sawyer ficou a pensar naquilo durante um bocado. Terminou uma música e começou outra. O DJ pôs a tocar «If You Feel Like Dancing», dos Kool & The Gang. Ela viu isto como um sinal.

– Sabes que mais? Tens razão.

Levantou-se da toalha e sacudi a roupa.

– Aonde vais? – perguntou Nick.

– Fazer aquilo que quero fazer – respondeu Sawyer, com os lábios a esboçar um sorriso misterioso.

Nick observou com incredulidade quando ela caminhou em direção ao ringue de patinagem improvisado. Andou à volta do perímetro até encontrar uma brecha na vedação e passou de lado. Com uma olhadela rápida para a esquerda e para a direita, para ter a certeza de que podia entrar, Sawyer correu para o meio do ringue, onde o DJ mexia na sua aparelhagem e amplificador.

Gritou olá para o DJ, cumprimentou-o com um «dá cá mais cinco» e começou a dançar.

Não havia forma de dançar de forma graciosa ao som de Kool & The Gang usando sapatos rasos quando toda a gente deslizava com patins, mas Sawyer não se importou. Começou a dançar timidamente, ao início, mas depressa acabou a dançar completamente à vontade. Havia uma enorme possibilidade de parecer uma totó, mas não queria saber. Agora estava mesmo

a sentir a música. Fechou os olhos e abanou o cabelo.

Quando abriu os olhos outra vez, eles foram diretos para o sítio onde Nick estava sentado na toalha de piquenique. Ele estava a rir e a abanar a cabeça na direção dela... mas ela também conseguia notar a afeição profunda na expressão dele, uma espécie de adoração. Nunca ninguém tinha olhado para ela daquela maneira. O estômago apertou-se-lhe quando encontrou os olhos de Nick e trocaram um olhar cheio de intenção.

Uma ou duas músicas depois, ela tinha dançado até à exaustão. Regressou à toalha de piquenique, suada, mas eufórica com a sua recém-descoberta sensação de liberdade.

– Ufa, dançar é muito cansativo!

–É, quando o fazes da forma como tu estavas a fazer.

Sawyer deixou-se cair de costas na toalha de piquenique e ficou a olhar para o padrão das folhas da árvore contra o céu, recuperando lentamente e deixando o suor arrefecê-la. Sentiu Nick a estudá-la de onde estava deitado.

– O que foi? – perguntou alegremente.

– Sabes... – começou ele. – Tu não precisas dos meus conselhos, já agora. Tens o que é preciso para fazeres aquilo que bem quiseres. Metade das vezes estou a dizer-te aquilo que tu já sabes. Estou só a repetir os pensamentos e os sentimentos que, basicamente, te ouço a dizer a ti mesma.

Sawyer olhou para ele e sorriu-lhe.

– Eu sei – disse.

– Só queria deixar isso muito claro.

Sawyer assentiu com a cabeça.

Ele reclinou-se na toalha perto dela e ela aproximou-se ligeiramente na perpendicular, usando o estômago e o peito dele como almofada. Nick parecia descontraído e feliz. Passou os dedos despreocupadamente pelo cabelo de Sawyer. Depois pegou-lhe na mão. Era a mão esquerda. Brincou-lhe distraidamente com a mão, sentindo cada um dos dedos à vez, mas parou quando chegou ao anelar. Sawyer conseguiu senti-lo a ficar tenso e viu-o a olhar para baixo, para o anel de noivado, perdido nos seus pensamentos. Depois, ele inspirou fundo, como que a mudar de assunto.

– Estava a pensar que queria muito ir contigo a algum lado – disse.

– A algum lado?

– Para fora da cidade. Durante o fim de semana. Uma verdadeira escapadinha, antes de o verão terminar – disse ele. – Não tem de ser para longe. Adorava levar-te a Stony Brook e mostrar-te onde é que cresci. E ir a Cedar Beach nadar contigo.

Sawyer sorriu, a imaginar.

– Isso parece-me muito fixe – concordou.

– Estava a pensar no próximo fim de semana. Partíamos na sexta-feira, uma vez que ainda temos o horário de verão. Posso apanhar-te por volta da uma, uma e meia.

Sem querer, Sawyer congelou. O cérebro começou a analisar os

pormenores. No próximo fim de semana, Charles já estaria em casa... *Como é que isso ia correr?* O cérebro dela tentou ir ainda mais longe. Se ela e Nick fossem para fora no fim de semana... o que é que acontecia? O que é que se seguiria, afinal?

Nick sentou-se. Ela sentiu-o a olhar para ela com o sobrolho carregado e percebeu que ele tinha visto a hesitação espelhada no seu rosto.

– Raios, Sawyer. Às vezes não sei o que fazer.

– Como assim?

– É que... nunca tive de perseguir assim tanto uma mulher. Nem nunca fiquei tão à toa. Para dizer a verdade... parece um bocado que eu é que sou a miúda da relação.

Sawyer abafou a vontade de se lançar numa discussão de género sobre o que é que significava «ser a miúda da relação». Nick estava a dizer-lhe alguma coisa sobre ele e ela sabia.

– Aquilo que sinto por ti, Nick... nunca senti por ninguém – sussurrou ela. – É isto que eu quero. É a ti.

Ele fitou-a, a analisar-lhe o rosto.

– Então, vens no próximo fim de semana?

– Eu quero ir. Vou tentar... tentar arranjar uma maneira.

Os olhos de Nick desceram outra vez para o anel no dedo dela.

– Às vezes esqueço-me – disse ele, apontando com o queixo para o anel.

– Ainda não me escolheste a mim. Não a sério.

Ela sentiu-se desconfortável. Tirou o anel do dedo e pousou-o na palma da mão, a olhar para ele com atenção. Tinha-se esquecido de que o estava a usar. Ao mesmo tempo, dizer que não significava nada para ela seria mentir.

– Eu devo-lhe uma conversa – disse, ainda focada no anel. A voz saiu-lhe abafada, mas segura.

Nick ficou calado durante um bom bocado.

– És uma boa pessoa – disse ele por fim.

Não soou como um elogio. Mas tinha o peso da aceitação.

Sawyer percebeu que seria estranho voltar a colocar o anel no dedo à frente de Nick. Pegou na mala e guardou-o em segurança num dos bolsos interiores com fecho.

Nick observou-a com uma expressão que ela não conseguia bem decifrar. Esperança. Ou cinismo. Ou ambos. Quando se travava de Nick, tinha ela percebido, as duas emanavam do mesmo poço profundo no coração dele.

29.

Estava previsto o voo de Charles chegar de Chicago na terça-feira. Mas quando Sawyer chegou a casa, no domingo à noite, havia outra mensagem dele no atendedor de chamadas, a pedir desculpa e a explicar que o caso estava a demorar um bocado mais a terminar do que ele esperava e que o regresso de terça tinha sido adiado para a noite de quinta.

«Sei que pareço um disco riscado, mas vou compensar-te», prometia a voz gravada de Charles, a sair da coluna do atendedor de chamadas. «Na realidade, tenho uma grande surpresa para ti. Tenho a certeza de que vais adorar. A sério. Mal posso esperar para te ver. Quinta-feira! Amo-te. Já não falta muito!»

A mensagem acabou.

Sawyer mordeu o lábio, ansiosa e frustrada. Não fez qualquer tentativa para lhe ligar para o hotel. Já sabia que ele não ia atender. Estava ocupado com o caso. Ou ocupado com Kendra.

Precisavam mesmo de falar. Um atraso de dois dias ia parecer uma eternidade.

Sentiu uma onda de raiva... e de profunda culpa.

Sem ter para onde mais a apontar, dirigiu a raiva para a Wexler Gibbons. Estava farta de ouvir o nome, farta da entidade corporativa sem rosto que tinha tanta influência sobre as circunstâncias da vida dela.

• • •

Na segunda-feira, os fins de semana cheios de Sawyer acabaram por se refletir no trabalho quando Johanna a chamou ao gabinete.

– Reparei que está um bocadinho atrasada nos relatórios de leitura que estava desejosa de fazer – declarou Johanna. – Espero que a carga de trabalho não seja demasiada para si?

– Não – insistiu Sawyer. – Atrasei-me um bocadinho, mas já estou quase a recuperar. Não é demasiado para mim e estou muito feliz por os estar a

fazer.

– Também reparei – continuou Johanna, indiferente ao entusiasmo sincero de Sawyer – que está a entregar os relatórios no final da semana.

Sawyer não sabia o que dizer sobre isto.

– Espero que não esteja a usar as horas de expediente para fazer a leitura. Em geral, e embora possa parecer pedir muito, a leitura é algo que acontece *para além* das horas normais de trabalho. Sabe disso, certo?

Sawyer pestanejou. Ela sabia que no setor editorial era «esperado» fazer muita leitura fora das horas remuneradas de trabalho, mas nunca ninguém lho tinha dito assim na cara e com um tom tão imperioso.

– Sim... – gaguejou, quando conseguiu falar. – Eu sei disso.

– Ainda bem – disse Johanna, inspirando fundo e expirando como se estivesse aliviada. – Adiante. Só queria verificar como é que as coisas estavam a correr e assegurar-me de que a carga de trabalho não é demasiada para si.

– Obrigada, não é.

– Ótimo. A área editorial é um trabalho duro se quer mesmo continuar no meio. Mas, por outro lado, ler livros é aquilo que estaríamos todos a fazer por diversão, certo?

– Sem dúvida.

– Na realidade, o seu noivo deve trabalhar mais horas do que nós.

– Como?

– O seu noivo não trabalha na Wexler Gibbons? Ora aí está uma empresa que gosta de sugar toda a dedicação dos empregados, como tenho a certeza de que já percebeu.

Sawyer ficou parada. Não tinha a certeza de quem é que gostava menos neste momento. Se de Johanna, se de toda a Wexler Gibbons.

– Sem dúvida – forçou-se a concordar.

Johanna encolheu os ombros e virou a sua atenção para uns papéis que tinha sobre a secretária.

– Wexler Gibbons – repetiu ela com um suspiro pensativo. – Com uma empresa como essa, vai acabar por ter de arranjar espaço na sua carreira para apoiar a dele – concluiu, sem se dar ao trabalho de encarar Sawyer. – Na maioria das vezes é o que acontece.

Sawyer ficou sem saber o que responder. Tudo o que lhe passava pela cabeça era altamente inadequado.

– Obrigada, Johanna – conseguiu articular, e saiu.

De novo à secretária, Sawyer ficou sentada durante vários minutos, a tentar descrever as suas emoções. Após um momento, percebeu que estava a arder numa espécie de raiva silenciosa.

Depois de se terem despedido no parque, Sawyer não soube nada de Nick na segunda-feira. Mas depois de chegar a casa na terça ela conhecia-o suficientemente bem para saber que ele estaria à espera dela *online* nessa noite.

Abriu o Instant Messenger e clicou em Nikolai70.

Adventures_of_Tom: Olá, estás aí?

A resposta dele veio quase imediatamente.

Nikolai70: Olá

Nikolai70: Como é que correu com o Charles?

Adventures_of_Tom: Bem

Adventures_of_Tom: O caso está a demorar mais.

O voo foi adiado

Adventures_of_Tom: Agora volta na quinta

Houve uma longa pausa.
Sawyer aguardou.

Nikolai70: Então ainda não falaram

Adventures_of_Tom: Não.

Outra longa pausa.

Nikolai70: Reservei um sítio para nós ficarmos neste fim de semana.

Nikolai70: Ainda queres ir?

Adventures_of_Tom: Quero

Adventures_of_Tom: Só que tinha pensado que teria mais tempo para falar com o Charles e ver como é que as coisas corriam.

Nikolai70: E agora...?

Adventures_of_Tom: Agora não sei

Seguiu-se mais uma longa pausa, que durou mais do que as duas primeiras juntas.

Sawyer começou a escrever e depois apagou tudo.

Depois tentou escrever outra vez, mas também apagou isso.

Nikolai70: Quando é que soubeste que a viagem dele tinha sido prolongada e que o voo tinha sido adiado para quinta?

Adventures_of_Tom: Ele deixou uma mensagem

Adventures_of_Tom: No domingo

Outra longa pausa. Sawyer conseguia sentir Nick a absorver os pormenores e a reagir, a refugiar-se outra vez dentro da sua concha, e não havia muita coisa que ela pudesse fazer para o evitar. Mais uma vez, sentiu-se na obrigação de se explicar, mas tudo aquilo que escrevia parecia errado e apagou-o.

Por fim, o ecrã piscou com uma nova mensagem de Nick.

Nikolai70: Olha, Sawyer, não quero tornar as coisas ainda mais complicadas do que já estão para ti

Nikolai70: Quero ver-te no próximo fim de semana e já fiz as reservas para a nossa escapadinha.

Nikolai70: Mas sabes que esta coisa das mensagens não é a minha praia. E não saber em que pé é que estamos é demasiado difícil.

Nikolai70: Manda-me uma mensagem na quinta se ainda quiseres ir.

Nikolai70: Ok?

Adventures_of_Tom: Mas se eu não souber até quinta-feira... vais perder o dinheiro das reservas?

Nikolai70: Que se lixe o dinheiro. Essa parte não é importante

Nikolai70: O que é importante é vires, se quiseres vir

Nikolai70: Ou não vires, se não quiseres.

Nikolai70: Não te preocupes com mais nada.

Adventures_of_Tom: Nick, eu quero mesmo ir

Adventures_of_Tom: Só estou a tentar resolver as coisas

Nikolai70: Eu sei. Diz-me o que queres fazer na quinta, ok?

Nikolai70: Se não me disseres nada, vou encarar isso como uma resposta. E vou compreender.

Nikolai70: Tenho de ir. Esta cena das mensagens deixa-me sempre de rastos e tenho algumas coisas para fazer.

Adventures_of_Tom: Ok, falamos em breve?

Nikolai70: Manda-me uma mensagem na quinta.

Adventures_of_Tom: Está bem, eu mando

Utilizador AOL Nikolai70 está *offline*

Sawyer fitou o ecrã. Voltou atrás, para reler a troca de mensagens, como que à procura de uma resposta para uma pergunta que ainda não estava bem esclarecida na sua mente. Depois percebeu. A parte que faltava era algo que ela queria ter dito, mas não disse.

• • •

Na quarta-feira, Sawyer voltou a ligar a Internet. Procurou Nick, embora já soubesse que não o ia encontrar *online*, que ele estaria à espera da mensagem dela na quinta-feira, tal como tinha dito.

De alguma forma, durante o verão Nick tinha-se tornado a única pessoa com quem Sawyer queria conversar quando estava apreensiva. Com a ironia de que, agora, aquilo sobre o que ela mais queria falar era *ele*.

Sawyer pensou durante um bocado, depois pegou no telefone e marcou um número.

Tocou algumas vezes e depois ouviu-se um clique quando alguém finalmente atendeu.

– *Moshi moshi?*

– Acordei-te outra vez?

– Não, já estava acordada! A comer *natto* ao pequeno-almoço.

– O que é isso?

– Duvido que tenhamos tempo ou dinheiro suficiente para uma chamada de longa distância em que eu te consiga explicar adequadamente o que é.

– De acordo.

– O que é que se passa?

– Bem, visto que já é amanhã aí e que tu sabes tudo o que vai acontecer no futuro...

Sawyer explicou a situação. Tudo sobre o convite de Nick para irem passar o fim de semana fora e o *timing* do regresso de Charles de Chicago... O seu medo de cancelar o casamento.

– Já sabes o que é que eu vou dizer – respondeu Autumn, depois de a ouvir. – Mas parece-me que precisas de me ouvir a dizê-lo. – Parou e depois inspirou fundo. – É claro que precisas de seguir o teu coração. Vai haver consequências. Mas vai haver consequências de mais longo prazo se não fores sincera contigo mesma. Tu *sabes* disso!

Sawyer permaneceu calada, a absorver aquelas palavras.

– Olha – continuou Autumn. – Independentemente do que decidires, vou estar aí quando chegar o dia, em outubro... quer seja para caminhar contigo até ao altar, ou para conhecer o teu novo namorado e ajudar-te a devolver os presentes.

– Obrigada, Autumn.

– Embora, não te esqueças disto, ninguém consiga *provar* se uma torradeira ou uma máquina de *waffles* desaparecer...

Acabaram por desligar, com Sawyer já a temer a conta telefónica. Valia a pena. Falar com Autumn deixara-a animada, da forma como só acontecia com um telefonema com um verdadeiro amigo.

Ficou sentada a pensar a quem mais podia telefonar para obter mais alguma força. Passado um bocado, pegou outra vez no telefone.

– Estou sim?

Sawyer sorriu com alívio ao ouvir a voz da mãe e, de repente, sentiu-se outra vez uma criança.

– Estás com medo – diagnosticou a mãe depois de Sawyer lhe dizer que estava a pensar cancelar o casamento. – Acontece a toda a gente! Eu conheço-te. Quando o dia chegar vais estar bem.

Sawyer ficou calada, surpreendida. A mãe sempre parecera opor-se a que ela se casasse tão cedo. Sawyer percebeu que estava a contar com Carol para reafirmar as suas dúvidas acerca de outubro.

– Não sei, mãe – disse. – Não sei se é só medo.

– Bem, agora já não podes voltar atrás – disse a mãe, mas num tom levemente brincalhão. – Não te disse? Ligaram-me do *New York Times* sobre o teu anúncio de casamento... Fiquei tão surpreendida! Mas foi muito

divertido. Suponho que tenha sido coisa da Kathy...

– Sim – disse Sawyer, sentindo o corpo a fraquejar.

– Não lhe dou o devido crédito – admitiu agora Carol. – Ela não para diante de nada para tornar o teu dia especial. Vou agradecer-lhe quando a vir no próximo mês na tua festa de abertura dos presentes.

Sawyer fechou os olhos e ficou a ouvir a mãe a falar. A leveza que tinha sentido depois de conversar com Autumn evaporou-se. Sentiu-se a afundar outra vez naquela montanha familiar de pressão e culpa.

• • •

Charles regressou finalmente a Nova Iorque na quinta-feira, mas o voo atrasou duas vezes e ele só chegou a casa quando já passava das dez da noite.

Chegou a cheirar a viagem. Café, sabonete de hotel, toalhas com cheiro a cloro e fumo de cigarro. Estava com uma energia caótica que Sawyer não esperava e a presença dele encheu de imediato a sala.

Pousou as malas no canto do *hall* de entrada e abraçou-a logo. Depois, enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um envelope brilhante.

– Prometi-te uma surpresa – relembrou-lhe e apontou para o sofá.

Ela seguiu-o e sentou-se no canto do «L», enquanto ele se sentava num dos lados. Charles sorriu, ainda com o envelope na mão, e depois bateu com ele na mesinha de apoio e empurrou-o na direção dela.

– Vá – disse ele. – Abre.

Sawyer olhou para ele, com o sobrolho franzido de espanto, e agarrou no envelope. O exterior tinha o nome de uma companhia aérea e, lá dentro, encontrou dois bilhetes de ida e volta para as Bermudas. Os bilhetes estavam datados para final de outubro.

– Eu estava errado – disse Charles. – E peço desculpa. Eu não devia ter dado o dinheiro da lua de mel que nós estivemos a poupar, sem te perguntar. Estava errado e quis-te compensar.

– Não percebo – Sawyer abanou a cabeça. – Compraste-nos uma viagem às Bermudas?

– Uma viagem de lua de mel – confirmou Charles. – Também reservei um *resort*, com tudo incluído.

Ele estava empolgado, feliz, triunfante.

Ela estava confusa.

– Mas eu achei que tinhas posto o dinheiro no cartão Visa da tua mãe... não temos mais... não para pagar uma coisa destas...

– Bem, falei com os meus pais e alterámos algumas coisas. A minha mãe e o meu pai é que sugeriram as Bermudas. Foi onde eles passaram a lua de mel.

Sawyer ficou a olhar para ele, de olhos arregalados.

- O que foi? – perguntou ele.
- Não acredito que fizeste isso.
- Não estás contente?
- Não.

Agora foi a vez de Charles ficar surpreendido.

- Estás a brincar? Não consigo perceber se estás a brincar.

Sawyer ficou calada. Charles remexeu-se nas almofadas do sofá, agitado.

- Não são reembolsáveis e foram muito caros. Não acredito que não estás contente. Querias uma lua de mel. Assim não temos de esperar um ou dois anos.

– Temos problemas maiores que esse – lembrou-lhe ela. – Problemas sobre os quais ainda não conseguimos conversar...

Ele pareceu magoado, mas a surpresa desaparecera-lhe do rosto.

- Eu sei – disse. – As coisas descambaram um bocado. Mas nós conseguimos resolvê-las. Temos passado demasiado tempo afastados, portanto, a solução parece-me simples: passarmos algum tempo juntos. Eu vou prestar-te mais atenção, agora que o caso está quase terminado.

Ela mordeu o lábio e abanou a cabeça.

- Mas, Charles, há muito mais que isso. Todo o tempo que não passámos juntos... também passámos com... *outras* pessoas...

– Olha, eu sei que foi um verão péssimo para nós – interrompeu-a ele. – Eu sei que deixei o trabalho atrapalhar e que as coisas entre nós escalaram. Olhando para trás, acho que estava à espera que tu ficasses impressionada por eu estar a trabalhar tanto... mas percebi que estavas era a ficar chateada. E, então, eu fiquei chateado por tu estares chateada. Um círculo vicioso. Fiquei stressado por sentir que te estava sempre a desiludir! E, depois, a humilhação de descobrir que tu sabias dos problemas financeiros dos meus pais. Admito que reagi trabalhando ainda mais... para evitar as coisas. Mas, Sawyer... eu só quero *tanto* aguentar até ao casamento. Não consigo imaginar o que é que faria aos meus pais se não casássemos. Eles *adoram-te*. Já és um membro da família. Ter ido para Chicago e estarmos separados mostrou-me as coisas como elas são. E depois desta viagem, só queria poder voltar atrás nisto tudo. No verão inteiro.

Ele calou-se e encarou-a insistentemente.

- Se pudesses, não querias que este verão nunca tivesse acontecido?

Sawyer ainda não conseguia perceber se tinha acontecido alguma coisa com Kendra, em Chicago, ou noutro sítio qualquer. Mas pensou acerca do verão. Do *seu* verão com Nick.

- Não – disse. – Eu não queria que não tivesse acontecido.

Charles não respondeu logo. Olhou para ela durante muito tempo, com uma expressão séria e pesada. Parecia derrotado, desolado.

- É tarde – disse, quando finalmente falou. – Estou cansado.

Levantou-se do sofá e depois parou e voltou-se para trás. Abriu a boca para falar, mas não saiu nada. Pigarreou e tentou outra vez.

– Sabes uma coisa, eu não sou parvo – disse por fim.

Ela ficou em silêncio durante um momento, sem saber muito bem o que é que ele queria dizer com aquele comentário. Pensou na noite em que tinha vindo de Coney Island, com o cabelo ainda húmido do duche em casa da mãe de Nick, a cheirar a um champô estranho. Pensou nas mensagens que Charles tinha deixado no atendedor de chamadas enquanto estava em Chicago... porque ela não estava em casa para atender os telefonemas.

– Eu sei que não és parvo – concordou em voz baixa.

– Quando se trata de nós, estou a tentar imaginar cancelar tudo – disse ele. – E... é demasiado, Sawyer. Espero que possamos pelo menos dormir sobre o assunto.

Ele pegou nas malas e levou-as do *hall* de entrada para o quarto.

Sawyer permaneceu no sofá, sem se mexer durante muito tempo.

Acabou por olhar da sala para a cozinha e para onde se encontrava o computador, na pequena secretária, com o monitor escuro, a refletir apenas as luzes amareladas dos candeeiros do lado de fora da janela da cozinha. Não tinha tido oportunidade de o ligar. Ou de enviar uma única mensagem.

Levantou-se do sofá, atravessou a sala de estar até à cozinha e depois postou-se à frente do computador. Estava desejosa de o ligar e verificar o *e-mail*. Sabia que Nick estava algures do outro lado, à espera.

Estendeu uma mão para carregar no botão, mas parou quando se imaginou a escrever o *e-mail*, um *e-mail* que sentia que não ia conseguir escrever. O que é que ela podia dizer? Deixou cair o braço.

Olhou para as horas. Passavam sete minutos da meia-noite.

Já era sexta-feira.

• • •

De alguma forma, Sawyer não só conseguiu dormir, como dormiu demasiado.

Acordou sobressaltada, em pânico, com a adrenalina a correr-lhe nas veias, o que lhe provocou uma sensação de estar a sufocar. O pânico tinha-a perseguido de um sonho para a vida real e ela conseguia lembrar-se do suficiente para compreender que estava relacionado com estar atrasada para alguma coisa, ou a faltar a alguma coisa. Mas não conseguia lembrar-se se era medo de estar atrasada para o trabalho ou, então... pelo facto de não ter enviado um *e-mail* a Nick.

Ao seu lado a cama estava vazia. Levantou-se envolta em confusão e encontrou na cozinha um *donut* da loja da esquina com um bilhete.

Não te quis acordar. Tenho de me libertar de algum do stress da viagem no ginásio, mas prometo que vou sair do

trabalho cedo hoje e aproveitar a tarde de sexta-feira para podermos passar algum tempo juntos e acabar a nossa conversa. Espero que me ouças.

*Beijos,
Charles*

Sawyer leu o bilhete duas vezes. Depois de tudo, Charles tinha voltado ao mesmo. Ela começou a perceber que, se ficasse com Charles, estava destinada a uma vida cheia de bilhetes, com ele a fugir sempre que era preciso ter alguma conversa difícil.

Ficou ali, ainda com o bilhete na mão. Mas não estava a pensar em Charles. A sensação de pânico com que acordara ainda não a abandonara e ela percebeu que tinha a ver com o facto de ser sexta-feira. Estava atrasada para o trabalho. Mas, sobretudo: *era sexta-feira e ela não tinha enviado um e-mail a Nick.*

Olhou outra vez para o computador.

Pensou durante um momento, consciente de que teria de fazer muitas coisas ao mesmo tempo se quisesse chegar a tempo ao trabalho. Pôs-se em ação. Primeiro, ligou o computador. Enquanto a máquina arrancava, correu para enfiar um vestido, calçar umas sabrinas e pentear o cabelo. Clicou para ligar o AOL e lavou os dentes enquanto o computador estabelecia a ligação. Depois de ficar *online* sentou-se à secretária e inspirou fundo. Clicou no ícone para começar um novo *e-mail*.

Mas assim que pousou os dedos no teclado, ficou parada, outra vez bloqueada.

Não conseguia pensar no que devia dizer.

O passar dos minutos tornou-se cada vez mais atroz enquanto estava ali sentada a olhar para o ecrã.

Por fim, esfregou os olhos e suspirou, frustrada.

Verificou as horas. Já tinha perdido demasiado tempo. Agora, de certeza que ia chegar atrasada ao trabalho. Desligou o computador, derrotada, e depois agarrou nas suas coisas para sair pela porta.

Mas quando atirou a mala sobre o ombro, alguma coisa caiu ao chão com um pequeno som metálico. Olhou para baixo e deteve-se, reconhecendo-a de imediato.

Uma ficha de metro.

A ficha de metro que Nick lhe tinha dado por brincadeira, naquele dia junto à fonte, em Washington Square Park.

Baixou-se, pegou nela e ficou a olhá-la, perdida nos seus pensamentos. Lembrou-se do sorriso dele e do som da sua voz mesmo antes de ele ter atirado a ficha ao ar. «Vou-te contar um segredo... as moedas não decidem nada», tinha dito Nick. «As pessoas sim.»

De repente, Sawyer sentiu o coração aos pulos, com um novo fluxo de

adrenalina nas veias. Mas, desta vez, o pânico da sua ansiedade estava repleto de entusiasmo. Deixou cair a mala no chão da cozinha e voltou a ligar o computador. Depois sentou-se. Tinha as mãos a tremer. Desta vez, escreveu depressa. Os dedos voavam sobre as teclas e ela tinha de estar sempre a apagar gralhas e a reescrever. Mas a mensagem lá saiu de dentro dela.

Para: Nikolai70@aol.com

De: Adventures_of_Tom@aol.com

Querido Nick,

Desculpa não ter enviado isto mais cedo, e eu percebo se for demasiado tarde ou se estiveres zangado e eu tiver estragado tudo e perdido a minha oportunidade, mas vou estar pronta e à tua espera à porta de casa, com as malas feitas, às duas horas esta tarde, se me vieres buscar.

Eu sei o que quero.

Quero ficar contigo. É demasiado tarde?

Com todo o meu amor,
Sawyer

Releu o *e-mail* apenas uma vez, com os olhos a parar na palavra final, «amor».

Quando clicou em «enviar», sentiu aquela palavra em particular a seguir, como se tivesse libertado um pássaro, e sentiu uma sensação de liberdade a espalhar-se pelo corpo. Era aquilo que estivera em falta, aquilo que estivera a acumular-se dentro dela, aprisionada, e enviá-la a Nick não a fizera sentir-se de todo vulnerável. Na realidade, dera-lhe uma curiosa sensação de força.

• • •

Quando chegou ao trabalho, a recém-descoberta sensação de força começou logo a dissipar-se. Ainda estava cheia de energia, mas o entusiasmo começara a converter-se num *suspense* tormentoso.

Nick podia nem sequer verificar o *e-mail* antes das duas da tarde.

Ele podia ter passado a quinta-feira zangado.

O que é que ela iria fazer se ele não respondesse?

Em cima de tudo isto, não havia grandes possibilidades de verificar o *e-mail* pessoal no trabalho. Johanna estava atipicamente presente e sociável. Tinha deixado a porta do gabinete aberta e, da forma como os cubículos estavam dispostos, Johanna tinha uma visão direta para o ecrã de Sawyer. Mesmo que Sawyer conseguisse descobrir uma maneira de se ligar à conta AOL, Johanna podia ver.

Aquela manhã foi a mais longa da vida de Sawyer. Não tinha bebido

café nenhum e, no entanto, tinha o cérebro praticamente aos pulos dentro do crânio. Tentou organizar, na sua mente, as diferentes formas como a tarde poderia decorrer. Tinha dito a Nick que estaria pronta e à espera às duas da tarde. Charles tinha prometido sair do trabalho ao meio-dia e ela esperava que este período de tempo lhe permitisse falar com ele pessoalmente, em vez de deixar um bilhete. Não fazia ideia de como é que Charles iria reagir.

Fosse como fosse, Sawyer estava decidida.

• • •

Por fim, ao meio-dia, Johanna pôs o seu habitual *Hermès* e foi-se embora, deixando Sawyer livre para sair. Apressou-se para casa, correndo mesmo para apanhar o metro com um ar desesperado, como se os cinco minutos extra para esperar pelo próximo significassem a morte.

Quando chegou ao prédio, ignorou atabalhoadamente a Sra. Kallenbach e o seu *beagle* no átrio, gritando uma desculpa por cima do ombro.

Sawyer subiu as escadas e entrou de rompante no apartamento, atirando a mala e as chaves para o chão. Correu direta para o computador, pegajosa com o suor e sem fôlego.

Ligou-se e esperou pacientemente perante a estática e os guinchos da ligação e, depois, clicou na caixa de entrada.

Ali estava: uma resposta de Nick.

Para: Adventures_of_Tom@aol.com

De: Nikolai70@aol.com

Sawyer,

Para responder à tua pergunta: É demasiado tarde.

Para mim, isto é. Parece que me apaixonei. Com todas as minhas forças.

Queria estar zangado quando tu não me respondeste ontem à noite. Mas só me senti vazio. Portanto, a não ser que tenhas uma forma de viajar no tempo (o que obviamente envolve um *DeLorean* e alguma tecnologia que tenho quase a certeza que é fictícia) e de me fazer deixar de me apaixonar por ti, estou completamente agarrado.

Estarei aí às duas para te apanhar.

Igualmente,

Nick

Sawyer leu a mensagem duas vezes. O coração sobressaltou-se-lhe e sentiu o peito apertado, como se os pulmões tivessem demasiado ar.

Saboreou as palavras.

Não era tarde de mais.

Ela tinha dito que estaria pronta às duas da tarde e precisava de fazer as malas. Terminou a sessão, levantou-se do computador e andou pelo apartamento a encher uma mala para o fim de semana. Começaram a atropelar-se-lhe perguntas no cérebro enquanto pensava no que devia levar. Ocorreu-lhe que não tinha absolutamente nada planeado para a vida após aquele fim de semana. Afastou esses pensamentos. O primeiro passo para saltar de um precipício era saltar de um precipício.

Assim que as malas ficaram prontas, colocou-as à entrada da porta. Tomou um duche rápido, mudou de roupa e tentou acalmar-se, sentando-se no sofá e respirando fundo.

Passava um quarto da uma e Charles devia chegar a casa a qualquer momento. Tentou pensar naquilo que tinha de dizer e em como se podia escudar da reação dele.

Levantou-se do sofá e caminhou pela sala.

Voltou a sentar-se e tentou mais umas inspirações profundas.

A qualquer momento, Charles ia entrar por aquela porta. Iriam conversar. Respirou fundo outra vez.

Deu um pulo quando o telefone tocou.

Sawyer ficou primeiro a olhar para o telefone, a pestanejar para ele como uma idiota, como se fosse algum tipo de convidado indesejado. O toque era totalmente inesperado e, por alguma razão, soava muito pouco familiar. Havia nele um certo pânico, em que Sawyer nunca tinha reparado antes. Tocou várias vezes antes de ela conseguir reunir forças para atender.

Quando finalmente agarrou no auscultador, tudo o que tinha ficado de pernas para o ar na sua vida voltou a ser revirado.

30.

— Sawyer? Sawyer? – A voz de Kathy atingiu-a através da linha telefônica.
– Oh, graças a Deus que estás aí.

Kathy soou estranha. A voz dela parecia um silvo que deu uma volta ao estômago de Sawyer.

– Tenho estado a ligar para o escritório do Charles, mas eles disseram-me que ele já saiu, portanto deve estar a caminho de casa... – Fez uma pausa. Houve um pequeno som sufocado.

– Kathy... o que é que aconteceu? O que é que se passa? – perguntou Sawyer.

Ouviu Kathy a fazer outra vez o mesmo som sufocado.

– Kathy. Estou aqui. Respire fundo e responda quando conseguir – instou Sawyer suavemente, mas já com o coração aos pulos e umas gotas de suor no rosto e no pescoço.

– É o pai dele... – conseguiu finalmente Kathy articular.

Ed tinha tido um ataque cardíaco e entrado em paragem cardíaca.

– Fiz aquilo tudo – avançou Kathy, meio a falar, meio a soluçar. – As coisas todas que eles nos dizem para fazer. Liguei para o 112. Fiz a respiração. Chamei uma ambulância. Levei-o ao hospital... mas...

– Mas o quê? O que foi? – gaguejou Sawyer, os seus membros estranhamente leves e sem pinga de sangue, de boca aberta.

Kathy revelou, por fim, o mais importante: não tinha sido suficiente. Os médicos já tinham confirmado. O coração dele tinha estado parado durante demasiado tempo.

– Eu pensei que como estava a respirar ele ia ficar bem, mas eles dizem que é só o ventilador que está a fazer tudo... ele não está bem... eles dizem que ele nunca ficará bem, que ele nunca vai acordar... eles estão a dizer que temos de decidir o que fazer com o ventilador...

– Oh, Kathy – disse Sawyer, mal conseguindo articular as palavras, de tão apertada que sentia a garganta.

Kathy continuou a dar a Sawyer toda a informação sobre o hospital e um número de telefone para Charles ligar quando chegasse a casa.

– Eles prometeram que ele pode ligar para esse número e que me enviam

uma mensagem para o *pager* – disse Kathy. – Tenho de ir... vieram agora ter comigo aqui ao balcão das enfermeiras e estão a dizer que preciso de falar com alguém e de assinar umas coisas. Mas preciso de falar com o Charles, percebes? – explicou, soltando um soluço abafado. – Oh, por favor... tu compreendes. Podes dizer-lhe, Sawyer? Podes dizer-lhe para me telefonar?

Kathy parecia tão pequenina e jovem, como uma criança perdida. Como reação, Sawyer sentiu o seu próprio coração apertar-se.

– Eu compreendo, Kathy – tranquilizou-a ela. – Ele vai ligar. Lamento imenso. Tenho tanta, tanta pena.

A chamada caiu.

Sawyer ficou ali parada, ainda com o auscultador encostado à orelha, a ouvir o sinal de chamada, completamente dormente.

• • •

O telefone acabou por começar a dar sinal de impedido e Sawyer voltou a pousar o auscultador.

Sentiu o apartamento vazio. E silencioso... *demasiado silencioso*. Sawyer atravessou a sala, atordoada, e voltou a sentar-se no sofá, a pensar. Deixou o olhar percorrer o espaço, sem ver nada, até os olhos pararem nas suas malas, junto à porta.

Estremeceu, relembrando tudo o que tinha acontecido antes do telefonema de Kathy.

Depois, de forma igualmente abrupta, ouviu a chave de Charles na porta.

Ele entrou com o correio na mão. Olhou para cima e sorriu ao ver Sawyer sentada no sofá.

– Boa! Que comece a nossa tarde de folga! – disse alegremente, atirando o correio para cima da consola e pousando a pasta do escritório.

– Charles... – disse Sawyer. Falar era difícil. Parecia que tinha um vácuo no peito e que os pulmões estavam vazios, sem ar. – Aconteceu uma coisa.

31.

Charles esteve muito tempo ao telefone com Kathy.

Sawyer ficou no sofá a ouvir.

Havia algo a magoá-la, picando-a como uma agulha, afiada e desconfortável. Sabia que a dor era emocional, não física. Mas *parecia* física. O seu coração parecia um pedaço de papel, rasgado ao meio.

«Tenho uma teoria», tinha ela dito a Nick. «Acho que Nova Iorque existe em vários planos.»

Imaginou Nick a vir buscá-la.

Imaginou Charles a ir ao hospital sozinho. A abraçar a mãe chorosa enquanto assinavam a papelada, de pé ao lado da cama de Ed enquanto o pessoal do hospital desligava sombriamente a máquina.

Pensou naquele dia no parque, a confiança que Ed tinha depositado nela ao contar-lhe acerca dos problemas da família, a preocupação dele com o medo do filho de cometer os mesmos erros, a preocupação que a mulher tivesse tudo aquilo que sempre queria, a preocupação dele com a felicidade de Sawyer.

«Também és parte da família, sabes», dissera Ed.

Imaginou Charles a ir para o hospital sozinho, até não o conseguir fazer mais.

«É uma sorte eu não querer que sejas ninguém senão tu mesma», tinha dito Nick.

Ela olhou para o relógio e viu que já só faltavam cinco minutos para as duas.

Sabia o que tinha de fazer.

Foi à casa de banho e salpicou o rosto com água, depois foi ao quarto e agarrou numa coisa que estava em cima da cómoda. Ia precisar do anel para ver Kathy. Depois, saiu silenciosamente do apartamento, desceu as escadas e sentou-se nos degraus da entrada do prédio, à espera.

Era difícil não pensar nostalgicamente acerca da última vez que tinha estado sentada na escadaria à espera de Nick, no dia do lago.

Já sentia o buraco no coração, embora ele ainda nem sequer tivesse chegado.

Instantes mais tarde, quase às duas em ponto, a forma familiar do velho *Mercedes-Benz* apareceu, na curva ao fundo da rua. Ouvia-se música a sair das janelas abertas quando Nick encostou ao passeio.

Ele saiu do carro com um sorriso rasgado na cara.

Sawyer sentiu-se comovida pelo sorriso, pela sua sinceridade e inocência e confiança. Não era um sorriso que se visse muitas vezes num adulto, quanto mais em alguém tão acutilante e cínico como Nick. Durante uma fração de segundo, Sawyer sentiu-se emocionada com o pensamento de que aquilo que tinham tido juntos fora muito raro e incrivelmente *verdadeiro*.

Mas quando ele contornou o carro em direção ao passeio, o sorriso desapareceu e Nick parou de repente.

Os olhos dele procuraram algum vestígio das malas dela e, depois, procuraram uma resposta no rosto dela. O olhar recaiu sobre a mão de Sawyer, no brilho do anel. Nenhum dos dois disse uma palavra, mas Sawyer conseguiu ver que ele tinha percebido tudo. Tudo.

Ela não ia com ele.

Nick estudou-a durante um bocado e ergueu as sobrancelhas.

Sawyer abanou ligeira e brevemente a cabeça, à laia de desculpa. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas a inundarem-lhe os olhos, quentes, a arder com sal.

Ela nunca o tinha visto tão destruído. Não parecia natural. Como se estivesse a ver algo que não devia ver. A dor e a traição na expressão dele eram uma espécie de faca a rodar no coração de Sawyer. Queria explicar-lhe quais eram as suas razões... mas já sabia que isso não importava. Ali parada, viu a expressão magoada de Nick a transformar-se noutra coisa.

Ele elevou o olhar para a fitar de igual para igual. Apertou os lábios e fez apenas um pequeno gesto de compreensão com a cabeça.

A seguir, virou-se para voltar a entrar no carro.

Depois disso, Nick não voltou a olhar para ela quando arrancou. A música estava alta e ele acelerou a fundo. No segundo seguinte o *Mercedes-Benz* já tinha contornado a esquina oposta da rua e desaparecido.

Sawyer ficou a olhar. Não havia nada para ver. Apenas a rua vazia.

Alguma coisa se quebrou dentro dela. Os músculos cederam, o rosto desabou e ela deixou-se afundar sobre as escadas de pedra. Chorou durante um bocado, com o corpo agitado pelos soluços e um aperto tão forte nos pulmões e na garganta que começou a arquejar e pensou que ia desmaiar ali.

Mas, no instante seguinte, Sawyer empurrou os sentimentos para o fundo do estômago. Ofegou até conseguir recuperar o fôlego e forçou-se a recobrar a compostura.

Quando recuperou a calma, respirou fundo até conseguir levantar-se do chão. Alisou a saia e o cabelo e, depois, limpou as lágrimas do rosto e

endireitou-se.

De seguida, virou-se para subir as escadas e dar tudo o que conseguia para ajudar Charles a ultrapassar a morte do pai, um homem que ela tinha prometido amar como família.

Cidade de
Nova Iorque

2001

— Sawyer?

Sawyer sobressalta-se e olha para cima, para se concentrar na pessoa que está à frente da secretária. A chefe, Fiona, devolve-lhe o olhar com uma expressão de ligeira preocupação e um sorriso amigável.

Sawyer percebe que está outra vez a fazer a mesma coisa: a olhar para uma mensagem de *e-mail* vazia, a tentar pensar como é que vai escrever aquilo que quer escrever, sem conseguir.

Apressa-se a clicar no X e a fechar a janela do *browser*, envergonhada, mais por reflexo do que outra coisa. Fiona não é pessoa para se preocupar com o facto de Sawyer enviar, ou não, *e-mails* pessoais durante o horário de trabalho. Para ela não importa quando é que o trabalho é feito, desde que seja feito e bem feito.

— Desculpe — diz Sawyer. — O que se passa?

— Estava só a falar sobre o espaço para o lançamento — diz Fiona. Pergunta se Sawyer gostaria de sair mais cedo para ir verificar o local que o departamento de *marketing* quer usar para o próximo lançamento de um dos títulos mais importantes da editora para esse outono.

— É uma galeria de arte no SoHo — informa-a Fiona, entregando-lhe um cartão com a morada.

— Ah... inteligente — concorda Sawyer. O romance girava em torno de personagens excêntricas no universo artístico de Nova Iorque.

— É *demasiado* inteligente? — pergunta Fiona. — Acho que não queremos que pareça uma sátira.

— Não — diz Sawyer. — O *marketing* deve gostar do espaço por alguma razão, certo?

Fiona suspira.

— Sim, claro. Acho que eu é que me sinto sempre mais confortável numa livraria.

Sawyer ri-se.

— Faz sentido. Foi assim que viemos aqui parar.

— É verdade — concorda Fiona a rir também.

— Mas não sei — acrescenta após uns instantes, a morder o lábio. —

Também me preocupa que seja muito no centro e que isso possa parecer errado, tendo em conta...

Sawyer compreende.

– Toda a gente diz que a melhor forma de apoiar essa zona da cidade é levando a vida de novo para as ruas e os negócios – lembra-lhe ela. – Acho que há muita verdade nisso.

– Tens razão – responde Fiona. Sorri. – Podes ir ver o espaço e dizer-me o que achas? Não tens de ir, mas adorava ter uma segunda opinião e eu valorizo muito a tua.

– Claro – concorda alegremente Sawyer. Fiona é sempre sincera nos seus elogios.

– É sexta-feira, portanto, se quiseres, podes ir por volta da hora de almoço e depois ir para casa quando acabares? – sugere Fiona.

– Combinado, obrigada – diz Sawyer. – Vou fazer isso.

• • •

Pensa em telefonar a Autumn e pedir-lhe para se encontrar com ela para irem ver a galeria juntas. O ano de Autumn no Japão levou a um estágio com uma *designer* de moda japonesa sediada em Nova Iorque. Autumn sabe tudo o que tem a ver com artes em Nova Iorque e seria ótima a avaliar o espaço da galeria.

Mas Sawyer sabe que o trabalho de Autumn tem sido muito stressante desde que a cidade tomou a decisão solene de cancelar a Semana da Moda após os ataques. Não a quer aborrecer.

Imagina-se a convidar Kaylee para a acompanhar. Mantiveram o contacto. Ironicamente, trocam mais *e-mails* agora do que quando trabalhavam na mesma empresa, muitas vezes comparando notas e trocando mexericos sobre o mundo editorial. Mas Sawyer já sabe que Kaylee continua presa sob o olhar vigilante de Johanna, que nunca lhe permitiria sair a meio do dia de trabalho.

Assim, umas horas mais tarde, quando chega a hora de almoço, Sawyer compra um cachorro-quente num vendedor de rua, enquanto caminha pela ponta sul de Central Park antes de se dirigir à galeria.

É outubro.

O mês de outubro ainda a faz pensar às vezes no casamento. Ela tinha imaginado uma luz dourada, temperaturas amenas e uma brisa cálida. Mas outubro tem muitas faces, claro. Hoje, o dia está encoberto e o ar frio. As folhas já caem das árvores perto do parque. Acumulam-se nos passeios e nas sarjetas, secas como papel, a desfazer-se em pó sob os pés. Nas ruas da cidade, as *T-shirts* foram substituídas por camisolas de manga comprida e casacos.

Sawyer sabe-o bem: na vida existem os grandes acontecimentos e os pequenos acontecimentos.

Sabe que os desgostos pessoais são um acontecimento pouco importante. Inconsequentes em comparação com os acontecimentos maiores e mais permanentes, como uma morte na família. E ainda mais inconsequentes quando comparados com acontecimentos que afetam um grande número de pessoas. Uma guerra. Uma fome. Um ataque terrorista. Comparados com essas coisas, os desgostos pessoais estão longe de ser o fim do mundo.

Ainda assim, Sawyer não consegue parar de pensar nas duas raparigas que se sentaram no banco dela no parque, algumas semanas antes, e na conversa que ouviu.

«Os ataques puseram-lhe as coisas em perspetiva», tinha dito a rapariga à amiga acerca do ex-namorado que tinha voltado a contactá-la. «Fizeram-no pensar naquilo que era importante.»

Sawyer reconheceu algo significativo na voz da rapariga, enquanto ela continuava a explicar a situação à amiga.

Ela tinha dito: «Eu também estava a pensar nele. À espera de saber que ele estava bem. E a querer voltar a falar com ele, suponho.»

Mais tarde, Sawyer percebeu que o significado que reconheceu na voz da rapariga era um desejo sincero e palpável, e a razão por que o reconheceu fora porque tinha sentido a mesma coisa.

Tinha pensado em Nick.

Tinham passado dois verões desde que o vira pela última vez. Mas quando viu as notícias sobre os ataques, boquiaberta de choque e incredulidade, Sawyer só conseguia pensar em Nick.

E, desde então, a vontade de o contactar não desaparecera. Dá por si muitas vezes a pensar nele, a compor desculpas na sua cabeça e até a imaginar as conversas que podiam ter, as piadas que ele poderia fazer. Mas quando se senta para lhe escrever, também vê a expressão no rosto dele, no dia em que a tinha vindo buscar, antes de arrancar sozinho. O ar destroçado, de completa traição e decepção.

«Acho que quer dizer alguma coisa o facto de estarem os dois a pensar um no outro», tinha a amiga respondido à rapariga no banco do parque.

Sawyer não tem razão nenhuma para pensar que Nick está a pensar nela.

Passaram dois anos.

Agora, acaba de comer o cachorro-quente e dirige-se para o metro. A morada no cartão diz «Prince Street», por isso, resolve apanhar o comboio N para o SoHo.

Está um bocadinho nervosa.

Uma amiga que vive na zona disse-lhe que ainda estão a cavar no Ground Zero e que o som das retroescavadoras continua a ouvir-se de noite e de dia.

Sawyer concorda com aquilo que disse a Fiona: não deviam abandonar esta parte da cidade. No início, era importante deixar espaço para a circulação

das equipas de emergência, mas agora, um mês mais tarde, é importante trazer novamente vida aos bairros da zona, a pouco e pouco.

E, ainda assim, parece quase um sacrilégio. A gravidade do que aconteceu deixou a sua marca por todo o lado, desafiando as pessoas a serem suficientemente resilientes para continuarem com a sua vida.

Enquanto Sawyer está na estação à espera do comboio, observa os cartazes de pessoas desaparecidas. Quando o comboio chega, eles agitam-se violentamente com a passagem do ar, como um pássaro em pânico. Um turbilhão de fragmentos a preto e branco: olhos brilhantes e dentes sorridentes e letras a negrito com *por favor e desaparecido e ligue*.

Quando Sawyer entra no comboio depara com mais cartazes de pessoas desaparecidas no interior. Não é nada de novo. Depois do 11 de setembro apareceram de repente, por toda a cidade. Colados aos candeeiros de rua, aos troncos das árvores. E aqui, agora, colados aos azulejos das paredes da estação de metro e ao comboio em si, colados às janelas e por cima do painel de plástico que protege o mapa da MTA.

O comboio arranca e Sawyer agarra-se ao corrimão que fica sobre a sua cabeça, ainda a olhar para os cartazes. A coisa mais invulgar acerca dos cartazes é o facto de ser outubro e eles *ainda* ali estarem, de *ainda* estarem por todo o lado em Nova Iorque. Simplesmente aparecem, mais a cada dia, apesar de ela nunca ter visto ninguém a colá-los.

Sawyer olha para as pessoas nas fotografias, com bebés ao colo, a abraçar cães, a usar chapéus de festa de papel, a beber *cocktails* de rum durante as férias nas Bahamas.

visto pela última vez a caminho do trabalho na aon corp, wtc 2, 8:00, 11 de setembro.

visto pela última vez a jantar com os amigos, no elaine's, 21:00, 10 de setembro.

visto pela última vez a sair da 242 e 75th street por volta das 7:30, 11 de setembro.

Causa-lhe dor ler estes apelos.

A esperança é brutal, pensa Sawyer. Com amor suficiente agarra-se à mais pequena das hipóteses e nunca a larga.

Sawyer não consegue evitar olhar para eles, para todos aqueles rostos. Os rostos de pessoas que alguém, algures, anseia por ver, mas muito provavelmente sabe bem que nunca verá. Sente a angústia das pessoas que sentem a sua falta, pessoas que nunca mais serão as mesmas.

O comboio chega à 14th Street, abranda até parar na estação, abre e fecha as portas e volta a arrancar.

Ainda a olhar para os cartazes de pessoas desaparecidas, Sawyer sente

um estranho formigueiro na nuca e vira-se. Por um instante, o coração paralhe.

Ali, na ponta oposta da carruagem, vê um fantasma a olhar de volta para ela.

33.

Não é um bom dia para ir a Coney Island.

Ainda que o 11 de setembro não tivesse deixado a cidade num estado de luto sombrio, não seria uma altura ideal para ir a Coney Island. É outubro. O tempo mudou. Estará tudo fechado, a marginal de uma vila fantasma.

Nick sabe bem disso.

Mas não consegue parar de pensar nela. Há alturas em que a memória fica abafada, uma impressão suave no fundo do cérebro, alguém que ele conhecia, uma coisa que aconteceu. E há outras alturas em que ela aparece em todo o seu esplendor na sua mente e provoca várias emoções diferentes, dependendo do estado de espírito com que ele está.

Nos dias em que dá por si a sentir saudades dela, dá caminhadas. Vagueia e vai a sítios onde costumavam ir. Às vezes, a magia da memória ainda lá está. Outras vezes, o sítio parece mais pequeno e mais vulgar do que nunca... e ele diz a si mesmo: «Esta desilusão é boa, a magia nunca foi real, é assim que a vais esquecendo.»

Ele não tem sempre saudades dela.

Não pensa constantemente nela, nem sequer assim tantas vezes.

Mas quando os aviões atingiram as torres, Nick pensou logo nela. Quase com uma sensação de pânico. Onde é que ela estaria e estaria bem? A ideia de que podia estar sequer perto da zona não fazia sentido, mas ele sentiu um impulso quase animalesco de correr para a encontrar.

Foi nesse momento que percebeu: quando o teu lar é atacado, de repente tens uma imagem bem clara daquilo – *e de quem* – é que representa para ti a palavra lar.

Não parece possível ela ainda significar um lar para ele. Mas significa. Tinha comprado várias edições da *Paris Review* até ter encontrado a que tinha o poema dela. Havia um verso que o assombrava, algo sobre «*uma sensação de ti preenche o vazio...*»

*como daquela vez em que encontrei a minha chave de casa
perdida na tua boca*

Há alturas em que Nick julga que consegue mesmo sentir o sabor metálico daquela chave na sua própria boca. Um sabor a ferro, um sabor a sangue. Um sabor a lar, a ideia de que as memórias sabem a moedas de cêntimo.

Não é um bom dia para ir a Coney Island, mas ele vai. Vai percorrer a marginal onde caminharam juntos e a margem arenosa.

Espera pelo comboio N pacientemente. Está um violoncelista a tocar na plataforma. O primeiro artista de rua que vê desde os ataques. Tira uma nota de vinte da carteira e coloca-a no estojo.

O comboio para na estação. As portas abrem-se. As pessoas saem. Ele aguarda que elas sigam o seu caminho e entra.

O ar fresco vai fazer-lhe bem. Os ataques deixaram toda a gente em casa, colada ao televisor... e depois com medo de sair nas semanas que se seguiram. A sentir culpa e receio de falar e de beber e de sorrir outra vez. Ou até de desfrutar de uma caminhada.

Talvez ele se sinta mais próximo dela... ou talvez sinta que ela se afastou ainda mais dele e desapareceu para sempre. Qualquer uma dessas duas hipóteses seria um alívio.

O comboio segue em frente, desacelera e depois ganha novamente velocidade. Ele está de pé junto à porta, virado para as janelas. Quando o comboio avança as janelas escurecem e transformam-se num espelho. Ele vê a própria cara, a forma geométrica das suas feições. Por instinto, devia o olhar.

Os olhos percorrem a carruagem, tal como está refletida nas janelas escuras... e então vê outro rosto familiar para além do seu.

Vira-se e fica a olhar. Não tem qualquer expressão no rosto para além de incredulidade.

Ali está ela, agarrada ao corrimão superior, a estudar os cartazes das pessoas desaparecidas com o sobrolho franzido e sincero: *Sawyer*.

Fita-a, ainda sem acreditar que seja real.

Mas é ela. É a cara dela. É a paixão na sua expressão, uma paixão que ele conhece muito bem.

Como que a sentir o olhar dele nela, Sawyer vira-se e olha na sua direção.

Os olhares cruzam-se.

O comboio continua a avançar, a ranger e a vibrar e às vezes guincha com certas curvas do percurso.

Nick sente que se abriu um buraco no tempo e que cai lá dentro. Vê Sawyer, mas também a vê ao lado dele, a sorrir e inclinada sobre a amurada do *ferry* de Staten Island, com o vento a brincar-lhe no cabelo. Vê-a sentada à mesa da cozinha da mãe, com o cabelo molhado, a comer salada de batata. Vê-a a mergulhar no lago e a reaparecer à superfície, a salpicá-lo e a rir. Vê-a nua na sua cama. Vê-a a beijá-lo na banheira de pés na cozinha do

apartamento dele. Vê-a a dançar com os patinadores em Central Park, linda e a agitar os braços e as ancas com despreocupação, e a rir envergonhada quando o vê a observá-la.

Nick vê tudo isto e não consegue desviar o olhar.

Nem Sawyer.

O comboio para. As portas abrem-se. As pessoas saem e outras entram.

O comboio volta a arrancar.

Nenhum deles se moveu um centímetro. E nenhum dos dois pestanejou.

Por fim, Nick vê as lágrimas a correrem pelas faces dela e toma uma decisão. Quando se aproxima dela, Sawyer aproxima-se dele.

As pessoas do comboio estão a olhar para eles de lado. Nick não quer saber.

Sente algo escorregadio e quente a arrefecer no rosto e leva a mão à face para descobrir, com surpresa, que tem a pele molhada com lágrimas.

Encontram-se no meio da carruagem, e ele envolve-a num abraço. É a sensação de chegar a casa.

34.

— **A**onde é que vais? – pergunta Sawyer suavemente, a falar para a camisola de Nick.

Não o quer largar e não tenciona fazê-lo até ser mesmo preciso.

Nick fica calado durante um momento e depois solta aquilo que parece uma mistura de grunhido envergonhado e riso.

– Coney Island.

Sawyer fica tensa, com um misto de espanto e divertimento.

– Coney Island? – repete ela, quase no mesmo tom que costumava usar para o provocar.

– Sim – diz Nick, largando-a finalmente.

– Porque é que vais a Coney Island?

– Sinceramente? – diz Nick, deixando repentinamente cair todas as suas defesas. – Ia porque tenho pensado em ti.

– Eu também tenho pensado em ti – diz Sawyer.

Nick não responde. O comboio para noutra estação e Sawyer já deixou passar Prince Street. Não quer saber. Vai à galeria durante o fim de semana. Isso pode esperar.

– Então – diz ela. – Coney Island.

Nick limpa os olhos e recupera o seu habitual estoicismo.

– Queres vir?

Sawyer oferece-lhe um sorriso parvo, como se não conseguisse decidir qual dos dois é mais maluco. Por fim, torce os lábios para um lado e encolhe os ombros.

– Porque não? – diz. – Afinal de contas, sabes que dia é hoje?

– Que dia?

– *Sexta-feira* – responde ela.

Nick olha para ela com um sorriso amargurado. Os olhos dele voltam a humedecer-se ligeiramente, mas Sawyer consegue perceber que ele decidiu não deixar cair mais nenhuma lágrima.

Ela agarra-lhe na mão e aperta-a.

– Vamos – diz.

A determinada altura passam por baixo do Ground Zero, ou pelo menos

muito perto. Sawyer mexe-se no banco, desconfortável. Não quer pensar naquilo. Questiona-se se estará a ser demasiado sensível e melodramática, mas assim que esta repreensão a suga, Nick agarra-lhe na mão e ela sabe: ele compreende e sente o mesmo. O toque dele fá-la voltar ao momento presente.

Nick faz-lhe perguntas sobre o trabalho e ela conta-lhe com muito orgulho que Erin lhe dera uma dica sobre um emprego na Random House a que ela tivera coragem suficiente de se candidatar. Trabalha na dependência de uma editora sénior que admira muito, Fiona, e almoça muitas vezes com Erin. Autorizaram-na recentemente a adquirir o seu primeiro livro, pelo que Fiona a promoveu a editora adjunta.

– Editora adjunta? – repete Nick com orgulho. – Parece que estás a subir muito depressa.

– Talvez sim, talvez não – ela encolhe os ombros. – Mas o mais importante é isto: já não ando preocupada se a minha chefe me odeia ou não. Não podes imaginar como isso é libertador – diz Sawyer a rir.

– Tens razão, não posso – diz Nick, ainda igual a si mesmo. – Porque eu nunca me preocuparia com uma coisa dessas.

– Claro que não – diz Sawyer. Revira os olhos. – Mas nem todos podemos ser como *tu*. – Para para pensar durante um instante e depois diz: – No entanto, é bom, para variar, ser eu a perguntar-me de quem é que *eu* gosto... com quem é que *eu* quero trabalhar... quem é que *eu* quero admirar.

Nick sorri.

– É como eu sempre disse que era, Sawyer... *tu* é que és a pessoa a impressionar. Estou feliz por, finalmente, tu também pensares assim.

• • •

Chegam finalmente ao fim da linha e o comboio N para em Coney Island.

Sawyer fica chocada com as ruas vazias. O parque de estacionamento cheio de bancos de piquenique, no exterior do Nathan's Famous Hot Dog, está completamente vazio, à exceção de uns quantos pombos e de um homem enrolado num saco-cama, num banco mais afastado.

Chegam ao passadiço. As tábuas de madeira estão cinzentas e descoradas como ossos de baleia e, sobretudo, desprovidas de gente. Apenas alguns dos restaurantes e dos cafés permanecem abertos, com os empregados lá dentro a fazer limpezas e a ouvir ociosamente uma estação de rádio para quebrar o tédio.

Nick aponta para mais adiante, no passadiço, para um dos bancos virados para a água.

– Sentamo-nos um bocadinho? – pergunta.

– Isso quer dizer... que não queres ir nadar? – brinca Sawyer.

– Por favor, não me desafies – responde Nick. – Não mudei *assim* tanto. Sawyer ri-se e segue-o até ao banco. Sentam-se.

Uma longa extensão de areal separa o passadiço da beira da água, mas eles olham para as ondas, à distância, que criam um som agradável quando se lançam preguiçosamente sobre a margem. Sem o sol de verão, a água tem um tom cinzento-pétreo.

Sawyer treme um pouco.

– Toma – diz Nick, começando a tirar o casaco.

– Não, não – recusa Sawyer, insistente. – Mas...

Ela aproxima-se mais dele.

Ele percebe e deixa-a aproximar-se até estarem suficientemente perto para se tocarem apenas.

Ficam assim sentados durante um bocado, ambos em paz, a olhar para a água, a respirar em sincronia com as ondas.

– Espero que ainda escrevas – diz Nick.

Sawyer sorri.

– Tenho um livro de poemas que vai ser publicado este outono – responde timidamente.

– Um livro? Uau – diz Nick. – Isso é incrível, Sawyer.

– É uma pequena editora – diz ela. – Fiquei muito entusiasmada por eles terem aceitado a minha coletânea. Estava a contar os dias. Mas acho que nunca mais pensei muito nisso por causa de tudo aquilo que aconteceu.

Nick abana a cabeça.

– É nestas alturas que as pessoas mais precisam de poesia – diz ele.

– Deves ter razão – concorda Sawyer.

– Tenho sempre razão.

Trocam sorrisos maliciosos.

Sawyer pergunta-lhe pela música.

– Vou finalmente investir algum dinheiro nisso – responde ele. – Sabes como é... gravar cenas.

– Isso é ótimo – diz Sawyer, entusiasmada.

– Eu sei que era um bocado cínico acerca de gastar com estúdios e gravações. Parecia que era só criar expectativas para depois as ver destruídas. Mas depois daquele verão... acho que alguma coisa mudou. – Ele faz uma pausa e depois continua. – Decidi que não faz mal gostarmos das coisas.

Voltam a ficar em silêncio durante algum tempo.

– Sabes uma coisa – aventura-se finalmente Sawyer. – Ainda penso em ti nas sextas-feiras de verão. Acordo e quando percebo que dia é, parte de mim ainda gostava de o passar contigo.

Nick vira a cabeça para ela e ela devolve-lhe o olhar, fixamente, tal como costumavam fazer.

– Também eu – diz ele, por fim.

Voltam a olhar para a água.

– Naquele dia... – começa Sawyer, e explica-lhe finalmente porque é

que não se fora embora com ele, quando a viera buscar, como o coração dela estava destruído, mas sabia bem porque é que não podia ir, o que tinha acontecido e porque é que tudo mudara de repente.

Os maxilares dele ficaram tensos. Ela consegue ver um lampejo de raiva nos olhos de Nick enquanto fala. A certa altura quase para. É óbvio que a ferida ainda está em carne viva. Ela sente que está outra vez a magoá-lo.

– Eu imaginei que seria alguma coisa do género – diz Nick quando ela acaba de se explicar. Fica calado e depois acrescenta: – Fiquei zangado durante muito tempo depois disso, claro.

Sawyer assente com a cabeça, compreensiva.

Não diz o óbvio. Que sente um pedaço de Nick em tudo: na forma como assumiu a sua carreira, no orgulho que tem na sua escrita... até na decisão que tomou naquele dia.

Sente-o a observá-la, agora. Vê que ele olha especificamente para as suas mãos e para o dedo anelar desguarnecido.

– Não tens anel – diz Nick.

– Não, não tenho anel.

Ele assente com a cabeça, com os maxilares outra vez apertados.

– De qualquer forma, sempre foste demasiado boa para ele.

– Não sei se será bem assim – diz Sawyer, a pensar no verão que passou sobretudo com Nick, um homem que *não* era o noivo dela.

– Sei eu – discorda Nick. – Lembro-me da noite em que fomos ao *sushi*, a noite do meu espetáculo. A forma como ele olhava para a Kendra. Só conseguia pensar que ele tinha mesmo de ser um grande parvalhão para não saber aquilo que tinha.

Nos dias que se sucederam à morte de Ed, Sawyer tinha permanecido ao lado de Charles, como amiga. Quando, por fim, cancelaram oficialmente o casamento, fora um alívio para ambos e sentaram-se e tiveram uma longa conversa, mais franca do que qualquer outra que tivessem tido durante o noivado. Charles admitira que *tinha* acontecido alguma coisa com Kendra. Contornou a palavra «caso», mas ficou claro que o envolvimento tinha sido sexual.

Por essa altura, tudo o que Sawyer conseguia sentir era alívio. Alívio por saber que a paranoia dela não era infundada. A todos os outros níveis, sentia-se estranhamente serena. Acenou com a cabeça e ouviu-o compassivamente, deixando Charles explicar que nunca mais ia ver Kendra, mas que na altura ela era a única que conseguia compreender verdadeiramente a pressão a que ele estava sujeito.

Apoiar Charles durante a morte do pai tinha lembrado a Sawyer os dias em que eles formavam uma boa equipa na faculdade, e o quanto ela gostava de Charles... mas também como isso não era o mesmo que amor ou paixão. Ambos o compreendiam agora e estavam mais felizes por isso.

Kathy acabou por aceitar as coisas a seu tempo. Sawyer sabia que teria sempre um lugar especial no coração de Kathy, porque Sawyer tinha

conhecido e adorado Ed, mas ao mesmo tempo compreendeu quando, gradualmente, com elegância, começou a ter cada vez menos notícias dela.

– Não merecias isso – diz agora Nick.

Ela sabe que ele está a referir-se a Charles e a Kendra. Encolhe os ombros.

– Talvez – concorda. – Mas eu também me apaixonei profunda e irremediavelmente por outra pessoa.

Nick vira a cabeça para a encarar e fitam-se outra vez durante um longo e intenso momento. Ela consegue perceber que as palavras têm significado para ele. Interroga-se se ainda significarão alguma coisa para ele, *agora*.

O lampejo amargo de raiva que ela lhe vislumbrara no rosto quando lhe explicara o que tinha acontecido no dia em que ele a tinha ido buscar fora revelador. Sawyer tinha pensado em contactá-lo – *um milhão de vezes!* – depois de ela e Charles terem cancelado tudo. Tinha ficado sem saber o que fazer: era corajoso da parte dela contactá-lo, ou iria apenas esfregar sal na ferida, porque já era demasiado tarde? Uma intrusão. Uma ofensa.

Ou talvez tivesse sido apenas cobarde, com medo da devastação que a rejeição total de Nick lhe poderia causar.

O lampejo de raiva, ainda que pequeno, sugere que ela tinha razão ao reear ter magoado Nick demasiado profundamente naquele dia; que ele carregara essa raiva durante muito tempo. Mas os acontecimentos recentes tinham deixado as pessoas menos intransigentes e ela questiona-se se, por acaso, teriam amenizado a raiva dele o suficiente para voltar a abrir uma porta, ou pelos menos uma fresta.

Abre a boca para lhe perguntar, sem saber bem como formulá-lo, mas antes de conseguir falar, o momento é interrompido por um toque digital. Nick afasta-se dela para enfiar a mão no bolso. Tira um telemóvel.

Quando atende a chamada, Sawyer ouve a intimidade suave na sua voz e percebe que ele está a falar com uma mulher. Ele explica que foi a Coney Island e que, no caminho, encontrou uma velha amiga.

– Não, não me esqueci do nosso encontro – diz ele. – Eu só... não sei, senti vontade de ir a Coney Island. Mas não me esqueci. Não demoro.

Vira-se de costas para onde Sawyer está sentada no banco.

– Ok... Sim... Adoro-te – diz baixinho para o telefone. – Até já.

Quando desliga, vê Sawyer a olhar para ele.

Ela sorri-lhe com um sorriso genuíno e sentido, mas também um bocadinho triste.

Ele agarra no telemóvel e aponta para ele.

– Parece que, hoje em dia, todos temos uma destas coisas horríveis – diz.

– Sim – concorda Sawyer. Ela também tinha resistido um bocado, mas depois tinha comprado um há cerca de um ano.

– Desculpa a interrupção. Tinha de atender.

– Eu compreendo.

Ele continua sentado no banco, mas ela consegue sentir que agora está

inquieto, que preferia estar noutro sítio.

– Parece que tens de ir – diz ela.

– Oh – ele volta a olhar para o telefone que ainda tem na mão, como se já se tivesse esquecido que o estava a agarrar. – Sim. Pois tenho.

Passam alguns segundos em silêncio.

– Queres que eu te leve ao comboio?

Ela abana a cabeça.

– Não. Acho que vou ficar aqui sentada mais um bocadinho. Foi uma longa viagem até aqui. Ainda não estou pronta para voltar.

– Bem, então...

Ele levanta-se. Ela levanta-se, educadamente. Ficam de frente um para o outro.

– Suponho... – começa Nick a dizer, com cuidado, a tentar encontrar as palavras certas. – Suponho que isto seja uma despedida.

Ela assente com a cabeça.

– É muito melhor que a nossa última. Ainda lamento muito por isso.

Vislumbra um último lampejo de raiva, mas vê-o a afastá-lo.

– Ainda bem que tivemos a oportunidade de repetir – concorda ele.

Olham um para o outro. Sawyer não sabe se o deve abraçar. Depois do telefonema, sente-se subitamente acanhada. Ele sorri-lhe. Um sorriso triste. Ela sente os olhos a ficarem vidrados.

– Ei, falta alguma coisa – diz Sawyer.

– Falta?

– Sim, no nosso encontro. Falta uma coisa.

Nick não responde, sem saber bem no que é que ela está a pensar.

– Ei, já sei o que é.

– O quê?

– Cocó de gaivota.

Ele ri-se.

– Isso deve querer dizer que não temos sorte hoje.

Ela abana a cabeça.

– Tu não acreditas na sorte. Lembras-te? Disseste que te estavas a cagar para essa teoria.

Riem-se os dois.

– Bem... estou feliz por nos termos encontrado – diz Nick.

– Sim – concorda Sawyer.

Nenhum dos dois se mexe, ou abraça, ou cumprimenta de forma alguma. É quase como estivessem com medo de se tocar outra vez... ou daquilo que sentiriam ou daquilo que podiam sentir que perderam.

– Ok, adeus.

– Adeus.

Nick começa a afastar-se e depois para e vira-se para trás.

– Ei – grita.

Sawyer vira-se para o olhar.

– Foi *sorte* – insiste Nick. – Tive *sorte*. Sorte por ter tido aquele tempo contigo, ainda que não tenha conseguido ficar contigo.

Sawyer fita-o. Depois, sorri.

– Igualmente – diz ela.

Ele sorri uma última vez e depois continua a andar.

Ela vê-o a afastar-se, mas sente os olhos a ficarem húmidos, até que a imagem dele a afastar-se começa a ficar desfocada. Vira-se antes que uma lágrima escorra, levando à face uma mão fria. Volta a sentar-se no banco, sozinha.

Está frio e desagradável.

Sawyer treme, mas está determinada a ficar ali até não aguentar mais, a memorizar o cinzento do céu e da areia, a instabilidade das ondas. Coney Island era um sítio tão alegre e colorido quando ela e Nick o visitaram, há dois verões, no pico do calor de julho. Mas a versão abandonada e negligenciada que agora a envolve adequa-se melhor ao seu estado de espírito.

Sente-se estranhamente atordoada, como se tivesse tido tudo aquilo que queria e, de alguma forma, tivesse acabado de mãos a abanar.

Sabe que devia estar grata. As coisas correram tão bem quanto poderia desejar. Conseguiu pedir-lhe desculpas. Puderam despedir-se de uma forma digna.

O lampejo de raiva que ela tinha visto atravessar as feições dele quando falaram sobre a anterior despedida era de esperar. *Mais* do que esperar, na realidade. Podia ter sido mais do que apenas um lampejo. Nick tinha sido mesmo muito compreensivo.

E o facto de ele ter atendido uma chamada no telemóvel, de ele ter ido a correr encontrar-se com outra pessoa... ela não tem direito a sentir nada acerca disso.

Mas ainda assim.

Sente uma profunda desilusão. Uma sensação de vazio, um vácuo que nunca sentiu antes.

Fita o horizonte metálico do Atlântico, a ouvir o desenfreado ruído branco das ondas atropelando a areia cinzenta e sente-se carente, sem rumo.

O tempo passa. Tem os dedos tão frios que não os consegue sentir. Devia levantar-se e regressar ao comboio. Provavelmente está algum comboio na estação com as portas abertas e ela pode, pelo menos, entrar para se tentar aquecer enquanto espera.

Mas passam mais quinze minutos e ainda não se mexeu.

Parte dela sente que, se se levantar e partir, está a concordar esquecer as suas sextas-feiras de verão com Nick. Está conscientemente a deixar que elas se tornem apenas mais uma memória de pouca importância no contexto mais amplo.

Mantém-se sentada e continua a estudar as ondas distantes.
Depois, inesperadamente, ouve um barulho.
Alguna coisa a apitar. O telemóvel na mala dela. Agarra nele e abre-o.
«1 mensagem», diz o ecrã, com o desenho de um envelope.
É uma mensagem de texto.
Ela não conhece ninguém que envie mensagens escritas.
Clica no botão para a ler.

Para que conste, eu continuo a preferir falar pessoalmente, mas recorro a isto se tiver de ser.

Sawyer franze o sobrolho. Sente-se atordoada, mas é um tipo diferente de atordoamento.

Após uns instantes, surge-lhe um sorriso no rosto. Mexe nos botões para enviar uma resposta.

S: Olá! Onde arranjaste o meu número?

N: Tenho os meus truques.

N: Já o tenho há algum tempo.

S: Mas nunca o usaste.

N: Estou a usá-lo agora.

Sawyer franze o sobrolho enquanto processa a informação. Quer fazer mais perguntas, mas isso seria chato. Nick já lhe deu a resposta mais importante. Ele arranjou o número dela há já algum tempo.

S: Estou a ver. E estás a usá-lo para quê?

N: Para te dizer que tinha razão

S: Sobre quê? (desta vez)

N: Que depois de te conhecer, a minha mãe ia perguntar sempre por ti quando eu a visse.

A chamada que ele tinha recebido. Ela revisita-a na sua cabeça. Nick não

tinha falado em russo. Ocorre-lhe que ele podia *querer* que ela tivesse a impressão de que ele estava a falar com outra pessoa. Uma onda de alívio inunda-lhe o coração.

S: Aha... Então não era uma miúda ao telefone.

N: Uma pessoa sensata disse-me uma vez que não se deve chamar-lhes «miúdas».

S: Estás a dizer que tenho razão???

N: Podes ter razão.

S: «Posso ter»? Acho que vou ter de me contentar com isso.

N: É o melhor que vais conseguir.

Sawyer sente os lábios esboçarem um sorriso feliz, animada por voltarem à sua antiga rotina. Mas ao mesmo tempo, uma sensação de doce desânimo começa a instalar-se. Ela não está pronta para que a conversa acabe novamente.

S: Estás em casa da tua mãe agora?

N: Eu tinha combinado visitá-la

S: Diz-lhe que eu digo olá.

N: Diz-lhe tu.

Sawyer para, para ter a certeza de que está a ler bem.

N: É sexta-feira. O que é que andas a fazer?

Enquanto pensa em como deve responder, vislumbra uma figura familiar: o velho homem coberto com tinta verde e papel de alumínio que ela e Nick tinham visto durante a primeira visita a Coney Island. Passa por ela de patins e com a música aos berros na aparelhagem a pilhas. «Aqui está um tipo que se lembra, claramente, dos peixes extraterrestres nossos antepassados », tinha dito Nick da última vez. «Está atrasado para uma visita ao nosso planeta

ancestral.»

Sawyer sorri, impaciente para partilhar a notícia do avistamento.

Antes de se conseguir orientar com as chaves, o telefone dela apita com mais uma mensagem.

N: Não me obrigues a pôr o chimpanzé de *smoking* no caso.

Ela deixa escapar uma gargalhada que se transforma num choro suave.

S: Ouvi dizer que ninguém diz que não a um chimpanzé de *smoking*

N: É verdade

Sawyer levanta-se e põe a mala ao ombro. Tem lágrimas a correr-lhe outra vez dos olhos, mas agora são lágrimas diferentes, de felicidade, as lágrimas de alguém que esteve numa longa odisseia e está finalmente a dar os últimos passos que a vão levar a casa.

Escreve mais uma mensagem e clica em «enviar».

S: Estou a caminho.

N: Encontro-te a meio.

Agradecimentos

Sinto-me profundamente afortunada por ter trabalhado neste livro com a incrivelmente positiva, inteligente e absolutamente adorável Maya Ziv. Estou também grata pelas boas-vindas que me foram dadas por John Parsley, cuja opinião astuta me deixou confiante de que *Sexta à Tarde* estaria em excelentes mãos na Dutton. O meu obrigada a Lexy Cassola pelo aconselhamento adicional; a Caroline Payne, Sarah Thegeby, Stephanie Cooper e Amanda Walker pelo trabalho mágico que é o *marketing* e a publicidade; a Jillian Fata por defender os direitos internacionais; e um humilde agradecimento a Christine Ball e a toda a gente na Dutton em geral. Também estou grata pelo trabalho de Vi-Na Nguyen e de Enya Todd em relação ao *design* da capa e a Eillen Chetti pela revisão.

Os meus agradecimentos a Liz Parker, da Verve, que é a razão por que aterrei na Dutton, e o meu obrigada a Noah Ballard, que é a razão por que aterrei na Verve. São os agentes que fazem as coisas acontecer.

A minha imensa gratidão aos primeiros leitores deste manuscrito e aos amigos que me deram encorajamento (já para não falar de serem uma fonte de sanidade) na minha vida como escritora.

Jayne Marigza-Yo, és a mais solidária e sensata amiga que alguma criatura viva pode alguma vez ter.

Agradeço a Autumn Roe, que leva arco-íris com ela para onde quer que vá, mesmo no meio de um inverno coberto de neve em Central Park.

Kenny «Freakin» Fragas, tenho tanta sorte por ter a tua opinião criativa sobre tudo! Um agradecimento em retrospectiva por aqueles dias, há muito tempo, em que leste os meus primeiros trabalhos no Muni de São Francisco.

Um enorme agradecimento a Maegan L Johnson, uma fã de histórias de amor, que me deu um ótimo *feedback* e muito encorajamento para tentar algo novo em relação a este romance. Viva os Valley Vikings!

Julia Masnik, o facto de o autor favorito de Sawyer ser McCullers é uma homenagem a ti. Tu és o vento sob as minhas asas de pterodáctilo. Obrigada por me deixares pedir-te sempre a opinião.

O meu obrigada a Fil Lorenz, também conhecido como *selmerguy*, pelo seu *feedback* pormenorizado e adorável ligação com gaivotas. Continua cheio de classe.

Estou muito grata a Amy Poeppel, que leu um rascunho inicial e ofereceu imenso apoio, desde sinopses a introduções e até ser, em geral, uma maravilhosa, espirituosa e calorosa colega autora.

Obrigada a Brendan Jones, por todos os dias em que lemos diversos rascunhos do trabalho um do outro e mantivemos a camaradagem. E pelos dias de Oggsford. B-Dawg e J-Dawg para sempre. Eu nunca vou esquecer.

Olga Zolberbourg, agradeço a tua leitura generosa e atenciosa e as edições da língua russa!

Obrigada a Elizabeth Romanski por ser não apenas uma amiga, mas também a bela voz de muitos dos meus audiolivros.

Muito obrigada a Melissa Rindell por ler montes de rascunhos de montes de coisas ao longo dos anos, e por partilhar também o seu trabalho.

E, claro, agradeço à minha família e, em particular, a Arthur e a Sharon.

Contents

1. Ficha Técnica
2. Cidade de Nova Iorque 2001
 1. 1.
3. Cidade de Nova Iorque 1999
 1. 2.
 2. 3.
 3. 4.
 4. 5.
 5. 6.
 6. 7.
 7. 8.
 8. 9.
 9. 10.
 10. 11.
 11. 12.
 12. 13.
 13. 14.
 14. 15.
 15. 16.
 16. 17.
 17. 18.
 18. 19.
 19. 20.
 20. 21.
 21. 22.
 22. 23.
 23. 24.
 24. 25.
 25. 26.
 26. 27.
 27. 28.
 28. 29.
 29. 30.
 30. 31.
4. Cidade de Nova Iorque 2001
 1. 32.
 2. 33.
 3. 34.
 4. 35.
5. Agradecimentos

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)